

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

VIVIANE SOUSA SANTOS

**Cooperação Sul-Sul e Migrações Sul-Sul no Século XXI: do Cotton-4 + Togo aos
Reflexos Migratórios**

São Paulo
2022

VIVIANE SOUSA SANTOS

**Cooperação Sul-Sul e Migrações Sul-Sul no Século XXI: do Cotton-4 + Togo aos
Reflexos Migratórios**

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Deisy de Freitas Lima Ventura

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Seção Técnica de Biblioteca
Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo

Santos, Viviane Sousa

Cooperação Sul-Sul e migrações Sul-Sul no século XXI: do Cotton-4 + Togo aos reflexões migratórios / Viviane Sousa Santos ; orientadora: Deisy Ventura. -- São Paulo, 2022.
262 p.

Dissertação (Mestrado) – Instituto de Relações Internacionais. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

1. Cooperação 2. Migrações 3. Sul-Sul I. Ventura, Deisy, orient. II. Título.

CDD – 327.17

Responsável: Giseli Adornato de Aguiar - CRB-8/6813

Resumo

SANTOS, Viviane S. **Cooperação Sul-Sul e Migrações Sul-Sul no Século XXI: do Cotton-4 + Togo aos Reflexos Migratórios**. 2022. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

A Cooperação Sul-Sul (CSS) propicia a troca de conhecimento e experiência, além da transferência de tecnologia entre os países em busca de desenvolvimento. Já as migrações internacionais contemporâneas Sul-Sul são motivadas por uma série de fenômenos de repulsão individuais, coletivos ou estruturais, como conflitos políticos, desastres ambientais, epidemias, crises humanitárias e econômicas, fome, pobreza e busca de melhores condições de vida; mas também por fenômenos de atração, laços e afinidades. A partir destas considerações, esta pesquisa analisa a repercussão do acordo entre o Brasil e os países da África Subsaariana (Benin, Burkina-Faso, Chade, Mali e Togo) nas migrações para o território brasileiro. O acordo de cooperação Cotton-4 + Togo é o objeto do estudo que usará como instrumentos a análise teórica, dados estatísticos, empíricos e pesquisa de campo com migrantes e refugiados provenientes dos países signatários do tratado. Apesar de poucas evidências teóricas, estudaremos a hipótese de que os acordos de cooperação podem ser caracterizados como possível determinante de atração e repulsão de pessoas. Isto implica entender que novos arranjos cooperativos devem levar em conta a possibilidade de deslocamento de pessoas entre os países signatários, o que exige a construção políticas públicas que contemplem estes fluxos migratórios.

Palavras-chave: Cooperação; Migrações; Sul-Sul.

Abstract

SANTOS, Viviane S. **South-South Cooperation and South-South Migrations in the 21st century: from Cotton-4 + Togo to Migratory Impacts**. 2022. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

The South-South Cooperation facilitates the exchange of knowledge and experiences, as well as the transfer of technology between countries in search of development. Contemporary South-South international migrations are motivated by a series of individual, collective or structural repulse phenomena, such as political conflicts, environmental disasters, epidemics, humanitarian and economic crises, hunger, poverty and the search for better living conditions; but also by phenomenon of attraction, bonds and affinities. Based on these considerations, this research analyzes the repercussions of the agreement between Brazil and Sub-Saharan African countries (Benin, Burkina-Faso, Chad, Mali and Togo) on migration to Brazilian territory. The Cotton-4 + Togo cooperation agreement is the object of study that will use theoretical analysis, statistical data, empirical data and field research with migrants and refugees from two signatory countries of the treaty as instruments. Despite the little theoretical evidence, we will study the hypothesis that cooperation agreements can be characterized as a possible determinant of attraction and repulsion of people. This implies understanding that new cooperative arrangements must take into account the possibility of relocating people between signatory countries, which requires the construction of public policies that address these migratory flows.

Keywords: Cooperation; Migrations; South-South.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1	Distribuição em porcentagem de migrantes por nacionalidade (2000 – 2019)	59
Gráfico 2	Migrantes por país de origem e data de chegada ao Brasil (2000 - 2019)	60
Gráfico 3	Pedidos de Refúgio Acumulados.....	67
Gráfico 4	Pedidos de refúgio por país (2003 - 2019)	68
Gráfico 5	Migrantes por país de origem e ano de chegada ao Brasil (2000 - 2019)	70
Mapa 1.	Pedidos de refúgio por nacionalidade.....	69
Mapa 2.	Total de pedidos de refúgio por Unidade da Federação (2003 - 2019)	72

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Tabela 1	Situação econômica dos países em 2020.....	35
Quadro 1	Migrantes por ano de chegada ao Brasil e país de origem (2000 - 2019)	57
Quadro 2	Migrantes por país de origem, sexo e ano de chegada ao Brasil (2000 - 2019)	60
Quadro 3	As dez principais ocupações dos migrantes de Benin (2000 - 2019)	61
Quadro 4	As dez principais ocupações dos migrantes de Burkina-Faso (2000 - 2019)	62
Quadro 5	As dez principais ocupações dos migrantes de Chade (2000 - 2019)	63
Quadro 6	As dez principais ocupações dos migrantes de Mali (2000 - 2019)	64
Quadro 7	As dez principais ocupações dos migrantes de Togo (2000 - 2019)	65
Quadro 8	Pedidos de refúgio por Unidade da Federação (UF).....	70

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	Agência Brasileira de Cooperação
ACNUR	Alto Comissariado da Organização das Nações Unidas para Refugiados
C-4	Cotton-4 + Togo
CCTRS	Centro de Coleta e Tratamento de Resíduos Sólidos
CONARE	Comitê Nacional Para os Refugiados CSS Cooperação Sul-Sul
CSS	Cooperação Sul-Sul EMBRAPA Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FAO	Fundo das Nações Unidas para Alimentação
IBA	Instituto Brasileiro do Algodão
IBSA	Índia, Brasil e África do Sul
IER	Instituto de Economia Rural 12 (localizado no Mali
INERA	Instituto Nacional de Pesquisas Agrícolas e Ambientais (Burkina Faso)
INRAB	Instituto Nacional de Pesquisas Agrícolas do Benin
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ITRAD	Instituto Chadiano de Pesquisa Agrônômica para o Desenvolvimento
MRE	Ministério das Relações Exteriores
NEPO	Núcleo de Estudos da População
OMC	Organização Mundial do Comércio

ONU	Organização das Nações Unidas
SAN	Segurança Alimentar Nutricional
SINCRE	Sistema Nacional de Registro
SISMIGRA	Sistema Nacional de Registro Migratório
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	Chade.....	16
1.2	Mali.....	17
1.3	Burkina-Faso.....	17
1.4	Togo.....	18
1.5	Benin.....	18
2	MARCO CONCEITUAL.....	19
2.1	Política Externa Brasileira e a Terceira Onda de Interesse pela África.....	19
2.2	COTTON-4, Cooperação Agrícola e Segurança Alimentar.....	28
2.3	Migrações para o Brasil e as Respostas Governamentais.....	35
2.4	O Brasil como destino das migrações Sul-Sul.....	40
2.5	Teoria das Migrações: correlação entre cooperação internacional e migrações.....	47
3	O FLUXO MIGRATÓRIO PROVENIENTE DO C-4.....	57
3.1	Dados sobre o fluxo migratório dos países do Cotton-4.....	57
3.2	Fluxo de refugiados proveniente dos países do Cotton-4 + Togo (2003 a 2019)	66
4	RESULTADOS E ANÁLISE DA PESQUISA.....	73
4.1	Migração dos países do Cotton-4 + Togo para o Brasil.....	73

4.1.1	Contexto local, elementos de repulsão e trajetória até o Brasil.....	74
4.1.2	Chegada ao Brasil, acolhimento, adaptação e mercado de trabalho.....	79
4.1.3	Onde será meu futuro?.....	82
4.2	Entrevistas com técnicos, corpo diplomático e representações.....	85
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
	REFERÊNCIAS.....	95
	ANEXOS.....	110

1. INTRODUÇÃO

Com a chegada do século XXI, o Brasil adota um novo posicionamento geopolítico no sistema internacional, reforçando a agenda de busca de autonomia por intermédio da diversificação de parceiros e da liderança regional. O país manteve o olhar para o Norte do globo, mas investiu em uma agenda fortemente voltada para o eixo Sul-Sul, firmando acordos com países da América do Sul, da Ásia e da África (VISENTINI, 2012). Com os países do continente africano, o Brasil restabeleceu laços históricos, culturais e intensificou a troca de conhecimento, a criação de novas tecnologias e projetos políticos para a agricultura, para a saúde, educação e para o combate à fome e à pobreza. Isto ocorre no contexto de um mundo globalizado, com maior trânsito de informações, de tecnologias e de pessoas.

A nova ordem mundial que se estabeleceu naquele período refletiu-se nos fluxos migratórios, especialmente após os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Os países do Norte global, justificando a necessidade de se proteger de novas ameaças, passam a adotar medidas cada vez mais restritivas à entrada de migrantes, que chegam ao fechamento de fronteiras e à construção de muros para conter a passagem de pessoas. A adoção de medidas mais rígidas para receber migrantes e refugiados são resultado da incapacidade dos estados de construir uma verdadeira política comum de migrações (PEIXOTO et al, 2017). O Brasil passou a receber um número cada vez mais expressivo de migrantes e solicitantes de refúgio, embora o volume seja consideravelmente baixo se comparado aos grandes receptores, a exemplo de Turquia, Alemanha, Paquistão e Uganda. A nacionalidade dos migrantes e refugiados vindos para o Brasil também se diversificou com a mobilização de novas rotas migratórias, além dos fluxos tradicionalmente recebidos pelo país. Com o aumento das restrições ao ingresso nos países do Norte global, assim como outros vizinhos da América do Sul, o Brasil passa a ser uma opção mais viável das migrações internacionais.

Concomitantemente a esse contexto internacional, o Brasil amplia a assinatura de novos acordos e parcerias, estimulado pela necessidade da ampliação de sua projeção no comércio internacional. A política externa brasileira se volta para a aproximação com outros países em desenvolvimento. Em 2009, à esteira desta busca, o governo brasileiro, em parceria com o braço da Organização das Nações Unidas

para alimentação, a *Food and Agriculture Organization* (FAO), criou o projeto de cooperação Cotton-4 + Togo. O acordo passou a ser elemento crucial para a segurança alimentar e o desenvolvimento dos países africanos signatários. O projeto de cooperação Sul-Sul inicialmente incluiu Benin, Burkina-Faso, Chade e Mali. Após o término da primeira fase, em 2013, e início da segunda fase, em 2014, o Togo foi incluído no grupo, passando então a se chamar Cotton-4 + Togo (C-4 + Togo). O objetivo do tratado era estimular a modernização tecnológica do cultivo de algodão, aumentando a produtividade e a competitividade desta commodity. A iniciativa foi resultado de uma parceria entre a Agência Brasileira de Cooperação (ABC), vinculada ao Ministério das Relações Exteriores (MRE), a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), os governos das quatro nações africanas e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, PNUD (VISENTINI, 2014).

O C-4 + Togo envolve países que tradicionalmente não têm laços históricos com o Brasil, diferentemente do que ocorre com os países de língua portuguesa como Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. A exceção no grupo é o Benin, que esteve na rota do tráfico de pessoas escravizadas para o Brasil. No caso dos países de colonização portuguesa e do Benin, o período escravocrata deixou heranças que fazem parte da formação do povo brasileiro.

Este estudo busca verificar se a reaproximação do Brasil com os países da África subsaariana, resultada por um novo posicionamento geopolítico no sistema internacional, produz reflexos nas migrações africanas para o Brasil. Em caso afirmativo, é necessário levar em conta essa correlação para estimular a construção de uma agenda de políticas públicas em proporcional nível de relevância. A partir da confirmação desta hipótese, o estudo demonstrará “se” e “como” o Brasil se preparou para receber esse novo fluxo. Buscaremos entender se foram criadas as políticas necessárias para acolher pessoas que cruzaram o oceano fugindo de crises econômicas severas, da violência, da guerra ou da fome.

Sabe-se que o fenômeno migratório precisa ser entendido como parte do contexto da globalização que se intensificou ao longo dos primeiros anos do século XXI. As migrações e o assentamento de migrantes e refugiados precisam ser entendidos a partir das ligações políticas, econômicas e culturais, formadas entre diferentes países durante a aceleração do processo de globalização (CASTLES,

2010). Os deslocamentos são compostos por diversas modalidades de movimentos migratórios, incluindo o refúgio, o deslocamento estudantil, a migração qualificada e a não qualificada, a migração de fronteiras e outros diversificados deslocamentos internacionais de população entre países (BAENINGER, 2016). Ou seja, diante dessa nova realidade, fica mais clara a necessidade da criação de políticas públicas eficazes e específicas para as modalidades de migrações contemporâneas.

A primeira seção deste estudo apresentará o marco conceitual e os principais elementos das conjunturas macro que cercam o fenômeno das migrações em um contexto de cooperação. Demonstrará que, ao mesmo passo em que o Brasil estreita sua relação com o continente africano, também se apresenta como uma opção possível, não necessariamente a mais desejada, de destino de novos fluxos migratórios. As migrações, em suas diversas modalidades, são influenciadas pela estrutura social do sistema no qual estão inseridas (CASTLES, 2003).

O propósito nesta seção é analisar como dialogam estes dois espaços - a migração e cooperação nas relações Sul-Sul - por intermédio de um estudo de caso sobre os possíveis reflexos do projeto Cotton-4 + Togo na vinda de migrantes desses parceiros para o país. O Brasil assinou acordos cooperativos com os países da África, abriu embaixadas e representações brasileiras no continente, além de realizar diversas viagens transatlânticas de delegações brasileiras. Essa movimentação política se refletiu em resultados práticos, como a votação dos países africanos para um assento no Conselho de Segurança da ONU e, sobretudo, para a diretoria-geral da FAO (MENEZES, 2013).

Na segunda parte da primeira seção, demonstraremos como e se os acordos cooperativos podem ser vistos como determinantes *Push-Pull* de fluxos migratórios. Ponderaremos que os fatores de atração e repulsão também estão relacionados às relações causais, em contexto micro das decisões dos indivíduos, influenciados por questões macroestruturais e sistêmicas. Entendemos também que será preciso observar o contexto das migrações da África para o Brasil no conjunto de projetos de cooperação Sul-Sul brasileiros.

A última seção deste estudo tratará de algumas evidências empíricas de que os acordos de cooperação podem impactar nos fluxos migratórios. Será apresentado

um levantamento de dados públicos que permite notar o aumento do número de migrantes e solicitantes de refúgio provenientes do Benin, de Burkina-Faso, Chade, Mali e Togo em direção ao Brasil após a adesão ao Cotton-4 + Togo, o que reforçará a hipótese desta pesquisa. Serão usadas as bases de dados de instituições públicas brasileiras sobre a chegada de migrantes e refugiados ao Brasil e sobre o acordo de cooperação Cotton-4 + Togo. Entre eles estão o Observatório das Migrações Internacionais (OBMIGRA); Comitê Nacional para Refugiados (CONARE); Agência Brasileira de Cooperação (ABC); Ministério da Justiça; Sistema Nacional Migratório, (SISMIGRA) e Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiro (SINCRE). Os dados detalharão o fluxo de pessoas entre 2000 e 2019, embora o Cotton-4 + Togo tenha sido oficialmente encerrado em 2020. Diante do contexto de pandemia, podemos considerar que o ano de 2020 foi marcado pelo fechamento de fronteiras, a restrição de circulação de pessoas e medidas sanitárias que exigem estudos específicos.

A fim de demonstrar evidências empíricas qualitativas, também entrevistamos migrantes e refugiados que chegaram ao Brasil entre 2000 e 2019 provenientes do Benin, Burkina-Faso, Chade, Mali e Togo para saber por quais razões deixaram seus países e escolheram o Brasil; como vieram; quando chegaram; como chegaram; como avaliam o acolhimento no Brasil e as políticas para migrantes no Brasil; se pretendem permanecer no Brasil e por quê. Entrevistaremos cinco pessoas, uma de cada um dos países do acordo, escolhidos pela data de chegada ao Brasil. Entendemos que quanto mais próxima ao início do C-4, maior a probabilidade de que a decisão de migrar para o Brasil tenha alguma relação com o projeto.

Em relação ao roteiro de entrevistas buscamos também saber o perfil socioeconômico dos entrevistados e como eram suas vidas em seus países de origem, antes da decisão de migrar. Embora não seja o objeto principal deste estudo, entendemos que é importante demonstrar como foi o percurso do migrante até o Brasil, se contou com a ajuda ou a intermediação de agentes de redes transfronteiriças. A entrevista também deverá abordar como se deu o processo migratório ao entrar no Brasil, a emissão de documentos que proporcionam acesso ao trabalho legalizado, aos serviços públicos de saúde e de educação, por exemplo. A partir das histórias de vida apresentadas pelos migrantes e refugiados teremos o

contexto de cada indivíduo, o que possibilitará uma análise micro do objeto deste estudo.

Não é objetivo deste trabalho abordar a regularidade da situação migratória, porém, para entender que tipo de migrações foram geradas para o Brasil da África Subsaariana, precisaremos saber se os migrantes são documentados ou não. Buscaremos entender também sobre a vida dos migrantes e refugiados no Brasil, sobretudo se o país é o que se esperava antes da migração e também se os entrevistados pretendem permanecer no Brasil, por quanto tempo mais, e por quais razões.

Durante a realização das entrevistas, tivemos dificuldade para encontrar migrantes de Burkina-Faso e sobretudo do Chade. Encontramos duas pessoas que não aceitaram dar entrevista. A primeira foi uma freira missionária, que alegou razões religiosas ao recusar a entrevista. A segunda viveu durante alguns anos no Brasil na condição de refugiada, mas atualmente mora nos Estados Unidos e preferiu não participar por questões de segurança.

O desenho inicial desta pesquisa previa uma viagem à África em dezembro de 2020. Com o visitar as instalações da Estação Experimental do Cotton-4 + Togo, em Sotuba, no Mali, que é um polo regional de capacitação de técnicos dos cinco países e do desenvolvimento de pesquisas, com o objetivo de entender quais os resultados práticos do projeto e de que modo ele influencia a percepção dos profissionais e técnicos envolvidos no projeto e a população local sobre o Brasil. No entanto, o planejamento foi frustrado pela chegada da pandemia da Covid-19. A restrição de circulação de pessoas por questões sanitárias e os riscos impediram a realização da viagem. A partir da inviabilidade da viagem, decidimos então entrevistar os embaixadores dos cinco países do Cotton-4 + Togo, mas as diversas solicitações foram recusadas ou não respondidas. Somente as embaixadas do Togo e de Burkina-Faso aceitaram responder às perguntas, porém, apenas em forma de questionário. Diante dessas dificuldades, decidimos entrevistar técnicos, representantes diplomáticos a fim de verificar quais foram os resultados práticos do projeto e de que modo o acordo influencia a percepção dos profissionais e técnicos envolvidos no projeto e as impressões da população local sobre o Brasil, a fim de entender de que forma isto pode se refletir nos fluxos migratórios. As entrevistas com técnicos e

representantes diplomáticos darão subsídios para observar a presença explícita ou implícita do estado brasileiro nas ações de política externa e de aproximação com os países africanos. Também procuramos saber se foram adotadas medidas para facilitar a vinda dos migrantes dos países do Cotton-4 e garantir sua permanência no Brasil, com acesso a serviços públicos como educação, saúde e regularidade no mercado de trabalho.

Na Seção a seguir, faremos uma breve contextualização sobre a situação atual dos parceiros do Cotton-4. Os países estão situados na região Oeste da África e Canal do Sahel e vem passando por uma série de problemas nesta segunda década do milênio. O cenário de violência ocasionado, sobretudo pela longa permanência de governos golpistas e autoritários no poder, conflitos insurgentes e pelo avanço de redes terroristas, jihadistas no continente como Boko Haram, Al-Shabaab Al Qaeda e Estado Islâmico.

1.1. Chade

Em 18 de abril de 2021, o presidente do Chade, Idriss Déby Itono foi morto. No dia anterior, o presidente havia conquistado seu sexto mandato presidencial e se juntado às tropas que enfrentavam os rebeldes insurgentes da Frente para a Mudança e a Concórdia no Chade (FACT) que saíram da Líbia, e avançaram por centenas de quilômetros no deserto do Chade em direção à capital, Njamena. Um Conselho Militar de Transição, liderado pelo filho do presidente assassinado, o tenente-general Mahamat Idriss Déby, de 37 anos, dissolveu o governo e o Parlamento e prometeu eleições dentro de 18 meses. Um "diálogo nacional inclusivo" deveria começar em 15 de fevereiro de 2022, mas foi adiado, principalmente porque os grupos rebeldes que realizam ataques regulares contra o governo demoram a tomar uma posição unida nas negociações com a junta militar. Deby era uma espécie de peça-chave na luta contra o Boko Haram na região do Lago Chade e contra extremistas islâmicos no Sahel¹.

¹ Disponível em: <<https://apnews.com/article/business-government-and-politics-africa-chad-f21fc203a3596d45da7d651a3a0458b9>>; <<https://www.theafricareport.com/86851/chad-new-information-about-the-death-of-former-president-idriss-deby-itno/>>.

1.2. Mali

Em 18 de agosto de 2020, o presidente Ibrahim Boubacar Keita foi deposto após vários meses de crise política. O golpe militar deu origem a sanções internacionais, levantadas após a formação, em 5 de outubro, de um governo de transição por um período. Meses depois, em 24 de maio de 2021, militares prenderam o presidente e o primeiro-ministro, após a nomeação de um novo governo de transição do qual não gostaram. O coronel Assimi Goita foi empossado em junho como presidente de transição. A junta garantiu primeiro que devolveria o poder aos civis no início de 2022. Depois, propôs prolongar a transição por pelo menos quatro anos².

1.3. Burkina-Faso

Em 24 de janeiro de 2022, soldados uniformizados tomaram o poder do presidente Roch Kabore, o exército do país suspendeu a constituição, dissolveu o governo e a assembleia nacional e fechou as fronteiras do país. O anúncio citou a deterioração da situação de segurança e o que o exército foi justificado pela incapacidade de Kabore de unir a nação da África Ocidental e responder efetivamente aos desafios, que incluem uma insurgência islâmica³.

1.4. Togo

Em 2020, o presidente Gassandja Faure Gnassingbe foi reeleito para seu quarto mandato de cinco anos, dando continuidade a uma espécie “dinastia” que começou quando seu pai assumiu o poder em um golpe de 1967. O governo do Togo tem sólido apoio de parceiros internacionais liderados pela França, apesar das críticas de organizações de direitos humanos sobre abusos de inimigos políticos. O país também enfrenta ativistas e jihadistas afiliados à Al-Qaeda e ao grupo Estado Islâmico, que aumentam sua influência em países ao longo da costa do Golfo da Guiné⁴.

² Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/2/4/eu-imposes-sanctions-on-malis-pm-coup-leaders>>; <<https://www.nytimes.com/2022/01/16/world/africa/ibrahim-boubacar-keita-dead.html>>.

³ Disponível em: <<https://www.reuters.com/world/africa/burkina-faso-president-kabore-detained-military-camp-sources-tell-reuters-2022-01-24/>>; <<https://www.aljazeera.com/news/2022/2/3/burkina-army-willing-to-restore-constitutional-order-says-ecowas>>; <<https://www.dw.com/en/french-forces-neutralize-40-militants-in-burkina-faso/a-60758304>>.

⁴ Disponível em: <<https://www.france24.com/en/20200521-worried-togo-finds-itself-on-front-line-of-sahel-s-jihadist-war>>

1.5. Benin

A região Norte do Benin, próximo aos limites da fronteira com Burkina-Faso tem sido território de ações terroristas⁵. O exército francês e a inteligência aérea do país têm atuado na região, com combates aéreos constantes contra jihadistas islâmicos.⁶ O presidente do Benin é também um empresário bem-sucedido do setor algodoeiro e é acusado de deteriorar a democracia no país.

⁵ Disponível em: <<https://theintercept.com/2022/02/04/isis-leader-killed-africa-biden/>>.

⁶ Disponível em: <<https://www.france24.com/en/africa/20220210-france-launches-terrorism-probe-into-attack-on-park-rangers-in-benin>>.

2. MARCO CONCEITUAL

2.1. A Política Externa Brasileira e a Terceira Onda de Interesse pela África

Este capítulo tratará do modelo de Política Externa Brasileira a partir da primeira década do milênio e da nova agenda que intensifica as relações com países da África. Seu objetivo é apresentar elementos teóricos e empíricos que expliquem o contexto em que esta reaproximação ocorre e com quais características se consolidam. Na segunda parte, demonstrará como e por quais razões o acordo de Cooperação para o Desenvolvimento Sul-Sul entre o Brasil e quatro países algodoeiros da África Subsaariana (Benin, Burkina-Faso, Chade e Mali), o Cotton-4, foi criado. Esses elementos nos permitirão fazer correlações entre as práticas de política externa e os fluxos migratórios entre os países membros do acordo.

A partir do final do século XX, a Política Externa brasileira passou a ser orientada por um conjunto de ideias e valores que definem a "autonomia" como instrumento para o desenvolvimento econômico. Com a ascensão de Luís Inácio Lula da Silva à Presidência da República, a agenda brasileira passou a priorizar novas coalizões diversificando suas relações multilaterais, o que incluiu a "redescoberta" da África, a integração regional na América do Sul e a manutenção dos vínculos históricos com os Estados Unidos. Com este novo posicionamento, o pragmatismo político da política externa brasileira revisitou o *Soft Power* e diversificou sua atuação, projetando-se como um ator de maior relevância no sistema internacional (HIRST, LIMA e PINHEIRO, 2010).

O poder pode ser definido como a capacidade de afetar e convencer o outro para obter os resultados desejados (NYE, 2014). Um Estado pode afetar o comportamento do outro de três principais maneiras: coerção; incentivos ou pagamentos; e atração, que faz com que os outros queiram o que ele deseja (Ibid). Assim, um país pode obter os resultados que almeja na política mundial porque outros países querem segui-lo, admirando seus valores, imitando seu exemplo, aspirando ao seu nível de prosperidade e abertura.

O contato mais estreito com os países do outro lado do Atlântico Sul se tornou a principal referência da estratégia de CSS do governo brasileiro na busca por um novo posicionamento no sistema internacional. A nova agenda também foi fundamentada em uma identidade de caráter histórico, racial e sociocultural com os países africanos. O discurso político do Brasil enfatiza a intenção de liquidar uma dívida histórica que o país teria com o continente, mas traz também a busca pela ampliação de prestígio, da influência e pela formação de coalizões dos países do Sul (HIRST, 2010).

A Cooperação Sul-Sul se define sobretudo pela oposição à cooperação Norte-Sul. A não-interferência em assuntos internos dos Estados está entre os principais pilares deste modelo cooperativo, além do posicionamento de igualdade entre os parceiros. A CSS diferencia-se da cooperação tradicional Norte-Sul pelos seguintes elementos:

A não ingerência nos assuntos internos; a maior sensibilidade a contextos específicos; igualdade entre países parceiros; respeito à sua independência e soberania nacional; promoção de autossuficiência; a diversificação de ideias, abordagens e métodos de cooperação; a ausência de Cooperação Sul-Sul: ausência de condicionalidades explícitas; a preferência pelo uso de recursos locais que geram elementos mais amplos de apropriação; sua maior flexibilidade, simplicidade e rapidez de execução; sua natureza “não relacionada”, uma vez que não implica a compra de bens e serviços no país ofertante; adaptação às prioridades nacionais; a preservação da diversidade e da identidade cultural e, entre muitos outros atributos, seu menor custo e maior impacto (PINO, 2012, p. 198).

As políticas de CSS ressurgem de modo claramente associado ao papel renovado de alguns países em desenvolvimento na comunidade internacional, os mais poderosos global e regionalmente, visando principalmente reforçar a ideia de que os países do Sul podem (e devem, vão afirmar alguns discursos de política externa) cooperar com outros países do Sul (MILANI, 2012).

Os países envolvidos nas relações Sul-Sul compartilham também de todos os problemas estruturais dos estados do terceiro mundo: pobreza, desigualdade e analfabetismo. Esta condição comum, ressalta a autora, cria uma base para a cooperação que é distinta da relação Norte-Sul e que não ocorre com frequência na cooperação Sul-Sul (LIMA, 2005). Poderíamos acrescentar a esta observação a forte dependência dos países em desenvolvimento da produção e exportação de produtos primários, em especial no caso do Brasil e dos países da África.

A recuperação do dinamismo nas transações comerciais entre o Brasil-África a partir do início do século XXI é resultado de diversos fatores em que se destacam as iniciativas entre empresas, especialmente com Nigéria, Angola, Argélia e África do Sul. Por meio da Agência Brasileira de Cooperação (ABC)⁷, o país buscou configurar o seu próprio estilo de cooperação horizontal com ações que visam construir pontes de transmissão e intercâmbio de conhecimento, lealdades políticas e sociais com outros países em desenvolvimento. Ao mesmo tempo, o Itamaraty defende a articulação entre assistência ao desenvolvimento, apoio a governança e a promoção da paz (HIRST et al, 2010).

Nesse contexto, o continente africano deixa de ser apontado unicamente como foco de problemas sociais, políticos, étnicos e principalmente econômico, ressurgindo no cenário global atual como um continente que deve ser pensado coletivamente, com estratégias que possam priorizar o desenvolvimento de seus países e a melhoria dos indicadores sociais, econômicos e demográficos (DESIDÉRIO, 2005).

Durante a primeira década deste milênio e meados da segunda, o continente africano chegou a ser o principal destino da assistência técnica concedida pela Agência Brasileira de Cooperação (ABC), em resposta a demandas provenientes das representações diplomáticas, ou a ofertas configuradas no contexto de visitas presidenciais.

A oferta de cooperação do Brasil no continente africano ganhou novo impulso a partir da ação conjunta da diplomacia profissional e presidencial na África, a ação da ABC acompanhada por uma rede de projetos ministeriais (destacam-se o Ministério de Ciência e Tecnologia, as iniciativas do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, da Agricultura e da Saúde). A atuação no continente africano vem sendo instrumentalizada pelas agências especializadas do Estado, especialmente a Embrapa na área de produção de alimentos, Fiocruz no campo da saúde (concentrado no combate a HIV/AIDS e Malária) e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) para projetos de formação profissional (em áreas tais como construção civil, conhecimento elétrico, hidráulico, computação e gastronomia). Os projetos de cooperação técnica ofertada pelo Brasil, mesmo quando implementados por organizações não-governamentais por demanda

⁷ A Agência Brasileira de Cooperação (ABC) foi criada em setembro de 1987 e integra a estrutura do Ministério das Relações Exteriores (MRE). Sua atribuição é negociar, coordenar, implementar e acompanhar os programas e projetos brasileiros de cooperação técnica, firmados pelo Brasil com outros países e organismos internacionais. A ABC/MRE atua vinculada à Subsecretaria Geral de Cooperação e de Promoção Comercial, também do MRE. (ABC, p. 39) Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/abc/centrais-de-conteudo/publicacoes/Cotton4_togo_uma_parceria_sucesso_BR.pdf>

do governo brasileiro, também têm sido importantes promotores de vínculos com os países africanos (HIRST et al, 2010, p. 33).

Em 2004, a política externa brasileira assinava arranjos cooperativos que tinham a participação de países da África sob a responsabilidade da Agência Brasileira de Cooperação do Ministério das Relações Exteriores. O “Projeto Laço Sul-Sul” tratava-se de uma iniciativa multilateral que envolveu o Ministério da Saúde, a ABC, do Fundo das Nações Unidas para Infância (UNICEF) e Agência das Nações Unidas para o Combate à Aids (UNAIDS), com o objetivo de promover o combate à Aids. O projeto de cooperação horizontal envolveu o Paraguai, vizinho da América e outros três países de língua portuguesa. Na África, Guiné-Bissau e Cabo Verde; e na Ásia, o Timor Leste. À época, o projeto foi considerado um exemplo bem-sucedido de Cooperação Sul-Sul (MENEZES, 2013).

A Embrapa também foi protagonista de uma importante ruptura tecnológica, que possibilitou a ampliação da fronteira agrícola para setores anteriormente não explorados, além da intensificação da produção em áreas já produtivas. Tal desempenho esteve ligado ao desenvolvimento de novas tecnologias e culturas adaptadas aos diversos tipos de solo, à modernização de equipamentos agrícolas e aos consequentes ganhos de produtividade (MILHORANCE, 2013). Tanto Embrapa como a ABC se tornariam importantes atores na implementação e condução do Cotton-4, conforme veremos na segunda parte deste capítulo.

Hirst, Lima e Pinheiro (2010) argumentam que a cooperação técnica naquele período foi beneficiada por crescentes recursos financeiros disponibilizados pelo Governo Federal para a área como uma evidência dessa aproximação entre 2003 e 2010. No período, a diplomacia brasileira inaugurou 16 novas embaixadas no continente para o qual o presidente Lula viajou ao menos dez vezes, visitou 20 países e criou a Cúpula África-América do Sul (2008). O maior interesse pela área também resultou em mais investimentos. Somente no ano de 2009, houve um aumento de mais de 250% de iniciativas em relação a 2008. As relações passam a se diversificar para além dos países lusófonos. O Brasil inaugurou um escritório antena da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) em Acra, em Gana; uma fábrica de antirretrovirais ligada ao escritório da Fiocruz em Maputo; fazendas de produção de algodão e de arroz no Mali e no Senegal; e centros de formação profissional (MILHORANCE, 2013).

Os acordos na área da educação também se intensificaram durante o período da terceira onda de interesse pela África. A cooperação educacional internacional ganhou espaço na agenda do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, entre 2003 e 2010 (DE BARROS, 2015). A partir dos novos acordos assinados, intensifica-se a adesão de estudantes de países da África aos programas de cooperação educacional, como PEC-G e PEC-PG. O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) é um programa de cooperação técnica e educacional internacional da República Federativa do Brasil direcionado aos países em desenvolvimento, aos quais podemos incluir os países do Sul global (Ibid.). A Fundação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, foi outra iniciativa na área da educação. A universidade foi criada a partir de um projeto de lei em 2008, oficialmente fundada em 2010, com início de suas atividades acadêmicas em 2011, com a missão de construir uma ponte histórica entre o Brasil e os Países de Língua Portuguesa e baseada no princípio da cooperação solidária. A Universidade foi fundada para atender alunos brasileiros, de Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. A UNILAB é uma instituição pública federal sediada na cidade de Redenção, no Ceará, e São Francisco do Conde, no Recôncavo Baiano. A cidade de Redenção foi escolhida justamente por ser a primeiro município brasileiro a abolir a escravidão (CABRAL et al, 2011 e BARROS, 2015).

O chanceler do Brasil à época, embaixador Celso Amorim, escreveu em 2010 um artigo no qual aponta que a ascensão de nações emergentes como o Brasil a China, a África do Sul, Indonésia, entre outras, foi fenômeno mais importante na nova ordem global, multipolar, trazida pelo pós-Guerra Fria.

A ascensão dos grandes países em desenvolvimento – Brasil, China, Índia, Indonésia, México, Egito, Turquia, entre outros – é o mais importante fenômeno do pós-Guerra Fria. Esta tendência tornou-se mais evidente após a crise econômica de 2008. Os chamados países emergentes, desfrutam de maior peso político e econômico nos assuntos globais (AMORIM, 2010, p. 215).

Ainda no mesmo artigo, o ex-ministro Celso Amorim (2010) argumenta que a política externa é um importante instrumento de promoção do desenvolvimento e atribuiu à abertura de novos mercados, ao menos em parte, os robustos superávits comerciais sustentados durante a primeira década do século XXI. Amorim observa ainda que embora os objetivos da política externa brasileira não possam ser reduzidos

a uma visão mercantilista do mundo, deixando de se limitar por preconceitos ultrapassados, o que ajudou a impulsionar negócios em todo o mundo. O ex-ministro complementa que houve uma turbulência total no comércio do Brasil padrões: em 2009, os países não-OCDE representavam 57% das exportações brasileiras. Em 2002, esses números eram muito inferiores, atingindo apenas 38,5% (AMORIM, 2010). Segundo o Ministro, o exercício da solidariedade adotada para com os países mais necessitados vinha sendo um dos princípios da política externa do presidente Lula. O governo brasileiro, segundo o ex-ministro, não foi indiferente às necessidades dos países atingidos pela pobreza, conflitos armados e desastres naturais. Amorim complementa sua exposição referindo-se aos acordos de cooperação técnica, África:

Nos últimos oito anos, o Brasil aumentou substancialmente sua atuação para assistência humanitária. Somente em 2010, fundos de emergência foram doados (principalmente por meio de Organizações Internacionais como o PNUD, o ACNUR e o PMA) para 36 países que enfrentavam dificuldades. O Brasil também promoveu vigorosamente a Sul-Sul cooperação, às vezes em associação com organismos internacionais como o Banco Mundial e a OIT. Agência Brasileira de Cooperação (ABC) - filial da Estrangeira Ministério - mantém projetos em diversos países da África, América Latina e no Caribe e na Ásia. Só em 2009, foram realizados 414 projetos de cooperação técnica. No início de 2004, o presidente Lula defendeu, junto com o primeiro-ministro da Espanha, José Luis Zapatero, o ex-presidente francês Jacques Chirac e o ex-secretário-geral da ONU Kofi Annan, a Ação Global contra a Fome e Pobreza. Um dos resultados mais visíveis dessa iniciativa pioneira foi a criação da UNITAID, cujo objetivo é facilitar o acesso ao tratamento para HIV / AIDS, malária e tuberculose, especialmente na África (AMORIM, 2010, p. 225).

Em entrevista à autora o ex-chanceler explicou a aproximação do Brasil e os países do Cotton-4:

(...) eu achei o seguinte: nós precisamos solidificar essa aliança, porque eu achava...Primeiro que eles precisavam de nós e nós deles também, nós do ponto de vista político, não é que o voto deles fosse fazer diferença, mas dava uma legitimidade maior à nossa causa, não era só o Brasil que estava interessado nisso, são vários países em desenvolvimento, inclusive países muito pobres da África, provavelmente alguns deles, não sei se todos, de menor desenvolvimento relativo, então era importante nesse aspecto (AMORIM, 2021 Informação Verbal).

Alguns observadores de política externa brasileira defendem que o interesse do Brasil pela comunidade africana esteve também associado a motivações propriamente políticas em vista dos interesses do Brasil no tabuleiro mundial, em especial o de promover uma reformulação da estrutura decisória das Nações Unidas. De fato, a aspiração por um lugar permanente no Conselho de Segurança reforçou o diálogo com as nações africanas e levou a diplomacia brasileira a buscar explicitamente o apoio à candidatura do país (HIRST, LIMA E PINHEIRO, 2010).

O Brasil se reaproximou da África em um momento de renascimento africano no sistema internacional. Foi até “lá para propor diálogo de interesses mútuos e valores abrangentes para a nova geografia política internacional é agenda convidativa para a fronteira atlântica do Brasil” (SARAIVA, 2002).

A nova participação da África na agenda de Política Externa brasileira vem da necessidade de rever o padrão de inserção internacional do Brasil diante dos novos desafios gerados pela globalização, pela interdependência global, pelas novas agendas, pelo protecionismo das potências avançadas, pelos Estados Unidos em sua inclinação unilateral e imperial, entre outros grandes temas.

Economicamente, o relançamento de uma política africana serviria de elemento constitutivo no esforço do redesenho da inserção internacional do Brasil, em nítida crise de identidade no momento atual. Em contraste com a inserção internacional marcada pelo triunfalismo liberal, como discutido anteriormente, a África serviria ao movimento de aproveitamento de brechas estruturais na ordem internacional e de reforço na retomada de um modelo de inserção internacional de bases mais nacionais e voltado para o desenvolvimento interno sustentável, gerador de empregos e produtivo, mais que financista (SARAIVA, 2002, p. 15).

A cooperação técnica brasileira colocou à disposição de outros países em desenvolvimento um conjunto de experiências, políticas públicas e conhecimentos por meio de instituições nacionais especializadas nas áreas que os próprios parceiros consideram mais relevantes e urgentes (PINO, 2012).

A reaproximação do Brasil com os países africanos à época significaria recuperar anos de retração, além de servir como possível caminho para o desenvolvimento tanto do Brasil quanto dos países africanos:

O Brasil se lança novamente para a África, por meio dos movimentos dinâmicos de sua política exterior e de uma pauta comercial de produtos diversificados e que evolui percentualmente para já representar cerca de 6% das trocas internacionais do Brasil, teria possibilidades importantes de ocupar a brecha africana. Aproveitar a dinâmica do renascimento africano e da autoconfiança que emerge lá para propor diálogo de interesses mútuos e valores abrangentes para a nova geografia política internacional é agenda convidativa para a fronteira atlântica do Brasil. Otimismo cauteloso deve guiar o Brasil pois há sempre chance, aqui como na África, de reverter o ciclo de retração e desespero em favor do avanço cidadão e da esperança de uma África muito melhor ao final do século XXI (SARAIVA, 2008, p. 104).

Em 2011, ainda seguindo a agenda de alcançar maior projeção no Sistema Internacional - e utilizando do seu projeto de combate à fome como um de seus instrumentos de política externa - o Brasil entrou na disputa pela direção-geral da FAO.

A nomeação de um brasileiro à direção da organização significou uma vitória da estratégia brasileira de afirmação nas instituições internacionais e inaugurou um debate sobre o papel da organização no apoio à formulação de políticas públicas. Dessa forma, o potencial da cooperação brasileira em agricultura se manifesta também em termos de troca de experiências na elaboração de políticas públicas. A votação dos países africanos foi fundamental para a eleição de José Graziano. O brasileiro obteve 92 votos, sendo apoiado pela Indonésia e os chamados "países não alinhados" do G-77, entre eles, boa parte da África. No primeiro turno, Graziano já havia superado Moratinos por 77 a 72 votos. Após vencer a eleição o brasileiro disse que a entidade deve se empenhar para superar a divisão entre países desenvolvidos e nações emergentes, que têm sido gravemente afetadas pela alta dos preços dos alimentos⁸ (MILHORANCE 2013 e MENEZES, 2013).

A nomeação e a eleição do Graziano à direção da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) foram um resultado importante da estratégia brasileira de afirmação nas instituições internacionais e inaugurou um debate sobre o papel da organização no apoio à formulação de políticas públicas (MILHORANCE, 2013, p. 12).

O embaixador Antônio Carlos de Salles Menezes, que esteve à frente da Embaixada do Brasil no Togo entre 2015 e 2021, revela em seu trabalho de Altos Estudos do Instituto Rio Branco que em 2011 todos os países do C-4 votaram a favor da candidatura do ex-Ministro José Graziano da Silva a Diretor-Geral da FAO. Menezes aponta ainda que é conhecida a informação do apoio maciço que o Brasil recebeu, de toda a África, à candidatura vitoriosa do Embaixador Roberto Azevêdo para Diretor-Geral da Organização Mundial do Comércio. Menezes relata também que o Embaixador do Mali foi parabenizado pelo presidente daquele país pela eleição de José Graziano da Silva como diretor-geral da FAO. De acordo com o estudo, Amadou Toumani Touré disse que a organização havia se distanciado muito dos mais necessitados e que seu desempenho, especialmente no financiamento de pesquisa agrícola na África estava falho. Touré teria ressaltado ainda que a FAO deveria se

⁸ Fontes: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/mundo/brasil/noticia/2011/06/27/diretora-do-programa-alimentar-mundial-elogia-escolha-de-graziano-para-fao-8489.php>>; <<https://www.jornaldocomercio.com/site/noticia.php?codn=66015>>; <<https://www.canalrural.com.br/noticias/graziano-quer-reformar-fao-para-combater-inseguranca-alimentar-12829/?media-print=true>>.

espelhar em iniciativas como o projeto do Algodão, que impulsiona a agricultura local, lembrando que o futuro do continente africano depende do desenvolvimento de sua agricultura (MENEZES, 2013).

Apesar do significativo incremento das iniciativas cooperativas com países do continente africano durante o período aqui observado, há críticas quanto ao modelo adotado pelo Brasil. Goes, Patriota e Tibúrcio (2010) apontam que os acordos, poucas vezes, são dinamizadores de cadeias produtivas que possam se autossustentar no médio prazo. Os projetos brasileiros de cooperação, em sua maioria, segundo os autores, concentram-se em aumentar a produtividade dos fatores de produção pela capacitação (trabalho) e transferência de tecnologia (capital).

A cooperação técnica brasileira caracterizou-se naquele período por colocar à disposição de outros países em desenvolvimento um conjunto de experiências, políticas públicas e conhecimentos adquiridos pelo país por meio de instituições nacionais especializadas nas áreas que os próprios parceiros consideraram mais relevantes e urgentes. Sua execução e financiamento correspondem principalmente a instituições federais (agências, institutos tecnológicos, fundações, secretarias setoriais, empresas e empresas públicas, universidades e conselhos científicos, assessores internacionais de ministérios, etc.), mas também a organizações do setor privado vinculadas a federações de industriais e comerciantes e, cada vez mais, a entidades do terceiro setor, cidades e regiões.

O surgimento da Cooperação Sul-Sul (CSS) está vinculado ao sucesso de alguns países do Sul que alcançaram níveis apreciáveis de desenvolvimento e adquiriram novas tecnologias e competências em áreas como engenharia, eletrônica, energia, agricultura ou comunicações. Na aquisição dessas capacidades, a cooperação internacional recebida desempenhou um papel fundamental. Não é possível compreender a lógica da CSS sem nos referirmos ao processo de emergência da consciência do Sul e sua manifestação nas relações internacionais desde a Conferência de Bandung (1955), quando a solidariedade entre os países em desenvolvimento torna-se uma ferramenta e um objetivo do chamado “Terceiro Mundo”. Este foi o ponto de partida de um diálogo político entre os países em desenvolvimento, que revelou a necessidade de coordenação para reduzir as assimetrias no sistema internacional.

2.2. COTTON-4, Cooperação Agrícola e Segurança Alimentar

Uma colheita simbólica para comemorar a adaptação da variedade de algodão brasileira em solo Malinês marcou a inauguração oficial do Cotton-4, em 2009. Estavam presentes o então chanceler brasileiro, Celso Amorim, o Presidente do Mali Amadou Toumani Touré e o ministro da agricultura daquele país Aghatense Alhassane. Naquele momento foi lançada a pedra fundamental da Unidade de Validação e Demonstração do Projeto Cotton-4. Pesquisadores e técnicos dos quatro institutos de pesquisas dos países participantes do projeto atestaram que o algodão colorido da Paraíba, do nordeste brasileiro, se adaptou ao solo da África Subsaariana. O evento foi a consagração do “sucesso” da transferência de tecnologia, o que representava, sobretudo, que a experiência Cooperativa Sul-Sul resultaria no aumento da produtividade, da maior competitividade a indústria têxtil local, do artesanato, das exportações de algodão, que seriam revertidas em melhores condições de vida para as populações locais (MENEZES, 2013).

O desenho inicial do Cotton-4 previa o melhoramento genético, o cultivo do solo e o manejo de pragas, com o objetivo de criar novas variedades de algodão, a partir do cruzamento entre variedades brasileiras e africanas. Para alcançar esse objetivo, quatro eixos principais de ação foram definidos quando da elaboração do projeto de capacitação de pesquisadores, técnicos e produtores-líderes em novas tecnologias de produção algodoeira e produção de material gráfico e técnico sobre os conhecimentos validados na esfera do projeto. O C-4 também incluiu a implementação de técnicas brasileiras em solo africano, como a do plantio direto, o que resultaria no aumento significativo do volume da produção no continente, que passou de uma média de 1 tonelada por safra para 4,5 toneladas ao ano (CHEDIEK, 2017, MILHORANCE, 2013).

Embora tenha sido inaugurado oficialmente em 2009, o C-4 enquanto projeto de cooperação, já tinha alguns contornos em 2006, quando o Brasil se aproximou dos países do chamado do grupo formado por Benin, Burkina-Faso, Chade e Mali. O país trilhava o litígio que se estendeu por 12 anos (2002 - 2014) na Organização Mundial do Comércio. Os produtores de algodão do Brasil, em acordo com o governo brasileiro, pediram uma consulta à OMC sobre subsídios concedidos pelo governo norte-americano aos seus produtores de algodão e programas de garantias de crédito

à exportação. Chade e Benin entraram no contencioso ao lado do Brasil como partes interessadas (BUENO, 2018).

O grupo Cotton-4 surge em 2003, primeiramente como uma aliança entre quatro países da África Ocidental que lançaram um manifesto na OMC com alerta sobre os efeitos nocivos dos subsídios domésticos dos Estados Unidos e da União Europeia para a produção de algodão de outros países, principalmente os africanos. Meses após o pedido de consultas do Brasil na OMC, que iniciou o contencioso DS2 67, a Iniciativa do Algodão fora subscrita por Benim, Burquina Faso, Chade e Mali (Cotton-4) que tinham no setor algodoeiro uma das fontes mais importantes para desenvolver suas economias (BUENO, 2018, MILHORANCE 2013, TOURÉ e COMPAORÉ, 2003). A ação dos países foi politicamente importante para manter o tema do algodão em pauta na agenda da OMC e também representava apoio ao pleito brasileiro, ainda que não direto, ingressando no contencioso junto com o Brasil como parte reclamante (FSP, 2004).

De acordo com Adriana Mesquita Bueno, paralelamente ao processo de retaliação que o Brasil estudava impor a bens e propriedade intelectual dos Estados Unidos, o Itamaraty também coordenava a aproximação político-técnica com quatro países africanos envolvidos com a questão do algodão na OMC. A Agência Brasileira de Cooperação (ABC), divisão do Ministério responsável pela coordenação da cooperação técnica brasileira, organiza missões de negociação de projeto de cooperação técnica (PCT) regional desde 2006.

O alto nível de subsídios oferecidos aos produtores de algodão em alguns países membros da OMC era uma das principais causas dos problemas enfrentados pela produção mundial de algodão (BUENO, 2018). Ainda em 2003, os presidentes do Mali, Amadou Toumani Touré e de Burquina-Faso, Blaise Campaoré, escreveram um artigo para o jornal norte-americano The New York Times com um recado ao mundo sobre qual seria o posicionamento do C-4 no litígio do algodão e o que a commodity representa para suas economias. À época, o algodão representava cerca de 40% das receitas de exportação e 10% de todo PIB dos quatro países africanos:

“O algodão é nosso ingresso no mercado mundial. A sua produção é crucial para o desenvolvimento económico da África Ocidental e Central, bem como para a subsistência de milhões de pessoas. O algodão responde por até 40% das receitas de exportação e 10% do produto interno bruto em nossos dois países, bem como em Benin e Chade. Mais do que isso, o algodão é de suma importância para a infraestrutura social da África, bem como para a manutenção de suas áreas rurais. Este setor económico vital em nossos países está seriamente ameaçado pelos subsídios agrícolas concedidos pelos países ricos aos seus produtores de algodão” (TOURÉ; COMPAORÉ, 2003, tradução livre).

Em 2007, o Brasil propôs aos países do Cotton-4 a elaboração de um projeto de cooperação Sul-Sul no setor algodoeiro. No ano seguinte, o país envia uma missão para elaboração propriamente dita do acordo.

“Durante a nona sessão do Mecanismo Consultivo para o Algodão do Diretor-Geral, realizada em 2007, o Brasil se propôs a elaborar um documento conceitual para a implementação de Cooperação Sul-Sul (CSS) no setor do algodão em conjunto com os países do Cotton-4. A estratégia objetivava reforçar o setor algodoeiro naqueles países africanos. Destarte, o Brasil procurou fortalecer a sua posição no caso da OMC reforçando a sua liderança do Sul, reduzindo potenciais custos adversos para os países do C-4 e intensificando o caráter ideacional e normativo que conferiu à sua ação contra os EUA no contencioso do algodão – especialmente por meio da conexão da disputa com a Agenda Doha e o Pacote de Julho” (BUENO, 2018, P.20).

Em decisão histórica, os Estados Unidos perderam a disputa. O Brasil recebeu fundos compensatórios do governo norte-americano que totalizaram pouco mais de US\$800 milhões – dos quais US\$80 milhões destinaram-se a financiar projetos de cooperação técnica em matéria algodoeira com países em desenvolvimento (BUENO, 2018). O Diretor da Agência Brasileira de Cooperação em entrevista a autora explicou destinação dos recursos:

(...) 10% dessa multa indenizatória para o Brasil, seria destinada a cooperação técnica internacional na área de algodão, então foi aí que deu um alívio muito grande para o Brasil e nós pudemos investir mais. A ABC passou a ter R\$80.5 milhões de dólares para execução só dos projetos na área de algodão, tanto a cooperação bilateral, quanto a cooperação trilateral, como organizam os internacionais. Então, nós retemos na quantidade substantiva desses recursos ainda para serem instrumentados e hoje nós atuamos em 15 países africanos, o Cotton-4 foi o pai de todos, começamos com 4 países, passou a ser 5 e hoje a gente já coopera com 15 países africanos, então você vê que está dando resultado que os países estão se interessando e está tendo efeito (NELCI CAIXETA, 2021. Informação verbal).

O Contencioso foi encerrado oficialmente em 01 de outubro de 2014, selando com mérito as negociações para encerramento do contencioso mais longo da história

do Brasil na Organização Mundial do Comércio (OMC).⁹ Foi a primeira vez que um membro da OMC ousou questionar os subsídios domésticos à agricultura norte-americana, bem como os subsídios à exportação e para garantia de créditos à exportação sob a vigência da “cláusula de paz” (BARRAL e AMARAL, 2015). De acordo com o memorando de encerramento do contencioso feito pelo Instituto Brasileiro de Algodão (IBA)¹⁰, caberia ao Brasil assegurar que os recursos seriam destinados apenas para atividades de assistência técnica e de capacitação correlatas ao setor cotonicultor do Brasil e relativa cooperação internacional no mesmo setor em países da África Subsaariana, em países membros do Mercosul, ou em quaisquer outros países em desenvolvimento.

Com os recursos do Contencioso, o projeto C-4 possibilitou a revitalização do Centro de Pesquisas Agrícolas de Sotuba, no Mali, e a participação de técnicos brasileiros da Embrapa na criação de um laboratório e de biofábricas para o manejo de pragas. Este mesmo laboratório passou a servir como base experimental para o treinamento de técnicos do Benin, de Burkina-Faso, do Chade e do próprio Mali. A Embrapa foi a principal executora do projeto, sendo responsável pelo quadro de profissionais no continente, tornando-se parceira das agências fomentadoras de tecnologia agrícola que são: Instituto Nacional de Pesquisas Agrícolas do Benin (INRAB), Instituto Nacional de Pesquisas Agrícolas e Ambientais – Burkina-Faso (INERA), Instituto Chadeano de Pesquisa Agrônômica para o Desenvolvimento (ITRAD) e o Instituto de Economia Rural 12 (IER) localizado no Mali (MENEZES, 2013).

Apesar do objeto principal do acordo ser o algodão, o projeto visava também outras áreas. Como aponta Visentini (2014), a atuação da Embrapa teve papel de alta relevância na cooperação brasileira e nessa ampliação das áreas de atuação. No que diz respeito à cooperação técnica, o trabalho da empresa e de outras agências, contribuíram para o desenvolvimento desde a agricultura em larga escala, mas também na formação técnica, transportes, energia, planejamento urbano, na formação técnica, transportes, energia, planejamento urbano, saneamento, biocombustíveis,

⁹ WEBER BARRAL, RENATA AMARAL, FUNCEX (Revista da Funcex RBCE, Nº 122 - Janeiro/Março de 2015). Disponível em: <http://www.funcex.org.br/publicacoes/rbce/material/rbce/122_WBRA.pdf>.

¹⁰ Memorando do IBA. Disponível em: <http://www.iba-br.com/uploads/biblioteca/77_pt_br.pdf>.

saúde, entre outras. Esta ampla atuação é trabalho “fortemente” reconhecido pelos países africanos e pelas agências internacionais.

No tocante à cooperação técnica, o trabalho da Embrapa e de outras agências, contribuíram para o desenvolvimento desde a agricultura em larga escala até a familiar. Formação técnica, transportes, energia, planejamento urbano, saneamento, biocombustíveis e saúde, entre outros, são campos onde se realiza um trabalho fortemente reconhecido pelos africanos e pelas agências internacionais” (VISENTINI, 2014, p. 51).

Em seu alto estudo para o Instituto Rio Branco (2013), o embaixador do Togo, Antônio Carlos de Salles Menezes argumenta os cultivos marginais das espécies de algodão potencializaram o resultado do projeto, na medida em que, além da melhora técnica de cultivo do algodão, a iniciativa brasileira está beneficiando com mais alimentos, várias famílias malinesas (MENEZES, 2013). Ainda no mesmo texto o embaixador ressalta os ganhos do C-4 e afirma que nesse contexto pode-se afirmar, portanto, que o reconhecido êxito da iniciativa de Cooperação Sul-Sul em apreço, que é o Projeto do Algodão, representa um marco na consolidação da nossa cooperação horizontal como instrumentos de política externa, por intermédio da ABC, e torna visível o fato de que os desafios de outros países em desenvolvimento podem ser encarados de forma objetiva, com o auxílio do Brasil. Durante sua segunda fase, o Cotton-4 incluiu a participação Togo e passou a ter também o objetivo de disseminar informação para pequenos produtores que estão na ponta da cadeia algodoeira, capacitar mão de obra e revitalizar laboratórios nos países parceiros, construir um banco de armazenamento coletivo de material genético.

Como disseram os presidentes Touré e Compaoré, o algodão é muito mais do que uma *commodity* que fornece renda para a população; ele é o principal fio do complexo tecido que vincula as economias africanas e global. Os países que formam o Cotton-4 + Togo são visivelmente menos robustos que o Brasil, seja por terem população significativamente menor, ou seja pelo nível de sua atividade econômica. A população brasileira, atualmente com 212 milhões de habitantes, é três vezes maior que os cinco países parceiros do Cotton-4 + Togo, que juntos somam 77,6 milhões de pessoas. Em termos populacionais, o maior país é Burkina-Faso, com 20,9 milhões de habitantes, seguido por Mali, com 20,2 milhões, Chade, com 16,4 milhões, Benin, com 12,1 milhões de habitantes e o Togo com 8,2 milhões. No que diz respeito aos indicadores socioeconômicos, o Brasil se mostra ainda maior frente aos parceiros do

C-4. De acordo com dados do banco mundial, o Produto Interno Bruto brasileiro em 2020 foi de US\$1,4 trilhões, enquanto seus parceiros somaram US\$69 bilhões. Conforme poderemos observar no quadro abaixo o volume populacional reflete-se no PIB dos países. O Togo é o país menos populoso e é também o que tem o menor PIB. Já Burkina-Faso, o país com maior número de habitantes, é também o que tem maior Produto Interno Bruto. Entretanto, quando olhamos para o PIB *per capita* podemos entender melhor essa assimetria entre os países africanos e também entre os parceiros da África em relação ao Brasil. O PIB *per capita* do Chade é de US\$630, Burkina-Faso US \$770,00, Mali US\$830,00, Togo US\$920,00 e Benin US\$1.280,00, jno Brasil é de US \$7.850,00.

Tabela 1: Situação econômica dos países em 2020

País	População (em milhões de habitantes)	PIB (em bilhões de dólares)	Poverty headcount Ratio	PIB per capita (em dólar)	Expectativa de vida (em anos)
Brasil	212,5	US\$1.400		US\$7.850	75,8
Benin	12,1	US\$15,6	38,5*	US\$1.280	61,7
Burkina-Faso	20,9	US\$17,9		US\$770	61,5
Chade	16,4	US\$10,8	42,3*	US\$630	54,2
Mali	16,4	US\$17,2	41,9*	US\$830	59,3
Togo	8,2	US\$7,5		US\$920	67,7

*Dados referentes a 2019.

Fonte: Banco Mundial. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/country>>. Acesso em 17 jan. de 2022

Conforme observamos anteriormente, a capacitação de profissionais e técnicos das atividades do setor algodoeiro foi um dos pilares do acordo de cooperação Cotton-4. Durante seu período de vigência, entre 2009 e 2020, houve o trânsito de mais 800 pessoas entre os países do C-4 e o Brasil. Os dados serão detalhados na próxima parte desta pesquisa, mas é possível perceber a partir dessa constatação que houve um fluxo significativo de pessoas que passaram a transitar entre os países signatários do tratado. Podemos apontar que apesar do reconhecido sucesso do C-4 no que diz respeito às práticas da política externa brasileira, não há coordenação entre PEB e

políticas públicas voltadas que pudessem abarcar a vinda de pessoas provenientes dos 5 países da África Subsaariana para o Brasil. O diretor da ABC, Nelci Caixeta, detalha em entrevista à autora, realizada em 18 de maio de 2021, por meio de vídeo-chamada explica como foi o fluxo de pessoas e explica que o trânsito pessoas se dá no campo educacional:

[...] como é que se dá esse trânsito de pessoas? Mais na cooperação educacional. Desses países do Cotton-4, o Benin é um dos países que mais mandam estudantes para o Brasil para estudar, mas aí não é cooperação técnica, é cooperação educacional, tanto do PEC-G quanto do PEC-PG, o programa de graduação e pós-graduação, então o fluxo de pessoas nesses países é mais nesse sentido. Não há critérios estipulados entre os países para facilitar ou dificultar o fluxo de pessoas, turistas brasileiros para a África vão para alguns países, vão para Marrocos, para África do Sul, para Seychelles, então não é um destino turístico muito explorado, fora isso o movimento se dá no âmbito dos projetos de cooperação técnica e educacional, não há uma política migratória que favoreça a vinda dessas pessoa, a gente sabe que tem muitos senegaleses, muitos ganeses que vieram para o Brasil, mas vieram por acesso, assim...Às vezes conseguia visto para vir para o Brasil, vinha e ficava, não há uma migração legítima como foi de outros países do entorno do Brasil, porque na verdade os africanos têm uma tendência de migrar, que seja ilegalmente, para a Europa e não para o Brasil [...] (CAIXETA, 2021. Informação Verbal).

Em entrevista¹¹ realizada em 14 de maio de 2021, por meio de vídeo-chamada, a técnica de cooperação da Embrapa e pesquisadora acadêmica do Cotton-4 + Togo Adriana Mesquita Bueno, fez uma crítica à gestão da política externa e ao modelo cooperativo brasileiro. A pesquisadora, porém, destaca que as colocações refletem sua opinião enquanto técnica de cooperação e pesquisadora, e não com governo, uma vez que é funcionária pública da Embrapa:

“[...] o Lula teve a faca e o queijo na mão para dar as condições de sustentabilidade à cooperação, para criar uma agência, para criar um marco implantatório, fazer uma lei, ter um diálogo com o congresso, criar as condições e ele não quis fazer isso, ele só foi tocando, tocando, tocando [...]” (BUENO, 2021. Informação verbal).

O projeto Cotton-4 + Togo foi liquidado em setembro de 2020, ofuscado, em meio à pandemia da Covid-19. De acordo com diretor da ABC, Nelci Caixeta, em

¹¹ A entrevista concedida por Adriana Mesquita Correa Bueno, Técnica de Cooperação da Embrapa e pesquisadora acadêmica que escreveu sua tese de doutorado sobre o C-4 e foi referida oficialmente pela Embrapa para a entrevista que gravada através de vídeo-chamada em 14 de mai. de 2021, mediante sua ciência e autorização para publicação assinada por escrito e enviada por e-mail à esta autora.

entrevista à autora, disse que o Cotton-4 deverá se desmembrar em outros projetos com formato e objetivos distintos:

[...] o Cotton-4 vai se desdobrar em outros projetos com formatos vários. Não vai ter uma fase 3 do projeto Cotton-4, porque cada país, por exemplo Mali, nós estamos desenhando um projeto lá em Sotuba, nós construímos um laboratório de produção de parasitas que é usada para controle biológico de pragas de algodão, então nós estamos transformando esse laboratório de Sotuba em um centro regional para produção desses parasitas para os países do Cotton-4, então é um desdobramento do Cotton-4. [...] No Benin, por exemplo, nós estamos reformando, por causa da pandemia nós tivemos que parar, mas vai ter um centro de referência de classificação de fibras de algodão no Benin, ele vai ser um centro de referência para toda África, no oeste, então vai ser um desdobramento do Cotton-4. O Chade vai se tornar um centro de referência na produção de plantas flageiras que a gente introduziu no Cotton-4 para fazer plantio direto, é uma tecnologia que a gente introduziu no projeto. O Togo, tem também a sua especificidade, nós vamos criar um corredor de plantas flageiras para pastagem para reduzir os conflitos entre os agricultores e os pecuaristas, porque lá como não existe cerca, os criadores de gado andam com o gado comendo tudo pela frente, e aí quando chega na lavoura é uma trabalhadeira. Então cada um dos países vai seguindo uma outra linha (CAIXETA, 2021. Informação Verbal).

2.3. Migrações Sul-Sul no Século XXI e as respostas governamentais

O objetivo desta seção é tratar das migrações Sul-Sul no Brasil durante o início deste Século XXI, além de apontar algumas explicações sobre o contexto global em que elas se inserem e como se estabelecem. Também demonstraremos como o Brasil se insere nesse novo cenário internacional como um país receptor dos novos fluxos migratórios deste terceiro milênio, em especial provindo de outros países do Sul global.

Após o final da Guerra-Fria, inicia-se a transição de um mundo polarizado para um sistema multilateral, globalizado. Surge nesse período uma nova ordem internacional, a partir da qual se gerou um intenso, conhecido e generalizado debate em suas expressões, consequências e perspectivas. Essa nova ordem esconde uma realidade política e econômica fragmentada e imprevisível, e é resultado de um longo processo histórico que aparece como uma extensão e aprofundamento sem precedentes de múltiplos vínculos e interconexões entre Estados e sociedades. A desterritorialização e reterritorialização da política e da economia e da cultura são aspectos destacados por Martinez Pizarro e, por esses aspectos, a globalização influencia os fluxos migratórios (MARTINES PIZARRO, 1998 e 2000).

É inevitável considerar que a globalização é um conjunto de processos complexos que a situa como um fenômeno de influência decisiva na percepção e evolução da migração internacional, se for aceito que se trata de um processo social com múltiplas dimensões. A revolução tecnológica, a dispersão espacial da produção, a liberdade de mobilidade do capital, as modalidades de investimento direto estrangeiro, a dinâmica do emprego, a relativo enfraquecimento do papel dos Estados e a redução do seu espaço de autonomia, a desterritorialização e reterritorialização, entre outras, constituem referências obrigatórias para a exame do cenário internacional no início do século XXI. Os termos transnacionalização, transculturação e transterritorialização parecem resumir as principais transformações trazidas pela globalização (MARTINEZ PIZARRO, 2000).

Como reflexo desse novo modelo sistêmico trazido pela globalização, os deslocamentos humanos passaram a se voltar cada vez mais aos países industrializados do Norte global, como os Estados Unidos, países da Europa, Austrália e Japão. As migrações entre os eixos Sul e Norte do globo começam a refletir ainda mais nitidamente a avassaladora desigualdade entre os dois hemisférios. Com isso, os migrantes do Sul começam a se direcionar cada vez mais ao Norte em busca de melhores condições de vida (GOES, OLIVEIRA E PEIXOTO, 2017).

O fenômeno gerou a ideia de que a economia passaria a ser global e sem limites de fronteira para estados e para pessoas. Entretanto, alguns autores apontam que o aspecto mais notório desse novo fenômeno foi o crescente predomínio dos processos financeiros e econômicos globais sobre os nacionais e locais. Se por um lado a globalização pode ser vista como um avanço em alguns aspectos, por outro ela é apontada por alguns autores como um fenômeno inacabado e parcial. George Martine (2005) observa que a globalização não foi concluída e relaciona o fenômeno à pobreza e ao destacamento das desigualdades, que afetam diretamente as migrações.

O autor ressalta ainda que houve a generalização do livre comércio, além do crescimento do número e do tamanho das empresas transnacionais que funcionam como sistemas de produção integrados. Ao mesmo tempo, segundo o autor, a globalização aumenta o fluxo de informações a respeito das oportunidades ou dos padrões de vida “existentes ou imaginados” nos países industrializados. Esses

aspectos suscitam uma vontade cada vez maior de migrar e de aproveitar as oportunidades e as comodidades que aparentemente estão sendo criadas em outros países. O autor faz ainda uma crítica e diz que: “as regras do jogo da globalização não se aplicam à migração internacional: enquanto o capital financeiro e o comércio fluem livremente, a mão-de-obra se move a conta-gotas. (MARTINE, 2005).

“(…) a globalização é parcial e inacabada, e isso afeta as migrações de várias maneiras. O dinamismo e a força principal da globalização residem na integração econômica, forjada, imposta e gerenciada pelas regras do liberalismo. Essas regras, porém, são seguidas seletivamente pelos próprios países que as promovem. O resultado é que a globalização apresenta dificuldades e morosidades no cumprimento de suas promessas. Muitos países crescem pouco ou nada e, enquanto isso, as disparidades entre ricos e pobres aumentam. Tais desigualdades contribuem para aumentar o desejo, e até mesmo a necessidade, de migrar para outros países. Entretanto, as regras do jogo da globalização não se aplicam à migração internacional: enquanto o capital financeiro e o comércio fluem livremente, a mão-de-obra se move a conta-gotas” (MARTINE, 2005, p. 8).

López-Cifuentes (2008), também observa que a economia se tornou mundial e com isso as fronteiras se apagaram para o capital especulativo. Entretanto, as fronteiras não se apagaram não para os seres humanos. Desta forma, uma das lacunas do fenômeno são os crescentes segmentos da população que se tornaram marginalizados e excluídos do bem-estar material. Como resultado desse processo, emergem fluxos massivos de migrações forçadas, nos quais milhões de indivíduos buscam fugir não mais de perseguições políticas individuais, mas predominantemente da fome, da miséria e de conflitos armados. Lopez-Cifuentes ressalta que para esses milhões de migrantes e refugiados, as fronteiras não desapareceram. Pelo contrário, para eles, os muros estão cada vez mais altos, principalmente as muralhas das nações mais influentes e responsáveis pelo processo de exclusão daqueles que buscam seus territórios para viver e trabalhar (LÓPEZ-CIFUENTES, 2008).

Essas mudanças e os muros mais altos passaram a exigir um olhar mais atento para as migrações de modo que se possa observar como elas se reconfiguram diante dessa nova realidade. Para Stephen Castles, as migrações internacionais constituem um importante fator dessa transformação social no mundo contemporâneo. São as transformações econômicas, demográficas, políticas e sociais que ocorrem no seio de uma dada sociedade que fazem com que as pessoas migrem. Por sua vez, estas migrações ajudam a produzir novas mudanças, tanto no país de origem, como no de acolhimento (CASTLES, 2005).

Outros estudiosos do tema também apontam preocupações semelhantes. Patarra (2006) diz que as novas modalidades migratórias no cenário da globalização sugerem a importância de reavaliar os paradigmas vigentes para o entendimento das migrações internacionais no mundo. A incorporação de novas dimensões explicativas torna-se imprescindível, assim como a necessidade de rever a própria definição de migração, no âmbito nacional e internacional (BÓGUS E FABIANO, 2015).

O avanço desse sistema globalizado se estendeu durante o início do século XXI e as mudanças nos fluxos migratórios internacionais neste novo milênio. Assim, os países do hemisfério sul, tradicionalmente reconhecidos como origem das migrações para o Norte, passam a ser também receptores de novos fluxos vindos do próprio Sul global. Os percursos das migrações transnacionais se tornam cada vez mais longos e mais intensos. Ao mesmo passo que os fluxos migratórios se intensificam, aumentam as restrições impostas pelos países do Norte à entrada e permanência de migrantes internacionais. Como aponta Rosana Baeninger, as migrações Sul-Sul se consolidam nesse contexto de reconfiguração das migrações e seus destinos:

[...] As migrações Sul-Sul se consolidam no bojo do processo mais amplo das migrações Transnacionais, da divisão internacional do trabalho, da modalidade do capital. Refletem e (re) configuram condicionantes que ocorrem fora das fronteiras nacionais, com impactos na conformação no âmbito de cada país [...] (BAENINGER 2018, p. 13).

Em crítica ao fenômeno, Otávio Ianni destaca que a Globalização do mundo expressa um novo ciclo de expansão do Capitalismo, como o modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial.

“Um processo de amplas proporções, envolvendo nações, nacionalidades, regimes políticos e projetos nacionais, grupos e classes sociais, economias e sociedades, culturas e civilizações. Assinala a emergência global como uma totalidade abrangente, complexa e contraditória” (IANNI, 2010, p. 1).

Para Saskia Sassen, as transformações trazidas pela globalização reconfiguram e descentralizam parcialmente a distribuição da rede que forma as cidades globais. Sassen define as cidades globais como locais onde a economia global, em grande parte, é organizada, mantida e financiada. Os processos globais não precisam atravessar as hierarquias de estados nacionais eles podem se articular diretamente com certos tipos de localidades e atores locais. Essa descentralização passa a incluir a cidade do Sul nesse eixo de centralidade.

“À medida que a economia global se expandiu, nas duas últimas décadas, assistimos à formação de uma rede crescente de cidades globais, hoje somando cerca de 40, pelas quais a riqueza econômica e os processos nacionais se articulam com uma proliferação de circuitos globais de capital, investimento e comércio. Essa rede de cidades constitui um espaço de poder que contém capacidade necessária para as operações globais de empresas e mercados. Ela atravessa parcialmente a velha divisão Norte-Sul e constitui uma geografia de centralidade, que atualmente também incorpora as principais cidades do sul Global, ainda que a hierarquia dessa geografia de centralidade seja bastante nítida” (SASSEN, 2010, p. 24).

Paralelamente ao fortalecimento do fenômeno da Globalização, os atentados de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, também marcaram o sistema internacional, transformaram o mundo e contribuíram para que a situação dos excluídos globais se tornasse ainda mais difícil e talvez mais evidente. O medo do “outro”, particularmente se é “diferente”, tornou-se mais evidente. As políticas de asilo, exacerbadas por considerações de segurança e crescentes controles migratórios, tornaram-se cada vez mais rígidas (LOPEZ-CIFUENTES, 2008).

Conforme aponta Lopes-Cifuentes, episódios mais recentes revelam as consequências das transformações na ordem mundial. Entre elas estão as constantes mortes de vítimas do tráfico de pessoas em alto mar, que chegam em condições fragilizadas ao país de destino e, mesmo assim, muitas vezes são recusadas e impedidas de ingressar em seu território. As fronteiras para aqueles que buscam melhores oportunidades econômicas ou proteção para continuar vivo estão cada vez mais altas (LOPES-CIFUENTES, 2008).

O Início da década de 2010 foi marcado pelo fortalecimento e pela difusão do fenômeno chamado da Primavera Árabe. A desestabilização política e econômica acarretou no aumento significativo do fluxo de migrantes partindo da África e do Oriente Médio em direção aos países do mediterrâneo como porta de entrada para os países Europeus (VISENTINI, 2013). A grande maioria viria a se tornar solicitante de refúgio. À medida em que esse fluxo foi aumentando, as medidas restritivas a entradas de migrantes documentados ou não-documentados também crescem. Os países europeus endureceram regras de aceitação, fecharam fronteiras, o que resultou na busca de diversos caminhos alternativos - e muito menos seguros - para se chegar ao velho continente, o que provocou a morte de milhares de pessoas, entre elas crianças. Com o fechamento das fronteiras no Norte, os migrantes passam a procurar outros países possíveis para migrar. Os países do Sul despontam como uma opção para

novos fluxos migratórios. É nesse contexto global que as migrações de sul para sul se consolidam, e é também neste período que o Brasil passa a ser uma opção possível para estes novos fluxos migratórios.

2.4. O Brasil como destino das migrações Sul-Sul

Paralelamente à consolidação da globalização no início deste terceiro milênio, o Brasil elege Luís Inácio Lula da Silva, presidente que propôs um programa de governo voltado para a inclusão social, com abertura ao diálogo com a sociedade e que daria especial atenção à questão migratória. Duval Fernandes (2015) destaca que durante a crise econômica mundial em 2008, o país estava em plena efervescência, via investimentos privados e governamentais na área da construção civil pesada e prospecção de petróleo. Como vimos na seção anterior, foi nesse período que o Brasil fortaleceu as suas relações com os países do continente Africano. Ao mesmo tempo, a política de transferência de renda e inserção laboral de uma parcela da população que se encontrava marginalizada contribuiu para a criação de um considerável mercado interno que ampliou o poder de compra da população e da ascensão social de milhões de brasileiros. Essa situação permitiu que o impacto da crise econômica mundial fosse pouco sentido e que, nos anos seguintes, as taxas de crescimento do PIB levassem o país a ocupar um lugar de destaque no cenário da economia mundial (FERNANDES, 2015).

Também no início século XXI, o Brasil aumenta o seu potencial atrativo para as migrações internacionais, sobretudo para outros países da América Latina (Haiti e Bolívia), do Oriente Médio (Síria) e da África (Angola, Nigéria e Congo, etc.). Diante desse cenário, o governo brasileiro passou a adotar medidas específicas e pontuais, voltadas para as nacionalidades que passou a receber.

Em meados de 2013, o Brasil ainda estava marcado por certa dose de ufanismo e pairava no ar um ambiente de otimismo, conforme apontam alguns autores. Duval Fernandes (2015) ressalta que, àquela época, alguns resultados econômicos e de desenvolvimento do país haviam sido positivos, mas aponta também para uma excessiva ênfase no projeto de desenvolvimento baseado na exportação de commodities. O brasileiro se tornou um turista internacional; a propalada emergência de uma nova “classe média” que ascendeu de grupos da população menos favorecida,

a fúria consumista que se alastrava e a proximidade da Copa das Confederações em 2013, da Copa do Mundo em 2014 e das Olimpíadas em 2016, levavam a esse ambiente de otimismo e orgulho (FERNANDES, 2015).

O governo brasileiro optou por uma estratégia de adotar medidas específicas para os Sírios, que passaram a chegar em maior número em 2013, com o recrudescimento da guerra na Síria. Naquele ano foram registradas 254 solicitações de refúgio de sírios¹², de acordo com dados do CONARE. Apesar do número representar aumento se comparado aos anos anteriores, precisamos observar que o volume de sírios que vieram para o Brasil é baixo se comparado à quantidade de pessoas que se direcionaram a outros países. Dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) mostram 2,47 milhões de sírios em deslocamento forçado em todo o mundo. Ainda no mesmo ano, foi finalizada a primeira fase do Cotton-4 e definida a extensão para a segunda fase quem incluiu o Togo. No ano seguinte, foi criada pelo Comitê Nacional para os Refugiados a Resolução 17/2013, que concede visto humanitário aos sírios, que foi renovada por mais dois anos com a Resolução 20/2015. A experiência brasileira no acolhimento de migrantes sírios e haitianos, demonstraram que embora haja uma facilitação para a entrada e permanência de migrantes, o Brasil ainda precisa de políticas específicas de acolhimento e integração dessas pessoas.

Patarra e Baeninger (1995) e Baeninger (2008), também destacaram que o fortalecimento da influência econômica e política do Brasil nas últimas décadas, ampliou o seu potencial atrativo para os migrantes internacionais, sobretudo entre os países da América Latina. O aumento das solicitações de refúgio entre 2010 e 2013, dão uma ideia sobre o maior interesse pelo Brasil no início da segunda década do século XXI. De acordo com dados do Comitê Nacional para os Refugiados, órgão vinculado ao Ministério da Justiça, o número de solicitações de refúgio cresceu na ordem de 800% em quatro anos, saltando de 566, em 2010, para 5256 no ano de 2013. Os principais países de origem dos solicitantes de refúgio em 2013 foram,

¹² Disponível em:

https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/OBMigra_2021/MICRODADOS/CONARE/CONARE_div.csv

Bangladesh, seguido de Senegal, Líbano, Síria e República Democrática do Congo. Ou seja, 3 dos entre os cinco principais de origem eram do hemisfério Sul.

As parcerias e investimentos e acordos entre países do continente africano e o Brasil, no contexto da globalização estavam orientados, sobretudo na luta contra a pobreza, a desigualdade e exclusão, ao desenvolvimento sustentável e ao estreitamento das relações políticas e econômicas como dimensão prioritária da cooperação (DESIDÉRIO, 2005).

Tomando-se como base o processo migratório africano para o Brasil que se forma a partir dessas políticas, busca-se analisar em três tempos: (i) as políticas de cooperação institucional para a educação superior de graduação e pós-graduação; (ii) os acordos de cooperação técnico, científico, social e cultural de transferência e intercâmbio em áreas diversas; (iii) a migração estudantil e os fluxos estimulados pelos Acordos de Cooperação, como uma reflexão. Como considerações finais, faz-se uma reflexão sobre a relevância dos acordos como fortificadores de laços econômicos e sociais, contudo, no que concerne às políticas de cidadania e bem-estar dos imigrantes africanos, ainda haveria muito por fazer (DESIDÉRIO 2005 p. 3).

Essa maior projeção do Brasil no exterior também é apontada por Maria Lúcia Bógus como uma das razões de o Brasil despontar como um destino para migrações internacionais. A autora alerta, contudo, para as dificuldades que migrantes e refugiados enfrentam no Brasil.

“A maior projeção do Brasil no exterior, aliada às crescentes restrições à entrada de imigrantes na Europa e nos Estados Unidos, provocou uma diversificação nos grupos de estrangeiros que têm optado por viver em terras brasileiras, além de atrair cada vez mais imigrantes de países vizinhos que fogem de crises econômicas e conflitos políticos. Observa-se também um aumento expressivo na chegada de imigrantes e refugiados de nacionalidades que tradicionalmente não migravam para o país. Os novos imigrantes têm enfrentado grandes dificuldades e certa desconfiança por parte dos brasileiros, principalmente aqueles oriundos de países em situação de conflitos, que são forçados a submeter-se ao trabalho precarizado e também ao preconceito de uma sociedade com forte herança escravista (BÓGUS E FABIANO 2015, p. 141).

É na situação de trabalho que a vida dos imigrantes se complica, a começar pela burocracia para obtenção dos documentos de permanência que, apesar das palavras do então presidente Lula, não resolveu seus problemas e suas

necessidades, tampouco os problemas de discriminação, exploração e ausência de direitos, que permaneceram intocados com a lei da anistia (FERNANDES, 2015).

Os desafios da governança das migrações internacionais, ressalta Mármora (2010), se expressam na necessidade de se incorporar dimensões e especificidades presentes nos diferentes fluxos migratórios e suas características, que se redesenham em comunidades imigrantes nos espaços da migração e da reprodução social de expressivos contingentes imigrantes.

Essa mudança no perfil das migrações e aumento dos fluxos migratórios para o Brasil, especialmente impulsionaram a formulação da Nova Lei de Migração, aprovada e sancionada no Brasil em 2017 (Lei 13.445 de 24 de maio de 2017)¹³. A nova legislação surge em substituição ao Estatuto do Estrangeiro, de 1980, que foi criado num período em que o país estava sob vigência do regime ditatorial e que se insere na lógica militar da “segurança nacional”. Sua criação representou um avanço notório do ponto de vista da legislação. Porém, a sua tramitação no congresso deixou evidente a inabilidade política do governo e de boa parte do congresso nacional para tratar sobre o tema. A aprovação aconteceu a partir da cobrança constante por parte da sociedade civil, especialmente das organizações de Direitos Humanos que acompanham a temática.

A nova lei de migração dá instrumentos para que os migrantes de diversas modalidades contemporâneas possam garantir seus direitos fundamentais. E mesmo com todos os percalços, vetos e regulação problemática, a nova lei de migração é melhor que o “vetusto” Estatuto do Estrangeiro (VEDOVATO, 2020). Um dos vetos concerne justamente o conceito do migrante, considerado pela Presidência da República como demasiado amplo. O resultado é que toda a lei se refere ao migrante sem dizer o que esse conceito significa (VENTURA E YUJRA, 2019).

Durante os primeiros anos da vigência da nova lei, inicia-se a fase de adaptação às mudanças na legislação brasileira. Entretanto, ressaltam Ventura e Yujra (2019), que ainda persistem algumas contradições entre as normas, além de uma fragmentação em diferentes regimes e percepções antagônicas entre os órgãos do Estado brasileiro no que diz respeito à interpretação e aplicação das novas normas.

¹³ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.html>.

Ainda assim, Lei de Migração tem se mostrado instrumento relevante para efetivação de direitos ao mesmo tempo que escancara a falta construção de políticas públicas voltadas para à imigração, ao refúgio, à pátria, apesar de determinação legal (BAENINGER, RAMOS, VEDOVATO, 2020).

Dentre os avanços trazidos pela nova legislação, destaca-se a junção dos direitos humanos à migração. Esse ponto é colocado em posição privilegiada no início do texto normativo, que determina que a política migratória brasileira seja guiada pelos princípios da universalidade, da indivisibilidade e da interdependência dos direitos humanos. Entre os pontos reconhecidos como avanço por organizações de Direitos Humanos estão: a regularização migratória; concessão de visto humanitário; Políticas Públicas direcionadas, conforme previsto no Artigo 3º.

Art. 3º A política migratória brasileira rege-se pelos seguintes princípios e diretrizes:

- I - universalidade, indivisibilidade e interdependência dos direitos humanos;
- II - repúdio e prevenção à xenofobia, ao racismo e a quaisquer formas de discriminação;
- III - não criminalização da migração;
- IV - não discriminação em razão dos critérios ou dos procedimentos pelos quais a pessoa foi admitida em território nacional;
- V - promoção de entrada regular e de regularização documental;
- VI - acolhida humanitária;
- VII - desenvolvimento econômico, turístico, social, cultural, esportivo, científico e tecnológico do Brasil;
- VIII - garantia do direito à reunião familiar;
- IX - igualdade de tratamento e de oportunidade ao migrante e a seus familiares;
- X - inclusão social, laboral e produtiva do migrante por meio de políticas públicas;
- XI - acesso igualitário e livre do migrante a serviços, programas e benefícios sociais, bens públicos, educação, assistência jurídica integral pública, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social;
- XII - promoção e difusão de direitos, liberdades, garantias e obrigações do migrante;
- XIII - diálogo social na formulação, na execução e na avaliação de políticas migratórias e promoção da participação cidadã do migrante;
- XIV - fortalecimento da integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, mediante constituição de espaços de cidadania e de livre circulação de pessoas;

- XV - cooperação internacional com Estados de origem, de trânsito e de destino de movimentos migratórios, a fim de garantir efetiva proteção aos direitos humanos do migrante;
- XVI - integração e desenvolvimento das regiões de fronteira e articulação de políticas públicas regionais capazes de garantir efetividade aos direitos do residente fronteiriço;
- XVII - proteção integral e atenção ao superior interesse da criança e do adolescente migrante;
- XVIII - observância ao disposto em tratado;
- XIX - proteção ao brasileiro no exterior;
- XX - migração e desenvolvimento humano no local de origem, como direitos inalienáveis de todas as pessoas;
- XXI - promoção do reconhecimento acadêmico e do exercício profissional no Brasil, nos termos da lei; e
- XXII - repúdio a práticas de expulsão ou de deportação coletivas. (BRASIL, 2017)

Com essa disposição, a Nova Lei se alinha claramente com a Constituição Federal de 1988. Enfrenta-se a partir da existência de sua existência o desafio de que seja cumprida:

(...) A Nova Lei de Migração inaugura no Brasil o Direito Migratório, tendo em vista que amplia as formas de regulação da situação migratória do migrante sem ter que se retirar do território nacional. Trazendo dispositivos que permitem o debate da permanência do migrante no Brasil. Além de garantir que o migrante tenha o direito a autorização de residência nos casos de ser encontrado em situação análoga a de trabalho escravo, tráfico de pessoas, e diminuição dos direitos trabalhistas por conta da migração (VEDOVATO, 2020, p. 712).

Diante dessa nova perspectiva, o Estado brasileiro assume (ou deveria assumir) lugar de destaque nas migrações internacionais no Brasil no Século XXI, quer seja pela regulamentação da nova Lei de Migração quer seja por sua posição geopolítica, reorganizando internamente a presença migratória no território nacional (BAENINGER, 2020). Porém, os avanços obtidos na temática migratória no Brasil se devem muito mais à atuação dos migrantes que às ações governamentais (REIS, 2011).

Apesar da corrente vigência da Lei da Migração, o trabalho de acolhida, de assistência e integração dos migrantes permanece, na maioria dos casos, sendo feito pelas entidades assistenciais da sociedade civil, grande parte delas ligadas e à Igreja

Católica a exemplo do trabalho do Instituto de Migrações e Direitos humanos (IMDH), da Cáritas Diocesana e Casa do Migrante da Missão Paz, entre outros. Fernandes (2015) ressalta que essas instituições também atuam intensamente na cobrança do Poder Público para a criação de ações mais contundentes na governança dos fluxos migratórios. Martinez Pizarro (2000) destaca a importância da participação da sociedade civil no debate sobre as questões migratórias. Para o autor, é indiscutível que o papel estratégico desempenhado pelas diversas organizações no campo das questões migratórias é relevante e demanda sua inclusão na agenda de discussão e cooperação internacional.

Baeninger (2020) argumenta que o desafio atualmente se coloca, portanto, no acolhimento fragmentado e desigual resultante de uma política institucional de reorganização da população imigrante no espaço, onde cabem às instituições domésticas os desafios de inserção social dessas populações imigrantes na sociedade brasileira. Atualmente, ressalta a autora, é preciso incluir a perspectiva das migrações Sul-Sul, como o crescente fechamento e restrições à entrada de imigrantes latino-americanos nos Estados Unidos e na Europa. É nessa perspectiva Sul-Sul, portanto, que as migrações internacionais no Brasil devem ser contextualizadas. O Brasil se tornou o país possível e não o país desejado; possível, em especial, pela imigração indocumentada através da Lei de Migração (BAENINGER, 2020).

Martinez Pizarro (2000) argumenta que a proteção efetiva dos migrantes, a assistência comunitária, a autocriação de políticas migratórias, as relações multilaterais e as relações com os Estados, entre outras questões, constituem elementos incontornáveis da agenda do século XXI. Para ele, o papel estratégico desempenhado pelas diversas organizações civis hemisféricas, regionais e nacionais no campo das questões migratórias é claramente relevante e demanda sua consideração nos espaços de discussão e cooperação internacional. O autor observa também que há uma maior preocupação da comunidade internacional e dos estados no que diz respeito às migrações e destaca diversas discussões e a elaboração de planos intergovernamentais ou interinstitucionais¹⁴ que vêm sendo realizados sobre o

¹⁴ Martinez Pizarro aponta em seu artigo la Migracion Internacional en la era la Globalización as conferências:

- Conferência Mundial de População (Bucarest, Romênia 1974);
- Conferência Internacional de População (Ciudad de México, 1984);
- Conferência Internacional da População e Desenvolvimento– CIPD (Cairo, Egito 1994);

tema ao longo das últimas décadas, como a Declaração de Lima. Do ponto de vista quantitativo, observa Martinez Pizarro (2000), o número de governos que manifestaram interesse pela migração internacional e que declaram implementar políticas nesse sentido teve notável aumento nos últimos anos.

Sayad (1998) fez um alerta que podemos aplicar à realidade do deste século XXI, em que fala sobre a necessidade das leis e regulamentações estarem adaptadas às mudanças do contexto nas quais estão inseridas.

[...] imigração e imigrantes só têm sentido e razão de ser se o quadro duplo erigido com o fim de contabilizar os "custos" e os "lucros" apresentar um saldo positivo - idealmente, a imigração deveria comportar apenas "vantagens" (principalmente as vantagens econômicas) da imigração reduzindo ao mesmo tempo ao mínimo o "custo" (notadamente o custo social e cultural) que a presença dos imigrantes impõe? Esta é uma formulação que, ao mesmo tempo que condena em si toda a história do fenômeno da imigração, , revela função objetiva (ou seja, secreta) da regulamentação aplicada aos imigrantes: mudando segundo as circunstâncias, segundo as populações relativas, essa regulamentação visa impor a todos a definição constituída em função das necessidades do momento (SAYAD, 1998, p. 50).

A presença do Hemisfério Sul como ator social no processo do Pacto Global¹⁵ e dos objetivos do milênio implica na não hierarquia na conceitualização das migrações/seguras/ordenadas/regulares. O Sul não é só emissor de emigrantes, visão calcada na perspectiva do Norte: é preciso enfatizar que sua posição geopolítica traz novos contornos aos fluxos de migrantes e refugiados nesses países. Nesse contexto, é decisiva a posição dos países da região latino-americana, bem como a posição brasileira no Pacto Global. A promoção do Sul como ator fundamental do Pacto Global desloca a gramática do debate promovido pelos países do Norte, reforçando um outro olhar para o fenômeno (BAENINGER, 2017 p. 21).

Ao discutir o tema da migração internacional dentro do contexto da globalização, deparamos de imediato com o fato de que existe uma discrepância entre

- Plan de Acción Regional sobre Población y Desarrollo en consulta y colaboración con los países miembros de la CEPAL;
 - Conferencia Regional sobre Migración (Puebla, México, 1996);
 - Encontro Sulamericano sobre Migrações, Integração e Desenvolvimento, (Lima, Peru, 1999). Durante o encontro, dez governos sul-americanos assinaram a Declaração de Lima;
 - Simpósio Técnico sobre Migração Internacional e Desenvolvimento, La Haya, 1998. (PIZARRO, p.18).
¹⁵NACIONES UNIDAS. Objetivos de desarrollo del Milenio. Informe de 2005. New York, 2005. Versão em Espanhol. Disponível em: <<https://mdgs.un.org/unsd/mdg/Resources/Static/Products/Progress2013/Spanish2013.pdf>>. Acesso em 20 jan. de 2022.

o discurso e a prática liberal. Essa inconsistência é um empecilho enorme para a idealização de políticas e ações migratórias que sejam condizentes com a promoção do desenvolvimento e a redução da pobreza (MARTINE 2005, p.5).

Apesar do aumento significativo nos fluxos migratórios para o Brasil, sobretudo os provindos do eixo Sul-Sul, cabe destacar que o país ainda não recebe uma quantidade expressiva de estrangeiros, se comparado a países da Europa e Estados Unidos. Mas o crescente contingente de imigrantes e refugiados em direção ao país nos últimos anos, requer maior atenção tanto das autoridades como de toda a sociedade brasileira.

Para Patarra, a migração internacional deve tornar-se parte integrante de estratégias nacionais, regionais e global de crescimento econômico, tanto nos países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento. Embora afirmando respeito ao direito soberano de cada país sobre quem entra e quem sai de seu território (PATARRA, 2009).

Conforme alerta Castles, as migrações internacionais constituem um importante fator de mudança social no mundo contemporâneo. São as transformações econômicas, demográficas, políticas e sociais que ocorrem no seio de uma dada sociedade que fazem com que as pessoas migrem. Por sua vez, estas migrações ajudam a produzir novas mudanças, tanto no país de origem, como no de acolhimento (CASTLES, 2005). Outros autores como Patarra (2009), também alertam a necessidade de se pensar nas migrações internacionais como parte de um contexto social mais amplo.

[...] a migração internacional deve tornar-se parte integrante de estratégias nacionais, regionais e global de crescimento econômico, tanto nos países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento. Embora afirmando respeito ao direito soberano de cada país sobre quem entra e quem sai de seu território, estimula medidas de cooperação e proteção de migrantes irregulares, facilitando o retorno de seus cidadãos. (PATARRA, 2009, p.196).

2.5. Teoria das migrações: correlação entre cooperação internacional e migrações

Esta seção tem como objetivo buscar algumas reflexões nos estudos teóricos sobre migrações e no que diz respeito à hipótese levantada por este estudo: de que os arranjos cooperativos podem se refletir nos fluxos migratórios. O desafio aqui é

explicar o fenômeno migração e seus diferentes aspectos, porém, a migração é difícil consenso devido a sua multiplicidade de causas, de consequências e de diferentes enfoques. O próprio conceito das migrações tem variado com o surgimento de novas demandas ao longo do tempo, a exemplo do contexto da globalização que trouxe inúmeras transformações. Nos ateremos aqui a apresentar elementos teóricos e algumas correlações que possam nos dar subsídios para sustentar a hipótese apresentada.

Os estudos sobre migração internacional se estabelecem durante a revolução industrial na Inglaterra do Século XIX, quando Ernest Ravenstein escreve em 1885 *A Lei das Migrações*, tendo em mãos os resultados censitários de 1871 e de 1881 de fluxos migratórios para a Inglaterra, Escócia e Irlanda. O autor está na base de todos os modelos modernos de atração e repulsão - ou, na sua denominação mais popular, os modelos de *Push-Pull*. O trabalho se tornará o primeiro “clássico” da teoria das migrações (RAVENSTEIN, 1885, PEIXOTO, 2004).

A industrialização da economia internacional provocou uma grande transformação social e econômica no mundo. O modelo de sociedade capitalista se consolidou pelo planeta com a divisão do trabalho e do capital. Com essas transformações, os determinantes de atração e dispersão de Ravenstein passaram a ser insuficientes pois não conseguiam abarcar alguns novos fenômenos migratórios que envolvem outros fatores que deveriam ser considerados como influenciadores dos deslocamentos. Alguns pesquisadores contemporâneos argumentam que uma leitura estrita de razões econômicas e materiais levam a uma análise micro dos fenômenos migratórios.

A permanência deste tipo de argumentos nos atuais modelos de *Push-Pull* é notória. A existência de fatores que levam a uma rejeição da região de origem - fatores de ordem econômica, social ou política - e outros que promovem o apelo da região de destino é determinante. Entre estes (como admitia Ravenstein e confirmam numerosos estudos empíricos), os motivos “materiais” ocupam um lugar preponderante: condições atuais e potenciais de emprego e níveis de rendimento. Em síntese, a explicação das migrações indica-nos que os indivíduos apenas se movem quando os custos do movimento são inferiores aos benefícios esperados (PEIXOTO, 2004).

Outros autores clássicos como Malthus, Marx, Durkheim e Weber também apontam que a migração é consequência do processo de desenvolvimento do capitalismo, assim como os processos de industrialização e urbanização. Esta análise envolvia o declínio das comunidades rurais e a criação de culturas heterogêneas. O Novo Mundo possibilita um espaço para as migrações temporárias para fugir do ciclo de pobreza e miséria. Este pensamento deriva de sua concepção de que a população crescia em ordem geométrica, enquanto a capacidade de gerar tecnologias crescia em ordem aritmética (SASAKI, 2000). Entretanto, sociólogos foram levados a colocar a migração como uma questão a ser observada em razão da crescente mobilidade populacional da Europa para os Estados Unidos.

As duas grandes guerras no início do século XX, que provocaram o deslocamento forçado de milhões de pessoas, podem ser consideradas um marco histórico nos estudos migratórios. A partir do fim da Segunda Guerra Mundial, as migrações laborais ou forçadas aumentaram e sofreram mudanças nas suas características. Como resposta às crises humanitárias da época, foi criada a Liga das Nações e posteriormente a Organização das Nações Unidas, em 1945. A Declaração Universal dos Direitos Humanos surge como um desdobramento na institucionalização do tema, o que propicia a cooperação internacional e um novo olhar para a questão migratória e para os deslocamentos forçados, assim como a criação de normas que englobam os direitos fundamentais de todo e qualquer indivíduo (SASAKI 2000, SAYAD 1998).

Everett Lee (1960) faz uma crítica aos estudos sobre atração e repulsão feitos até aquela época. Em seu principal trabalho, *A Teoria da Migração*, Lee faz referência direta ao trabalho de Ravenstein e diz que o autor contemplava as leis, mas essas não eram suficientes para explicar os fatores que levam os indivíduos a migrar e permanecer ou não como migrantes. O modelo de *Push and Pull* estudado por Lee demonstra fatores que entram na decisão de migrar e no processo de migração podem ser resumidos em quatro: fatores associados à área de origem; fatores associados à área de destino; obstáculos intermediários e fatores pessoais (LEE, 1960, p. 49). Lee complementa que:

Embora tenha havido literalmente milhares de estudos de migração nesse meio tempo, poucas generalizações adicionais avançaram. Verdade, houve estudos de

idade e migração, sexo e migração, raça e migração, distância e migração, educação e migração, a força de trabalho e migração, e assim por diante; mas a maioria dos estudos que se concentraram nas características dos migrantes têm sido conduzidas com pouca referência ao volume de migração, e poucos estudos têm considerado as razões da migração ou a assimilação do migrante no destino” (LEE, 1960).

Os fatores de *Push and Pull* também são avaliados por Domenach e Picouet que argumentam que os conceitos de Atração e Repulsão estão relacionados a linha econômica capitalista de crescimento e definem algumas características aplicáveis ao modelo:

[...] Atração e Repulsão estão relacionadas a linha economia capitalista de crescimento:

- A circulação como resposta para a modernização
- A circulação em seu contexto social como referência
- A circulação como meio de maximização do bem-estar familiar sem contar riscos
- A circulação como resultado da penetração do capitalismo nas sociedades tradicionais

[...] Modalidade e território de classificação Geográfica:

- Migrações de cidades para cidades (de cidades secundárias para as grandes metrópoles. Hierarquização das cidades e a criação de novos bolsões de emprego).
- Migrações das cidades para o Campo, devido a aparição de espaços residenciais campestres
- Migrações do Campo para o Campo, provocadas pelo abandono de zonas de pobreza ou degradação até as regiões mais férteis. Ou para a colonização de novas terras. (DOMENACH E PICOUE, 1990, p. 52)

Para Peixoto (2004), os elementos que influenciam na decisão e no processo migratório são os fatores associados à área de origem, à área de destino, “obstáculos intervenientes” e fatores pessoais. Nos primeiros, encontram-se tanto motivos de ordem econômica como infraestruturas sociais, como escolas, por exemplo, ou ainda fatores climáticos. Nos “obstáculos intervenientes” contam-se a distância, os custos da deslocação, a dimensão da família ou leis migratórias, entre outros. Os fatores pessoais são os que fazem com que todas as decisões sejam individualmente

variáveis, como sejam a posição no ciclo de vida, os contatos e fontes de informação, ocorrências pessoais fortuitas, etc. (PEIXOTO, 2004).

Afinal, o que é um imigrante, questionou Sayad (1998). Segundo o autor, um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, neste caso, um pleonasma), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração) como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento (SAYAD, 1998).

Massey (1993) defende que não existe uma única teoria coerente da migração internacional, mas sim um conjunto de teorias que se desenvolveram em grande parte isoladas umas das outras, nem sempre, segmentadas por fronteiras disciplinares. De acordo com o autor, os padrões e tendências atuais da imigração, no entanto, sugerem que uma compreensão dos processos migratórios contemporâneos não será alcançada apenas com as ferramentas de uma disciplina, ou concentrando-se em um único nível de análise. Ao contrário, sua natureza complexa e multifacetada que requer uma sofisticada teoria que incorpora uma variedade de perspectivas, níveis e suposições (MASSEY, 1993).

Sayad (1998) observa que a condição do migrante impõe a todos a manutenção da “ilusão coletiva de um estado que não é nem provisório nem permanente”, mas que pode ser observado como um estado ora como provisório, ora como definitivo, com a condição de que esse definitivo jamais seja enunciado como tal. E se todos os atores envolvidos pela imigração acabam concordam com essa ilusão e é sem dúvida porque ela permite que cada um componha com as contradições próprias a posição que ocupa, e isso sem ter o sentimento de estar infringindo as categorias habituais (SAYAD, 1998).

Para Saskia Sassen o efeito de atração de imigrantes é direto, mas, também é indireto, agindo sobre as culturas locais e impulsionando o aparecimento de culturas migratórias, transgeracionais (SASSEN, 1988). A autora crítica pressupostos implícitos em vários estudos da migração, e demonstrou que embora seja inegável

que a pobreza, desemprego e superpopulação possibilitam as migrações, é também necessário identificar os processos que transformam essas condições, que levam à migração.

Massey, Arango, Kouaouci, Pellegrino e Taylor (1993) reúnem e sintetizam as principais teorias das migrações, A Teoria Macro da economia neoclássica, que entende que as migrações são causadas por diferenças geográficas na oferta e demanda de trabalho. Aqueles com grande uso de mão de obra em relação ao capital têm um salário de mercado de baixo equilíbrio, enquanto os países com uso limitado de trabalho em relação ao capital são caracterizados por um alto salário. Como resultado desse movimento, a oferta de trabalho diminui e os salários aumentam no país pobre em capital, enquanto a oferta de mão de obra aumenta e os salários caem no país rico em capital.

A Teoria Micro da Economia Neoclássica observa a migração como uma escolha individual, cujo atores racionais decidem migrar porque fazem um cálculo de custo-benefício que os leva a esperar um retorno líquido positivo, geralmente monetária, do deslocamento. Já a Teoria Institucional analisa o papel das instituições privadas e voluntárias que surgem para suprir a demanda criada pelo desequilíbrio entre o grande número de pessoas que buscam entrar em países ricos em capital e o limitado número de vistos de imigrantes que esses países normalmente oferecem. Esse desequilíbrio acaba, produzindo um mercado ilegal de migrações. Os autores também elencam a Teoria das Redes Sociais que analisa que as redes de migrantes são um conjunto de laços interpessoais que conectam migrantes, ex-migrantes e não migrantes nas áreas de origem e destino através de laços de parentesco, amizade e origem comunitária compartilhada. Conexões de rede constituem uma forma de capital social que as pessoas podem recorrer para obter acesso a emprego estrangeiro.

O transnacionalismo surge na década de 1990 como um novo campo analítico para compreensão dos novos fluxos migratórios. Glick-Schiller, Basch e Blanc-Szanton (1992) sugerem que este conceito foi formulado a partir de pesquisas com vários grupos de migrantes para os EUA (caribenhos, haitianos e filipinos). Realizando um breve histórico sobre os estudos de migração, as autoras afirmam que a palavra migrante evoca imagens de ruptura permanente, de abandono de velhos padrões e

também sobre a necessidade de considerar elementos como a pós-industrialização e pós-colonialismo (GLICK SCHILLER, et al 1992 e 1995).

A Globalização, após o fim da Guerra-Fria, pode ser vista como marco nos estudos migratórios. O fenômeno substitui uma ordem global bipolar por uma multipolar, multifacetada. Para Stephen Castles (1996 e 2008), a globalização criou o capital cultural e capacidade tecnológica necessárias para a migração. Para o autor, a Globalização significa uma mudança na organização espacial da forma e do formato mundial de espaços de lugares, para espaços de fluxos. A nova mobilidade e o comportamento transnacional se encaixam muito melhor que as regras de migrações dos estados. A globalização foi uma espécie de instrumento que proporcionou o fluxo de ideais que resultou no fluxo de pessoas (CASTLES, 1996 e 2008).

O Século XXI, ao contrário, é visto como uma era de fluidez e abertura, na qual as mudanças nos transportes, na tecnologia e na cultura estão tornando normal que as pessoas pensem além das fronteiras e as cruzem com frequência por muitos motivos. Os movimentos são para fins de estudo, ascensão profissional, casamento, aposentadoria ou estilo de vida estão assumindo maior importância, de modo que ideias antigas sobre migração parecem não ser mais relevantes (CASTLES, 2008). Os fluxos migratórios passam a ter a influência de novos atores a partir do processo de globalização. Entre eles os de caráter subnacional, como as cidades globais, e os supranacionais, como os mercados globais. Conforme explica Sassen (1998), com essas novas características, a dinâmica de reescalonamento atravessa o tamanho institucional e os limites institucionais do território produzidos pela formação dos estados nacionais.

[...] Esse reescalonamento não significa que as antigas hierarquias desapareceram, mas que novos processos de escalonamento emergem junto com os antigos e que eles podem muitas vezes prevalecer sobre estes. As antigas hierarquias escalares constituídas como parte do desenvolvimento do Estado-Nação continuam a operar, mas em um campo muito menos exclusivo do que num passado recente. Isso vale mesmo quando incluímos o poder hegemônico de alguns estados. (SASSEN, 1998, p. 25, tradução livre)

Entendemos que as migrações internacionais no início do século XXI precisam ser analisadas como resultado das interações entre macroestrutura e as microestruturas do sistema internacional.

A Globalização essencialmente significa fluxo através das fronteiras – fluxos de capital, de commodities, ideias e pessoas, observa Castles.

[...] Parte da mídia global idealiza imagens de estilos de vida do primeiro mundo nos vilarejos mais pobres. A comunicação eletrônica facilita a disseminação do conhecimento sobre as rotas migratórias e as oportunidades de trabalho. As viagens de longa distância ficaram mais baratas e mais acessíveis que no passado (CASTLES, 2006 p. 863).

Pesquisadores brasileiros também apontam a globalização como um processo que influenciaria no surgimento de novas formas de migrar. O fenômeno acelerou os processos produtivos do capitalismo, que impulsionaram a flexibilização da produção na nova ordem Global. SALES et al, (1994) argumentam que a atual tendência à globalização do mundo se expressa numa nova divisão internacional em que se estabeleceram laços de complementaridade e integração de processos produtivos, de mercado consumidor e de trabalho, com o apoio das inovações tecnológicas na produção, nos transportes e nas comunicações. Esse processo, segundo os autores, potencializou os recursos dos grandes capitais, em particular os recursos humanos, na medida em que podem dispor, em qualquer parte do mundo, não apenas de materiais e tecnologias, mas também de uma vasta reserva mundial de trabalho (SALES et al, 1994).

Fernández e Pizarro observam que a migração internacional recuperou importância das transformações econômicas regionais e globais, as mudanças demográficas, os desenvolvimentos tecnológicos nas comunicações e no transporte e, particularmente, com os processos de reorganização da produção, a nova dinâmica de acumulação em escala mundial e a conseqüente divisão internacional do trabalho. Seu incremento correspondeu ao surgimento de redes globais de riqueza, poder e imagens, e, de certo modo, à mesma lógica que vem determinando a descentralização e realocação de capitais dos países mais industrializados para as zonas periféricas, mais propícias para a expansão da produção e a conquista ampliada de novos mercados caracterizados pela abundância de mão de obra flexível e relativamente barata. O contexto da globalização e as políticas neoliberais propiciam um duplo sentido para a migração internacional (FERNÁNDEZ e MARTINEZ PIZARRO, 2015).

Martinez Pizarro faz um alerta sobre a necessidade de se observar as relações entre migração internacional e desenvolvimento. O autor defende que: no contexto da globalização e dos mecanismos de cooperação econômica regional, também foi acordada a necessidade de um quadro analítico para estudar os impactos da integração econômica sobre a migração internacional, especialmente por meio de sua inclusão como elemento específico em esquemas ou blocos de integração regional (MARTINEZ PIZARRO, 2005).

Nos parece importante considerar as possíveis correlações entre desenvolvimento, cooperação e a migração internacional. Desidério (2005) chama a atenção para o fato de que a promoção e efetivação desses acordos de cooperação é efetivamente um estímulo às trocas populacionais, em caráter temporário e, à circularidade de conhecimento, de interesses mútuos etc.

[...] Portanto, acordos de cooperação bilateral, além de fortalecer as relações diplomáticas também são importantes para os países receptores e emissores de pessoas, sobretudo. Nesse sentido, o compromisso deveria se ampliar às dimensões de políticas migratórias mais adequadas para esses cidadãos transmigrantes (DESIDÉRIO, 2005, p. 25).

As migrações internacionais constituem um importante fator de mudança social no mundo contemporâneo. São as transformações econômicas, demográficas, políticas e sociais que ocorrem no seio de uma dada sociedade que fazem com que as pessoas migrem. Por sua vez, estas migrações ajudam a produzir novas mudanças, tanto no país de origem, como no de acolhimento (CASTLES, 2005). Apesar disso, cada vez mais surgem medidas restritivas aos fluxos migratórios, normalmente adotadas por governos populistas conservadores, na tentativa de reduzir cada vez mais o número de migrantes em seus países.

O debate específico sobre migração e desenvolvimento evoluiu separadamente da teoria geral da migração. Assim, em razão de seu foco nos processos de migração ou seu foco nas sociedades receptoras de migrantes, as teorias gerais de migração pouco aportam sobre a natureza da migração (DE HASS, 2010). Impactos no desenvolvimento das sociedades de envio, sem falar na heterogeneidade de tais impactos. Precisamos, portanto, colocar o debate específico sobre a migração e desenvolvimento em uma perspectiva mais ampla da teoria social e da migração (Ibid.).

3. O FLUXO MIGRATÓRIO PROVENIENTE DO C-4

Neste capítulo da dissertação, em sua primeira seção, demonstraremos dados dos sistemas de registro de entrada de migrante dos países do C-4, por meio das estatísticas do Sistema Nacional de Registro (SINCRE) e do Sistema Nacional de Registro Migratório (SISMIGRA), levantados pelo Observatório das Migrações do Núcleo de Estudo das Populações (NEPO) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), tabulados para esta pesquisa. Na sequência, em sua segunda seção, apresentaremos dados de solicitações de refúgio registradas pelo Comitê Nacional para Refugiado (CONARE), órgão vinculado ao Ministério da Justiça.

3.1. Dados sobre o fluxo migratório dos países do Cotton-4

Os números absolutos de migrantes provenientes dos países do C-4, se comparados a fluxos de outros países como Síria, Haiti, Nigéria e mais recentemente da Venezuela, não possuem volume expressivo. Tampouco são relevantes se considerarmos a quantidade de migrantes e refugiados que existem atualmente no mundo. Entretanto, o objetivo da seção é observar evidências relacionadas à hipótese deste estudo. O que pudemos verificar é um aumento significativo no número de migrantes vindos do Benin, Burkina-Faso, Chade, Mali e Togo neste século.

Quadro 1: Migrantes por ano de chegada ao Brasil e país de origem (2000 - 2019)

Ano	Benin	Burkina-Faso	Chade	Mali	Togo
2000	2	1	0	1	0
2001	0	0	0	0	2
2002	1	1	1	0	0
2003	1	0	0	0	1
2004	2	2	1	0	3
2005	1	1	0	1	4
2006	3	0	2	3	3
2007	4	1	0	1	2
2008	7	2	2	0	4

Continua

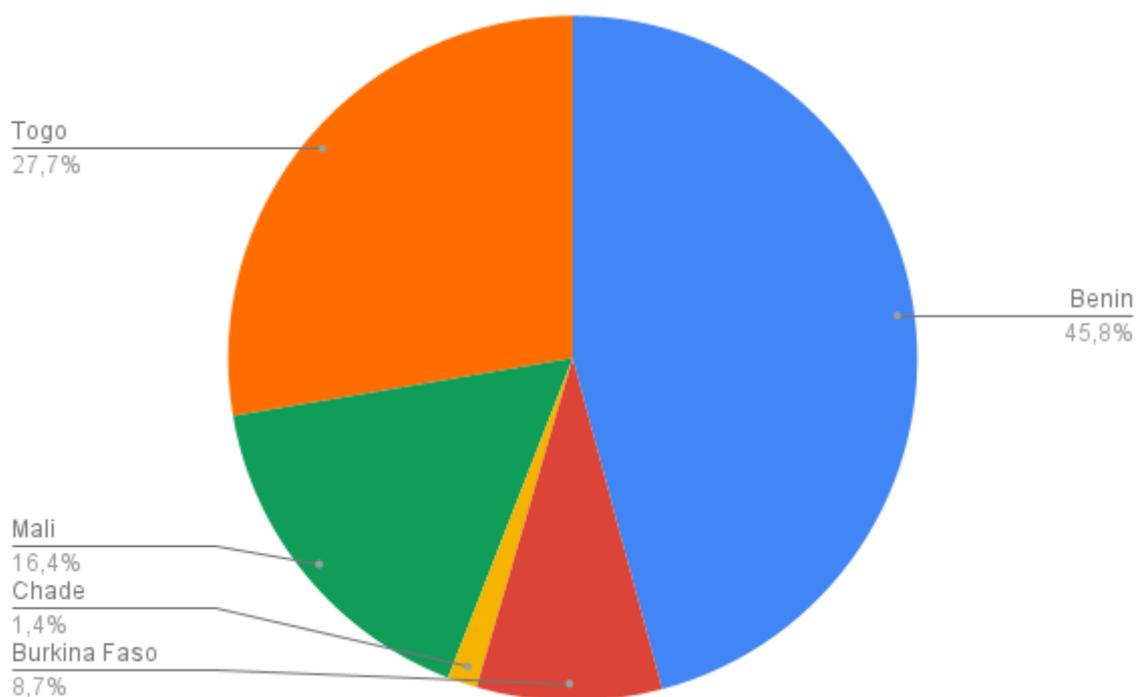
Conclusão

Ano	Benin	Burkina-Faso	Chade	Mali	Togo
2009	10	12	2	8	6
2010	6	4	1	1	5
2011	14	1	0	0	6
2012	57	4	1	4	16
2013	33	4	0	18	11
2014	101	12	5	80	14
2015	70	17	2	27	27
2016	87	8	2	9	38
2017	101	19	1	32	103
2018	80	11	0	20	73
2019	143	37	2	54	119
Total	723	137	22	259	437

Fonte: Sistema Nacional de Cadastros e Registros (SINCRE)/ Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), 2000 - 2019. Departamento da Polícia Federal - Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil/OBMigra. Tabulações Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

Nota: Essas informações podem ter discrepâncias em relação às estimativas divulgadas anteriormente pelo Observatório das Migrações em São Paulo, pois foram atualizadas com dados do SISMIGRA, disponíveis em <<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733-obmigra/dados/microdados/401205-sismigra>>. Acesso em jan. de 2020.

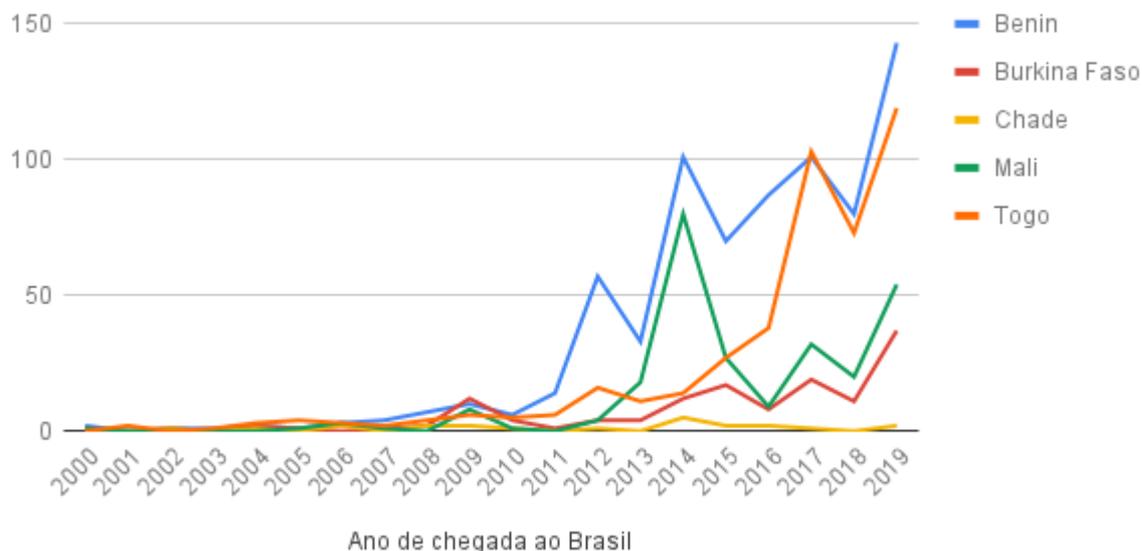
Gráfico 1: Distribuição em porcentagem de migrantes por país de origem (2000 - 2019)



Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre os cinco países do grupo, de acordo com o gráfico 1, Togo e Benin foram os países de origem que tiveram maior registro de migrantes no Brasil. Outro ponto a destacar é que os números aumentam paulatinamente a partir de 2008 e 2009. Observando somente os dados do Mali, podemos notar que, diferentemente dos demais membros do Cotton-4, o número de malineses aumentou mais em 2012 e 2014, sofrendo uma queda abrupta entre 2015 e 2016. Entendemos que essa oscilação brusca está relacionada ao fato que o presidente do Mali foi deposto do cargo em 2012, o que agravou a instabilidade política, social e econômica no país e resultou na expulsão de pessoas.

Gráfico 2: Migrantes por país de origem e data de chegada ao Brasil (2000 - 2019)



Fonte: Elaborado pela autora.

No que diz respeito ao perfil dos migrantes, independentemente do país de origem, o número de homens é maior que o de mulheres.

Quadro 2: Migrantes por país de origem, sexo e ano de chegada ao Brasil (2000 - 2019)

País de origem	Sexo	Registros
Benin	Feminino	167
	Masculino	556
	Total	723
Burkina-Faso	Feminino	25
	Masculino	112
	Total	137
Chade	Feminino	9
	Masculino	13
	Total	22
Mali	Feminino	26
	Masculino	223
	Total	259

Continua

Conclusão

País de origem	Sexo	Registros
Togo	Feminino	74
	Masculino	363
	Total	437

Fonte: Sistema Nacional de Cadastros e Registros (SINCRE)/ Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), 2000-2019. Departamento da Polícia Federal - Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil/OBMigra. Tabulações Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

Nota: Essas informações podem ter discrepâncias em relação às estimativas divulgadas anteriormente pelo Observatório das Migrações em São Paulo, pois foram com dados do SISMIGRA, disponíveis em <<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733-obmigra/dados/microdados/401205-sismigra>>. Acesso em jan. de 2020.

Os quadros a seguir demonstram que os migrantes chegados ao Brasil entre 2000 e 2019 valeram-se de diversas modalidades de movimentos migratórios, incluindo o refúgio, a modalidade estudantil, a migração qualificada, a migração não-qualificada, entre outras (BAENINGER, 2016). A modalidade estudantil está entre as primeiras ocupações dos migrantes provenientes de todos os países do Cotton-4 + Togo. Há também um grande volume de trabalhadores das atividades relacionadas à construção civil, como pedreiros, carpinteiros, por exemplo, além do significativo volume dos profissionais do comércio e de religiosos.

Quadro 3: As dez principais ocupações dos migrantes de Benin (2000 - 2019)

Ocupação	Número de migrantes	Porcentagem sobre o total de migrantes de Benin
Estudante	443	61,27%
Sem informação	101	13,97%
Atleta, esportista ou assemelhado	25	3,46%
Outra ocupação não classificada	19	2,63%
Sacerdote ou membro assemelhado de ordens ou seitas religiosas	15	2,07%
Sem ocupação	14	1,94%

Continua

Conclusão

Ocupação	Número de migrantes	Porcentagem sobre o total de migrantes de Benin
Vendedor ou empregado de casa comercial, comerciário, vendedor ambulante ou à domicílio, jornalista ou assemelhado	13	1,80%
Cozinheiro, mordomo, governanta, camareiro, garçom ou assemelhado	9	1,24%
Professor ou assemelhado	9	1,24%
Diretor, gerente ou proprietário	7	0,97%

Fonte: Sistema Nacional de Cadastros e Registros (SINCRE)/ Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), 2000-2019. Departamento da Polícia Federal - Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil/OBMigra. Tabulações Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

Nota: Essas informações podem ter discrepâncias em relação às estimativas divulgadas anteriormente pelo Observatório das Migrações em São Paulo, pois foram com dados do SISMIGRA, disponíveis em <<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733-obmigra/dados/microdados/401205-sismigra>>. Acesso em jan. de 2020.

Quadro 4: As dez principais ocupações dos migrantes de Burkina-Faso (2000 - 2019)

Ocupação	Número de migrantes	Porcentagem sobre o total de migrantes de Burkina-Faso
Outra ocupação não classificada	19	13,87%
Sem informação	19	13,87%
Estudante	18	13,14%
Sacerdote ou membro assemelhado de ordens ou seitas religiosas	12	8,76%
Vendedor ou empregado de casa comercial, comerciário, vendedor ambulante ou à domicílio, jornalista ou assemelhado	12	8,76%
Diretor, gerente ou proprietário	5	3,65%
Menor (criança, não estudante)	5	3,65%

Continua

Conclusão

Ocupação	Número de migrantes	Porcentagem sobre o total de migrantes de Burkina-Faso
Pedreiro, servente, ladrilheiro, gesseiro, vidraceiro ou assemelhado a outro trabalhador da construção civil, não classificado sob outra denominação	5	3,65%
Pintor, empapelador ou assemelhado da construção civil de conservação	5	3,65%
Porteiro, zelador, ascensorista, faxineiro, empregado de limpeza, empregado doméstico ou assemelhado	4	2,92%

Fonte: Sistema Nacional de Cadastros e Registros (SINCRES)/ Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), 2000-2019. Departamento da Polícia Federal - Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil/OBMigra. Tabulações Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

Nota: Essas informações podem ter discrepâncias em relação às estimativas divulgadas anteriormente pelo Observatório das Migrações em São Paulo, pois foram com dados do SISMIGRA, disponíveis em <<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733-obmigra/dados/microdados/401205-sismigra>>. Acesso em jan. de 2020.

Quadro 5: As dez principais ocupações dos migrantes de Chade (2000 - 2019)

Ocupação	Número de migrantes	Porcentagem sobre o total de migrantes de Chade
Sacerdote ou membro assemelhado de ordens ou seitas religiosas	5	22,73%
Estudante	4	18,18%
Dependente de titular de visto temporário	2	9,09%
Engenheiro	2	9,09%
Atleta, esportista ou assemelhado	1	4,55%
Oficial, piloto, maquinista, marinheiro ou outro trabalhador na navegação marítima ou fluvial	1	4,55%
Outra ocupação não classificada	1	4,55%

Continua

Conclusão

Ocupação	Número de migrantes	Porcentagem sobre o total de migrantes de Chade
Pedreiro, servente, ladrilheiro, gesseiro, vidraceiro ou assemelhado a outro trabalhador da construção civil, não classificado sob outra denominação	1	4,55%
Prendas domésticas (lides do lar)	1	4,55%
Professor ou assemelhado	1	4,55%

Fonte: Sistema Nacional de Cadastros e Registros (SINCRES)/ Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), 2000-2019. Departamento da Polícia Federal - Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil/OBMigra. Tabulações Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

Nota: Essas informações podem ter discrepâncias em relação às estimativas divulgadas anteriormente pelo Observatório das Migrações em São Paulo, pois foram com dados do SISMIGRA, disponíveis em <<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733-obmigra/dados/microdados/401205-sismigra>>. Acesso em jan. de 2020.

Quadro 6: As dez principais ocupações dos migrantes de Mali (2000 - 2019)

Ocupação	Número de migrantes	Porcentagem sobre o total de migrantes de Mali
Pedreiro, servente, ladrilheiro, gesseiro, vidraceiro ou assemelhado a outro trabalhador da construção civil, não classificado sob outra denominação	60	23,17%
Outra ocupação não classificada	35	13,51%
Sem informação	32	12,36%
Vendedor ou empregado de casa comercial, comerciante, vendedor ambulante ou à domicílio, jornalista ou assemelhado	18	6,95%
Estudante	14	5,41%
Sem ocupação	13	5,02%
Padeiro, cervejeiro, açougueiro, trabalhador em laticínios ou outro trabalhador na produção de alimentos ou bebidas	12	4,63%

Continua

Conclusão

Ocupação	Número de migrantes	Porcentagem sobre o total de migrantes de Mali
Mecânico, operador, ajustador, chapeador, lanterneiro de veículos, bombeiro hidráulico, encanador, soldador, galvanizador ou outro trabalhador em metais não classificado sob outra denominação	10	3,86%
Cobrador, fiscal, inspetor ou assemelhado não classificado sob outra denominação	4	1,54%
Cozinheiro, mordomo, governanta, camareiro, garçom ou assemelhado	4	1,54%

Fonte: Sistema Nacional de Cadastros e Registros (SINCRES)/ Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), 2000-2019. Departamento da Polícia Federal - Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil/OBMigra. Tabulações Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

Nota: Essas informações podem ter discrepâncias em relação às estimativas divulgadas anteriormente pelo Observatório das Migrações em São Paulo, pois foram com dados do SISMIGRA, disponíveis em <<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733-obmigra/dados/microdados/401205-sismigra>>. Acesso em jan. de 2020.

Quadro 7: As dez principais ocupações dos migrantes de Togo (2000 - 2019)

Ocupação	Número de migrantes	Porcentagem sobre o total de migrantes de Togo
Sem informação	103	23,57%
Estudante	81	18,54%
Outra ocupação não classificada	46	10,53%
Padeiro, cervejeiro, açougueiro, trabalhador em laticínios ou outro trabalhador na produção de alimentos ou bebidas	34	7,78%
Sem ocupação	28	6,41%
Cozinheiro, mordomo, governanta, camareiro, garçom ou assemelhado	18	4,12%
Sacerdote ou membro assemelhado de ordens ou seitas religiosas	14	3,20%

Continua

Conclusão

Ocupação	Número de migrantes	Porcentagem sobre o total de migrantes de Togo
Mecânico, operador, ajustador, chapeador, lanterneiro de veículos, bombeiro hidráulico, encanador, soldador, galvanizador ou outro trabalhador em metais não classificado sob outra denominação	13	2,97%
Vendedor ou empregado de casa comercial, comerciário, vendedor ambulante ou à domicílio, jornalista ou assemelhado	13	2,97%
Industriário ou servente, não classificado sob outra denominação	8	1,83%

Fonte: Sistema Nacional de Cadastros e Registros (SINCRE)/ Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), 2000-2019. Departamento da Polícia Federal - Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil/OBMigra. Tabulações Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

Nota: Essas informações podem ter discrepâncias em relação às estimativas divulgadas anteriormente pelo Observatório das Migrações em São Paulo, pois foram com dados do SISMIGRA, disponíveis em <<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733-obmigra/dados/microdados/401205-sismigra>>. Acesso em jan. de 2020.

3.2. Fluxo de refugiados proveniente dos países do Cotton-4 + Togo (2003 a 2019)

Os dados coletados e apresentados a seguir permitem constatar que o fluxo de refugiados dos cinco países do Cotton-4+Togo, Benin, Burkina-Faso, Chade, Mali e Togo, também aumentou no período entre 2003, primeiro ano da série histórica, e 2019. Os dados fazem parte das estatísticas da população refugiada no Brasil, registrados pelo Comitê Nacional para os Refugiados do Ministério da Justiça e Segurança Pública.

Gráfico 3: Pedidos de refúgio acumulados

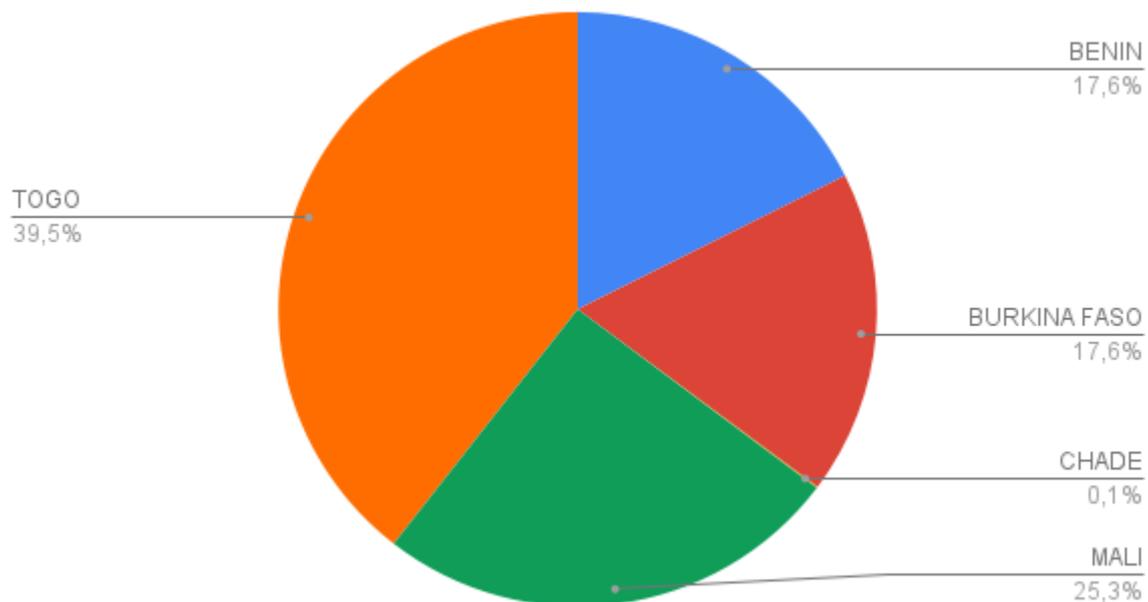


Fonte: Comitê Nacional para os Refugiados (Conare) do Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível em <<https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes/>>. Acesso em dez. de 2022.

Nota: Os dados de solicitações de refúgio no Brasil passaram a ser registrados e acompanhados de forma sistemática a partir do ano de 2010, com avanço tecnológico e maior circulação e automação das informações. Até o ano de 2010, os dados podem estar influenciados por subnotificação.

Assim como demonstrado anteriormente com o número de migrantes que, o gráfico abaixo também demonstra que o Togo é o país com maior número de solicitações de refúgio é o Togo, com 723 pedidos registrados no período, o que representa 39% do total. Na sequência, vem Mali, com 25,3%, Burkina-Faso 17,6%, Benin 17,6% e, por último, Chade, com apenas 0,1% do total de solicitações. O total acumulado de solicitações registradas salta de 10 solicitações registradas até o final do ano de 2009, para 497 no final de 2014. No final de 2015, as solicitações já somavam 982. Em 2019, último ano da série analisada nesta pesquisa, foram 1832 pedidos de refúgio.

Gráfico 4: Pedidos de refúgio por país (2003 - 2019)

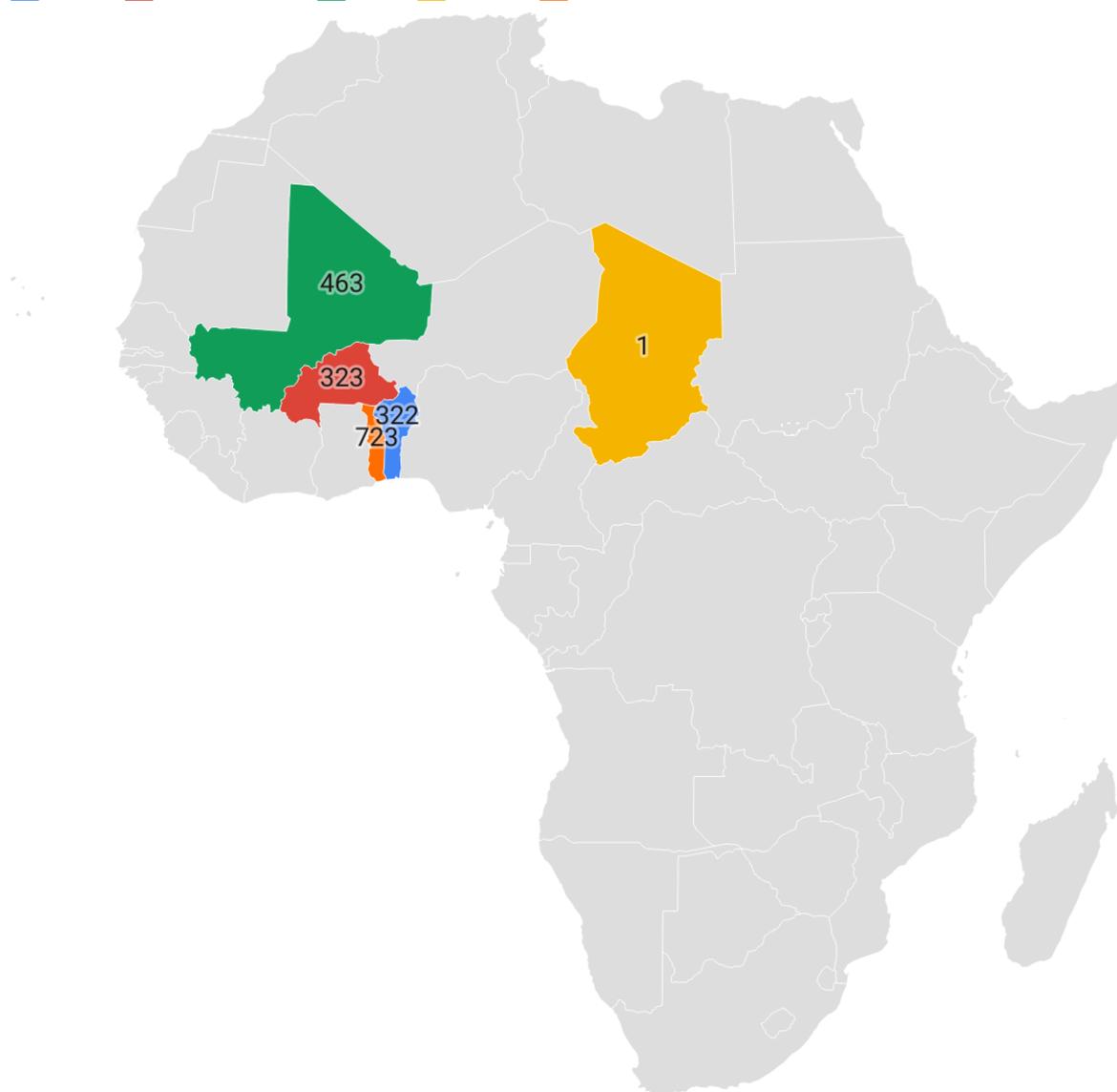


Fonte: Comitê Nacional para os Refugiados (Conare) do Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível em: <<https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes/>>. Acesso em 12 fev. 2022.

Mapa 1: Pedidos de refúgio por nacionalidade (2003 - 2019)

País de origem

Benin Burkina Faso Mali Chade Togo

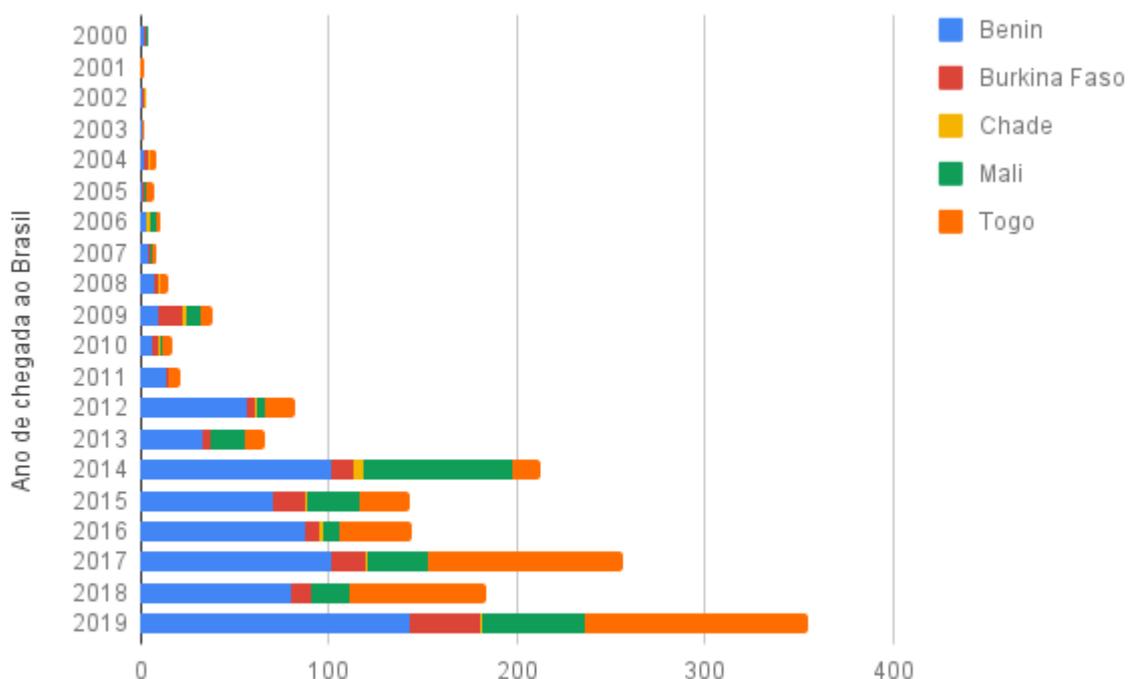


Created with Datawrapper

Fonte: Comitê Nacional para os Refugiados (Conare) do Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível em: <<https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes/>>. Acesso em 12 fev. de 2022.

Togo e Benin foram os países que tiveram maior aumento na quantidade de solicitações de refúgio registradas no Brasil, especialmente a partir de 2012, como evidencia o gráfico 5.

Gráfico 5: Migrantes por país de origem e ano de chegada ao Brasil (2000 - 2019)



Fonte: Comitê Nacional para os Refugiados (Conare) do Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível em: <<https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes/>>. Acesso em 12 fev. de 2022.

A distribuição das solicitações de refúgio por Unidade da Federação demonstra que São Paulo é, de longe, o estado que mais recebe pedidos, seguido por Santa Catarina, Distrito Federal e Rio de Janeiro.

Quadro 8: Pedidos de refúgio por Unidade da Federação (UF)

UF	Benin	Burkina-Faso	Chade	Mali	Togo	Total
Acre	0	0	0	1	1	2
Amazonas	4	2	0	0	2	8
Amapá	0	1	0	0	0	1
Bahia	1	0	0	1	0	2
Ceará	1	0	0	0	2	3
Distrito Federal	18	10	1	10	35	74
Goiás	0	2	0	0	0	2

Continua

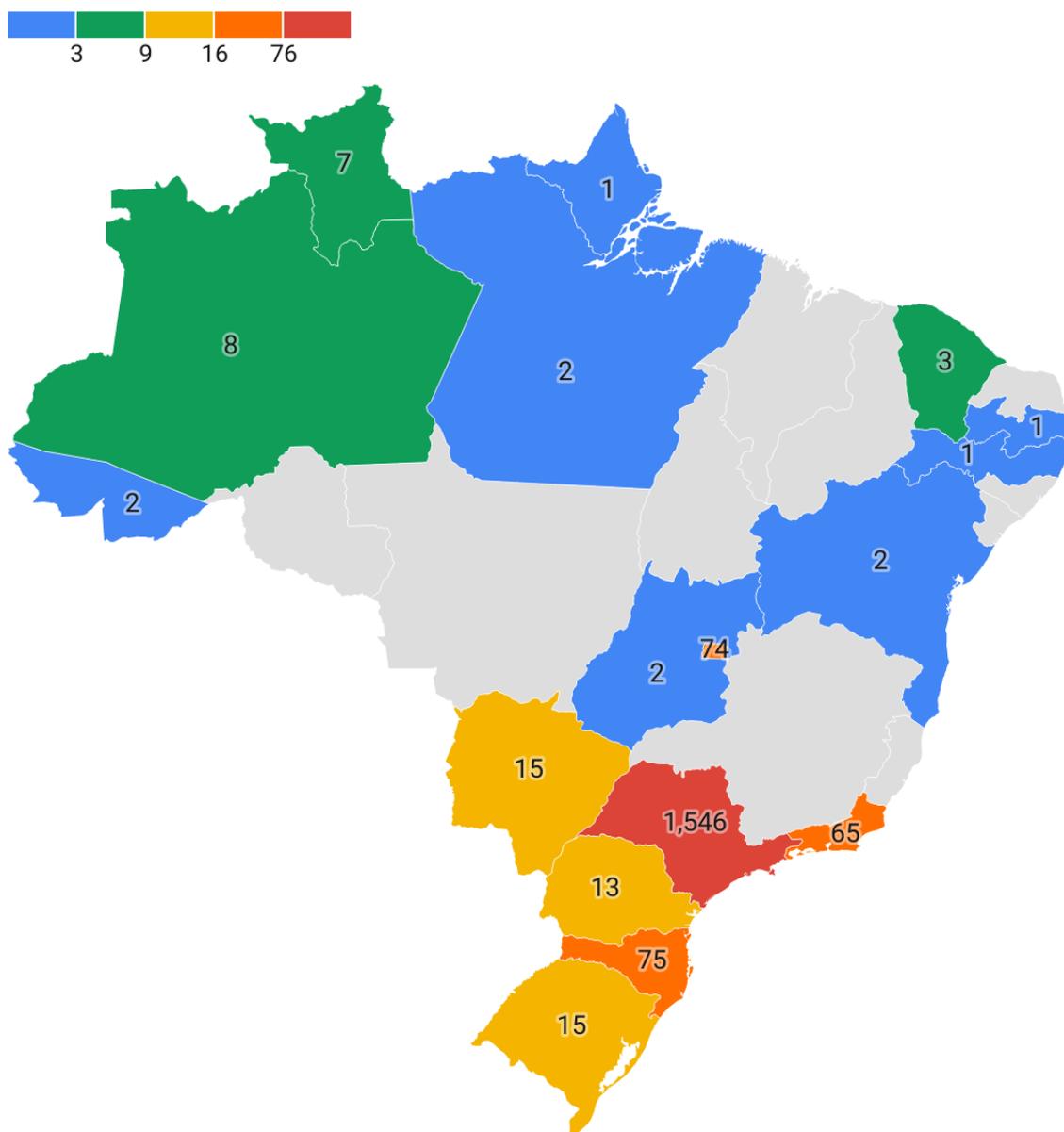
Conclusão

UF	Benin	Burkina-Faso	Chade	Mali	Togo	Total
Mato Grosso do Sul	2	0	0	2	11	15
Pará	2	0	0	0	0	2
Paraíba	1	0	0	0	0	1
Pernambuco	1	0	0	0	0	1
Paraná	3	4	0	1	5	13
Rio de Janeiro	30	2	0	13	20	65
Roraima	5	0	0	1	1	7
Rio Grande do Sul	7	2	0	4	2	15
Santa Catarina	4	18	0	4	49	75
São Paulo	243	282	0	426	595	1.546

Fonte: Comitê Nacional para os Refugiados (Conare) do Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível em: <<https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes/>>. Acesso em 12 fev. de 2022.

Mapa 2: Total de pedidos de refúgio por Unidade da Federação (2003 - 2019)

Migrantes de Benin, Burkina Faso, Chade, Mali e Togo



Fonte: Elaborado pela autora.

4. RESULTADOS E ANÁLISE DA PESQUISA

4.1. Migração dos países do Cotton-4 + Togo para o Brasil

Nesta seção, apresentaremos os resultados das entrevistas com migrantes do Benin, Burkina-Faso, Chade, Mali e Togo. O objetivo da pesquisa de campo é investigar as condições de vida, contexto político, social e econômico do migrante ou refugiado no momento em que decide deixar seu país. Buscaremos compreender por qual razão, ou quais razões, escolheram o Brasil e não um outro país, pois entendemos que o país entra nas rotas das migrações como país possível e não como país desejado. O intuito é encontrar possíveis elementos de repulsão, dos seus países de origem, e de atração no Brasil.

Percebemos a necessidade de considerar respostas fora do roteiro preliminar da pesquisa, que surgiram durante a realização das entrevistas. Entendemos que os elementos inesperados podem nos ajudar a compreender de que maneira o Brasil se insere como destino possível das migrações Sul-Sul. Consideramos que o pesquisador, diante de uma temática norteadora, e tendo a narrativa como referência principal, realiza outras indagações, na busca da compreensão do que o participante está narrando, indagações estas que ocorrem "em torno de um questionamento norteador, que tem por objetivo a busca de sentido para o pesquisador em relação à pergunta e/ou ao objetivo central da investigação" (MORÉ, 2015).

Procuramos saber também qual percepção os migrantes e refugiados tinham sobre o Brasil em seus países de origem antes da migração, e se essa percepção mudou após viverem no Brasil. Buscamos saber se os entrevistados tinham algum conhecimento sobre tratado de cooperação entre o Brasil e seus países de origem, o Cotton-4 + Togo. Quais seriam as referências prévias dos entrevistados sobre o Brasil? Diziam respeito ao esporte, às telenovelas ou à política? Essas respostas contribuem para aferir a pertinência da hipótese desta pesquisa, de que os acordos de cooperação podem influenciar os fluxos migratórios.

Os entrevistados serão apresentados em sequência cronológica, a partir do ano em que chegaram ao Brasil, sendo um de cada país membro do C-4 + Togo. Todas as entrevistas foram realizadas em português e estão transcritas em anexo.

Todos os entrevistados assinaram um termo de consentimento ao aceitarem conceder as entrevistas.

4.1.1. Migrantes e Refugiados: contexto local, elementos de repulsão e trajetória até o Brasil

Na presente subseção, apresentaremos os cinco migrantes que foram entrevistados para esta pesquisa. Transcrevemos alguns trechos das entrevistas que nos permitam entender um pouco sobre o contexto de vida dos migrantes quando decidiram vir para o Brasil e sobre como chegaram até o Brasil.

O primeiro entrevistado a chegar ao Brasil foi Jean Paule Mendy, carpinteiro, 41 anos, filho de comerciantes, que nasceu na cidade de Gouro, no Chade. Encontramos o entrevistado por intermédio da Cáritas Diocesana de São Paulo, após um ano de buscas e tentativas frustradas de entrevistas com outras pessoas provenientes do Chade. A entrevista foi gravada por vídeo-chamada em 27 de janeiro de 2022. Mendy vive em São Paulo desde que chegou ao Brasil de forma involuntária. Embora não tenha decidido vir, sua história nos demonstra a forma como o país é inserido nas rotas das migrações transnacionais (BAENINGER, 2017). No caso de Mendy, trata-se de rotas irregulares. O entrevistado decide sair do Chade em 2007, após a morte de sua mãe, que teve um ataque cardíaco durante um atentado praticado por forças insurgentes contra o governo. Seu pai havia morrido anos antes por causas naturais. Filho único, Mendy deixou o país por via terrestre em direção ao Mali e, de lá, seguiu para Cabo Verde. Sua ideia era partir da costa de Cabo Verde, de navio, para qualquer outro país. No porto, encontrou um navio que supostamente iria para Europa e resolveu aceitar o destino da embarcação, após o pagamento de quinhentos euros. Viajou muitos dias, não sabe quantos, porque o alojamento do navio clandestino era escuro e fechado durante 24 horas por dia. Suas referências sobre o Brasil eram apenas relacionadas ao futebol e aos jogadores brasileiros famosos na África. Nunca ouviu falar do Cotton-4. Em junho de 2008, para sua surpresa, desembarcou no Porto de Santos, no litoral de São Paulo. Em suas palavras:

[...] eu pensei: barco vai para a Europa, eu não queria ir para a Europa, só que eles falaram barco vai sair daqui e vai ir para a Europa, aí eu falei: "eu vou embora, eu vou embora também do Cabo Verde, se vai para a Europa, ali é até melhor... Não é o meu destino, mas fica melhor para viver, porque eu estou sozinho". Aí eu entrei no barco, o barco não foi para a Europa, o barco foi para o Brasil.

[...] Eles falaram: "você vai escondido aí, a gente vai levar você na Europa", mas era mentira, eles me deixaram no Porto de Santos.

[...] eu pensei: eu estou no Brasil! Eu não fiquei decepcionado não, eu mesmo falei: "eu estava querendo sair mesmo, onde que eu chegar, para mim está bom, para viver". Eles falaram para mim do outro lado, aí me levam para o outro lado, então isso é bom para mim, porque o que Deus manda para você, você não fica rejeitando não, é bom. Por isso eu peguei esperança, aqui é o melhor lugar para eu viver, por isso Deus me trouxe até aqui, aí eu vou embora? Eu não tenho problema com isso não, eu não fiquei chateado não, pelo contrário, eu fiquei feliz (MENDY, 2022. Informação verbal¹⁶).

O relato de Mendy demonstra que em 2008, ano de sua chegada, o Brasil já fazia, de algum modo, parte de uma rede ilegal de migrações. Ele pretendia partir para outro país, não importava qual, pois corria riscos no Chade. Ao chegar em Santos, o entrevistado conheceu um casal que falava francês e o ajudou a chegar até a capital paulista. Mesmo sem falar uma palavra em português, conseguiu chegar até a sede da Cáritas Diocesana de São Paulo. Mendy descreve este momento em detalhes:

[...] Eles me deram dinheiro, eles me deram R\$100 nessa época. Aí eles me levaram até onde eu pegava o ônibus, no Jabaquara e eles escreveram num papel: Praça da Sé. E falaram para mim: "a hora que você descer no Jabaquara, você vai mostrar esse papel para as pessoas, que você quer ir para a Praça da Sé", aí falaram para mim: "a gente não sabe onde exatamente fica a organização, mas assim que você chegar lá você vai ter mais chance desse povo orientar você, porque Praça da Sé é um lugar famoso no Brasil, ali é o ponto que muita gente encontra", eles escreveram tudo isso num papel e me dá, me levaram até o ônibus, me colocaram lá com R\$100 e disseram: "com esse aqui, na hora que você chegar e precisar de alguma coisa, você já compra para comer, aí eu falei: "tá bom". Eu peguei o ônibus e cheguei do mesmo jeito que eles falaram para mim, só que eu gosto de perguntar para o policial, eu sei que o policial, quando você pergunta, é mais seguro, eu cheguei no policial, eu não entendi o que ia falar também, eu não falo português, eu dava o papel, eu estou com mochila bem grande que eu nem conseguia andar, aí ele falou: "ah, ali", me orienta, nem fala comigo, porque se fala, eu não entendo, aí me orienta, me orienta, me orienta, me orienta... Até eu chegar na Cáritas (MENDY, 2022. Informação verbal).

O segundo entrevistado, Idrissa Demi, de 37 anos, é um físico que nasceu em Ouagadougou, capital de Burkina-Faso, e veio para o Brasil em 2009. Filho de pais separados, foi criado pelos avós maternos e fazia parte de uma família de classe média. Chegamos até o entrevistado após uma postagem nas redes sociais, com a divulgação de uma palestra online que o pesquisador ministraria sobre islamismo. O post foi compartilhado por um contato em comum, uma antropóloga, professora da Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto, interior de São Paulo. A professora fez

¹⁶ Entrevista concedida por Jean Paule Mendy, carpinteiro. Gravada através de videochamada em 27 de jan. de 2022, mediante autorização para publicação assinada por escrito

a intermediação para que a entrevista fosse realizada de forma remota, por vídeo chamada, em 10 de outubro de 2021. Demi mora no Rio de Janeiro desde que chegou ao Brasil, em 2009, e relata que não pensava em deixar seu país até que um de seus professores lhe falou sobre a possibilidade de estudar no Brasil. Esse professor burquinense havia estudado com um docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que havia estado em Burkina-Faso como integrante da comitiva do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva durante sua primeira visita ao país. Demi explica esta conexão:

[...] o professor, que era responsável, chamou a gente e conversou, falou da seleção e tudo. Convenceu a gente... Assim, eu no início, para falar a verdade, não tinha nem ideia de sair do meu país, apareceu outras oportunidades, inclusive, antes da do Brasil, mas como eu decidi vir para o Brasil, duas coisas que me atraíram: primeiro o professor, pelo qual não só tinha muito respeito e também... Foi um professor muito importante para nós todos que estudaram com ele, na época também, o presidente que era presidente na época [de Burkina-Faso], a gente tudo no colégio era meio que muito contra o governo desse presidente e esse professor era meio rebelde também, então a gente tinha uma certa identificação com ele, assim, ele chamando para conversar, porque ele era responsável, ele era meio que... Não vou dizer que era perseguido, mas assim, não tinha facilidade, tanto que o programa que a gente fez, foi ele que conduzia e não facilitava o trabalho também para ele, a gente ia também uma coisa de reforçar, reforçar o nada dele, digamos assim, tanto que parece que o programa, o meu país que tinha que pagar a passagem e acabaram não pagando, então meio que deixaram jogado na mão para o pessoal (DEMI, 2021. Informação verbal¹⁷).

As referências que o entrevistado tinha sobre o Brasil quando criança provinham de novelas e do futebol. Já na fase adulta, Demi conta que tinha uma afinidade ideológica com o governo do Brasil e outros países da América Latina, cujos governantes se posicionavam à esquerda, e que acompanhava a aproximação entre os países da América Latina. A decisão do entrevistado de vir para o Brasil ocorre durante o governo de Blasé Campar é, que apoiou o Brasil no litígio do Algodão na OMC contra os Estados Unidos. Apesar disso, não tinha ouvido falar do Cotton-4 antes de chegar ao Brasil, mas sabia de outros acordos entre o Brasil e o Benin. O relato nos leva a entender que a maior projeção do Brasil no cenário internacional, a diversificação e ampliação da agenda Sul-Sul, de algum modo, influencia a sua percepção sobre o Brasil. A principal referência que ele tinha sobre o Brasil era no campo político, como indica esta passagem da entrevista:

¹⁷ Entrevista concedida, mediante autorização por escrito para publicação, por Idrissa Ademi, pesquisador de Burkina-Faso. Gravada através de videochamada em 10 de out. de 2021.

[...] A gente estuda também o Brasil na escola, tanto parte da história seja primário, seja no colégio, se estuda o Brasil, não só o Brasil, o continente América, América do Sul, então a gente tem isso mesmo que não seja de forma não tão profunda. Depois, já no colégio também, o militantismo sindical, assim, não foi o responsável, mas sempre me interessei pelas lutas dos estudantes, já no colégio, também me levou a conhecer um pouquinho mais dessas histórias, por exemplo conhecer os movimentos políticos, como a teoria da libertação, são temas que me interessavam já no colégio mesmo, bem novinho... Dom Hélder Câmara, por exemplo, são personagens assim que a gente admirava, claro, alguns personagens políticos importantes do Brasil, o que é mais famoso, né? Mas isso foi mais fora do meio escolar, isso foi mais interesse no meio sindicalista (DEMI, 2021. Informação verbal).

O terceiro entrevistado é Adama Konatè, contabilista e escritor que chegou do Mali em 2012. Filho de pais comerciantes, tem seis irmãos e foi o primeiro da família a deixar o país. Chegamos até o entrevistado por intermédio do Projeto de Promoção dos Direitos dos Migrantes (ProMigra), programa vinculado à Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Sua vinda ao Brasil foi, inicialmente, sem a intenção de permanecer por muito tempo. Porém, Konaté foi surpreendido pelas notícias de um golpe de estado promovido pelo exército do Mali, que depôs o presidente do país à época, Amadou Toumani Touré. A partir do ocorrido, o entrevistado não conseguiu voltar ao seu país e acabou ficando no Brasil. Sua entrada foi com visto de turista, mas depois solicitou refúgio. O entrevistado reconheceu durante a entrevista a importância do algodão para o seu país, mas apesar disso só teve conhecimento sobre o Cotton-4 depois de estar no Brasil.

A entrevista foi realizada em duas ocasiões diferentes. A primeira foi por videochamada em agosto de 2020. A segunda parte da entrevista foi gravada em áudio, presencialmente, em 11 de outubro de 2021, na sede da Missão Paz, no Glicério, região central da cidade de São Paulo. Durante a entrevista, ele conta sobre sua decisão de migrar e afirma que o Brasil não era a sua primeira opção.

[...] Meu plano inicial era de ir para os Estados Unidos onde mora um tio meu, que estava com os papéis prontos. Eu já estava pedindo os vistos, mas eu passei a pensar em vir pro Brasil depois da palestra.

[...] As lembranças que tenho da infância é de ouvir falar sobre o futebol do Brasil e as Copas do Mundo. Eu torcia pelo Brasil durante as partidas. Eu fui a uma palestra de um escritor do Togo que pesquisa escravidão ele falou sobre o Brasil. Falou bem sobre o Brasil. Que havia semelhanças entre o Brasil e os países da África por causa da escravidão. Ele falou também sobre diversos escritores brasileiros com trabalho traduzido para o francês, falou que havia excelentes escritores brasileiros. E eu gosto de literatura, gosto muito. Naquele momento eu me interessei verdadeiramente em vir para o

Brasil e comecei a pensar nisso, em como fazer (KONATE, 2020. Informação verbal¹⁸).

O quarto entrevistado, Tanko Ouro Adayi, tem 39 anos, é carpinteiro e veio de Sokodé, norte do Togo para o Brasil em 2014, em busca de melhores condições de vida. Encontramos o entrevistado por intermédio da Cáritas Diocesana de São Paulo. A entrevista foi realizada presencialmente e gravada em áudio na sede da Missão Paz, em São Paulo, no dia 11 de outubro de 2021. O togolês conta que não teve oportunidade de estudar, e que vir para o Brasil poderia lhe trazer novas possibilidades de trabalho e melhores condições de vida. O Brasil não era o país mais desejado, não era sua primeira opção. O carpinteiro vendeu um carro e um terreno, e com esse dinheiro comprou sua passagem e se sustentou por algum tempo.

[...] Na verdade, o Brasil me deu uma chance para vir aqui, porque ele... Para ir para outro país é muito dificuldade, tipo Europa, não é fácil, aí ganhei a chance de fazer visto do Brasil e falei: ah, eu vou vir aqui para ver o que que tem aqui também, para tentar a minha vida aqui. Na verdade, eu não estudei muito para saber a história do país assim, eu sou corajoso, eu sou a pessoa mais corajosa para... "vai ou não? Eu vou lá, o que é que tem lá? Quero ver", é assim que eu funciono. O Brasil a gente do futebol, país que tem o futebol. Eu já fui jogador, eu já joguei futebol... (ADOYI, 2021. Informação verbal¹⁹).

O quinto e último entrevistado a chegar ao país é do Benin. Fabrice Taio, de 27 anos, veio para o Brasil em 2015. Estudante e filho de professores, o beninense prestou Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Veio para a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) por intermédio do Programa de Estudantes – Convênio de Graduação (PEC-G). Na UFPB, faria a prova de português exigida pelo programa, que é o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras). Suas referências sobre o Brasil eram sobre o carnaval e o futebol, mas tinha a percepção de que havia uma conexão política entre os dois países. Chegamos ao estudante pela rede social de profissionais, LinkedIn. O estudante havia feito uma postagem sobre suas pesquisas. Após fazermos contato por mensagem eletrônica, aceitou dar a entrevista que foi gravada por videochamada em 02 de novembro de 2021. Atualmente, é aluno do mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do

¹⁸ Entrevista concedida por Adama Konaté, refugiado do Mali. Gravada presencialmente em áudio, mediante autorização por escrito para divulgação, na sede da Missão Paz, São Paulo, em 11 de out. de 2021.

¹⁹ Entrevista concedida por Tanko Ouro Adayi, migrante do Togo. Gravada presencialmente em áudio, mediante autorização por escrito para publicação, em 11 de out. de 2021.

Norte. O entrevistado fez a seguinte observação sobre os laços históricos entre o Brasil e o Benin:

[...] Antigamente, quando o Lula estava no poder, um veterano muito antigo aqui, que servia de ligação entre o nosso país e o Brasil, mas ele estava aqui. Na época, não tinha embaixada do Brasil no Benin e nem do Benin no Brasil, ao longo do tempo, não sei como que aconteceu... Sabe às vezes quando os presidentes se encontram em algum lugar? Exemplo da COP, que acabou de acontecer, onde os presidentes irão se juntar e falar do problema climático, demográfico, desmatamento florestal... Então nesse momento que conheceu o Lula, ele quis estabelecer uma ligação com o Brasil, porque o Brasil e o Benin, nós temos um laço muito grande, quando você olha para o Brasil, como eu tinha falado, tem pessoas que têm o sobrenome parecido, eu acho que essas pessoas tem origem beninense, porque o Benin tem uma porta específica, que se chama "Porta do Não Retorno", por que se chama assim? Se chama assim porque era o caminho onde os escravos passavam e não voltavam nunca mais e é de lá que os escravos foram vendidos ao mundo inteiro, tem lá no Benin, lá numa cidade chamada Ouidah, esse portal hoje virou um ponto turístico, onde vários turistas vêm para passear, ficar lá, pessoas vão se inspirar nos escravos que moravam lá. Então, eu acho que esses escravos se misturaram, alguns vieram para o Brasil, se misturaram com índios, e aí foram se misturando, se casando e o Brasil formou uma mistura grande, onde tem "de Oliveira", "de Souza", "de Almeida", tem bastante nomes assim. Eu ouvi que realmente o Brasil, o Benin, alguns países da África necessitam de ter uma ligação, uma diplomacia, tem pessoas que estão no Brasil que necessitam viajar para alguns países da África para poder aprender, na África tem muita coisa para aprender, muita coisa que não dá um mês para aprender tudo, eu tenho certeza que vocês estudaram o básico na escola, sobre a história de tal pessoa, os escravos... (TAIO, 2021) Informação verbal²⁰).

4.1.2. Chegada ao Brasil, acolhimento, adaptação e mercado de trabalho

Nesta subseção, trataremos do acolhimento dos entrevistados ao chegarem ao Brasil. Especialmente os que vieram na condição de refugiados contaram com a ajuda de organizações da sociedade civil, como Cáritas, Missão Paz, entre outras entidades. De modo geral, os migrantes e refugiados se conectam a outros africanos que viviam no Brasil há mais tempo, e tiveram ajuda para encontrar moradia e trabalho. Os que vieram como estudantes, puderam contar com algum suporte do poder público quando chegaram ao Brasil, mas também contaram com ajuda de suas redes sociais durante o período de adaptação.

As entrevistas permitem notar que a maior dificuldade dos migrantes e solicitantes de refúgio refere-se ao mercado de trabalho, onde enfrentam o preconceito e a ausência do cumprimento das leis trabalhistas vigentes no país, o que

²⁰ Entrevista concedida por Fabrice Taio, estudante do Benin. Gravada mediante autorização por escrito para publicação, por meio de videochamada em 02 de nov. de 2021.

se aplica tanto para brasileiros quanto para migrantes e refugiados. O primeiro entrevistado, que veio do Chade no navio que supostamente iria para a Europa e acabou chegando ao Brasil, foi acolhido por duas entidades assistenciais de acolhida a migrantes e refugiados na cidade de São Paulo. A primeira foi a Cáritas, cuja recomendação recebeu em Santos e onde recebeu ajuda para registrar sua solicitação de refúgio. A segunda foi a Missão Paz onde ele viveu na Casa do Migrante, como ele conta neste excerto:

[...], a hora que eu morei na Casa de Imigrantes, a gente arruma um curso para aprender português, aquele curso lá, eu estava estudando, só que de manhã, a hora que você toma café, você tem que sair de casa, até às 5 horas da tarde que você volta para dormir. Nesse espaço ali, esse tempo ali, eu fiquei no centro de São Paulo, fiquei voltando ali, voltando e voltando... Eu já comecei, você não entende, você não fala português, mas você já começa... porque você está com um mês e pouco, já conhece os caminhos para ir para a casa, volta, então eu vi um rapaz que chama Benedito, eu acho que é coisa de Deus, não é eu que queria, não é ele que queria, é coisa de Deus, até que um dia eu falei com... A gente teve um colega também que, não sei se era congolês ou o que, a gente era tudo muito misturado na Casa do Migrante... Até que falaram: "tem uma agência lá, que pega só trabalhador", aí eu fiquei louco, "pega carpinteiro", eu fiquei louco, "é carpinteiro? É isso que eu estou procurando", eu fui lá, num cara que... Eu cheguei em 2008, mas em 2009 eu já consegui serviço (MENDY, 2021. Informação verbal).

O entrevistado de Burkina-Faso, que veio com bolsa de estudos, relata ter recebido ajuda da universidade e da embaixada do Brasil, que naquela época tinha representação em Gana. Ao chegar no Brasil, foi morar em um hotel providenciado pela UFRJ. Depois, foi viver em uma república com outros estudantes da África, como explicou:

[...] eu tenho amigos, eu moro sozinho aqui, não estou casado aqui... Ninguém está sozinho em lugar nenhum, mas eu não tenho família nuclear aqui... Mas eu tenho amigos, eu tenho amigos de dois aspectos, tanto das pessoas que conheci na mesquita e pessoas que conheci no meio acadêmico também, então convivo mais com essas pessoas... (DEMI, 2021. Informação verbal).

O entrevistado do Mali, que veio para o Brasil como turista e não conseguiu voltar para o seu país, relata que conseguiu moradia após se conectar socialmente a outros africanos que viviam no Brasil:

[...] Ele era de Burkina-Faso. Eu liguei e ele também para falar que... E a partir de lá, porque lá também todo mundo fala "onde você mora?", eu falo "eu acabava [inaudível] mas eu estou num hotel", "então por que você não vai lá que tem muitos africanos, [inaudível]. Muita coisa, me orientou e eu vim na Missão Paz, só era Teve muita coisa... Era 2012, né?... Uma segregação, um pouco complicado, a pessoa que me falou que se você vem aqui porque

tem muitas curiosidades, muita história, entender, né? E a pessoa que me orientou, falou que "se você chega aqui, você vai ter um espaço, você vai dormir, você vai estudar", essa parte de estudar que me encantou muito, mas "quando te perguntar, não fala que fui eu que te orientou porque eu também moro aqui, mas eu não falo que...", bom, eu não entendia nada, né? Mas eu vim, todos me atenderam aqui, infelizmente não tive espaço, estava eu e o outro camarônês que eu conheci aqui também que estava precisando vaga... Daí eu não consegui esse dia, mas me deu outros endereços que é o Arsenal da Esperança, eu fui no hotel e depois mostrei para o dono do hotel, que já era quase como um amigo, porque demorei, me levou no carro dele no Arsenal da Esperança porque não conhecia nenhum lugar, cheguei lá também e lá, diretamente, não precisava de muitas perguntas, cheguei, tem uma... A primeira entrada, quando eu entrei lá, pessoa passou uma noite e depois ligou outros e diretamente me explicou (KONATÉ, 2021. Informação verbal).

O entrevistado do Togo relatou dificuldades para obter a regularização migratória no Brasil. Depois de formalizar a solicitação de refúgio por intermédio da Cáritas e de receber um protocolo que lhe serviu como documentação desde a sua chegada, em 2014. Porém, em 2015, durante a entrevista realizada pelo CONARE, que faz parte do processo de solicitação de refúgio, foi informado de que seu caso não se enquadraria na definição de refúgio e, portanto, seu pedido foi negado. Somente em 2018 o entrevistado conseguiu regularizar sua situação migratória, quando teve uma filha e abriu uma empresa em seu nome. Preferiu não fornecer detalhes sobre sua documentação no Brasil no intervalo entre 2015 e 2018. Ele relata, nos trechos transcritos a seguir, os problemas que enfrentou em relação à moradia e ao mercado de trabalho:

[...] Eu fui para hotel, fiquei no Hotel Canadense, aqui no centro, fiquei até mais ou menos um mês mesmo, já que o dinheiro que eu tinha estava acabando mesmo no hotel, lá que eu vim no centro aqui e conheci pessoa de Togo também, que a gente está conversando e falou: "vem aqui, vamos morar junto no Brás".

[...] Ele alugou casa no Brás, um mês depois a polícia veio e tirou todo mundo, fechou a casa, porque era uma casa que o pessoal estava alugando, só que não é dele, uma casa assim, tipo... Por isso veio e tirou nós, aí eu fui morar no Pacaembu, eu estava trabalhando em uma obra, casa eles ajeitam para trabalhar, então a gente dormindo lá, dormia na obra. Lá que eu arrumei outro serviço numa padaria, porque lá não para direto, arrumei um serviço numa padaria lá perto de São Mateus, então um amigo me arrumou casa no São Mateus.

[...] Eu estava trabalhando em uma marcenaria na frente da minha casa só que o cara xinga, né? Um dia ele falou que tem um amigo que chegou nele e falou: "onde você arrumou..." Porque eu sempre trazia meus amigos africanos para trabalhar lá também, então..." onde você arrumou um negão assim?" e eu vi na boca dele, sabe? "Comprei..." foi lá que eu falei: "não, não vou trabalhar com ele mais não". Então, no trabalho, ele não queria me pagar, um dia eu fui lá porque queria receber meu dinheiro também, mas ele não quis

me pagar, ele entrou no carro dele e eu falei: "não, eu tenho que receber o meu dinheiro depois que sair daqui eu não tenho medo de ninguém, eu não roubei ninguém não, eu falei: "você não vai sair daqui não, eu vou receber o meu dinheiro". Chegou o policial, muita viatura, "eu quero matar ele", o polícia chegou e eu não fugi, fiquei lá porque eu tinha a minha razão, polícia me perguntou o que eu estava fazendo lá e eu falei assim: "eu trabalho mas ele não quer me pagar" e ele: "só que aqui no Brasil tem que ir na justiça, não pode fazer assim" (ADOYI, 2021. Informação verbal).

O entrevistado do Benin também relata ter recebido a ajuda de outros africanos ao chegar no Brasil, apontando algumas dificuldades que encontrou ao chegar ao Brasil. A principal foi o exíguo prazo de seis meses para alcançar a proficiência em língua portuguesa. Taio foi reprovado na prova a que se submeteu, mas não podia contar para seus pais o que havia ocorrido, sob pena de ter que retornar ao Benin, como explicou na entrevista:

[...] eu cheguei no aeroporto de Guarulhos sem saber o que a gente ia falar, mas graças a Deus chegou alguns veteranos que estavam aqui para ajudar, mas quando eu cheguei em João Pessoa, a primeira cidade de contato, eu primeiramente...O calor, o calor me acolheu no aeroporto, eu vi que não tem diferença nenhuma com alguns países da África, no nordeste. Aí tinha que começar o curso de língua portuguesa de 6 meses, então você tem 6 meses para se adaptar na língua portuguesa e depois de 6 meses vai passar uma prova de proficiência na língua portuguesa, que se chama "Celpe-Bras", é uma prova que todos os estrangeiros fazem para poder trabalhar no país, fazer qualquer coisa no país, tem que [inaudível] uma proficiência que comprove que realmente, pelo menos você fala o mínimo do português e na época que eu fui fazer o exame, deu ruim, porque era só uma vez e naquela época, não se acontecia alguma coisa, era um mistério que fez com que muitas pessoas não se saíram bem, então no Brasil, foi a única, foi na minha época, eu ouvi falar que eles estavam testando alguma coisa no ministério e pela primeira vez que eles testaram para ver se vai dar certo ou não e não deu certo. Aí você imagina, você chega aqui, você tem que passar por uma prova, passar para poder entrar na federal e você percebe que você não conseguiu essa prova, a sua vida estava no chão, eu pensei assim, que acabou, aí que a luta começou, eu sofri bastante para contar, porque eu não disse para o meu pai, não disse nada para a minha mãe (TAIO, 2021. Informação verbal).

Taio decidiu permanecer e realizar a prova novamente.

4.1.3. Onde será o meu futuro?

Nesta subseção trataremos dos planos dos entrevistados para os próximos anos. O objetivo é entender se eles pretendem ficar no Brasil, voltar para o país de origem, ou ir para algum outro país. Levamos em consideração o caráter transitório das migrações e a possibilidade de não quererem viver no Brasil de forma permanente. As respostas não são homogêneas, dependendo da modalidade

migratória. Percebemos que aqueles que vieram como estudante pretendem voltar para seu país. Já os que vieram com outros objetivos, especialmente relacionados ao mercado de trabalho, não pretendem voltar para o continente africano.

Nosso entrevistado do Chade, que veio como refugiado em navio clandestino, inicialmente diz que pretende ficar no Brasil, mas não descarta totalmente a possibilidade de ir para outro país. Sua única certeza é de que não voltará ao seu país de origem:

Não, de jeito nenhum. Voltar para onde? Se minha mãe já faleceu, meu pai já faleceu e você passou por muita coisa ruim ali? Onde que você vai ficar lá? Quem você vai procurar lá? O quê? Eu vou ficar lá e fazer o quê? Por que eu vou voltar para lá para sofrer? Porque quando você passa uma coisa ruim, você chega lá e pensa só nisso. Eu, único país que eu posso ir e ficar é o Senegal, que eu sei que minha esposa é de lá, meus filhos, metade brasileiro, metade de Senegal, metade de Chade, entendeu? Então lá que eu posso ir lá, porque eu já tenho os primos em Senegal, então é uma coisa que é... Minha segunda família é de lá, mas do outro lado eu não vou nunca mais (MENDY, 2021. Informação verbal).

O segundo entrevistado, o físico que veio de Burkina-Faso, relata que pretende voltar ao seu país, mas condiciona essa volta às possibilidades de trabalho. Em suas palavras,

[...] As coisas não foram do jeito que eu pensava, infelizmente o mestrado não deu muito certo lá no início e alguns problemas, eu não tenho a casa aqui, então acabei tendo que deixar o mestrado, saí até um tempo do Brasil, fiquei quase um ano fora daqui, depois eu voltei, fiz especialização, mas sempre com aquele mesmo incentivo, mas se aparecer oportunidade no meu país, eu vou voltar, entendeu? Tanto que a universidade onde meus amigos estão ensinando, eu pretendo aplicar, agora, eu também meio que... Assim, eu não pensava que iria chegar nessa idade, ainda não tendo doutorado, do jeito que está a minha vida acadêmica, tipo, com 29, no máximo 30 anos, eu já tinha o doutorado, já estava tranquilo, é meio, estou considerando, eu estou muito velho, eu estou na fase que eu não estou escolhendo muito, mas se é para escolher mesmo, eu prefiro voltar, voltar e ensinar lá, ser professor pesquisador, agora, se não der certo e tiver outras oportunidades melhores em outros lugares, não necessariamente no Brasil, eu vou, é uma coisa que eu não... Com a idade, com o tempo você acaba meio que desistindo de algumas coisas, mas a minha ideia inicial era voltar para o meu país, ensinar e trabalhar com ensino e pesquisa e assim, não desisti 100% disso ainda, apareceu uma oportunidade interessante, se não der certo lá e eu conseguir boa oportunidade em outros lugares, vou onde conseguir oportunidade, tenho que pensar em construir minha vida também, não posso ficar perseguindo sonhos a vida toda, mas não necessariamente ficar aqui no Brasil. Assim, uma última coisa que eu queria fazer aqui no Brasil, antes de eu ir embora, era mais uma questão religiosa mesmo, porque eu percebi que o islã é ensinado de uma forma um pouco "árabecentrismo" aqui e esse olhar do islã mais da experiência africana é pouco conhecido aqui, então eu tenho esse desafio, acabei descobrindo essa necessidade aqui no Brasil, então se eu for ficar aqui por mais alguns anos, seria mais por formar pelo menos algumas pessoas dentro dessa... Trazer esse outro discurso, esse outro islã, eu sou o

olhar da África também, eu sou o olhar do Brasil, que é também desconhecido... Eu estou na fase de onde eu conseguir melhor oportunidade, eu vou, mas se acontecer no meu país, eu prefiro (DEMI, 2021. Informação verbal).

O terceiro entrevistado que veio do Mali, e não conseguiu retornar após o golpe de 2012, pretende voltar para seu país. Porém, ainda não tem planos sobre quando deverá deixar o Brasil, como explicou:

Eu pretendo voltar para Mali porque veio para ficar 3 meses. Quer voltar. Nenhum país é o meu país, meu país é o Mali. Não dá para sobreviver como escritor, mas não tenho vontade de... O mais importante é que as pessoas sejam felizes, se eu voltar pro Mali eu vou levar a experiência de vida. Vou construir um futuro, mas ainda não sei qual vai ser (KONATÉ, 2020. Informação verbal).

O quarto entrevistado, que veio do Togo e prefere não ser identificado, pretende ficar no Brasil. Embora tenha tido problemas trabalhistas quando aqui chegou, relaciona a sua permanência às possibilidades de trabalho: "É melhor ficar aqui, por que se eu for, eu vou fazer o que lá? Eu continuo aqui, a maioria dos meus amigos já saiu daqui e foram para outro país" (ADOYI, 2021 Informação verbal).

Nosso entrevistado do Benin e que espontaneamente falou sobre os laços históricos entre seu país e o Brasil, relata que sempre terá alguma conexão com os dois países:

Eu tenho 27 anos. Meu maior sonho agora é ajudar a minha família, porque o meu pai já aposentou, minha mãe daqui a dois anos vai aposentar também e a primeira coisa é ajudar minha mãe, meu pai conseguiu viajar, pelo menos sair do país, eu quero ter a possibilidade de fazer a minha mãe viajar para fora do país, pelo menos na vida dela, porque ela nunca teve oportunidade.

Eu não sei ainda, essa pergunta sempre me faz um negócio assim, não sei... Porque se fosse uma pessoa que teve satisfação no Brasil, iria responder logo essa pergunta, "não, eu vou voltar", eu não consigo falar isso, porque o Brasil me fez eu realizar coisas aqui, então eu estou me vendo, por que não comprar um apartamento aqui ou um terreno e de vez em quando ficar aqui, por conta do meu trabalho aqui, e às vezes voltar para o Benin para visitar a minha família? Eu estou vivendo a pessoa que viaja "Benin-Brasil", entendeu? É desse jeito que me vejo no futuro, porque o Brasil já entrou na minha vida, entrou na minha história acadêmica e é isso, mesmo se eu tiver outro plano de ir para outro país e fazer doutorado, eu vou voltar para o Brasil, porque tudo começou aqui (TAIO, 2021. Informação verbal).

Depois da pesquisa qualitativa junto aos migrantes e refugiados, buscamos coletar dados junto a outros atores envolvidos direta ou indiretamente na evolução dos fluxos de pessoas entre os países em apreço.

4.2. Medidas governamentais e a percepção de técnicos e corpo diplomático

Esta seção traz entrevistas com técnicos e representantes do corpo diplomático brasileiro para entender quais foram os resultados práticos do projeto, e de que modo ele influencia a percepção dos profissionais e técnicos envolvidos no projeto e a população local sobre o Brasil e de que forma isto pode se refletir nos fluxos migratórios. Também procuramos saber se algumas medidas foram adotadas para facilitar a vinda dos migrantes dos países do Cotton-4 e garantir sua permanência no Brasil, com acesso a serviços públicos como educação, saúde e regularidade no mercado de trabalho.

O primeiro entrevistado foi o ex-chanceler, embaixador Celso Amorim, com quem falamos por videochamada em 03 de agosto de 2021. O objetivo é entender se os *police makers* brasileiros previram ou consideraram a possibilidade de um maior deslocamento de profissionais e técnicos e pesquisadores do Brasil e dos países parceiros, o que poderia influenciar também na vinda de migrantes e refugiados ao país em maior escala. Consideramos aqui que as migrações se dão também por meio das redes sociais que são formadas por laços interpessoais que conectam migrantes, ex-migrantes e não-migrantes através de laços de parentesco, amizade e origem comunitária compartilhada de migrantes e refugiados (MASSEY et al, 1993). Ao ser questionado se o governo brasileiro considerou a possibilidade de um maior trânsito de pessoas entre o Brasil e os países do Cotton-4 + Togo, o ex-ministro respondeu que:

[...] Isso é natural, não só pelo Brasil, mas aprender aquelas técnicas que o acordo trata. Então, acho que é mais do que natural que tenha vindo gente para a Embrapa, gente para outras universidades, mas não seria honesto da minha parte dizer: “sim, veio”, eu não sei, mas muito provavelmente sim.

[...] O Brasil sempre procurou ter, sobretudo no governo Lula, já tinha antes, mas procurou mais no governo Lula, a ter uma atitude aberta sobre receber os estudantes, a dificuldade era mais sobre financiar as bolsas, mas sempre teve e teve mais ainda... Agora é muito possível que, como parte do próprio Cotton-4 ou de outros programas com a África, que tenham certamente bolsas na Embrapa, certamente isso deveria fazer parte, eu não sei, não saberia te dizer, mas é claro que a formação de técnicos devia estar prevista nesse acordo, não sei te dizer, você tem que procurar especificamente nesse e em outros acordos, porque o Brasil recebia muitos estudantes para muitas coisas e de muitos países africanos, principalmente os de língua portuguesa, mas não exclusivamente. Então, é muito provável, mas estou te dizendo provável que... Aí já ficava quase num nível técnico, isso aí era ABC que discutia com a Embrapa, mas como é que vai ser a cooperação no Brasil, a gente manda um técnico pra lá? E tinham técnicos lá também, tinha porque

eu vi, mas provavelmente em algum momento também recebíamos técnicos para formação aqui, isso é mais do que natural (AMORIM, 2021 Informação verbal²¹).

Perguntamos também ao ex-chanceler sobre a possibilidade da vinda de um maior fluxo migratório e que, a partir de considerada a hipótese, há, ou deveria haver, a criação de ou um maior direcionamento de políticas públicas que garantam aos migrantes e refugiados acesso aos serviços públicos, como saúde, educação e ao mercado formal de trabalho.

[...] É natural que tenha sido assim e é provável que tenha sido assim, mas seria um pouco desonesto da minha parte, porque eu não chegava nesse nível de detalhe, compreendeu? “Qual vai ser o programa de cooperação? Vai ser mandar 3 técnicos para lá ou receber 10 técnicos aqui?”, isso eu não sei, isso aí a ABC discutia com a Embrapa ou a divisão do departamento cultural discutia com as universidades o que tinha que fazer, é natural que seja assim, eu acho que a sua tese, ela é muito plausível na realidade e eu não tenho elementos concretos para confirmá-la em relação a esses 4 países, mas isso acontece com todos os países que a gente coopera... Obviamente, o número de haitianos no Brasil, hoje em dia é enorme, o número de estudantes da Guiné-Bissau, de outros países de língua portuguesa, que ficam no Brasil é muito grande (AMORIM, 2021. Informação verbal).

O segundo entrevistado é o coordenador-geral de cooperação técnica África, Ásia e Oceania da ABC, Nelci Caixeta. Ele falou sobre a possibilidade do maior fluxo de pessoas entre o Brasil e os parceiros do Cotton-4, a começar pelos técnicos e estudantes dos países, o que poderia influenciar, por meio das redes sociais, a vinda de amigos, familiares, colegas de trabalho, etc. Em 18 de maio de 2021, o diretor afirmou que mais de 800 pessoas foram treinadas entre produtores e extensionistas que vieram para o Brasil:

[...] a cooperação se dá pelo movimento das pessoas, isso tem que estar previsto nos acordos e nos projetos, a facilitação dos vistos, inclusive pra gente, por exemplo, quando a gente vai para esses países, nós assinamos com esses países acordos de supressão de vistos, que é uma divisão do Itamaraty, a área política do Itamaraty negocia com o país um acordo que todo mundo que tem passaporte oficial ou diplomática, funcionários da Embrapa ou qualquer instituição brasileira que é parceira do projeto, eles viajam com passaportes especiais, não é um passaporte comum, então aí não precisa de visto. Se você chegar no Mali, mas é um passaporte comum, você vai precisar de visto.

[...] Como é que se dá esse trânsito de pessoas? Mais na cooperação educacional, que desses países do Cotton-4, o Benin é um dos países que mais manda estudantes para o Brasil para estudar, mas aí não é cooperação técnica, é cooperação educacional, tanto do PEC-G quanto do PEC-PG, o

²¹ Entrevista concedida por Celso Amorim, ex-ministro das Relações Exteriores. Gravada através de videochamada em 03 de ago. de 2021, mediante autorização por escrito para publicação.

programa de graduação e pós-graduação, então o fluxo de pessoas nesses países é mais nesse sentido, não há critérios estipulados entre os países para facilitar ou dificultar o fluxo de pessoas, turistas brasileiros para a África vão para alguns países, vão para Marrocos, para África do Sul, para Seychelles, então não é um destino turístico muito explorado, fora isso o movimento se dá nas pessoas no âmbito dos projetos de cooperação técnica e educacional, não há uma política migratória que favoreça a vinda dessas pessoas, a gente sabe que tem muitos senegaleses, muitos ganeses que vieram para o Brasil, mas vieram por acesso, assim... Às vezes conseguia visto para vir para o Brasil, vinha e ficava, não há uma migração legítima como foi de outros países do entorno do Brasil, porque na verdade os africanos têm uma tendência de migrar, que seja ilegalmente, para a Europa e não para o Brasil. Mas o movimento de pessoas é nesses projetos (CAIXETA, 2021. Informação verbal²²).

O Coordenador-geral de cooperação técnica da ABC relata que havia a facilitação de vistos para os técnicos que vinham para o Brasil. Sustenta que a cooperação se dá pelo movimento das pessoas, o que deve estar previsto em acordos e projetos. A área política do Itamaraty negocia diretamente com os países do acordo para que todos que têm passaporte oficial ou diplomático, funcionários da Embrapa ou qualquer instituição brasileira parceira do projeto, viajam com passaportes especiais, que não necessitam de visto. Assim,

[...] No âmbito dos projetos tudo é facilitado, a gente tem acordos internacionais de cooperação que facilitam a questão do visto e da vinda deles para o Brasil. Quando a gente vai trazer um grupo, por exemplo, tem o Congresso Brasileiro de Algodão, a gente traz 40 africanos para o Brasil, vamos supor e aí o que a ABC faz, nós informamos as nossas embaixadas nesses países que as pessoas X, Y e Z veio para o Brasil para uma atividade de cooperação internacional e a divisão de imigração do Itamaraty autoriza a embaixada a emissão de um visto provisório de 30 dias para eles, isso é facilitado, porque senão tem dificuldade de conseguir visto.

[...] Se a Embrapa designa um produtor rural brasileiro, não tem nada a ver com o Estado brasileiro, ele viaja com passaporte oficial, aí a ABC que faz o pedido para o departamento de emissão de passaporte do Itamaraty, você vai viajar em nome do governo brasileiro, então ele não viaja com passaporte comum, isso tudo é pensado anteriormente, facilita essas relações (CAIXETA, 2021. Informação verbal).

Ao questionarmos o coordenador da ABC sobre a hipótese desta pesquisa, pautamos o impacto indireto desse trânsito de profissionais e técnicos, que poderia acarretar a vinda de pessoas que façam parte de suas redes sociais. Ao voltar para seus países e, possivelmente, disseminar informações sobre o Brasil, poderiam despertar o interesse de outras pessoas. Caixeta responde que:

²² Entrevista concedida por Nelci Caixeta, Coordenador de Cooperação Técnica da Agência Brasileira de Cooperação (ABC) do Ministério das Relações Exteriores. Gravada através de videochamada em 20 de mai. de 2021, mediante autorização por escrito para publicação.

[...] É curioso porque nós tivemos um projeto na Argélia, ajudamos a montar uma escola de formação profissional na parte de confecção de joias de pedras do deserto, lá em Tamanrasset, no sul do Saara e formamos lá 71 artesãos, a gente mandou os profissionais do Brasil, eles ficaram 90 dias em cada um dos cursos que a gente estava lá, ficaram 90 dias no Saara, nessa localidade, então assim... É um desafio enorme de adequação e tudo. E ao final dessas formações, a gente ia selecionar 30% para vir para o Brasil, para fazer uma reciclagem aqui, eram filas de gente querendo vir para o Brasil, não só as pessoas que participaram do curso, mas amigos e familiares, querendo ver se era possível no meio do projeto vir para o Brasil, as pessoas não tinham ideia de como era, mas assim, era divulgado isso e vai contaminando as pessoas, mora lá no sul do Saara, falar em Brasil... Quer dizer, hoje todo mundo fala em Brasil lá, já é um país super reconhecido, todo mundo sabe do Brasil. Então é possível que ao longo de todos esses anos da cooperação brasileira, o número de pessoas... O Brasil tem uma expressão muito grande em todos esses países, o Brasil é referência na cooperação internacional muito grande, justamente por causa disso, porque a gente permite as pessoas irem e as pessoas virem, o Brasil se torna presente nesses países, nada mais natural do que as pessoas quererem conhecer o Brasil de uma maneira ou de outra, não sei se seria por imigração, mas não deixa de ter um efeito por meio de divulgação do país (CAIXETA, 2021. Informação verbal).

O terceiro entrevistado é o coordenador técnico da EMBRAPA, José Geraldo Di Stefano, responsável pela implementação do C-4 no continente africano, e viveu em Sotuba, no Mali. Di Stefano coordenou a instalação da Estação Experimental na capital do Mali, os laboratórios nos outros parceiros do acordo e também era responsável pelos cursos de capacitação técnica realizados em continente africano e no Brasil. Chegamos ao entrevistado por indicação de Adriana Bueno, que também concedeu entrevista à esta pesquisa. O coordenador relata que havia dificuldades para os técnicos brasileiros que iam para a África, nos seguintes termos:

[...] Isso tudo sempre trazia problemas, porque você tinha que passar pela França, se você passasse por Portugal, o visto, você passava direto, por Lisboa, mas quando você tinha que passar pela França, você tinha que ter visto de trânsito, isso atrapalhava muito a gente, então às vezes a gente desviava pela África do Sul, porque no Chade nunca teve embaixada brasileira, você usava a embaixada de Camarões, mas Burkina já tinha, Benin já tinha, o Togo tinha também depois no final do projeto (DI STEFANO, 2021. Informação verbal²³).

Di Stefano ressalta que o Cotton-4 + Togo teve papel fundamental para desmistificar a ideia que se tinha entre os países membros de que o Brasil não era

²³ Entrevista concedida por José Geraldo Di Stefano, Técnico da Embrapa Coordenador do Cotton-4 e responsável pela implementação do C-4 no continente africano. Morou em Sotuba, no Mali. Gravada em 27 de jul. de 2021. mediante autorização por escrito para publicação

somente o país do samba, das praias e do futebol, mas que também era um país de muito trabalho:

[...] uma das coisas que nós mostramos sempre foi a organização política da agricultura brasileira, então nós visitávamos cooperativas, associações produtoras, para eles entenderem, eles também são organizados lá, organização de produtores, organização de técnicos, então com isso nós mostrávamos para eles.

[...] Todo mundo conhece Ronaldinho e Pelé, é por isso que eu optei pela estratégia de trazê-los ao Brasil. Se você faz isso na África, eles tinham que conhecer, eles tinham que confiar que nós sabemos fazer algo, isso é uma estratégia, se nós vamos desenvolver um projeto, eu preciso que vocês entendam o nível tecnológico que eu posso transitar, desde 1 hectare até 1 milhão de hectares, nós plantamos algodão assim, nós usamos regulador, vocês não... Então, foi bem assim, para que os pontos de concentração, até para que eles soubessem o que eles queriam aprender ou então queriam mostrar, queriam ensinar (DI STEFANO, 2021).

A técnica de cooperação da Embrapa, Adriana Mesquita Correa Bueno, revela como era a circulação dos técnicos brasileiros nos países africanos e o contato com a comunidade local:

[...] Aquela percepção do Brasil bem anedótica, mas que eu passei na pele e que realmente é verdade, a gente chegava no aeroporto e todo mundo via brasileiro e já começava: “Pelé”, “Ronaldinho”, “Kaká”, “É, somos do Brasil”. A gente frequentava restaurantes porque a gente ia para a estação experimental, ficava em reunião ou em capacitação a manhã toda e aí ia para o *break* do almoço e lá na estação não tinha comida, então a gente se deslocava até o restaurante e depois voltava. A gente ia a mercados, farmácias, mas era um deslocamento bem limitado, o grosso mesmo, 98% do meu tempo era na fazenda, era na estação experimental, mas assim, o Brasil sempre foi muito bem-visto. Lembrando que a última vez que eu viajei para lá foi em 2016, mas a população em geral desses locais, o garçom, pessoal da farmácia, pessoal que trabalhava no aeroporto, sempre ficavam superfelizes de saber que a gente era do Brasil (BUENO, 2021. Informação verbal).

Por fim, entrevistamos o malinês Boubacar Diobana, assistente técnico de cooperação contratado pela embaixada do Brasil no Mali, para cuidar dos trâmites burocráticos entre os países do Cotton-4. Durante entrevista gravada por videochamada em 15 de outubro de 2021, ele relatou que o C-4 mudou a percepção que parte da população do Mali tinha sobre o Brasil. O depoimento nos leva a entender que o imaginário sobre Brasil é ampliado e o país se fortalece como uma opção para as migrações internacionais, especialmente para a modalidade estudantil e de trabalho. Em suas palavras:

[...] Eu posso dizer que antes do Cotton-4, na verdade, o Brasil era conhecido aqui na área do futebol. O povo mais ou menos conhecia os grandes jogadores do Brasil, conheceu o Brasil como um país de grandes jogadores, mas o Brasil também era conhecido com um país que tem uma grande potência em termos de agricultura, ao redor do mundo, mas conhecer o Brasil na verdade, aqui no Mali, foi a partir desse projeto de cooperação, desse primeiro projeto, do Cotton-4, é porque a partir desse projeto é que foi aberto uma embaixada aqui no Mali.

[...] Por exemplo, quando a senhora vai no interior do país, fica só uma localidade que fica a quase 430km de Bamako, mas mais no interior do país, a senhora vai encontrar as unidades de demonstrações do projeto Cotton-4, com as placas de identificação com a bandeira do Brasil, com o nome do Brasil, com as técnicas que estão sendo divulgadas e os técnicos da Embrapa, da UFLA, da ABC, viagem no interior do país, nós quando saímos, saímos com uma bandeira do país, isso claro que é um exemplo típico que o Brasil é conhecido aqui no Mali, aqui no interior, nas aldeias. Até as crianças conhecem o Brasil hoje em dia. Eu tenho fotos, se a senhora quiser, eu posso mandar, fotos com a bandeira do país nas aldeias do Mali (DIOBANA, 2021. Informação verbal²⁴).

²⁴ Entrevista concedida por Boubacar Diombana, Assistente Técnico de Cooperação da Embaixada do Brasil no Mali. Gravada através de videochamada em 15 de out. de 2021, , mediante autorização por escrito para publicação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demonstramos nesta pesquisa histórias de migrantes e refugiados provenientes dos países da África Subsaariana parceiros do Cotton-4 + Togo, que enfrentaram no Brasil a demora na emissão de documentos, a falta de acesso à moradia e problemas para conseguir trabalho no mercado formal, agravados pelo preconceito de raça, religião, nacionalidade etc. Muitas dessas situações possivelmente poderiam ter sido evitadas se as políticas públicas fossem efetivas nessas áreas e, sobretudo, se as leis que protegem os direitos dos migrantes e refugiados fossem cumpridas. Para garantir os direitos dessa população, o Brasil precisa reconhecer que se tornou uma opção possível para as diferentes modalidades migratórias do século XXI e, portanto, recebe um número cada vez maior de migrantes. Então, podemos aferir que o país precisa estar preparado para receber esses novos fluxos, sejam eles de caráter transitório ou não.

No primeiro capítulo deste estudo, demonstramos que no início do século XXI o Brasil conquistou, a largos passos, maior relevância no sistema internacional e se reaproximou dos países da África. A nova agenda de política externa implementou a chamada terceira onda de interesse pela África. A identidade de caráter histórico, racial e sociocultural com os países africanos, além da necessidade de saldar uma dívida com o continente foram alguns argumentos utilizados no discurso da política externa brasileira. Mas essa agenda também foi influenciada pela necessidade de formar coalizões com outros países do Sul global. O Brasil intensifica a cooperação horizontal, o intercâmbio de conhecimento técnico e educacional, especialmente aqueles voltados para o desenvolvimento agrícola, com intensa atuação da Embrapa e da ABC. É neste período que o Brasil se aproxima dos países algodoeiros da África Subsaariana (Benin, Burkina-Faso, Chade e Mali) e propõe o acordo de cooperação Cotton-4. Paralelamente à essa aproximação e a maior presença do Brasil na África, o país venceu importantes disputas com o apoio dos países africanos, a exemplo o contencioso do Algodão na OMC e a eleição de um brasileiro para a diretoria da FAO.

Ainda no primeiro capítulo, apresentamos elementos teóricos que demonstram que a globalização se estendeu durante o início do século XXI e acarretou mudanças nos fluxos migratórios internacionais neste novo milênio. Assim, os países do hemisfério sul, tradicional origem das migrações para o Norte, passam a ser também

receptores de novos fluxos vindos do próprio Sul global. A maneira como os países se relacionam, sobretudo no âmbito das cooperações internacionais, podem ser refletidas, de algum modo, em fatores de atração e repulsão de pessoas.

A revisão teórica apresentada nesta pesquisa traz instrumentos que nos auxiliam na compreensão de como as migrações internacionais no século XXI adquirem papel cada vez mais importante no cotidiano da sociedade, no mercado de trabalho, nas sociedades de partida e de destino dos fluxos migratórios. A importância das redes sociais nos processos migratórios se dá em razão da circulação de informações, de forma cada vez mais rápida, obtidas através de contatos que influenciam no conhecimento real ou imaginário de migrantes em potencial.

Na análise dos indicadores numéricos apresentada no segundo capítulo deste trabalho, verifica-se que há aumento significativo no número de migrantes provindos do Benin, de Burkina-Faso, do Chade, do Mali e de Togo neste século. Os números aumentam paulatinamente a partir de 2008 e 2009, período em que o Brasil se aproxima dos países do Cotton-4. Entretanto, precisamos considerar que a instabilidade política, social e econômica que atinge os países da África Subsaariana são fatores de repulsão. Também não podemos desconsiderar que o Brasil se apresenta como destino possível para essas novas modalidades migratórias. Logo, a junção desses dois fenômenos resultou no aumento progressivo dos números de migrantes e solicitantes de refúgio provenientes dos países do Cotton-4.

Verificamos que migrantes chegados ao Brasil entre 2000 e 2019 enquadraram-se em diversas modalidades de movimentos migratórios, incluindo o refúgio, a modalidade estudantil, a migração qualificada, a migração não-qualificada, religiosa entre outras. A modalidade estudantil está entre as primeiras ocupações dos migrantes provenientes de todos os países parceiros, o que nos faz entender que os acordos de cooperação estudantil são elementos que representam a presença implícita do estado brasileiro nos países da África, naquele período.

O número de migrantes e refugiados provenientes dos países do Cotton-4+Togo não é relevante se comparado aos fluxos de haitianos, sírios e, mais recentemente, de venezuelanos, nem mesmo em relação à quantidade de migrantes recebidos pelos países considerados grandes receptores. Entendemos que cenários

parecidos poderiam ser aplicados em escala maior como resultados de acordos futuros.

No terceiro capítulo, trouxemos a pesquisa de campo na qual elencamos algumas evidências empíricas de que o Brasil passa a ser um país de destino das migrações dos países do Cotton-4 quando intensifica seu contato com estes países e amplia a sua presença na África. Apesar disso, demonstramos também que o acordo não considerou que essa aproximação do Brasil dos países parceiros poderia resultar no maior número de migrantes. Prepararam-se apenas para a vinda de técnicos e representantes diplomáticos.

Os migrantes e refugiados entrevistados relataram situações que nos levam a entender que a responsabilidade pelo acolhimento e a inserção dessas pessoas na sociedade brasileira tem sido assumida por entidades e instituições da sociedade civil. Verifica-se, sobretudo, que é nas questões de moradia e do acesso ao mercado legal de trabalho que a vida dos imigrantes parece mais difícil, a começar pela burocracia com a obtenção dos documentos de permanência, apesar do Brasil ser internacionalmente reconhecido por seu perfil acolhedor e por sua capacidade de abrigar diferentes culturas. O que não nos parece coerente é que, mesmo sendo provenientes de países parceiros com os quais o Brasil buscou aproximação, os entrevistados tiveram dificuldades que evidenciaram a necessidade do estado brasileiro assumir a responsabilidade de integrar e assistir à população migrante e refugiada.

Embora não seja o objetivo principal dessa pesquisa, nos parece impossível não mencionar o tratamento recebido pelos migrantes e refugiados no Brasil. Os entrevistados vivenciaram situações de preconceito sem a mediação de políticas públicas para atenuar esses processos e facilitar a inclusão social dessa população. O governo brasileiro poderia incluir em suas políticas públicas um trabalho direcionado ao combate à discriminação racial a migrantes e solicitantes de refúgio, especialmente se levarmos em consideração que a vinda de muitos desses migrantes ocorre como uma resposta implícita ou explícita do tratado de cooperação proposto pelo próprio Brasil aos países africanos.

Em conclusão, entendemos que a presença do Brasil nos países africanos resulta no surgimento de um conjunto de ideias sobre o país que possivelmente

passam a ser disseminadas nas sociedades dos países africanos. Podemos entender que a política brasileira de aproximação do continente passa a ser um elemento de estímulo para a criação de um novo imaginário sobre o Brasil pela população local e por futuros migrantes. Deste modo, os próximos deslocamentos provenientes dos países parceiros podem ser alimentados a partir das redes atuais e das conexões interpessoais de migrantes e refugiados. Portanto, concluímos que os acordos de cooperação técnica, especialmente aqueles que envolvem a circulação de pessoas, precisam considerar novos deslocamentos diretos e indiretos.

O Brasil tornou-se um destino possível para as migrações, sejam elas provisórias ou não, ao se intensificar sua presença no sistema internacional. Essa nova realidade estabelecida no século XXI nos mostra que a criação e o direcionamento de políticas públicas para a população de migrantes e refugiados precisam ser mais efetivos. A existência da Lei de Migração é indiscutivelmente um notável avanço no período aqui estudado. Porém, não basta que as leis existam, elas precisam ser cumpridas para que os direitos dos migrantes e refugiados sejam respeitados no país.

REFERÊNCIAS

A fome do mundo. Folha de S. Paulo. Opinião, São Paulo, 28 jun. 2011. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2806201101.htm>>. Acesso em: 09 de ago 2020. de 2021.

ALBA, R. AND NEE, V. **Rethinking assimilation theory for a new era of immigration.** International Migration Review 31 (4): 826–74, 1997.

ABDENUR, Adriana E.; DE SOUZA NETO, Danilo M. **O Brasil e a cooperação em defesa:** a construção de uma identidade regional no Atlântico Sul. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 57, n. 1, p. 5-21, 2014.

AGÊNCIA BRASILEIRA DE COOPERAÇÃO DO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (ABC/MRE). **Boletim Eletrônico da Agência Brasileira de Cooperação**, p. 16, 2006.

_____. 2011, **Agence Brésilienne de Coopération** - La coopération technique du Brésil en Afrique, Brasília: MRE/ABC

_____. **Cotton- 4:** Programa Brasileiro de Apoio à Iniciativa do Algodão. 2009, p. 24

_____. **Catálogo ABC de cooperação técnica do Brasil para a África – 2010.** MRE, 2010, 185 p.

ALMEIDA, Célia M., CAMPOS, Rodrigo P., BUSS, Paulo M., FERREIRA, José R. **A concepção brasileira de cooperação Sul-Sul** 250 Luiz Eduardo Fonseca Paulo Marchiori Buss estruturante em saúde. RECIIS – Rev. Eletr. Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, pp. 25-35, mar. 2010.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. **"Uma nova arquitetura diplomática? Interpretações divergentes sobre a política externa do governo Lula (2003/2006)"**. Revista Brasileira de Política Internacional, 49 (1), 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-73292006000100005>>. Acesso em 15 de out. de 2021.

ALVES, Z.; SILVA, M. **Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta.** Paidéia (Ribeirão Preto), 1992, n. 2, p. 61-69, 1992.

AMORIM, CLN. **A cooperação como instrumento da política externa brasileira.** Via ABC (Junho). Boletim Eletrônico da Agência Brasileira de Cooperação (ABC/MRE), p. 16, 2006.

AMORIM, Celso. **A Política Externa Brasileira no governo do Presidente Lula (2003-2010): uma visão geral.** Revista Brasileira de Política Internacional, v. 53, n. spe, p. 214-240, 2010.

ANTONIAZZI, L. **Brasil e África parceiros no desenvolvimento agrícola sustentável.** Rede Agro, 27 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.redeagro.org.br/artigo-desenvolvimentorural/619-brasil-e-africa-parceiros-nodesenvolvimento-agricola-sustentavel>>. Acesso em: 18 de ago. de 2021.

Axelrod, R. (1984). **The evolution of cooperation.** New York: Basic Books.

BAENINGER, R. **Lei de Migração e política interna das migrações internacionais: a distribuição espacial da população imigrante no Brasil.** In: RAMOS, A. C.; VEDOVATO, L. R.; BAENINGER, R. (coord.). Nova lei de migração: os três primeiros anos. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – NEPO/UNICAMP; FADISP, 2020. p. 349-362.

_____. **Notas acerca das migrações internacionais no século 21.** In: BAENINGER, R. (org.). Migração internacional. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – NEPO/UNICAMP, 2013.

_____. **O Brasil na rota das migrações internacionais recentes.** Jornal da Unicamp, Campinas, n. 226, 25-31 ago. 2003. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2003/ju226pg2b.html>. Acesso em: 22 de abr. de 2021.

BAENINGER, R.; ANTICO, C. **Questões decorrentes da emergência da migração internacional no Brasil.** In: PATARRA, N. L. (Org.). Migrações internacionais: herança XX, agenda XXI. Campinas, SP: FUNAP, v. 2, 1996, pp. 259-268.

BAENINGER, R; PATARRA, N. L. **Migrações internacionais, globalização e blocos de integração econômica** - Brasil no Mercosul. In: Congresso da Associação Latina Americana de População, ALAP, Minas Gerais. Anais. Caxambu-MG, 2004.

BAENINGER, R. et al. (Orgs.). **Migrações Sul-Sul**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018 (2ª edição) p. 976

BÓGUS, L. M. M. **Globalização e Migração Internacional: O Que Há de Novo Nesses Processos?** In: EUDC. (Org.). DESAFIOS DA GLOBALIZAÇÃO. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 165-174.

BÓGUS, Lucia Maria M.; FABIANO, Maria Lucia A. **O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios**. Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais, n. 18, 2015.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 3891, de 2008**. Dispõe sobre a criação da Universidade Federal da Integração Luso-Afro-Brasileira - UNILAB e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 2008. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=6DE2590F00273CACAF9729905B910C17.proposicoesWeb1?codteor=592938&filename=PL+3891/2008 >. Acesso em: 10 nov. 2021

BRASIL. **Relações Internacionais do MDS**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combater à Fome, 2010. Disponível em: <<https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/Fome%20Zero%20Vol1.pdf>>. Acesso em: 22 de nov. 2021.

_____. **Brazilian Technical Cooperation: Agriculture, Food Security and Social Policies**. Brasília: Secretaria da Comunicação Social da Presidência, 2011.

BRETTELL, C. B.; HOLLIFIELD, J. F. **“Migration theory”**. In: BRETTELL, C. B. e HOLLIFIELD, J. F. (orgs.) Migration theory: talking across disciplines. New York: Routledge, 2000.

BUSS, P.; FERREIRA, J. **Health diplomacy and South-South cooperation: the experiences of UNASUR Salud and CPLP's Strategic Plan for Cooperation in Health**. R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v.4, n.1, pp.99-110, Mar., 2010.

CABRAL, Lúcia (2011). **Cooperação Brasil-África para o desenvolvimento: caracterização, tendências e desafios.** Texto CINDES 16. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Integração e Desenvolvimento. Publicado em <<http://www10.iadb.org/intal/intalcdi/PE/2012/09904.pdf>>. Acesso em: 03 de out. 2021.

CABRAL, Lúcia et al. **Brazil–Africa agricultural cooperation encounters: Drivers, narratives and imaginaries of Africa and development.** IDS Bulletin, v. 44, n. 4, p. 53-68, 2013.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M., **Imigração e Refúgio no Brasil.** Relatório Anual 2019. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2019.

Cotton-4 + Togo: Uma parceria de sucesso. Agência Brasileira de Cooperação. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/abc/centrais-de-conteudo/publicacoes/Cotton4_togo_uma_parceria_sucesso_BR.pdf>. Acesso em: 03 de jul 2021.

CARLSSON, J. **The emergence of South-South relations in a changing world economy.** In: Jerker Carlsson (Ed.) South-South relations in a changing world order. Uppsala: Scandinavian Institute of African Studies, 1982.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura** Tradução de Roneide Majer. 19. ed. revista e ampliada. São Paulo: Paz e Terra, v. 1, 2018.

CASTLES, S. **International Migration at the Beginning of the Twenty-First Century: Global Trends and Issues.** International Social Science Journal, v. 52, n. 165, p. 269-281, 2000.

_____. **Understanding Global Migration: A social transformation perspective.** Journal of ethnic and migration studies, v. 36, n. 10, pp. 1565-1586, 2010. 46

_____. **Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios.** Dos Trabalhadores convidados às Migrações Globais. Fim de Século, 2005, p. 7 – 73.

CASTLES, S.; DELGADO WISE, R. (Eds.) **Migration and Development: Perspectives from the South**, Geneva: International Organization for Migration, 2008.

CASTLES, Stephen; MILLER, Mark. **The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World**. Londres: Macmillan, 2003.

CEPALUNI, Gabriel; VIGEVANI, Tullo; SCHMITTER, Phillippe C. **Brazilian foreign policy in changing times: the quest for autonomy from Sarney to Lula**. Lexington Books, 2009.

CERVO, A. L. **Inserção Internacional - formação dos conceitos brasileiros**. São Paulo: Ed. Saraiva, 2008.

CHEDIEK, J. **O papel do Brasil na Cooperação Sul-Sul: um estudo analítico e histórico**. In: 30 anos da ABC: visões da cooperação técnica internacional brasileira. CEPALUNI, Gabriel; VIGEVANI, Tullo; SCHMITTER, Phillippe C. **Brazilian foreign policy in changing times: the quest for autonomy from Sarney to Lula**. Lexington Books, 2009.

CLARK, W. A. V. **Human Migration**, Beverly Hills, Sage. Contexto internacional, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, 1991 [1986].

DA MOTTA VEIGA, P. **A África na agenda econômica do Brasil: comércio, investimentos e cooperação**. Revista Brasileira de Comércio Exterior, v. 116, pp. 4-19, 2013.

DE BARROS, Deolindo N. **Cooperação educacional internacional Brasil/África: do programa estudantes-convênio de graduação (PEC-G) à universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira (Unilab)**. Revista de Estudos Internacionais, v. 6, n. 2, p. 117-133, 2015.

DE HAAS, H. et al. **International migration: trends, determinants and policy effects**. IMI Working Paper Series, [S. l.], v. 142, p. 1-59, 2018.

DE HAAS, H. **International migration, remittances and development: Myths and facts**. Third World Quarterly, London, v. 26, n. 8, p. 1269-1284, 2005.

_____. **Migration and development: a theoretical perspective**. International Migration Review, New York, NY, v. 44, n. 1, p. 227-264, 2010a.

_____. **Mobility and Human Development.** Human Development Research Paper, p. 73, 2009.

_____. **Migration transitions:** a theoretical and empirical inquiry into the developmental drivers of international migration. Oxford: University of Oxford, 2010b.

_____. **The determinants of international migration:** conceptualising policy, origin and destination effects. IMI Working Paper Series, [S. l.], v. 32, p. 1-35, 2011.

DE HAAS, H.; NATTER, K.; VEZZOLI, S. **Compiling and coding migration policies:** Insights from the DEMIG POLICY database. Oxford: International Migration Institute, 2014. (IMI Working Paper n. 87 / DEMIG Project Paper n. 16).

_____. **Growing restrictiveness or changing selection?** The nature and evolution of migration policies¹. International Migration Review, New York, NY, p. 1-44, 2016.

DE HAAS, H.; SILVA, C. V.; VEZZOLI, S. **Global migration futures:** a conceptual and methodological framework for research and analysis. Oxford: University of Oxford, 2010.

Diretora do Programa Alimentar Mundial elogia escolha de Graziano para FAO. Jornal do Commercio. Recife, 27 jun. 2011. Agência Brasil. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/mundo/brasil/noticia/2011/06/27/diretora-do-programa-alimentar-mundial-elogia-escolha-de-graziano-para-fao-8489.php>>. Acesso em 19 jul. de 2021.

DE LIMA, M. R. S. **A Economia Política da Política Externa Brasileira:** Uma Proposta de Análise. Contexto Internacional, v. 6, n.12, p. 7-28, 1990.

_____. **A política externa brasileira e os desafios da cooperação Sul-Sul.** Revista brasileira de política internacional, v. 48, n. 1, p. 24-59, 2005.

DESIDÉRIO, Edilma J. **Migração e políticas de cooperação: fluxos entre Brasil e África.** ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÃO, v. 4, p. 16-18, 2005.

DIETRICH, A. M. (Org.). **Imigrantes:** eles fizeram o Brasil. Revista História Viva, São Paulo, v. 11, n. 97, 2011.

DOMENACH, H.; PICOUET, M. **El caracter de reversibilidad en el estudio de la migracion**. Notas de Población, Santiago de Chile, Chile, n. 49, p. 49-68, 1990.

_____. **Les migrations**. Paris, França: Presses Universitaires de France, 1995.

FERNANDES, Duval. **O Brasil e a migração internacional no século XXI–Notas introdutórias. Migrações e trabalho**, p. 17-19, 2015.

Graziano é eleito diretor da FAO. Jornal do Comércio. Porto Alegre, 27 jun. 2011. Disponível em: <<https://www.jornaldocomercio.com/site/noticia.php?codn=66015>>. Acesso em: 15 out. de 2021.

Graziano quer reformar FAO para combater insegurança alimentar. Canal Rural, 27 jun. 2011. Agência Estado. Disponível em: <<https://www.canalrural.com.br/noticias/graziano-quer-reformar-fao-para-combater-inseguranca-alimentar-12829/?media-print=true>>. Acesso em 15 out. de 2021.

GUARNIZO, L. E.; PORTES, A.; HALLER, W. **Assimilation and Transnationalism: Determinants of Transnational Political Action among Contemporary Migrants**. American Journal of Sociology, v. 108, n. 6, p. 1211–1248, 2003.

GUIMARÃES, S. P. **Desafios Brasileiros na era dos gigantes**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto. 2006.

_____. **Brasil e África do Sul: riscos e oportunidades no tumulto da globalização**. Análise comparada das políticas exteriores da África do Sul e do Brasil. Brasília: IPRI, 1997, p. 173-188.

HERNANDEZ, Leila L. **A África na sala de aula: Visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

HIRST, M. **As relações Brasil-África em ritmo de cooperação Sul-Sul**. Cebri, julho de 2010, p. 47.

HIRST, M.; LIMA, M.R.S.; PINHEIRO, L. **A política externa brasileira em tempos de novos horizontes e desafios**. Nueva Sociedad, p. 22-41, 2010.

HOLLIFIELD, James F. **Introduction**. In: BRETTEL, C. B.; HOLLIFIELD, J. F. (Eds.) Migration Theory: Talking across Disciplines. New York: Routledge, 2000.

HURRELL, A. Lula's Brazil: a rising power but going where? *Current History*, Feb. 2008.

IANNI, Octavio. **O preconceito racial no Brasil**. Estudos avançados, São Paulo: v.1, n. 1, (jan / abr) p. 6-20.

_____. **Globalização e diversidade**. In PATARRA, N. L. (Org.). Migrações internacionais: herança XX, agenda XXI. Campinas, SP: FUNAP, v. 2, 1996, p. 1.

IPEA; BANCO MUNDIAL. **Ponte sobre o Atlântico: Parceria Sul-Sul para o Crescimento Brasil e África Subsaariana**. ed Ipea e Banco Mundial. Brasília: 2011. 150p. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/120113_livroponteso_breoatlanticopor2.pdf> Acesso em: 19 jul. 2021.

JANSEN, C. J. **"Some sociological aspects of migration"**. In: JACKSON, J.A. (Ed.). Migration. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 60-73, 1969.

KALY, Alain Pascal. (2001) **O Ser preto africano no "paraíso terrestre": Um sociólogo senegalês no Brasil**. Lusotopia, 2001, pp. 105-121. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/luso_1257-0273_2001_num_8_1_1431>. Acesso em: 25 set. de 2021.

KEOHANE, Robert O. **After hegemony**. Princeton university press, 2005.

_____. **After hegemony cooperation is still possible**. The International Spectator, v. 50, n. 4, p. 92-94, 2015.

KEOHANE, Robert O.; NYE JR, Joseph S. **Globalization: What's new? What's not? (And so what?)**. Foreign policy, p. 104-119, 2000.

_____. **Power and interdependence**. Survival, v. 15, n. 4, p. 158-165, 1973.

_____. **Power and Interdependence revisited**. International organization, v. 41, n. 4, p. 725-753, 1987.

LIMA, J. D. F. **A ABC e a Embrapa na África, Parceria na Cooperação Técnica: O Caso de Moçambique** Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2012. Disponível em: <http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/3764/1/2012_JoseDinizFerreiraLima.pdf> –

Especialização (Instituto de Ciência Política e de Relações Internacionais). Acesso em: 25, jan. 2022.

LOPES, Juarez Rubens Brandão. (1974). **Desenvolvimento e migrações**: uma abordagem histórico-estrutural. *Revista Mexicana de Sociología*, 36(1), 45–58. Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/3539372>>. Acesso em: 20, jan. de 2022.

LOPES, L. **A Cooperação Técnica entre Países em Desenvolvimento (CTPD) da Agência Brasileira de Cooperação (ABC-MRE)**: o Brasil como doador. São Paulo: UNESP, UNICAMP, PUC-SP, 2008.

LÓPEZ-CIFUENTES, J. **Os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e sua relevância para migrantes e refugiados**. In: Caderno de Debates Refúgio, Migração e Cidadania. v. 3, n.3 (novembro de 2008). Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos. Anual – ISSN 1984-2014.

MASSEY, D.S. et al. **Worlds in Motion**: Understanding International Migration at the end of the Millennium. Oxford: Clarendon Press, 1998.

MASSEY, D.S. **Social structure, household strategies, and the cumulative causation of migration**. *Population Index*, v. 56, p. 3-26, 1990.

_____. **Theories of International Migration**: a Review and Appraisal. *Population and Development - Review*, v. 19, n. 3, p. 431-466, Set. 1993.

MENDONÇA JÚNIOR, W.; FARIA, C.A.P. **A cooperação técnica do Brasil com a África**: comparando os governos Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e Lula da Silva (2003- 2010). *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 58, n. 1, p. 5-22, 2015.

MENEZES, D. F. N.; VEDOVATO, L. R. **Migración y ciudadanía en el escenario económico actual**: análisis del voto extranjero y efectos económicos de la migración. *Derecho y Cambio Social*, v. 42, p. 1-21, 2015.

MENEZES, R. G.; Ribeiro, C. O. (2011). **A cooperação Sul-Sul revisitada**: A política externa do governo Lula da Silva e o desenvolvimento africano. In: Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos CODE 2011, IPEA. 48

MENEZES, Antônio Carlos de S. **Apoio ao setor algodoeiro dos países do Cotton-4 (Benim, Burkina-Faso, Chade e Mali), um projeto bem-sucedido:** perspectivas para o futuro da cooperação sul-sul brasileira. 2013. (Curso de Altos Estudos) - Instituto Rio Branco, Brasília, 2013.

MILHORANCE, C. **A política de cooperação do Brasil com a África Subsaariana no setor rural:** transferência e inovação na difusão de políticas públicas. Revista Brasileira de Política Internacional, Vol. 56, No. 2, 2013, pp. 5-22 NCUBE.

MILANI, C. R. S. **Brazil's South-South co-operation strategies:** from foreign policy to public policy. South African Institute for International Affairs – SAIIA, Occasional paper n. 179, 2014.

MILANI, C.R; CARVALHO, T. C. O. **Cooperação Sul-Sul e Política Externa:** Brasil e China no Continente Africano. In: Estudos Internacionais: Revista de Relações Internacionais da PUC Minas, v. 1, p. 11-35, 2013.

NYE JR, Joseph S. **Cooperação e conflito nas relações internacionais.** Editora Gente Liv e Edit Ltd, 2009.

_____. **The powers to lead.** Oxford University Press, 2008.

_____. **Soft power:** The means to success in world politics. Public affairs, 2004.

NYE, Joseph S. **The changing nature of world power.** Political Science Quarterly, v. 105, n. 2, p. 177-192, 1990.

OLIVEIRA, C. R., PEIXOTO, J.; GÓIS, P. **A nova crise dos refugiados na Europa:** o modelo de repulsão-atração revisitado e os desafios para as políticas migratórias. Revista Brasileira de Estudos de População, 34 (1), 73-98, 2017.

OLIVEIRA, A. J. S. N.; ONUKI, J. **Coalizões Sul-Sul e as negociações multilaterais:** os países intermediários e a coalizão IBSA. São Paulo: Mídia Alternativa, 2007.

PATARRA, N. L. (Coord.). **Migrações internacionais:** herança XX, agenda XXI. São Paulo: FNUAP, 1996.

PATARRA, N. L. **Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, SP, v. 19, n. 3, p. 23-33, 2005.

PATARRA, N. L.; BAENINGER, R. **Mobilidade espacial da população no Mercosul: metrópoles e fronteiras**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, SP, v. 21, n. 60, p. 83-102, 2006.

_____. **Migrações internacionais, globalização e blocos de integração econômica: Brasil no Mercosul**. In: Congreso de La Asociación Latino Americana de Población – ALAP, 1., 2004, Caxambu, MG. Anais... [S. l.]: ALAP, 2004.

PECEQUILO, C. S. **A política externa do Brasil no século XXI: os eixos combinados de cooperação horizontal e vertical**. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 51, n. 2, p. 136-156, 2008.

_____. **A política externa do Brasil no século XXI: os eixos combinados de cooperação horizontal e vertical**. Revista Brasileira de Política Internacional, p. 136-156, 2008.

MARTÍNEZ PIZARRO, Jorge. **Migración internacional de jóvenes latinoamericanos y caribeños: protagonismo y vulnerabilidad**. Celade, 2000.

PEIXOTO, João. **As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas**. 2004.

PETERSEN, William. **“Migration: social aspects”**. In: International Encyclopedia of the Social Sciences, New York, Macmillan and Free Press, Vol. 10, pp. 286-292, 1968.

PINHEIRO, Letícia. **Política externa brasileira (1889-2002)**. Zahar, 2004.

PINO, Bruno A. **Contribuciones de Brasil al desarrollo internacional: coaliciones emergentes y cooperación Sur-Sur/Brazil's contributions to international development: emerging coalitions and South-South cooperation**. Revista CIDOB d'afers internacionals, p. 189-204, 2012.

POCHMANN, M. **Economia global e a nova Divisão Internacional do Trabalho**. In: MEETING ON SOCIAL ECONOMICS IN LATIN AMERICA PANAMA, 4., 2000, Chile. Anais... [S. l. : s. .n], 2000.

PORTES, A. (Ed.). **The Economic Sociology of Immigration: Essays on Networks, Ethnicity and Entrepreneurship**, New York, Russel Sage Foundation, 1995.

PORTES, A.; BÖRÖCZ, J. "**Contemporary immigration: theoretical perspectives on its determinants and modes of incorporation**". *International Migration Review*, Vol. 28, Nº 3, pp. 606-630, 1989.

POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

RAMOS, André de C.; VENTURA, Deisy de F. L.; DALLARI, Pedro B. de A. **Uma lei de migrações para o Brasil**. Folha de S. Paulo. Opinião, São Paulo, 14 set. 2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opinia0/185553-uma-lei-de-migracoes-para-o-brasil.shtml>>. Acesso em: 05 set. de 2021.

RAVENSTEIN, E. G. **The laws of migration**. *Journal of the Royal Statistical Society*, London, v. 48, p. 167-235, 1885.

REIS, Rossana Rocha. **A política do Brasil para as migrações internacionais**. *Contexto internacional*, v. 33, p. 47-69, 2011.

REIS, Rossana Rocha. (2004), "**Soberania, direitos humanos e migrações internacionais**". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 19 (55): 149-163.

_____. (2006) "**Os direitos humanos e a política internacional**". *Revista de Sociologia Política*, 27: 33-42.

RODRIK, D. **Comments at the Conference on Immigration Policy and the Welfare State**. Unpublished paper delivered at the Third European Conference on Immigration Policy and the Welfare State, Trieste, June 23, 2001.

SALES, Teresa. **Brasil migrante, Brasil clandestino**. *São Paulo em Perspectiva*, v. 8, n. 1, p. 107-115, 1994.

_____. **Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas anotações para pesquisa**. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 9, n. 1, p. 50-64, 1992.

SARAIVA, José Flávio S. **A África na ordem internacional do século XXI: mudanças epidérmicas ou ensaios de autonomia decisória?**. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 51, p. 87-104, 2008.

_____. **Construção e desconstrução do discurso culturalista na política africana do Brasil**. 1993.

_____. **O diálogo Sul-Sul e a CPLP: Globalização e desigualdade no mundo pós-11 de setembro**. In: Departamento de África e Oriente Próximo; IPRI. CPLP: Oportunidades e perspectivas. Brasília: FUNAG/IPRI, 2002, p. 309-328.

_____. **Política exterior do Governo Lula: o desafio africano**. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 45, p. 5-25, 2002.

SASSEN S. **Sociologia da globalização**. Porto Alegre, RS. Artmed, 2010.

_____. **Economic restructuring and the American city**. *Annual Review of Sociology*, Califórnia, v. 16, p. 465-490, 1990.

_____. **Global migrations and economic need**. In: SMITH, R. M. (ed.). *Citizenship, borders, and human needs*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press (PENN), 2011. p. 56-91.

_____. **Globalization and its discontents: essays on the new mobility of people and money**. New York, NY: New York Press, 1998.

_____. **Globalization or denationalization?** *Review of International Political Economy*, London, v. 10, n. 1, p.1–22, 2003. SASSEN, S. *Global networks, linked cities*. London: Routledge, 2002.

_____. **La ciudad global: una introducción al concepto y su historia**. *The Brown Journal of World Affairs*, USA, v. 11, n. 2, p. 27-43, 1995.

_____. **The global city**: New York, London & Tokyo. Princeton: University Press, 1991.

_____. **The making of international migrations**. In: SASSEN, S. *Sociology of globalization*. New York, NY: Norton & Company, 2007. p. 129-163.

_____. **The mobility of labor and capital:** a study in international investment and labor flow. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

_____. **Sociologia da Globalização.** Artmed: Porto Alegre, 2010.

SASSEN-KOOB, S. **Direct foreign investment:** a migration push-factor? Environment and Planning C: Government and Policy, Vol. 2, pp. 399-416, 1984.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os Paradoxos da Alteridade,** A. Edusp, 1998.

DA SILVA, L. I., AMORIM, C.; GUIMARÃES, S. P. **A Política Externa do Brasil.** Brasília: IPRI/FUNAG, 2003. Disponível em: <http://funag.gov.br/loja/download/388-Repertorio_de_Politica_Externa_Posicoes_do_Brasil.pdf>. Acesso em: 10 nov. de 2021.

SINGER, P. **Migrações internas e considerações teóricas sobre o seu estudo.** In: Economia Política e Urbanização. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973, p. 29-60

TOURÉ, A. T.; COMPAORÉ, B. **Your farm subsidies are strangling us.** The New York Times. New York, 11 Jul. 2003. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2003/07/11/opinion/your-farm-subsidies-are-strangling-us.html>>. Acesso em: 29, dez. 2020.

VEDOVATO, L. R. (Org.). **A Nacionalidade no Direito Internacional Privado Brasileiro:** Elemento de Exclusão. In: CARVALHO RAMOS, A. Direito Internacional Privado: Questões Controvertidas. 1 ed. Belo Horizonte: Arraes Editores, 2015, v. 1, p. 176-186.

VEDOVATO, L. R. **A Nova Lei de Migração Brasileira:** um aniversário com pouco a se comemorar para além da entrada em vigor da lei. Revista Conceito Jurídico, Brasília, DF, Ano III, n. 34, p.27-30, 2019.

_____. **O Direito de Ingresso do Estrangeiro:** a circulação das pessoas pelo mundo do cenário globalizado. São Paulo, SP: Atlas S. A., 2013.

VEDOVATO, L. R.; ASSIS, A. E S. Q. **Os vetos à Nova Lei de Migração Brasileira:** a interpretação como um passo necessário. In: BAENINGER, R. et al. (org.). Migrações Sul-Sul. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – NEPO/UNICAMP, 2018. p. 587-608.

VENTURA, Deisy de F. L.; YUJRA, Veronica Q. **Saúde de migrantes e refugiados**. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2019.

VENTURA, Deisy; ILLES, Paulo. **Qual é a política migratória do Brasil?** Le Monde Diplomatique Brasil, Curitiba, v. 5, n. 56, p. 34-35, mar. 2012.

VIGEVANI, T.; CEPALUNI, G. **A política externa de Lula da Silva: a autonomia pela diversificação**. Contexto Internacional, 29 (2), 2007.

VISENTINI, P. F.; CEBRAFRICA. **A África e as Potências Emergentes: Nova Partilha ou Cooperação Sul-Sul?** Porto Alegre: Leitura XXI, 2013.

VISENTINI, Paulo F. **Cooperacao Sul-Sul, diplomacia de prestígio ou imperialismo "soft"?** As relações Brasil-África do governo Lula. Século XXI, v. 1, n. 1, p. 65-84, 2011.

_____. **África e as potências emergentes: o Sul e a cooperação profana**. Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais, v. 3, n. 5, p. 41-68, 2014.

_____. **A relação Brasil-África: prestígio, cooperação ou negócios?** Alta Books Editora, 2019.

_____. **A Primavera Árabe; entre a democracia e a geopolítica do petróleo**. Porto Alegre: Século XXI, 2012.

VISENTINI, P. F.; CEPIK, M.; PEREIRA, A. D. **G3 – Forum de Diálogo IBAS: Uma Experiência de Cooperação Sul-Sul**. Curitiba: Jurua, 2011. 178p.

WEISSHEIMER, M. A. **Eleição de Graziano é vitória da política externa do Brasil, diz embaixador**. Opera Mundi. 26 jun. 2011. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/13041/eleicao+de+graziano+e+vitoria+da+politica+externa+do+brasil+diz+embaixador.shtml>>. Acesso em: 01 dez. de 2021.

ZELINSKY, W. **The hypothesis of the mobility transition**. Geographical Review, New York, NY, v. 61, n. 2, p. 219-249, 1971.

ANEXOS

ANEXO A - Questionário utilizado na entrevista com técnicos

- O senhor acompanhou a criação ou a implementação do projeto de cooperação Cotton-4?
- Qual a importância desse acordo para o seu país na época em que foi criado?
- Todas as cláusulas previstas no acordo foram implementadas ou cumpridas? Algum ponto deixou de ser cumprido pelo governo brasileiro e/ou pelo governo do seu país desde o início do projeto até agora? Quais?
- A participação do seu país no acordo resultou em melhoria na produção de algodão? Isso ajudou a melhorar a produtividade e as exportações do país trazendo alguns benefícios econômicos e sociais ao seu país?
- Antes da criação do Cotton-4 o Brasil era conhecido em seu país? Por quais aspectos?
- Havia ou foi criado algum programa de incentivo para a vinda de estudantes e pesquisadores do Benin para o Brasil? Qual?
- Havia algum programa de incentivo para o intercâmbio de profissionais em busca de capacitação técnica do seu país para o Brasil, e do Brasil para o seu país?
- Havia critério para a entrada de cidadãos do seu país no Brasil antes da assinatura do acordo de cooperação? Houve alguma mudança nesses critérios após a assinatura do acordo? Quais?
- Há registro de dados de quantos cidadãos do seu país vieram para o Brasil entre 2010 e 2019?
- Há registro de dados de quantos brasileiros foram ao seu país entre 2010 e 2019?
- Após a participação do acordo, o Brasil se tornou um país popularmente conhecido em seu país? Caso sim, por quais aspectos?
- Houve alguma mudança nas diretrizes do acordo durante sua vigência?
- Foi criada uma estação experimental de Sotuba, no Mali. Ela continua operando?

- Algum laboratório de desenvolvimento agrícola foi instalado em seu país a partir do Cotton-4
- O Cotton-4 é considerado um projeto de sucesso em seu país?

ANEXO B - Questionário utilizado na entrevista com representação diplomática

- O senhor acompanhou a criação ou a implementação do projeto de cooperação Cotton-4?
- Qual a importância desse acordo para o seu país na época em que foi criado?
- A participação do seu país no acordo resultou em melhorias na produção de algodão? Isso ajudou a melhorar a produtividade e as exportações do país? Se sim, o senhor sabe dizer como especificamente?
- Antes da criação do Cotton-4 o Brasil era conhecido em seu país? Por quais aspectos?
- O projeto chegou ao conhecimento da população do seu país? Se sim, de que modo?
- O senhor acredita que, após a implementação do acordo, de algum modo, o Brasil passou a ser mais conhecido pela população do seu país de algum modo? Algum exemplo concreto que vem à mente do senhor nesse sentido?
- Havia ou foi criado (pelo Brasil ou pelo seu próprio país) algum programa de incentivo para a vinda de estudantes e pesquisadores do seu país para o Brasil? Se sim, qual?
- (Caso esse programa tenha sido criado após o Cotton 4): O senhor considera que o Cotton 4 teve algum impacto para a criação desse programa? Se sim, por que?
- Havia critério para a entrada de cidadãos do seu país no Brasil antes da assinatura do acordo de cooperação? Houve alguma mudança nesses critérios após a assinatura do acordo? Quais?
- Há registro de dados sobre quantos cidadãos do seu país vieram para o Brasil entre 2010 e 2019?
- Há registro de dados sobre quantos brasileiros foram ao seu país entre 2010 e 2019?
- Houve alguma mudança nas diretrizes do acordo Cotton-4 durante sua vigência? Se houve, qual o motivo da mudança?
- Foi criada uma estação experimental de Sotuba, no Mali. Ela continua operando? Se não, qual o motivo para a descontinuidade dessas operações?

- Todas as cláusulas previstas no acordo foram implementadas ou cumpridas? Algum ponto deixou de ser cumprido pelo governo brasileiro e/ou pelo governo do seu país desde o início do projeto até agora? Se sim, Quais?
- Algum laboratório de desenvolvimento agrícola foi instalado em seu país a partir do Cotton-4?
- O Cotton-4 é considerado um projeto de sucesso em seu país? Caso sim, por quais razões?

ANEXO C - Questionário utilizado na entrevista com migrantes e solicitantes de refúgio

- Onde e quando nasceu?
- No que trabalhavam os pais?
- Como era a família. Havia irmãos? Como foi infância e adolescência?
- Até quando estudou. Seguiu os estudos? Em que área?
- Outros membros da sua família vivem fora do seu país? Onde? Algum outro membro no Brasil?
- Quando e como veio o desejo ou a necessidade de migrar?
- Qual fator conjuntural do seu país o levou a migrar/refugiar-se?
- Você já ouviu falar no Cotton-4 + Togo?
- O cultivo de algodão é importante para a economia do seu país?
- Você ou algum membro da sua família vive do cultivo ou da cadeia produtiva do algodão em seu país?
- Quando você deixou seu país? Você viveu ou passou por algum outro país antes de chegar no Brasil?
- Você fez a viagem sozinho?
- Houve alguma dificuldade no trajeto?
- Quando você deixou seu país? Você viveu ou passou por algum outro país antes de chegar no Brasil?
- Você fez a viagem sozinho? Houve algum tipo de ajuda?
- Por que a opção pelo Brasil? Como você teve conhecimento sobre o Brasil?
- O Brasil foi a sua primeira opção de escolha? Qual foi sua primeira opção? Se mudou de ideia de ir para outro país antes do Brasil, foi por qual razão?

- Como se dá a procura ou obtenção pelo visto?
- Houve algum tipo de risco na viagem?
- Como foi a chegada ao destino atual?
- Há quanto tempo reside no Brasil? E em São Paulo? Em que lugar reside em São Paulo?
- Alguém ajudou a conseguir moradia? Quanto tempo morou em outras cidades no Brasil? Quais cidades?
- Qual foi a primeira opinião sobre o Brasil e São Paulo?
- Reside sozinho? Algum parente migrou ou refugiou-se depois que você chegou ao Brasil? Caso sim, para onde foi esse parente?
- Qual o seu trabalho atualmente? Alguém ajudou a conseguir o trabalho?
- Possui carteira de trabalho? Desde quando? Já trabalhou sem carteira de trabalho?
- A sua percepção sobre o Brasil é a mesma que você tinha antes de chegar aqui ou quando chegou? O que mudou?
- Você já sofreu algum tipo de preconceito? Qual?
- Você acredita que a legislação brasileira facilita a vida do migrante/refugiado no Brasil?
- Você pretende continuar vivendo no Brasil? Caso sim, o que te leva a decidir ficar? Por quanto tempo você pretende ainda viver no Brasil?
- Por que você não pretende voltar para o seu país?
- O que você pretende para seu futuro profissional e pessoal?

ANEXO D - Questionário respondido pela Embaixada de Burkina-Faso

Eléments de réponses au questionnaire par le Programme Coton de l'INERA

- Avez-vous suivi la création ou la mise en œuvre du projet de coopération Cotton-4?

Oui

- Quelle était l'importance de cet accord pour votre pays à l'époque qui a été créé?

Cet accord de coopération visait à améliorer la compétitivité de la filière coton qui subissait la concurrence déloyale des pays du Nord surtout des Etats Unis d'Amérique. Initialement, le projet visait à accroître la productivité du cotonnier au champ dans les pays du C4 (Benin, Burkina Faso, Mali et Tchad) à travers l'appui technique de l'EMBRAPA

Partages d'expérience sur les technologies disponibles au Burkina Faso l'amélioration de la productivité du cotonnier

Formation de plus 300 agents d'encadrement et de plus de 500 producteurs

Formation des chercheurs sur les bonnes pratiques de production de coton en matière d'amélioration variétale, agronomie, entomologie

- La participation de votre pays à l'accord a entraîné des améliorations dans la production de coton ? Oui

Au regard des conditions de production (agricole et élevage) au Burkina la technologie de semis sous couverture végétale est faiblement adoptée. Toutefois le respect de certains principes (travail minimum du sol) est de plus en plus noté

- Cela a contribué à améliorer la productivité et les exportations du pays? Si oui, pouvez-vous dire précisément comment? Oui

La productivité s'est améliorée au niveau de certains qui ont bénéficié des formations sur les Bonnes pratiques agricoles (BPA) développées dans le cadre de cet accord par les producteurs. Cela permis aux producteurs de mettre en pratique les techniques de valorisation des résidus de récolte, de semis direct sous couverture végétale, la rotation des cultures, la lutte intégrée contre les ravageurs.

- Avant la création de Cotton-4, le Brésil était-il connu dans votre pays? Par quels aspects? Oui surtout dans le domaine du football

- Le projet a été porté à l'attention de la population de votre pays? Si oui, de quelle manière? Oui

Le projet C4 a été très proche des producteurs de coton qui ont bénéficié des formations, de partage d'expériences à travers :

- les journées portes ouvertes dans les différentes zones de production de coton pour montrer les technologies du projet.

- le renforcement des capacités des acteurs, diffusion de bonnes pratiques agricoles pour le coton et ses cultures de rotation des Unités communautaire d'apprentissage (UAC).

- Pensez-vous qu'après la mise en œuvre de l'accord, d'une manière ou d'une autre, le Brésil est devenu plus connu par la population de votre pays de quelque manière que ce soit? Oui

Tout exemple concret à venir à l'esprit de vous dans ce sens? la participation des chercheurs Brésiliens de l'EMBRAPA aux activités de démonstration des journées porte-ouverte au profit des producteurs de coton

- Il y a eu ou a été créé (par le Brésil ou par votre propre pays) tout programme incitatif pour la venue d'étudiants et de chercheurs de votre pays au Brésil? Si oui, laquelle? Non. Il n'y a pas eu d'initiatives en faveur des étudiants dans ce sens.

- (Si ce programme a été créé après Coton 4) : pensez-vous que Cotton 4 a eu un impact sur la création de ce programme? Si oui, pourquoi? Non

- Il y avait des critères pour l'entrée des citoyens de votre pays au Brésil avant de signer l'accord de coopération? Y a-t-il eu des changements dans ces critères après la signature de l'accord? Lequel? A la faveur de la collaboration entre le Brésil et le Burkina Faso, les fonctionnaires (chercheurs) Burkinabè en voyage officiel avaient un accès facile au Brésil sans visa d'entrée.

- Il existe un enregistrement de données sur le nombre de citoyens de votre pays venus au Brésil entre 2010 et 2019 ? Non nous ne disposons pas d'enregistrement des

citoyens du Burkina Faso qui sont allés au Brésil. Cette information peut être disponible au ministère en charge des affaires étrangères.

- Il y a enregistrement de données sur le nombre de Brésiliens qui sont allés dans votre pays entre 2010 et 2019? NON.

Nous pouvons néanmoins signaler qu'environ 5 Brésiliens (ABC et EMBRAPA) sont venus par an au Burkina Faso pour les activités collaboration dans le cadre du Cotton-4

- Y a-t-il eu des changements dans les lignes directrices de l'accord Cotton-4 au cours son terme ? Si oui, quelle était la raison du changement? Oui

Les activités de renforcement des infrastructures dans les institutions de recherche pays du C4+Togo (Banques de ressources génétiques, laboratoire d'entomologie, laboratoire d'analyse de sol, équipement des laboratoires) n'ont pas été mises en œuvre à cause entre autres de la maladie COVID-19

- Une station expérimentale a été créée à Sotuba au Mali. Est-ce là-bas Fonctionne toujours? Si non, quelle est la raison de l'arrêt de ces opérations? Les chercheurs de l'Institut de l'Economie Rurale (IER) du Mali sont les mieux placés pour répondre à la question

- Toutes les clauses prévues dans l'accord ont été mises en œuvre ou rempli? Certains points n'ont pas été respectés par le gouvernement brésilien et/ou par le gouvernement de votre pays depuis le début du projet jusqu'à maintenant? Si oui, lesquels? Certains points n'ont pas été respecté par la partie brésilienne

- Des laboratoires de développement agricole ont été installés dans votre pays de Cotton-4? Non

- Cotton-4 est-il considéré comme un projet réussi dans votre pays? Si oui, pour quelles raisons? Oui. Ce projet a tout de même permis de renforcer les capacités des chercheurs, des techniciens de recherche, des agents d'appui-conseil qui sont mieux outillés (élaboration des manuels de Bonnes Pratiques Agricoles) pour l'accompagnement des producteurs de coton dans notre pays. Le transfert des technologies, l'amélioration des pratiques paysannes par le concept des bonnes

pratiques agricoles (BPA) et des revenus des producteurs sont des acquis importants de ce projet.

ANEXO E - Renforcement technologique et diffusion de bonnes pratiques agricoles
pour le coton au sein des pays du C4 au Togo



INSTITUT TOGOLAIS DE RECHERCHE AGRONOMIQUE
CENTRE DE RECHERCHE AGRONOMIQUE DE LA SAVANE HUMIDE
(CRA-SH)

PROJET C4 + Togo

*« RENFORCEMENT TECHNOLOGIQUE ET DIFFUSION DE
BONNES PRATIQUES AGRICOLES POUR LE COTON AU SEIN
DES PAYS DU C4 ET AU TOGO »*

AKANTETOU K. Pikassalé
AYEVA Bassarou
GNOFAM Nambou
KOFFI Kokou Zovodu



Décembre 2019

1- Contexte

Le gouvernement brésilien, en réponse à l'Initiative sur le Coton, a apporté en 2006 son soutien aux pays du Coton 4 (Bénin, Burkina Faso, Mali et Tchad) en vue du renforcement du secteur cotonnier de ces nations. Plus tard, en 2009, suite au contentieux l'opposant aux Etats-Unis, le Brésil s'est vu attribuer un droit de riposte en raison des subventions prohibées perçues par les producteurs américains. La même année, le gouvernement brésilien a signé avec les pays du Coton 4 le programme intitulé "Appui au Développement du Secteur Cotonnier des Pays du Coton 4", plus communément connu sous le nom de Projet coton4, coordonné par l'Agence Brésilienne de Coopération (ABC) du Ministère des Relations Extérieures du Brésil et mis en œuvre par l'Entreprise Brésilienne de la Recherche Agricole (EMBRAPA).

Compte tenu des avancées obtenues à travers ce projet durant les 4 années qu'il a été exécuté, les gouvernements du Bénin, du Burkina Faso, du Mali et du Tchad ont sollicité l'appui de l'Agence Brésilienne de Coopération afin de poursuivre le processus de renforcement du secteur cotonnier de ces pays en procédant à la mise en place d'une deuxième phase de ce projet.

En ce moment, le Togo, sous la responsabilité du chef de l'Etat, a exprimé son souhait au gouvernement brésilien de faire partie de la coopération à laquelle il contribue à travers le développement du secteur cotonnier dans les pays du Coton 4.

C'est dans ce cadre de la coopération technique sud-sud que la validation du document de la deuxième phase du projet sous la dénomination « Projet coton 4 + Togo » a été faite à Lomé en août 2014 dont l'objectif est le « Renforcement technologique et diffusion de bonnes pratiques agricoles pour le coton au sein des pays du Coton 4+ Togo ».

Le Togo a été le premier pays à signé le document projet de la deuxième phase. Ainsi, les activités du projet ont commencé au Togo au cours de la campagne agricole 2015-2016.

2- Acquis du projet Coton 4 + Togo

Les principaux acquis de l'exécution du projet coton4+Togo sont les suivants :

Pour l'amélioration variétale du cotonnier, le Togo a conduit, pendant trois campagnes agricoles, les tests de 10 variétés brésiennes introduites pour améliorer la banque de gènes du Programme National coton. Sur les 10 variétés, deux variétés (BRS 286 et BRS 293) ont été intéressantes par rapport à la brillance de la couleur de la fibre et actuellement en croisement avec nos variétés.

Pour les formations, le Togo a bénéficié de quatre (4) formations sur les bonnes pratiques agricoles dans la station expérimentale de Sotuba au Mali. Ces formations ont concerné cinq (5) chercheurs et (5) cinq techniciens de l'ITRA et Trois (3) techniciens de la NSCT. Dix-sept (17) Togolais ont bénéficié de la formation sur les chenilles légionnaires organisée au Togo en juin 2017. Deux cent quarante vingt dix (290) Techniciens de la NSCT et de producteurs de coton ont bénéficiés des formations sur les bonnes pratiques agricoles à travers six sessions de formations réalisées en 2016 ; 2017 ; 2018 et 2019 au Togo.

Deux visites d'échanges d'expérience ont été organisées au Brésil en 2015 et 2016 avec la participation de dix-sept (17) togolais dont 11 chercheurs de l'ITRA, deux (2) dirigeants de la FNGPC COOP-CA et quatre (4) cadres de la NSCT. Le Togo a également bénéficié de trois participations aux Congrès brésiliens de producteurs de coton en 2015 ; 2017 et 2019 (6 cadres du MAEP et 2 producteurs de coton). Trois chercheurs ont suivi au Brésil une formation sur la production des semences des plantes de couverture en juin 2018.

En matière d'infrastructures, le Togo a bénéficié de la clôture de 4 unités d'apprentissage qui permet la sécurisation des activités de recherches sur les sites de Kolokopé (3 hectares), Amoutchou (2 hectares) , Kabou (2 hectares) et Tantigou (2 hectares).

Dans ce cadre d'appui technique, un véhicule 4x4 double cabine de marque Toyota Hilux neuf et quatre Motos Yamaha sont achetés pour faciliter l'exécution des activités du Projet.

L'étude diagnostique sur la réhabilitation des infrastructures a été faite en 2015 et 2016. La réhabilitation de ces infrastructures est prévue à la troisième phase du projet en cours de montage.

Avec la réduction de la fertilité des sols cultivés, il faut des méthodes de restauration durable de la matière organique. A cet effet, le système de semis direct sous couverture végétale a été mis en place dans quatre Unités d'apprentissage où les tests de différentes plantes de couverture du projet C4+Togo sont réalisés. Ainsi, il a été organisé des journées portes ouvertes en 2016 ; 2017 ; 2018 et 2019 avec un total de sept cent soixante-sept (767) participants dont les techniciens de la NSCT, les producteurs de coton, les responsables des Directions régionales du Ministère de l'Agriculture et les autorités administratives et traditionnelles pour des échanges sur cette nouvelle technologie de la gestion de la fertilité des sols. Toutes ces activités ont été amplement médiatisées avec des reportages de la télévision togolaise et des radios locales et presses écrites.

Il a été produit au cours de la campagne agricole 2018-2019 les semences de différentes plantes de couverture : *Brachiaria ruziziensis* (98,1 kg), *Brachiaria brizantha* (308,53 kg), *Crotalaria*

spectabilis (395 kg), *Crotalaria* sp (local) (8 kg), *Cajanus cajan* (Brésil) (34 kg) et *Cajanus cajan* (local) (82,5 kg).

Comme impact du projet Coton4+Togo, il y a une adhésion de la Fédération Nationale des producteurs de Coton (FNGPC). En effet, elle a mobilisé les moyens pour organiser en juillet 2018 des sessions de formation en faveur de 100 techniciens et producteurs de coton sur les bonnes pratiques agricoles et le semis direct sous couverture végétale. Beaucoup de producteurs sont intéressés et pratiquent déjà le semis direct et n'attendent que les semences des plantes de couverture pour pratiquer le semis direct sous couverture végétale. En effet, au cours de la campagne agricole 2018-2019, plus de 25 % des superficies en culture cotonnière ont été réalisées en semis direct.

ANEXO F - Relatório Final de Projeto de Cooperação Técnica Sul-Sul

A11. Relatório Final de Projeto de Cooperação Técnica Sul-Sul

Projeto de Cooperação Técnica Sul-Sul

BRA/12/002 – 5005 “Fortalecimento Tecnológico e Difusão de Boas Práticas Agrícolas para o Algodão em Países do C-4 e no Togo”

13/08/2020

RELATÓRIO FINAL

1. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

Instituições cooperantes:	
Pelo lado brasileiro:	
- Agência Brasileira de Cooperação do Ministério das Relações Exteriores - ABC/MRE	
- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa	
Pelo lado dos países parceiros:	
- Instituto Nacional de Pesquisa do Benim – INRAB	
- Instituto Nacional de Pesquisas Agrícolas e Ambientais de Burkina Faso – INERA	
- Instituto Chadiano de Pesquisas Agrícolas para o Desenvolvimento – ITRAD	
- Instituto de Economia Rural do Mali – IER	
- Instituto Togoês de Pesquisa Agrônômica – ITRA	
Áreas geográficas beneficiadas:	
1. Benim (Okpara em Parakou, Tourra em Banikoara, Djidja, Savalou e Sokka em Sinendé)	
2. Burkina Faso (Frako-ba em Bobo-Dioulasso, Boni em Houndé, Dédougou em Bondoukouy, Kouaré em Fada e Tiakané em Pô)	
3. Chade (Bébédjia, Bédaya, Kaga2 e Nguéte)	
4. Mali (Sotuba, Kignan em Sikasso, Ouolobougou em Koutilala)	
5. Togo (Kolokopé, Amoutchou em Atakpamé, Dabou em Kara e Tantigou em Dapaong)	
Data de assinatura do projeto:	Duração do Projeto: 5 anos e 6 meses
Início do Projeto: Previsto: 04/12/2014* Efetivo: 01/01/2015	
Término do Projeto: Previsto: 30/06/2020*	
* Conforme Documento de Projeto assinado.	
Orçamento em US\$ conforme Revisão "B" assinada em 13/11/2018.	
Brasil	Países Parceiros
A. Desembolsos Financeiros (Orçamento Operacional):	A. Desembolsos Financeiros (Despesas Locais):
ABC: US\$ 5.719.636,06	INRAB: US\$ 120.450,00
	INERA: US\$ 60.225,00
	ITRAD: US\$ 224.840,00
	IER: US\$ 104.025,00
	ITRA: US\$ 273.020,00
A. Orçamento Operacional: US\$ 4.616.750,00	A. Desembolsos Locais: US\$ 782.560,00
B – Horas-Técnicas* US\$ 2.575200,00	B – Horas-Técnicas

	INRAB: US\$ 148.406,40 INERA: US\$ 127.414,40 ITRAD: US\$ 303.372,80 IER: US\$ 134.894,40 ITRA: US\$ 148.500,00
C – Desembolsos Totais (A+B) US\$ 8.294.836,06	C – Desembolsos Totais (A+B) US\$ 1.645.148,00
<i>(*) A indicação do valor monetário das horas-técnicas é opcional.</i>	
Período de abrangência do Relatório: (01/01/2015) a (10/06/2020) Preparado por: Armando José Vieira Filho, Analista de Projetos, armando.filho@abc.gov.br, (61) 2030-8162.	

ANEXO G - Transcrição da entrevista realizada com Nelci Caixeta

P.: Sr. Nelci, qual foi a sua participação na concepção do projeto Cotton-4?

R.: O Cotton-4, como você já deve ter verificado, ele iniciou em 2009 até 2013 com uma primeira fase, sem a presença do Togo, são 4 países, Burkina, Mali, Chade e Benin e depois a partir de 2014, o Togo pediu ao Brasil para integrar a fase seguinte. Na primeira fase, a minha participação foi bem no início quando o Brasil recebeu a demanda dos países do Cotton-4, dessa cooperação na área de algodão, então eu pude participar como coordenador da cooperação na África, na primeira missão exploratória a Burkina-Faso, Mali e Benin, a gente não foi ao Chade no primeiro momento e depois dessa primeira missão exploratória que começou as missões mais técnicas, aí a Embrapa foi convidada, foi fazer as missões, aí nesse momento o projeto ficou sob a coordenação de outro profissional da agência, da ABC e então eu não participei da elaboração do documento do projeto da primeira fase. Eu fui participar já na elaboração da segunda fase, quando teve a reunião de encerramento da primeira fase em Lomé, no Togo, reuniram todos os participantes, de todas as instituições dos 5 países, numa reunião que chama "Reunião do Comitê Gestor" e foi aí que eu comecei a ter uma participação mais ativa tanto na elaboração do documento do projeto quanto também depois na coordenação, porque a agência brasileira é que faz a coordenação, a supervisão, de todos os projetos, as instituições parceiras brasileiras são responsáveis pela implementação técnica, como foi a Embrapa, nós financiamos também a cooperação.

P.: Isso mais ou menos responde as minhas duas próximas perguntas. A primeira era: qual era o principal objetivo do governo brasileiro com a criação do Cotton-4 e qual órgão do governo que concebeu efetivamente o projeto?

R.: Foi a Embrapa, a gente tinha na época uma interlocução com a área internacional da Embrapa em Brasília e a unidade da Embrapa de algodão em Campina Grande, na Paraíba que é a principal responsável pelos conhecimentos técnicos, assim como alguns especialistas da Embrapa algodão fazem serviço na Embrapa arroz e feijão em Goiânia, isso também... Tiveram participação efetiva, tanto na elaboração, quanto na execução técnica do projeto. Bom, por que que o Brasil resolveu prestar cooperação nessa área? Uma das características da cooperação técnica é ela ser de

demanda, o Brasil não oferece pacotes prontos de cooperação, de projetos, nós atuamos sob demanda, então como teve uma reunião na Ásia e o nosso ministro de Estado na época estava presente nessa reunião, os embaixadores dos países do Cotton-4, solicitaram apoio do Brasil, isso foi lá em 2003. Mas depois as negociações vão ficando lentas, até que em 2005 eles formalizaram a demanda, em 2006 a gente participou dessa primeira missão exploratória, depois levou mais 3 anos até que concedeu o projeto todo, para a Embrapa realizar o projeto. Então, como foi feita essa demanda, o Brasil tinha uma experiência acumulada na parte de cultivo de algodão, o Brasil então resolveu atender essa demanda, que era importante também para as relações internacionais o Brasil dar esse apoio aos países do Cotton-4, sendo que os países são os maiores produtores de algodão da África, o algodão representa entre 60 a 80% do PIB desses países, economicamente o setor tem uma importância muito grande. Então qualquer apoio que o Brasil dá, favorece então o desenvolvimento econômico desses países.

P.: Durante esse processo de construção, de concepção do projeto, houve divergências de posicionamento no governo as sobre metas e ações a serem perseguidas pelo programa? Antes e durante a sua implementação? Porque tinha Embrapa, Itamaraty, ABC...Eu não sei como foi a atuação do chanceler, mas dentre as instituições, os órgãos, houve alguma divergência de objetivo ou não?

R.: Geralmente não acontece esse tipo de coisa, porque como é um processo... A apuração técnica, ela também vai ao encontro de outro princípio da cooperação que é o processo participatório da elaboração do projeto, esse tipo de constrangimento às vezes nem aparece porque nós estamos ali para ouvir o país parceiro, ver qual é a demanda e ver se nós temos competência para isso, então não ocorre esse desalinhamento na estruturação do projeto, justamente por esse fato de ser um processo totalmente participativo, de tanto das instituições brasileiras, no caso a Embrapa e a ABC, nós temos um manual de cooperação, das diretrizes para a gente elaborar um projeto e as instituições dos países também, as homologas da Embrapa, que no caso foram de todos os 5 países, são os institutos de pesquisa desses países, são as instituições parceiras na execução do projeto em cada um dos países, ocorre esse tipo de desalinhamento não. Tem às vezes dificuldades na implementação, porque por exemplo, a legislação brasileira não permite a transferência de recurso

financeiro para outros países, então por isso que a gente faz a parceria desses projetos com o PNUD, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento que ele faz a sugestão de ressarcimento financeiro do projeto, a partir do PNUD nós podemos colocar recursos no país para implementar as unidades técnicas de demonstração de tecnologia, comprar material, equipamento no outro país com os recursos da cooperação brasileira, porque se é do orçamento da união, por exemplo...Porque a ABC tem dois orçamentos, tem o orçamento anual da LOA, que tem que ser gasto anualmente e tem uma parte desse recurso que vai para o projeto manda-chuva com o PNUD, que a ABC tem com o PNUD, então ele acumula até 10 anos, 12 anos junto com o PNUD, vai gerando juros e a gente vai desenvolvendo os projeto, esse mecanismo é que nos favorece bastante na implementação do projeto, senão ficaria muito difícil, né? Você imagina se a gente tivesse que gastar os recursos anualmente, com essas crises todas, essas dificuldades de transferir recurso, de fazer compra, seguir os processos jurídicos [...].

P.: Das cláusulas previstas para o acordo, elas foram implementadas todas? Foram cumpridas? Algum ponto deixou de, ao longo aí da implementação, vocês mantiveram esses pontos, incluíram novos, tiraram alguns? Como é que foi?

R.: O projeto, eu sempre digo, que ele é um ente vivo, ele é passivo de sofrer alterações e na parte de gestão do projeto, nós temos um mecanismo das reuniões dos comitês gestores, que a gente faz 1, 2 vezes anualmente um corte na equipe técnica, dos projetos, para discussão da meta, das dificuldades, as alterações então há esse mecanismo de reunião que a gente faz as alterações de acordo com as necessidades, então ele sofreu várias alterações ao longo desses anos. Agora, teve na primeira fase, depois tanto na segunda também, teve ações que a gente não conseguiu executar plenamente, porque às vezes na hora que você elabora o projeto, você tinha uma perspectiva de prazo, de recurso, aí você começa a encontrar dificuldades naquele mecanismo e aí você não consegue executar, por exemplo, tinha previsto a criação de um centro regional de transferência de material genético, é um banco de germoplasmas, não sei se você já ouviu falar o que é isso, é um laboratório onde se guarda sementes, material genético de algodão, para pesquisa e para o futuro e isso era para ser feito em número regional, depois quando foi fazer os termos de referência para executar esse projeto, o próprio banco de germoplasma da Embrapa,

disse: “Olha, é muito difícil, um banco para ter uma certa eficiência e valer a pena ser executado, tem que ter pelo menos 1000 acessos” ou seja, 1000 coisinhas genéticas guardadas nesse laboratório e cada uma dessas custa mais 100 dólares por mês, para você fazer a manutenção, em termos da estrutura, de profissionais que trabalha. Para que que a gente vai fazer isso? Era totalmente inviável, quem que ia financiar tudo isso? O Brasil não tinha recursos suficiente para isso, os países também não tinham, então nós fizemos apenas câmaras frias para poder guardar o material que estava sendo disponibilizado lá, uma atividade mais simples, digamos assim e não sustentável e duradoura como havia previsto. Teve reformas também de outros laboratórios que não pode fazer, fizemos as missões, a Embrapa mandou os arquitetos e engenheiros para redesenhar os laboratórios desses países e foi feito muito pouco, por dificuldades nos processos de licitação internacional.

P.: O senhor se lembra de algum ponto específico que os outros países membros, eventualmente deixaram de cumprir?

R.: O Brasil não exige uma contribuição financeira dos países nos projetos, a gente faz a contribuição não-financeira porque os países tem que disponibilizar seus técnicos, seus laboratórios, as suas terras, isso tudo entra numa contribuição não-financeira do projeto, mas tinha uma parte financeira que eles tinham que colocar no projeto e nenhum dos países conseguiu fazer isso no tempo do projeto, cada vez que a gente fazia reunião tinha uma dificuldade interna, então essas atividades que eram de custo deles foram sendo adiadas até reprojatadas. Mas é curioso porque apesar disso tudo o processo de transferência das tecnologias que a gente levou, não sei se o Di Stefano chegou a explicar isso direito para você, mas o conhecimento foi muito consolidado pelos países, o Di Stefano fez um trabalho excepcional nesses 4 países porque ele era um profissional muito dedicado e apaixonado pela agricultura, por esses países, ele deu o máximo dele como profissional e como pessoa e depois a Embrapa teve problemas internos de gestão interna da cooperação técnica, ela foi abandonando, de certa maneira, não só o projeto Cotton-4, mas outros projetos na região e outros projetos na área agrícola, por visões estratégicas diferentes das direções e nós continuamos com os projetos, sendo que o projeto Cotton-4, a fase 2 terminou em setembro do ano passado, então de 2017 pra cá, a Embrapa suspendeu a atuação no projeto e os países continuaram a implementação do projeto, nós

custeando as despesas de campo, dias de campo, todo o cultivo do algodão nessas unidades demonstrativas, eu participei várias vezes de missões e você via o quanto as equipes dos países já tinham um conhecimento muito [...] do que foi transferido para eles, é claro que se a gente tivesse conseguido executar o projeto como ele foi, o ganho teria sido muito maior, porque na verdade esses países em desenvolvimento, eles tem aquele grande sonho de ter as suas infraestruturas, as melhores possíveis, tudo funcionando, mas assim... Vou dar um exemplo, o Chade, o Chade foi colonizado pela França e o centro de pesquisa de agricultura que a França construiu no Chade, fica a 600km da capital, no interior, região muito difícil de acesso, mas é uma estrutura fantástica, é a coisa mais linda que tem no centro, mas quando a França foi embora, ela levou tudo, deixou o esqueleto e aí o país não tinha como manter toda essa estrutura de reforma, manter funcionamento, quando nós fomos lá tinham salas que tinham mais de 10 anos que estavam trancadas, nunca mais tinham sido abertas, um prejuízo tremendo, então o que a cooperação sempre bate na tecla é que o conhecimento sendo bem construído e transferido, ele permanece, a parte estrutural que é importante para manter esse conhecimento, é importante, mas ela não é a base de tudo, não adianta você ter um laboratório se não tem pessoas para operar, se você não recurso financeiros para comprar reagentes, para manter a pesquisa, para pagar os técnicos, então isso tudo falta nesses países africanos. No Brasil é um pouco diferente, a gente sofre muito ainda da pesquisa, mas não é tão precário como nesses países e a base do desenvolvimento é a pesquisa, não só na área agrícola, mas em todas as áreas, pesquisa é tudo para desenvolver um país.

P.: O projeto passou por alguma mudança durante a sua vigência? Quais foram? Quais razões? O senhor meio que explicou sobretudo por falta de recursos mesmo...

R.: O Brasil começou o projeto Cotton-4 com recursos da união, recursos da cooperação internacional, isso em 2009 até 2012 e corria paralelamente uma ação na Organização Mundial do Comércio, os produtores de algodão do Brasil entraram com uma ação, que chama “contencioso do algodão” que era contra os EUA que pagavam subsídio aos produtores de algodão e aí a concorrência no mercado internacional era desleal, isso foi uma ação que os produtores brasileiros entraram na OMC, de 2002 até 2012, foram 10 anos. Em 2012, o Brasil ganhou e os EUA tiveram que pagar uma multa aos produtores brasileiros de R\$850 milhões de dólares e essa multa não era

simplesmente para os produtores gastarem como quiser, eles criaram o Instituto Brasileiro de Algodão para gerir esses recursos, foi que o Ministério de Relações exteriores assinou com os EUA, para acessar esses recursos e a criação do IBA e aí então em 2012, a gente pode usar...Quer dizer, foi firmado nesse memorando de entendimento que 10% dessa multa indenizatória para o Brasil, seria destinada a cooperação técnica internacional na área de algodão, então foi aí que deu um alívio muito grande para o Brasil e nós pudemos investir mais passou, nós, a ABC passou a ter R\$80.5 milhões de dólares para execução só dos projetos na área de algodão, tanto a cooperação bilateral, quanto a cooperação trilateral, como organizam os internacionais, então esses recursos nós retemos na quantidade substantiva desses recursos ainda para serem instrumentados e hoje nós atuamos em 15 países africanos, o Cotton-4 foi o pai de todos, começamos com 4 países, passou a ser 5 e hoje a gente já coopera com 15 países africanos, então você vê que está dando resultado que os países estão se interessando e está tendo efeito. Agora esses efeitos econômicos são de médio a longo prazo, porque a mudança que é feita pelo conhecimento não é uma coisa assim...Como eu estava dizendo, a cooperação chinesa ela vai e monta uma [...] de 1000 hectares e tem um resultado em poucos meses depois, não, o conhecimento você tem que trabalhar com os pesquisadores, com as universidades, com os extensionistas rurais, com os produtores, é toda uma sistemática de médio a longo prazo para surtir efeito. Mas surte, porque o Brasil na década de 70, nós éramos empataadores de alimentos e hoje nós estamos produzindo 275 milhões de toneladas de grãos, isso tudo foi graças à cooperação internacional, à pesquisa, ao desenvolvimento que a gente teve, com a criação da Embrapa e outras instituições que o Brasil passou a ser o que é, então a gente acredita que através da cooperação, os outros países também ao longo do tempo vão se dotando de uma estrutura, de conhecimento e eles vão poder achar as próprias soluções para os seus problemas, é isso que a gente acredita na implementação desses projetos.

P.: Eu cheguei até a procurar algumas coisas, eu peguei alguns dados do Banco Mundial para ser como tinha sido, se já tinha algum reflexo econômico, na produção, na exportação, especialmente de algodão, mas é muito difícil [interrupção]. É, esses dados ainda...

R.: É difícil.

P.: Exato, não tem... O Chade, por exemplo, nem informação direito no Banco Mundial, mas a gente imagina...

R.: Para você ter uma ideia, nós também tivemos uma sede do projeto no Mali, isso favoreceu também...O Mali, por exemplo, na penúltima safra de algodão, 40% dos produtores de algodão do Mali, já cultivava uma variedade brasileira que foi levada pela Embrapa [...] quando ele foi para lá, ele levou 10 variedade de algodão brasileira, dessas algumas... Cada um dos países teve um desenvolvimento maior, essa variedade brasileira teve um desenvolvimento muito bom no Mali e isso traz um impacto econômico, talvez não tenha dados fiéis, mas imagina, se um país que o algodão representa 60, 80% do PIB e 40% dos produtores já plantam a variedade brasileira, o efeito econômico é muito grande, são milhões de dólares, então isso faz uma diferença enorme.

P.: Essas são algumas informações que eu estou tentando já pedir para as embaixadas só que eles não respondem, o único que respondeu foi o Benin, só que eles não têm mais uma embaixada, foi fechada, agora só tem uma representação consular no Rio e os outros nem me responderam...

R.: Eu não estou sabendo que foi fechada a embaixada do Benin...

P.: É, acho que há duas semanas o presidente do Chade foi assassinado, os ataques no Mali continuam cada vez mais...

R.: Nós enfrentamos todos os tipos de peripécias ali. A penúltima vez que eu fui ao Chade, a gente viaja 600km para o interior, mas é interior daqueles, assim...Bravos, nós passamos por 18 barreiras policias de controle no Chade, a gente estava no carro da instituição parceira, que era um carro oficial do governo... Então, o controle deles é muito grande, até nisso é difícil de trabalhar com a cooperação, porque é um risco para as equipes brasileira. E aí tem problemas sanitários, teve uma época que a gente ficou vários meses...Quando teve aquele surto de Ebola, ninguém queria ir para a África fazer cooperação, "Ah não, porque vai passar pela África do Sul, porque tem não sei o que...É perigoso", a própria Embrapa mesmo, muitos técnicos não quiseram ir. Nós estávamos em Lomé, no Togo para viajar para o Chade, teve aquele atentado naquela escola militar, não sei se você se lembra e a gente saiu a noite para viajar para o Chade com um ataque militar, foi muito difícil, até a entrada... Depois, um

controle muito grande, eles proibiram até os muçulmanos de usar...As mulheres não podiam usar burca porque podiam disfarçar os terroristas. Então assim, são muitas dificuldades que a gente enfrenta na cooperação internacional para poder executar os projetos, Moçambique agora, está o Al-Qaeda lá no norte de Moçambique, onde a gente tem projeto na área de agricultura também, na área de algodão, matando crianças, jovens, dizimando aldeias... No Mali, cada vez mais o terroristas estão descendo pelo deserto para poder ir em direção a capital, é tudo muito complicado, lá no Mali também para a gente viajar para o interior, a gente só vai com escolta, por questão de segurança, porque a gente não está a fim de ir lá e ser refém de terrorista, então isso tudo são fatos que dificultam a cooperação, não é sempre um mar de rosas.

P.: É, eu imagino. Inicialmente, na minha proposta, quando eu escrevi o meu projeto de pesquisa, eu previa ir até a África, especialmente no Mali porque tem a estação experimental de Sotuba, que é maior, a mais robusta, eu deveria ter ido no final de 2020, começo de 2021, eu ia ficar 2 meses, mas a pandemia inviabilizou muito...

R.: É, teria sido uma experiência incrível de ir lá no campo ver como é que funcionou, dá outra...

P.: É uma perda, o resultado final não vai ser o mesmo e agora eu estou encontrando caminhos de tentar chegar às mesmas informações sem estar lá.

R.: Você teve acesso a uma publicação que a gente fez de avaliação do Cotton-4? Eu vou pedir ao meu colega que está lá para ele mandar por e-mail e eu te encaminho, é uma publicação, um arquivo eletrônico, dá para você pegar uma boa visão...A gente contratou uma avaliação externa...E tem muitos dados lá, das características da cooperação sul-sul, da implementação técnica, números de pessoas que foram treinadas. Para você ter ideia, na primeira fase, mais de 800 pessoas foram treinadas, entre produtores, extensionistas, gente que veio para o Brasil...

P.: Essas informações eu peguei num relatório, que falava na verdade... Foram 4, 5 cursos diferentes, e aí totaliza 400 e poucas pessoas, mas eu não sei se foram só esses cursos...

R.: Não, tem mais.

P.: Essa documentação está disponível na internet?

R.: Eu acho que ela está na parte de publicação no site da ABC. Mas eu te mando por e-mail.

P.: Havia algum critério específico de entrada de cidadão dos países do C-4 no Brasil antes da assinatura do acordo de cooperação? O senhor tem informação sobre isso? E também na via contrária, dos brasileiros indo para lá, o senhor falou um pouco do Chade, mas tinha critérios específicos para esse trânsito de pessoas de lá pra cá e daqui pra lá? Como é que se dá esse trânsito de pessoas?

R.: Mais na cooperação educacional, que desses países do Cotton-4, o Benin é um dos países que mais manda estudantes para o Brasil para estudar, mas aí não é cooperação técnica, é cooperação educacional, tanto do PEC-G quanto do PEC-PG, o programa de graduação e pós-graduação, então o fluxo de pessoas nesses países é mais nesse sentido, não há critérios estipulados entre os países para facilitar ou dificultar o fluxo de pessoas, turistas brasileiros para a África vão para alguns países, vão para Marrocos, para África do Sul, para Seychelles, então não é um destino turístico muito explorado, fora isso o movimento se dá nas pessoas no âmbito dos projetos de cooperação técnica e educacional, não há uma política migratória que favoreça a vinda dessas pessoas, a gente sabe que tem muitos senegaleses, muitos ganeses que vieram para o Brasil, mas vieram por acesso, assim... Às vezes conseguia visto para vir para o Brasil, vinha e ficava, não há uma migração legítima como foi de outros países do entorno do Brasil, porque na verdade os africanos tem uma tendência de migrar, que seja ilegalmente, para a Europa e não para o Brasil. Mas o movimento de pessoas é nesses projetos...

P.: Quando a gente estuda migrações, a gente fala que o Brasil não é um destino mais desejado, é o destino possível, é aquele que eles conseguem acessar, mas não é o mais desejado, o desejado normalmente não está no sul, está no norte.

R.: Mas também tem a questão da língua, apesar que a gente tem 5 países na África que falam português, mesmo assim não é tão grande o número de cidadãos desses países aqui no Brasil. As empresas brasileiras que operam nesses países também, Angola era a Odebrecht, que faziam voos diários de São Paulo para Luanda, por causa das empresas, da Vale

P.: Então não teve mudança, né?

R.: Não, o projeto não foi... Não foi definido os processos...

P.: Mas foi pensado, quando vocês estavam desenhando, fazendo a concepção dos projetos, vocês chegaram a pensar em meios de facilitar esse trânsito de pessoas?

R.: No âmbito dos projetos tudo é facilitado, a gente tem acordos internacionais de cooperação que facilitam a questão do visto e da vinda deles para o Brasil. Quando a gente vai trazer um grupo, por exemplo, tem o Congresso Brasileiro de Algodão, a gente traz 40 africanos para o Brasil, vamos supor e aí o que a ABC faz, nós informamos as nossas embaixadas nesses países que as pessoas X,Y e Z veio para o o Brasil para uma atividade de cooperação internacional e a divisão de imigração do Itamaraty autoriza a embaixada a emissão de um visto provisório de 30 dias para eles, isso é facilitado, porque senão tem dificuldade de conseguir visto, a gente sabe que tem gente em alguns países, por exemplo, Nigéria tem grupos especialistas em fraudar documentos para conseguir visto para sair do país

P.: Mas vocês chegaram então a pensar que poderia precisar esse trânsito mais facilitado?

R.: Isso sim, porque a cooperação se dá pelo movimento das pessoas, isso tem que estar previsto nos acordos e nos projetos, a facilitação dos visto, inclusive pra gente, por exemplo, quando a gente vai para esses países, nós assinamos com esses países acordos de supressão de vistos, que é uma divisão do Itamaraty, a área política do Itamaraty negocia com o país um acordo que todo mundo que tem passaporte oficial ou diplomática, funcionários da Embrapa ou qualquer instituição brasileira que é parceira do projeto, eles viajam com passaportes especiais, não é um passaporte comum, então aí não precisa de visto. Se você chegar no Mali, mas é um passaporte comum, você vai precisar de visto.

P.: Vocês chegaram a pensar no trânsito direto das pessoas envolvidas no projeto, como de lá como aqui, os técnicos, a comissão diplomática, o corpo diplomático...Agora, de pessoas indiretamente, que do impacto indireto...

R.: Se a Embrapa designa um produtor rural brasileiro, não tem nada a ver com o Estado brasileiro, ele viaja com passaporte oficial, aí a ABC que faz o pedido para o departamento de emissão de passaporte do Itamaraty, você vai viajar em nome do

governo brasileiro, então ele não viaja com passaporte comum, isso tudo é pensado anteriormente, facilita essas relações.

P.: A minha hipótese contempla também o impacto indireto desse trânsito. Por exemplo, uma suposição, um técnico do Benin veio para o Brasil fez um curso, acabou o curso e voltou para o Benin...Porque as migrações elas sempre se dão em rede, em rede de contatos, as pessoas se comunicam e a partir dessa troca de informações elas tem uma tomada de decisão de migrar e uma das minhas hipóteses é que as pessoas que voltavam também para esses países disseminavam informações, nunca a larga escala, é uma escala pequena, mas que...O meu objeto com a pesquisa é dizer que o que é aplicado em uma pequena escala nesses países africanos pode ser aplicado também numa larga escala em países com maior fluxo ou com maior trânsito, com maior troca de conhecimento...Então a minha hipótese é que a partir desse contato maior com o Brasil e desse tráfego maior de pessoas, houve um maior interesse pelo país.

R.: Isso a gente percebe que... Claro que... Você como cidadão beninense você vem ao Brasil, faz um curso aqui, seja no âmbito da visita técnica e quando você volta para a sua instituição, o interesse de outras pessoas das instituições em vir conhecer o Brasil, também falar bem, ele promove o Brasil, aí no âmbito familiar ele faz a mesma coisa, é como você está dizendo, vai criando aquela rede social de interesse, isso eu não em que medida, de como ver o impacto, mas é uma realidade, uma pessoa só ela divulga enormemente o próprio país e a gente pode...

P.: E você percebeu isso numa prática? O senhor teve contato com alguma pessoa que teve uma experiência dessa? O senhor tem algum exemplo prático?

R.: É curioso porque nós tivemos um projeto na Argélia, ajudamos a montar uma escola de formação profissional na parte de confecção de joias de pedras do deserto, lá em Tamanrasset, no sul do Saara e formamos lá 71 artesãos, a gente mandou os profissionais do Brasil, eles ficaram 90 dias em cada um dos cursos que a gente estava lá, ficaram 90 dias no Saara, nessa localidade, então assim... É um desafio enorme de adequação e tudo. E ao final dessas formações, a gente ia selecionar 30% para vir para o Brasil, para fazer uma reciclagem aqui, eram filas de gente querendo vir para o Brasil, não só as pessoas que participaram do curso, mas amigos e familiares, querendo ver se era possível no meio do projeto vir para o Brasil, as

peças não tinham ideia de como era, mas assim, era divulgado isso e vai contaminado as pessoas, mora lá no sul do Saara, falar em Brasil... Quer dizer, hoje todo mundo fala em Brasil lá, já é um país super reconhecido, todo mundo sabe do Brasil. Então é possível que ao longo de todos esses anos da cooperação brasileira, o número de pessoas... O Brasil tem uma expressão muito grande em todos esses países, o Brasil é referência na cooperação internacional muito grande, justamente por causa disso, porque a gente permite as pessoas irem e as pessoas virem, o Brasil se torna presente nesses países, nada mais natural do que as pessoas quererem conhecer o Brasil de uma maneira ou de outra, não sei se seria por imigração, mas não deixa de ter um efeito por meio de divulgação do país, “será que é possível um dia eu sonhar em ir para o Brasil, eu conseguir [...], eu conseguir trabalhar?”.

P.: O senhor sabe se tem exemplos de dados sobre esse trânsito de pessoas que vieram ao Brasil dos países do Cotton-4 durante o projeto todo?

R.: Olha, isso tem porque a gente não pode ficar sem registro, mas é um pouco trabalhoso, porque você tem que entrar no sistema... Porque nós que compramos as passagens e pagamos as diárias para eles virem para o Brasil, então fica registrado no sistema de gestão da ABC, todas as pessoas que vieram e que foram, viajaram no projeto. Posso perguntar lá na ABC se é fácil ter um número assim, para falar “Em 10 anos...”. Se eu não me engano parece que no âmbito dos projetos todos de algodão, não só do Cotton-4, nós chegamos a uma soma de quase 7 mil pessoas, eu lembro que era um número que chamou atenção assim.

P.: E o Cotton-4, ele foi liquidado? Ele está em andamento oficialmente? Qual é o status do Cotton-4 hoje?

R.: A fase 2 terminou em setembro, agora a pandemia nos impediu...

P.: Setembro agora de 2020?

R.: Sim, foi ano passado. Agora o projeto vai se desdobrar em outros vários, não vai ter uma fase 3 do projeto Cotton-4, porque cada país, por exemplo Mali, nós estamos desenhando um projeto lá em Sotuba, nós construímos um laboratório de produção de parasita que é usada para controle biológico de pragas de algodão, então nós estamos transformando esse laboratório de Sotuba em um centro regional para

produção desse parasita para os países do Cotton-4, então é um desdobramento do Cotton-4. No Benin, nós vamos...

P.: Vai ter outro nome?

R.: Vai ter outro nome. No Benin, por exemplo, nós estamos reformando, por causa da pandemia nós tivemos que parar, mas vai ter um centro de referência de classificação de fibras de algodão no Benin, ele vai ser um centro de referência para toda África, no oeste, então vai ser um desdobramento do Cotton-4. O Chade vai se tornar um centro de referência na produção de plantas flageiras que a gente introduziu no Cotton-4 para fazer plantio direto, é uma tecnologia que a gente introduziu no projeto. O Togo, tem também a sua especificidade, nós vamos criar um corredor de plantas flageiras para pastagem para reduzir os conflitos entre os agricultores e os pecuaristas, porque lá como não existe cerca, os criadores de gado andam com o gado comendo tudo pela frente, e aí quando chega na lavoura é uma trabalhadeira. Então cada um dos países vai seguindo uma outra linha.

P.: Tem um documento já sobre o encerramento da segunda fase, o que que vai ser?

R.: Tem o relatório final de encerramento dele, a gente tem.

P.: Com o Chade, as relações eram mais difíceis? Se o Chade era, digamos assim, um outlier, sabe? Um ponto fora da curva durante o projeto, se o Chade deu mais trabalho...

R.: O que dificulta com o Chade, não é questão de mais trabalho não, é questão da gente não ter representação diplomática do Brasil no Chade, isso dificulta muito a implementação dos projetos, porque a embaixada que cuida do Chade na África ela está em Yaoundé, no Cameroon. Então, por exemplo, se você vai viajar para o Chade, você não tem o apoio da nossa embaixada no país, então isso dificulta, nós já tivemos problema de um técnico que trabalhava comigo, que era responsável pelo Cotton-4, foi numa missão, voou de Paris para Djamena e quando chegou lá, eles não deixaram ele descer, mandaram de volta para Paris, porque a autoridade disse que a gente podia ir, que a gente chegava lá e ia pegar um visto na chancelaria local, tinha documento que falava isso, mas a autoridade que recebeu ele lá, não quis saber, simplesmente ignorou, não deixou ele desembarcar e botou ele num avião de volta para Paris, aí ele teve que ficar em Paris, embaixada do Chade, a gente mandou uma

comunicação para a embaixada do Brasil em Paris, autorizando ele ir até a embaixada do Chade em Paris, pegar o visto para depois voar de novo, isso tudo atrasada, despesas... Eu quando fui outra vez, com outro colega, mas aí tinha um autoridade nos esperando lá no aeroporto, ele já conhecia a gente aqui do Brasil, então quando ele viu que nós desembarcamos, ele já foi lá e já pegou a gente, a polícia imigratória não criou caso, mas se não... É difícil.

P.: Você tem contato com algum dos representantes diplomáticos dos países que tem representação aqui no Brasil, você conhece alguém?

R.: As embaixadas dos países do Cotton-4 aqui em Brasília são muito fracas, eles não nos procuram, tem certos países que não, que vivem telefonando, fazendo reunião conosco na ABC, dos projetos... Mas do Mali, Burkina-Faso, Benin, eles são na deles lá, se a gente não procurar, não mandar uma nota verbal informando de alguma missão, informando alguma coisas, eles nem tomam conhecimento, é bem fraca a atuação deles.

ANEXO H - Transcrição da entrevista realizada com Adriana Mesquita Correa Bueno

P.: Qual foi o principal objetivo do governo brasileiro, sobre no que diz respeito à Cotton-4, na criação do projeto?

R.: O principal objetivo era angariar apoio dos países do Cotton-4... Angariar apoio não...Os países do Cotton-4, eles apoiaram o Brasil, ainda que não diretamente, porque eles apoiaram o Brasil enquanto [inaudível] um processo da OMC. E o projeto Cotton-4 foi uma forma de valorizar esse apoio e de oferecer algo em troca. Foram objetivos bem de política externa mesmo.

P.: Já tinha isso pré-definido desde o começo, né?

R.: Sim.

P.: Qual órgão do governo que concebeu o programa? Quem que desenhou? De onde partiu a ideia?

R.: A ideia partiu do Itamaraty, por meio da ABC, da Agência Brasileira de Cooperação, a ideia de estabelecer essa cooperação técnica com os países do Cotton-4. Mas o desenho do projeto, propriamente dito, com seus resultados, objetivos e atividades, foi graças a uma parceria em conjunto da Embrapa com a ABC.

P.: E qual foi a sua participação na concepção desse projeto?

R.: Então, do primeiro projeto a minha participação foi nula, porque na época eu nem estava na Embrapa ainda. Já, aqui está escrito Cotton4 + Togo, já no da segunda fase que começou em 2014, aí sim eu fui bastante ativa, participei da emissão de prospecção, fizemos reuniões com todos os países e participei do desenho de projeto juntamente com a ABC e os pesquisadores da Embrapa.

P.: E o que que você fez exatamente na época? Como que foi desenhado? Vocês se reuniam com todas as instituições que faziam parte do projeto, como é que foi isso?

R.: Isso, a gente montou uma minuta de projeto aqui a partir da estrutura lógica proposta pela ABC, porque a ABC na época, hoje eu não sei, ela tinha um manual de cooperação sul-sul e nesse manual você tinha lá o esqueleto ideal do que seriam todos os projetos de cooperação *prévica* da agência. Então a gente tentou seguir mais

ou menos aquela estrutura lógica, pensando em , coletando os dados que a gente já teve do primeiro projeto, fazendo missões, percorrendo os cinco países, principalmente o Togo que era um país novo que não participou do primeiro projeto e depois que a gente fez um primeiro esboço com objetivos, resultados, atividades, a gente sentou com todos os países e passamos uma semana com eles lá destrinchando o resultado por resultado, atividade por atividade, verificando questão de orçamento e depois a gente trouxe tudo para o Brasil para tentar compilar aqui e apresentar de volta para eles para gente fechar o projeto.

P.: E essa reunião foi no Brasil?

R.: Não, foi no Togo.

P.: Dentro do governo brasileiro houve divergência no posicionamento sobre metas a serem alcançadas? Quando vocês estavam desenhando o projeto, na implementação tinha alguma divergência nesse aspecto? Nas ações a serem seguidas?

R.: Sim, eu não sei se posso chamar isso de divergência, mas uma preocupação que a gente sempre teve enquanto Embrapa... Porque o primeiro projeto do Cotton-4 fez toda revitalização da unidade lá de Sotuba no Mali, mas nós tínhamos outros três países que também participavam e não receberam nenhum tipo de benefício em termos de infraestrutura física, de prédios, reformas, aquisição pesada de equipamentos. E essa segunda fase do Cotton-4 + Togo, esse novo projeto, ele previa a revitalização da infraestrutura de todos os países, incluindo dos bancos ativos de germoplasmas, dos bagues de todos os países e era um trabalho muito grande, embora isso era uma demanda clara dos países no pedidos que eles tinham, até porque na cabeça deles o Mali foi periciado a mais no primeiro projeto, e no segundo projeto então seria justo, e até acho que seria justo realmente, que eles tivessem esse desejo contemplado, de vocês poder estar revitalizando os laboratórios de solos, os laboratórios de entomologia e os bancos sativos de germoplasma [interrupção] Então havia essa preocupação se o Brasil realmente teria braço, perna, teria todas as condições de providenciar essas obras e eu lembro que a gente teve um trabalho muito grande, a gente montou duas equipes, com dinheiro, os arquitetos da Embrapa, mais administradores especialistas nas áreas de solo, entomologia, o pessoal rodou cinco países, a gente fez todo um relatório técnico de diagnóstico, levantamento de infraestrutura, o que precisaria ser comprado, reformado, foi um trabalho homérico

mesmo e logo depois de entregue esse trabalho que foi no primeiro ano, primeiro ano e meio, eu saí do projeto, não acompanhei, mas teria que verificar como é que ficou isso, se foi possível realizar essas reformas todas, eu tenho a impressão que não. Então assim, eu não sei se caracterizaria como uma divergência, mas é uma preocupação de que talvez a gente não conseguisse alcançar por ser muito ambicioso.

P.: Cumprir tudo, né?

R.: Isso.

P.: E das cláusulas previstas inicialmente, as principais cláusulas. Você falou que não participou da primeira fase, mas na segunda fase você já sabe bem e talvez acho que você tenha acompanhado um pouco do resultado da primeira fase, não sei se sim ou não...

R.: Da primeira fase eu acompanhei tudo, na execução e na implementação eu acompanhei tudo.

P.: E todas as cláusulas que estavam previstas, chegaram a ser cumpridas? Algum ponto deixou cumprido pelo governo brasileiro?

R.: Do primeiro projeto a gente cumpriu tudo, absolutamente tudo, fomos até além em termos de revitalização de infraestrutura, a gente reformou e equipou todo o laboratório de biotecnologia lá da estação de Sotuba e isso não estava previsto no projeto.

P.: E pelos outros países que eram membros do outro projeto?

R.: Nos outros países não tinha proposta de revitalização, mas tinham as capacitações, os dias de campo, as unidades demonstrativas, tudo isso foi realizado.

P.: O projeto passou por algumas mudanças durante a vigência, foi expandido, digamos assim. Você sabe quais foram as principais mudanças, na sua avaliação?

R.: Eu acho que a principal mudança está na metodologia das capacitações, porque o projeto previa sempre assim: capacitações no primeiro e segundo semestre. Então o primeiro semestre no Brasil e no segundo semestre nos países, até considerando época de colheita, foi pensado seguindo o calendário agrícola. Depois foi um reajuste orçamentário, financeiro da ABC, a gente entendeu que seria melhor e talvez até mais

produtivo, porque você conseguiria levar o maior número de pessoas para as capacitações e fazer todas nos países. Isso foi decidido no comitê de 2011, então de 2012 em diante, todas as capacitações não foram mais aqui no Brasil e lá, foram todas na África e a gente pode rodar, não fazer só em Sotuba, a gente conseguiu levar capacitações também para os outros países. Apenas o eixo de melhoramento genético, que é um eixo mais complexo, a gente permaneceu com essa lógica de uma capacitação no Mali e uma capacitação no Brasil, a gente achou que valia a pena trazer o pessoal para cá para estar mais perto, com o maior número de pesquisadores e poder ter atividades nos laboratórios da Embrapa, softwares e etc.

P.: Você falou desse trânsito de pessoas que faziam todos esses treinamentos lá, havia algum critério para a entrada de cidadãos dos países africanos aqui no Brasil e vice-versa, nessa época? Vocês chegaram a conversar sobre isso, por exemplo, durante a execução do projeto isso foi sendo pensado? Como é que foi?

R.: Não, até porque a natureza do projeto é de cooperação técnica, essa questão de liberação tangencia mais para o aspecto consular, eu imagino que o critério seja questão de visto mesmo, não depende da cooperação, é um aspecto diferente.

P.: Você chegou a ir para lá, né? As vezes que você foi, você sentia alguma dificuldade ou facilitação?

R.: Então, a gente ia com emissão oficial do governo brasileiro, a gente ia com passaporte oficial. Então isso era um facilitador, a gente não pegava fila normal do aeroporto para carimbar o visto, em alguns países você tinha dispensa do visto, você chegava com uma nota verbal do Itamaraty e isso era suficiente para entrar, então tinha algumas facilidades do lado do Brasil para quando a gente ia para a África. Quando eles vinham pra cá também, a gente emitia uma carta, às até vezes duas cartas, às vezes da Embrapa e da ABC e eles também vindo com passaporte oficial tinham a entrada facilitada, mas era especificamente para a missão, com período definido, objeto definido.

P.: Você não sabe se tem mudança nesses critérios, né? Você falou que entrava já com passaporte oficial do governo, já tinha tudo meio que estabelecido, então não dá para saber se teve mudança ou não, se para outros casos era assim também, né? Você não tem como saber isso?

R.: É, não.

P.: Dentro do projeto e paralelamente, tinha algum programa de incentivo para a vinda de estudantes e pesquisadores aqui para o Brasil ou só daqui para lá?

R.: Não, a gente teve, inclusive isso foi dentro do projeto, do que eu tenho conhecimento, aí pode ser que a gente esteja entrando em uma outra área de cooperação que a Embrapa não atua, que é a cooperação educacional, mas dentro do projeto a gente conseguiu trazer alguns colegas dos países para cá para ficar temporadas maiores. Eu lembro bem especificamente de uma técnica do Mali que a gente trouxe e ela ficou um mês aqui no Brasil trabalhando com o MIP, manejo integrado de pragas com enfoque em controle biológico, isso também era uma atividade que a rigor não estava prevista inicialmente, não estava lá escrito no papel, mas a gente conseguiu trazer ela e o projeto pagou diária, passagem, seguro e ela ficou um mês aqui na Embrapa, participando junto com os técnicos e pesquisadores do Brasil. Mas é só isso, não chegou a ser nada estruturado que a gente chegou a repetir por mais anos e com outras pessoas.

P.: Durante a implementação, você falou que não participou da primeira fase, na segunda fase...

R.: Só para corrigir, eu participei da implementação da primeira fase toda, eu não participei da concepção.

P.: Durante a implementação ou você tem notícia que durante a concepção chegou a ser pensado de haver esse trânsito, haver essa troca de profissionais entre os países?

R.: Do que eu tenho conhecimento, fora do projeto assim, não. Eu sei que, por exemplo, a ABC tem outros projetos com os países do Cotton-4, porque na fase, a gente tinha projeto de agropecuária leiteira, o Togo tinha um projeto de mandioca, o Benin tinha outro projeto que me fugiu agora, mas você tinha esses projetos isolados que também previam capacitações, vinda do pessoal para cá, para conhecer nossa infraestrutura para ter os cursos aqui, idas de técnicos e pesquisadores da Embrapa para os outros países para poder ministrar cursos, dia de campo, enfim, mas eu acho que quanto ao aumento de trânsito, em específico fora do projeto, eu acredito que não tenha tido nada.

P.: Esses projetos de outras áreas, por exemplo o da mandioca que você falou, você sabe se durante a implementação ou durante o tempo em que o Cotton-4 estava sendo implementado e executado e depois mais já na parte de finalização, você sabe se a partir do Cotton-4 foi criado outros projetos, foi criado projetos em outras áreas ou não?

R.: Não, eram projetos quase que paralelos mesmo, não derivavam um do outro, até porque como a ABC trabalhava sob demanda, todos esses projetos surgiram num período muito prolífico da cooperação técnica do Brasil, que foi entre 2007, 2008 até 2011 mais ou menos. E o Brasil tinha também essa questão de eleger o diretor-geral da FAO, de eleger o diretor geral da OMC, e o Brasil também buscava angariar apoio de países africanos, então muitas das demandas que chegavam aos países elas geralmente eram contempladas, sejam agricultura, educação, justiça, enfim, vários temas. Então a gente até tentava trabalhar juntos nos casos dos projetos que, por exemplo, a Embrapa era a executora e fazer uma interligação, mas isso não foi algo pensado desde o começo não.

P.: Você sabe, ainda que informalmente através de alguma informação que tenha chegado até você, se tem registro de dados que demonstram quantos cidadãos dos países africanos vieram para o Brasil na primeira e na segunda fase e também na via contrária, daqui do Brasil para os países africanos?

R.: Eu não sei, realmente eu não. Eu imagino que a ABC deva ter um registro disso, talvez até restrito aos técnicos que estavam nos projetos e se deslocavam em missão, tanto daqui para lá, quanto de lá pra cá. Mas talvez você teria que dar uma conversada nas embaixadas, para ver se alguém tem o histórico dessa movimentação mais ampla, não somente restrito aos projetos.

P.: Durante o processo de concepção, de negociação do projeto, foi pensado em algum programa, algum subprojeto específico que contemplasse esse trânsito de técnicos e estudantes?

R.: De estudantes, com certeza não. Agora, dos técnicos, eu lembro da gente ter algumas conversas com a ABC para facilitar o deslocamento dos técnicos da Embrapa que iriam para os países, eu sei que numa área até por ser sede do projeto, isso já estava bem aceitado, no Togo também a gente não precisava de visto, o Benin não

vou lembrar agora de cabeça, mas o Chade com certeza, o Chade a gente precisava de visto e como não tem embaixada nem do Chade aqui e nem nossa lá a gente tinha que fazer todo o expediente pela embaixada que ficava em Yaoundé, Camarões e eles exigiam visto, então o visto também tinha que sair pela embaixada de Camarões aqui porque também era o posto comum ativo deles, e eu lembro que a gente chegou a conversar como é que a gente poderia facilitar esse processo de entrada para os técnicos envolvidos no projeto Cotton-4 no Chade, se uma nota verbal seria suficiente, mas esbarrava nessa grande dificuldade você não ter as embaixadas respectivas nem aqui e nem lá.

P.: E isso para todos os países ou algum era mais problemático?

R.: O Chade era o mais problemático, sem dúvidas, até por conta de não ter embaixada. O Mali a gente usava nota verbal, o Togo a gente usava nota verbal, Burkina e Benin eu tenho quase certeza que a gente usava nota verbal também. Mas a gente queria resolver essa questão do Chade, de facilitar essa entrada e até o momento que eu saí, fui trabalhar em outra área, outros projetos, isso não tinha sido equacionado por conta da embaixada.

P.: Pelos documentos e registros que vocês têm na Embrapa, o que é o Cotton-4 hoje? O projeto continua em funcionamento? Foi liquidado? Ele existe ainda?

R.: Eu acho que ele já terminou, pelo que eu conversei com alguns colegas, até 2018 a Embrapa ainda estava envolvida com algumas atividades específicas do projeto, mas teria que ver com a ABC, porque é uma impressão que eu tenho, que o projeto foi bem reformulado, daquilo que a gente tinha pensado em 2014, com todas essas reformas, com todos os países e laboratórios, enfim, eu tenho a impressão de que o escopo dele foi bastante reduzido.

P.: Isso é só uma percepção, você não tem uma confirmação, não é um posicionamento oficial da Embrapa.

R.: Isso.

P.: Mas da sua percepção, houve uma mudança a partir da mudança de governos no Brasil? Porque a gente teve uma mudança em 2010, com a entrada da Dilma e depois em 2016, você não estava mais no projeto, mas talvez você tenha alguma notícia,

com a entrada de Temer. Você sabe se essas trocas de governo, tiveram alguma influência na implementação e no projeto em si?

R.: Talvez eu saiba dizer mais com relação à Dilma, o que a gente sentiu muito é que o governo Dilma ele não priorizou não só a cooperação técnica, mas a política externa como um todo. A gente teve muitas trocas de chanceleres e a Dilma mesmo, de modo bem simplório, ela não ligava muito para a questão da política externa e como a gente já estava com dificuldades orçamentares e financeiras, um dos primeiros pontos que foi reduzido o orçamento, foi do Itamaraty e principalmente da cooperação técnica, então em 2012, 2013, 2014, de novo sendo bem simplista, a torneira fechou mesmo. Vários projetos foram sendo terminados, concluídos, mesmo sem ter cumprido toda a proposta, porque realmente não havia recursos financeiros da parte do Brasil para conseguir concluí-los, mas isso foi muito mais uma questão financeira, porque na teoria o direcionamento do governo Dilma era o mesmo do governo Lula. No governo Temer, eu já estava trabalhando em outro aspecto, mas a minha impressão é que isso não pesou muito não, embora as dificuldades financeiras continuassem, a questão do algodão é que, falando especificamente do algodão e não mais da cooperação técnica como um todo, ele só estava recebendo recursos do contencioso, então você tinha um tema de cooperação técnica que tinha recurso e até tinha muito, foi difícil de conseguir executar inclusive, foi o do algodão, então chegou um momento ali que praticamente metade ou até mais dos projetos que estavam em andamento na ABC, eram de algodão, porque era para o que se tinha recurso. E eu acho que o Cotton-4 teve um problema muito particular, que embora ele tenha sido um caso de sucesso, a primeira fase dele, foi ele que deu origem a todos os demais projetos, ele sofreu um pouquinho com essa ampliação, porque a ABC começou a rodar simultaneamente várias propostas de concepção, de negociação de novos projetos de algodão e aí você foi abrindo, abrindo, abrindo e teve uma dificuldade muita própria ali de ter perna para executar.

P.: Pulverizou, né?

R.: Sim, isso.

P.: Você lembra que ano o José Graziano foi eleito?

R.: Acho que foi 2012, 2013... Não, junho de 2011, ele foi eleito.

P.: Aí depois a OMC foi...?

R.: Em 2011 também.

P.: Você acha que, por exemplo, o Brasil meio que atingiu os seus objetivos conseguindo esse apoio do governo e aí com a mudança de Lula para Dilma, deixou de ser prioridade, sabe assim? Você tem razão, acho que tem um pouco de perfil mesmo de política externa, mas você acha que o fato de ter conseguido já o apoio dos países africanos em questões específicas e o Brasil ter sido bem-sucedido nessas votações, influenciou também em colocar esses projetos em segundo plano?

R.: Eu acho que na verdade... E aqui é uma opinião muito particular, isso é opinião do que eu estudei, não é o pensamento da Embrapa e aliás eu estou falando por mim mesma aqui, só para reforçar esse ponto. Quando o Brasil estava perseguindo esses objetivos, a nossa cooperação cresceu muito, o Lula estimulou muito e assim, a ABC teve um orçamento muito pujante, em 2010 foi um ponto fora da curva, se você pegar o orçamento da agência, você vai ver que em 2010 a coisa estourou. Mas ao mesmo tempo, o governo Lula, nem o governo Dilma, muito menos, porque já entrou em recurso financeiro, impeachment e tal, não iria pensar em cooperação técnica, tinham muitas outras coisas na frente, mas ele não deu as condições para que o Brasil se estruturasse como um, vou usar um termo que o Brasil não gosta, prestador de cooperação técnica, não sei se não gosta ainda, mas antigamente não gostava. Ou seja, ele não tem uma legislação que ampare isso, tem que ser tudo um malabarismo, todo um acordo... Tem um manual de convergência do PNUD Brasil, que tem usar as leis, a 8666 para fazer licitação, junto com o esquema do PNUD, porque o Brasil usa o PNUD para fazer compras de equipamento e mandar para fora, nunca teve esse preocupação de você dar as condições de fato, de você criar a carreira do analista de cooperação internacional, isso não existe até hoje e a ABC sofre muito com isso, porque o pessoal que está lá, é um pessoal super bem preparado, mas tem uma rotatividade grande porque são consultores PNUD e às vezes vence o contrato, se ela for renovar, ela não pode renovar imediatamente, tem que ter período de carência, e aí as coisas ficam meio descobertas, o andamento das coisas, e de repente ela pode achar um outro caixa, outra consultoria e ela sai definitivo e entra outra pessoa que não tem memória do projeto, que não sabe o que está acontecendo. Então acho que o Brasil tentou crescer muito com vários objetivos de ter alinhamentos nos fóruns

multilaterais, de eleger os seus diretores-gerais, de conseguir o apoio, mas ele não deu as condições para isso fosse sustentado, e a partir do momento que você tem a condição, que você não dá condição, que você não tem uma lei, não tem o respaldo jurídico, respaldo financeiro, você não tem a carreira que vai lidar com isso, a própria ABC, ela se chama agência, mas não é uma agência, é uma divisão do Itamaraty, diferente da O.. que é um agência, propriamente dita e aí quando você começa a ter os choques, você não consegue blindar isso minimamente para conseguir dar um seguimento, então você começa a ter crise financeira, vai tendo corte, vai diminuindo o projeto, você não consegue dar uma estabilidade em fazer ou manter o crescer de uma forma sustentável, com profissionais ali...Eu acho essa expressão muito mais, do que propriamente a mudança de governo, porque, eu imagino que isso vão acontecer agora, o momento que a gente teve para criar uma lei da cooperação internacional, para criar a carreira do analista de cooperação internacional, para você dar as condições mesmo, legais, jurídicas, todo um amparo, o momento passou. Então agora eu não sei quando a gente teria um momento novo coo esse, até chegou a discutir a lei de cooperação, a ABC encabeçou isso aí, lá para os anos de 2017, acho que 2018, até para se conversar com o congresso, foi feita uma minuta de projeto de lei, mas a coisa não caminhou, infelizmente.

P.: Você acha que com essa sua observação, a gente pode subentender que o Brasil tinha no Cotton-4 e naquele momento ali da cooperação, o Brasil mais uma vez, em mais um aspecto, estava com um projeto de um governo específico e não um projeto de Estado? É meio que uma tradição do Brasil esse tipo...

R.: Sim, até porque eu, por exemplo, entendo a política externa como política pública, não necessariamente conduzida pelo Estado, ela é uma política pública diferente, o sui generis, como já li em alguns artigos, tem os qualificadores ali, porque ela realmente não é saúde, educação... Tem um aspecto diferente, mas acredito que ela é uma política pública sim e daí ela está muito sujeita aos interesses, seja do governo, do partido que está no poder, da confirmação de forças do legislativo, dos lobbys, enfim, então eu acho que ele foi muito mais retrato sim do momento de uma política de governo como uma política pública.

P.: E você acha que isso pode ter influenciado aí também nesse desfecho, que a gente não sabe nem bem se é um desfecho, no que o Cotton-4 pirou, assim, um projeto que

foi considerado exemplo em diversas situações, mas o desfecho a gente não sabe muito bem, você acha que isso também influencia nesse possível desfecho?

R.: Eu enxergo que o Cotton-4 já vinha com algumas dificuldades internas antes mesmo de impeachment, bem antes ainda da eleição do Bolsonaro e de ele assumir o poder, enfim. Vou trazer aqui uma fala do meu orientador que eu achei muito interessante, ela fala que as pessoas batiam muito no governo Dilma por conta dessa falta de atenção que ela tinha com relação a política externa, cooperação e ele falou uma coisa que para mim fez muito sentido, ele falou assim: o Lula teve a faca e o queijo na mão para dar as condições de sustentabilidade da cooperação, para criar uma agência, para criar um marco implantatório, fazer uma lei, ter um diálogo com o congresso, criar as condições e ele não quis fazer isso, ele só foi tocando, tocando, tocando, daquele jeito meio, uma palavra um pouco forte, mas meio amador.

P.: O improviso brasileiro, né?

R.: Exatamente. Então embora assim, eu acho muito interessante a forma da nossa cooperação, que é diferente da americana e da alemã, que é você simplesmente contratar consultor, a gente usa profissionais que estão lidando ali na linha de frente com política pública do Brasil ou com pesquisa dentro do Brasil, são pessoas que estão ali na ponta, tem um conhecimento diferenciado, uma forma de pensar e de entender as coisas também, porque não é só uma consultoria, mas isso a longo prazo, não é sustentável, não tem como levar isso nesse improviso.

P.: Sim, entendo. Não é nada de longo prazo, infelizmente, não tem um desenho para ser um projeto sustentável, não tem um desenho para ser um projeto de Estado, que seja como você falou, de política pública, contando os benefícios que a gente poderia ter no campo doméstico. É uma tristeza.

R.: Sim.

P.: Como foi a relação especificamente com o Chade? Ela era mais difícil do que com os demais países? Vocês perceberam que o Chade era um país mais instável politicamente? Por que o Chade entrou no projeto? Porque o Chade sempre parece um país mais distante, sabe?

R.: Até geograficamente, né? É o único que está na África Central, os outros todos estão na África Ocidental. Mas o Chade entrou porque ele faz parte do Cotton-4, porque existe desde 2003, porque esses quatro países ficaram conhecidos como Cotton-4 na OMC e o Chade, a economia deles é movida ao algodão, o algodão é um dos, senão o mais importante, é um dos ativos mais importantes do país, é o motor da agricultura do país, então ele entrou porque desde desse princípio, desde as negociações no âmbito da OMC, ele fazia parte do grupo, junto com os demais países. A gente tinha dificuldade de logística com o Chade, e de novo pela falta de embaixada, era muito complicado montar missões no Chade, tinha que ser tudo muito bem pensado, porque lá os pesquisadores não teriam nenhum tipo de apoio. Agora do ponto de vista mais técnico, talvez eu não possa te falar melhor, porque eu sou mais escritório, se tinha alguma diferença entre os demais países, mas para mim ficou muito forte essa questão logística e como a gente sempre pensava com um pouco mais de cuidado para levar a gente para lá.

P.: Você viu que mataram o presidente do Chade, né? E o Mali com ataques rebeldes a cada 15 dias.

R.: Sim. A gente teve uma tentativa de golpe de Estado no Mali em plena metade do projeto, em 2012, e aí o Di Stefano, a gente trouxe ele de volta para o Brasil, ele ficou uns 2-3 meses aqui até a situação dar uma acalmada e quando ele voltou, ele ficou na embaixada e as próximas missões que a gente foi, eu inclusive cheguei a ir em missão lá depois do golpe, uns 4-5 meses depois, a gente ficava na embaixada, o que não é comum, geralmente quando a gente vai, o normal é você ficar num hotel, a ABC faz toda a reserva, mas nesses primeiros meses aí pós golpe lá no Mali, as missões brasileiras do Cotton-4 ficavam na embaixada e a gente passou a ter com muito mais frequência esses ataques dos jihadistas do norte, tentativas de sequestro...

P.: Essas instabilidades atrapalhavam a efetivação do trabalho de vocês? Era mais difícil?

R.: Era, no Mali eu lembro até que saiu uma carta da Embrapa para a ABC na época, pedindo que a ABC nos desse maior orientação com maior periodicidade, rotineiramente fazer o acompanhamento e monitoramento de como que estava a situação nos países, em especial no Mali por conta da tentativa de golpe de Estado para tentar garantir a segurança das pessoas que iam lá. Graças a Deus nunca

aconteceu nada, mas a gente como Secretaria de Relações Internacionais da Embrapa, colegas acabavam indo para lá, a gente tinha essa preocupação e a gente pedia para a ABC mais segurança, que tinha que ser prioridade. E isso afetou o cronograma de execução do projeto em 2012, o projeto atrasou uns 4-5 meses, em termos de atividades, né? O plantio, como eu falo, o calendário agrícola, não sabe muito o que está acontecendo, o plantio foi normal, só que a participação do Brasil nesse período, foi à distância, foi remota, a gente tinha o Di Stefano lá, que era ótimo, mas dúvidas, coisas mais específicas eram tratadas à distância pela internet com os pesquisadores daqui.

P.: Às vezes que você foi para os países, qualquer um deles, você chegou a ter contato com a população local, você chegou a circular minimamente pelos países? Chegou a falar que era brasileira, as pessoas tinham alguma percepção sobre o Brasil?

R.: Aquela percepção do Brasil bem anedótica, mas que eu passei na pele e que realmente é verdade, a gente chegava no aeroporto e todo mundo via brasileiro e já começava: “Pelé”, “Ronaldinho”, “Kaká”, “É, somos do Brasil”. A gente frequentava restaurantes porque a gente ia para a estação experimental, ficava em reunião ou em capacitação a manhã toda e aí ia para o break do almoço e lá na estação não tinha comida, então a gente se deslocava até o restaurante e depois voltava. A gente ia a mercados, farmácias, mas era um deslocamento bem limitado, o grosso mesmo, 98% do meu tempo era na fazenda, era na estação experimental, mas assim o Brasil sempre foi muito bem visto, lembrando que a última vez que eu viajei para lá foi em 2016, mas a população em geral desses locais, o garçom, pessoal da farmácia, pessoal que trabalhava no aeroporto, sempre ficavam super felizes de saber que a gente era do Brasil.

P.: E você acha que isso desde o começo? Sempre igual, não mudou ou melhorou?

R.: Sempre igual, eu fui para África entre 2011 e 2017 na verdade, eu fiz muitas missões para lá, foram mais de 20 e assim, a percepção sempre muito boa.

P.: É engraçado, né? Como que Brasil, assim...

R.: Dispersa essa simpatia, né?

P.: É, como que a gente está no imaginário deles, né? É um imaginário muito positivo, de muita alegria sempre.

R.: Sim.

ANEXO I - Transcrição da entrevista realizada com Boubacar Diombana

P.: Sr. Boubacar, o senhor tem qual cargo hoje na embaixada do Mali e qual é a sua função? Quais são as relações do senhor com o Brasil, especificamente?

R.: Eu sou Boubacar Jon Bana, eu trabalho com a embaixada do Brasil desde 2012, já vai fazer quase 10 anos e eu sou assistente de cooperação aqui na embaixada e no projeto Cotton-4 + Togo e nos outros projetos da cooperação em geral, estou cuidando da área de administração e das finanças, especificamente no projeto Cotton-4.

P.: Então o senhor é a gente de cooperação da embaixada do Mali aqui no Brasil, o senhor trabalha no Brasil, né?

R.: Isso, encarregado da operação. Eu trabalho aqui em Bamako, na embaixada do Brasil em Bamako, nesse momento estou falando com a senhora, a partir da embaixada do Brasil em Bamako.

P.: Entendi. E o senhor trabalha especificamente para o projeto Cotton-4, né?

R.: Não, não. Para todos os projetos da cooperação.

P.: Com o Brasil especificamente ou com todos os países?

R.: Especificamente com o Mali, mas no âmbito do projeto Cotton-4, eu estava cuidando de 5 países até 2016, antes de ser contratado outros assistentes de cooperação.

P.: E o senhor acompanhou a criação, a implementação do projeto? Desde quando o senhor está envolvido com o Cotton-4?

R.: Desde 2012.

P.: O acordo foi oficialmente assinado em 2009, 2010. Eu queria saber se o senhor está desde o começo ou se o senhor entrou depois e em qual momento o senhor entrou no projeto?

R.: Eu entrei três anos depois da assinatura da aprovação, em 2012.

P.: Dois anos após a criação.

R.: É, vamos dizer três anos depois, porque o projeto começou em 2009, eu entrei três anos depois.

P.: E o senhor tem ideia de como foi a definição do projeto para o seu país? Qual foi a importância desse projeto para o seu país na época em que ele foi criado? Hoje a gente sabe que tem algumas mudanças, mas na época...

R.: Eu vou falar a partir da época que eu comecei a trabalhar. Na verdade esse projeto foi muito importante para o Mali, particularmente, mas para os outros países do Cotton-4 também. Ela foi importante para o Mali no sentido de que era um projeto que lutou contra a pobreza e contra o desemprego, posso dizer assim, além desses dois fatores, esse projeto contribuiu a melhorar bastante a cultura do algodão aqui no Mali e hoje está sendo urbanizada pela empresa algodoeira, a variação B023 (não tenho certeza), que é uma variedade que o Brasil enviou para cá e isso está contribuindo a aumentar a produtividade do algodão aqui no Mali e o algodão tem um papel muito importante na economia do Mali, se tem variedade que está aumentando a produtividade, isso obviamente vai aumentar também a renda do país.

P.: Vocês têm informações de resultados efetivos de melhoria no seu país envolvendo diretamente o Cotton-4?

R.: Resultados oficiais?

P.: Por exemplo, tem melhoria de exportação, de produtividade? Isso se reverteu em melhorias concretas?

R.: Sobre as exportações do país? Claro, quando aumenta a produtividade, claro que vai aumentar a exportação de um país, agora não tenho dado qualquer sobre o aumento, quem pode ter esse dado é a empresa algodoeira do Mali, com quem nós trabalhamos, que são os nossos parceiros também no âmbito de um outro projeto chamado "Cotton Solos".

P.: Eu não preciso de dados oficiais, na verdade, isso teria que ser com uma representação legal, já uma coisa mais formal... É mais para saber a percepção do

senhor enquanto um agente de cooperação, se na sua percepção houve de fato alguma melhoria, se pelo menos isso foi comentado no seu país, pela população...

R.: Com certeza absoluta, esse projeto trouxe muita coisa para o Mali. Hoje em dia nós temos produtores que foram capacitados no âmbito desse projeto, que pode montar um campo sozinho do início até o final da safra, respeitando todos os protocolos que ele aprendeu conosco no âmbito desse projeto. E como nós temos técnicos que estão com o trabalho de assistir os produtores capacitados que hoje em dia o número de países que está prestando, quer dizer, apoio a esse produtor, tudo isso só benefício desse projeto da cooperação. E hoje em dia, a cooperação com o Brasil, eu posso dizer assim, que é a melhor cooperação que o Mali teve, por que que eu estou dizendo isso? Em três anos da cooperação, o Brasil conseguiu realizar aqui no Mali, nós tivemos cooperação com países há quase 50 anos, nunca realizaram o que o Brasil fez em 3 anos, isso não sou eu que estou dizendo, são os próprios funcionários do instituto que é parceiro do projeto aqui no Mali que estão falando isso.

P.: O senhor disse que é... Foi um projeto muito... Foi, né? Porque ele foi encerrado recentemente...

R.: A segunda fase, mas vai ter uma terceira fase desse projeto.

P.: Entendi. Antes do Cotton-4, o senhor imagina que houve uma mudança de como o Brasil é visto no seu país, antes do Cotton-4 e depois do Cotton-4? O senhor sabe de teve alguma mudança nessa percepção mesmo, do Brasil enquanto um país parceiro, se...

R.: Eu posso dizer que antes do Cotton-4, na verdade o Brasil era conhecido aqui na área do futebol. O povo mais ou menos conhecia os grandes jogadores do Brasil, conheceu o Brasil como um país de grandes jogadores, mas o Brasil também era conhecido com um país que tem uma grande potência em termos de agricultura, ao redor do mundo, mas conhecer o Brasil na verdade, aqui no Mali, foi a partir desse projeto de cooperação, desse primeiro projeto, do Cotton-4, é porque a partir desse projeto é que foi aberto uma embaixada aqui no Mali.

P.: Então, a gente pode dizer que realmente houve uma mudança nessa percepção, até física, né? Pela presença do Brasil no Mali.

R.: Com certeza. Eu me lembro que depois de uma semana de capacitação com os profissionais da Universidade Federal de Lavras no interior do país, chegou em mim um senhor e disse: "Sr. Boubacar, os outros nos dão peixe todos os dias, mas vocês nos ensinam, o Brasil nos ensina pescar e isso é importante".

P.: Do que o senhor sabe, o projeto chegou a conhecimento da população como um todo? Chegou a ser noticiado na mídia do país? De que modo aconteceu?

R.: Um dos problemas que nós tivemos com os nossos projetos aqui no país, era a visibilidade. Esses projetos da cooperação não eram muitos... As atividades, né? Não passeiam muito na mídia e esse foi um projeto que nós já tínhamos falado, mas hoje em dia, esse projeto, eu posso dizer que ele é conhecido no país, não só o projeto Cotton-4, mas quais os projetos da cooperação do Brasil aqui no Mali, estão tendo uma divulgação nas mídias.

P.: E o senhor acredita que o Brasil passou a ser mais conhecido pela população? O senhor tem um exemplo concreto, lhe vem à mente algum exemplo concreto desse sentido?

R.: Por exemplo, quando a senhora vai no interior do país, fica só uma localidade que fica a quase 430km de Bamako, mas mais no interior do país, a senhora vai encontrar as unidades de demonstrações do projeto Cotton-4, com as placas de identificação com a bandeira do Brasil, com o nome do Brasil, com as técnicas que estão sendo divulgadas e os técnicos da Embrapa, da UFLA, da ABC, viagem no interior do país, nós quando saímos, saímos com uma bandeira do país, isso claro que é um exemplo típico que o Brasil é conhecido aqui no Mali, aqui no interior, nas aldeias. Até as crianças conhecem o Brasil hoje em dia. Eu tenho fotos, se a senhora quiser, eu posso mandar, fotos com a bandeira do país nas aldeias do Mali.

P.: Da parte mais técnica do Cotton-4, já que o senhor é a pessoa que tocou o projeto tecnicamente, todas as cláusulas, tudo foi cumprido? Tudo o que estava previsto lá no início foi cumprido?

R.: Com certeza, eu posso afirmar que tudo o que era previsto como atividade até a segunda fase do projeto, foram executadas.

P.: Quando o projeto foi criado, o senhor não estava ainda nele, né? Mas o senhor já trabalhava para o governo do seu país ou não?

R.: Não, naquela época eu estava em trabalhando em Angola.

P.: Por isso o senhor tem o sotaque do português de Portugal, né?

R.: É, isso.

P.: Você tem informações... Agora, falando um pouco sobre a parte de migração. O senhor acompanhou se o acordo previa algum intercâmbio entre profissionais, a troca de técnicos, a transferência de técnicos do Brasil para o Mali e do Mali para o Brasil, como que era esse trânsito de vocês, a parte legal enquanto migrante, a parte da migração mesmo.

R.: Uma das coisas que eu gostei bastante na execução desse projeto, é o fato dos técnicos brasileiros conhecerem a capacidade intelectual dos técnicos do Mali e um dos princípios da cooperação brasileira, a horizontalidade... [interrupção] Eu estava dizendo que uma das coisas que eu gostei pessoalmente da parte brasileira, é o reconhecimento da sabedoria da parte malinense. Eu tenho um exemplo de pesquisador malinense que chegou em mim e disse: "Boubacar, meu primeiro encontro com o Sr. Di Stefano, o José Geraldo Di Stefano, da Embrapa, o discurso que ele teve, me apaixonou, um discurso tão diferente de outros países com que nós temos cooperação, porque o Brasil não chegou com um olhar pronto, o Brasil chegou para poder confeccionar um modelo junto com o parceiro malinês e caminhar junto, uma coisa que é diferente da filosofia dos outros países com que o Mali tem cooperação, porque eles chegam para impor". E falando de intercâmbio, teve várias capacitações aqui no Mali como no Brasil também, no âmbito do projeto foram enviados vários técnicos aqui no Mali como no Brasil também.

P.: Na verdade, as duas coisas. Eu gostaria de saber se o projeto facilitava, por exemplo, a sua vinda para cá, ela era mais fácil do que a vinda de outras pessoas que não estavam envolvidas no projeto diretamente?

R.: O projeto facilitou o intercâmbio, a viagem dos técnicos, do Mali para o Brasil, sem dúvidas, pessoalmente, eu, para me deslocar para o Brasil no âmbito do trabalho, até

que não...Bom, precisa de visto, mas era um visto cortesia, né? Não se pagava. Isso também era a mesma coisa para os técnicos *malineses* que trabalhavam com o projeto, sempre tinha visto de cortesia.

P.: Foi criada uma estação experimental em Sotuba, né?

R.: Não, Sotuba é uma situação só, mas o Brasil construiu um prédio com laboratório, construtora, dentro da estação de Sotuba e foram instalar os campos de demonstrações na estação de Sotuba pela parte brasileira.

P.: E essa estação ela ainda existe? Ela continua operando?

R.: Sim, senhora.

P.: Continua operando normalmente para pesquisa? Pesquisa de algodão ou todas as áreas agrícolas?

R.: Após duas semanas atrás, nós fomos convidados, o embaixador à embaixada, eu estive com o embaixador, um dia de campo [não entendi] pela estação e ela está continuando a funcionar normalmente.

P.: Algum outro laboratório, além da estação de Sotuba, foi criado aí no Mali?

R.: No âmbito do projeto?

P.: Isso, dentro do projeto.

R.: Não, só a estação de Sotuba.

P.: Você tem informações, por exemplo, de que pessoas se interessaram em vir para o Brasil? Técnicos... Depois que souberam do projeto, em vir estudar no Brasil, morar no Brasil, fazer pesquisa no Brasil...Você tem informações sobre isso? Conhece pessoas que tivessem envolvidas nisso, que tivessem essa vontade?

R.: Até nesse momento tem um pesquisador do Instituto de Economia que está fazendo curso na Universidade Federal de Lavras, nesse momento e ele está lá, acho que mais de 3 anos já que ele está estudando no Brasil e cada ano, nós recebemos solicitações de estudantes malineses para ir estudar no Brasil.

P.: Mas o senhor conhece alguém que tenha vindo morar aqui, que decidiu estudar, vir trabalhar aqui, alguma coisa nessa linha?

R.: Estudar sim, conheço alguém que está estudando lá, mas morar, não conheço.

P.: Vir fazer pesquisa e estudar, assim, o senhor conhece algumas pessoas, várias pessoas ou não?

R.: Uma pessoa que eu conheço, mas eu sei que tem vários estudantes malineses no Brasil, mas que eu não conheço pessoalmente.

P.: Houve alguma mudança de direcionamento no projeto com mudanças de governo? Porque o projeto é de longa duração, a gente teve pelo menos três governos, quatro, ao longo desse período, o senhor acompanhou? Teve alguma mudança ou seguiu como foi planejado, como estava no início?

R.: Não, as atividades do projeto não mudaram por causa da mudança de governo aqui no Mali. O projeto foi executado normalmente como era previsto, porque o governo do Mali mesmo que teve várias mudanças, sempre tinha uma grande importância para esse projeto, sabendo o resultado positivo que ele tinha conseguido.

P.: Eu soube aqui no Brasil que o projeto foi encerrado, em outubro ou setembro de 2020. O projeto foi encerrado?

R.: Bom, encerrado eu considero que não, acabou a segunda fase, vai começar em breve uma terceira fase desse projeto. Até que nós tivemos uma reunião, uma conferência há duas semanas atrás.

P.: E como que está agora? Vocês vão dar continuidade? Quais são os próximos passos agora como encerramento da segunda fase?

R.: O foco do projeto, vai ser a luta contra as pragas. O laboratório do programa vai ser reestruturado para ficar um laboratório regional, vai servir todos os países do Cotton-4. O foco da terceira fase vai ser nesse laboratório.

P.: O governo do Mali demonstrou interesse em dar continuidade ao projeto de alguma forma?

R.: Com certeza, participaram da videoconferência, o diretor-geral adjunto, o diretor-geral da [inaudível] e o diretor da estação de Sotuba que são representantes do país e demonstraram interesse, o próprio diretor demonstrou interesse. Estava nessa reunião, o senhor Embaixador do Brasil e ele ouviu o diretor-geral manifestar interesse do país no Mali para dar continuidade a esse projeto, também estava o senhor [inaudível], que é o coordenador da Agência Brasileira de Cooperação para a África.

P.: E nas viagens do senhor ao Brasil, o senhor visitou as plantações aqui, o senhor chegou a conhecer bases de Embrapa, de desenvolvimento de algodão? Como é que foi a sua estada aqui? As suas vindas para cá do ponto de vista técnico.

R.: Eu tive uma oportunidade de visitar a sede da Embrapa lá no Brasil, agora tem também oportunidades de visitar plantações no interior do país, Minas Gerais, mas isso era no âmbito da promoção comercial, porque eu cuido da área da promoção comercial aqui na embaixada e tive oportunidade de visitar plantações, no interior do país principalmente, em Minas Gerais.

P.: E o senhor chegou a viajar por todo o país? Nordeste? Quais Estados?

R.: São Paulo, Brasília, Minas Gerais, por enquanto.

P.: E o senhor pretende continuar? Quais são os próximos projetos de vocês? Do senhor principalmente, quanto técnico, quanto agente de cooperação?

R.: O projeto pessoal?

P.: Isso, pessoal e profissional.

R.: A minha função é fazer com que a bandeira do Brasil possa brilhar, como eu posso dizer? Em África no geral e no Mali em particular, então eu vou sempre trabalhar nesse sentido, normalmente nós vamos ter novo projeto de cooperação com o Mali e ainda foram assinados duas [inaudível], mas daqui até o final do ano vai ser assinado mais duas outras [inaudível] do projeto, se não fosse a pandemia, hoje em dia nós estaríamos com os novos projetos já assinados.

ANEXO J - Transcrição da entrevista realizada com José Geraldo Di Stefano

Eu vi a mensagem que você me enviou, eu sei o objetivo que você está executando, O C-4 é um projeto, eu acho que ele foi bem planejado, A Embrapa...nós pudemos fazer um trabalho lá, entendendo a realidade, bom... Falar do C-4 para mim... Foram 6 anos de projeto, 4 morando lá. Então eu preciso entender, o que é que você quer saber, como é que eu posso contribuir com a sua pesquisa.

P.: Basicamente é falar um pouco sobre a sua experiência lá e sobretudo entender um pouco sobre a percepção local... Você ficou em Sotuba, né?

Fiquei em Sotuba, na Estação.

P.: Eu entrevistei a Adriana, da ABC, foi ela que me fez chegar até o senhor.

Muito boa, excelente. Adriana me ajudou muito.

P.: Entrevistei o Nelci Caixeta. Mas o senhor é a pessoa que morou lá. Eu, inicialmente, tinha a intenção de... O meu projeto inicial, o projeto de pesquisa que eu apresentei e que foi aprovado, eu iria até a África, eu iria até Sotuba, entrevistar os técnicos e saber sobre a percepção do Brasil, de como eles ouviram falar sobre o Brasil. E aí com a pandemia, deu tudo errado. Então eu estou assim, tentando...

Mas aí tem uma coisa legal. O Boubacar, eu contratei o Boubacar... Quando começou o projeto, eu contratei um auxiliar administrativo da Costa do Marfim que falava bem português, que estudou na USP, não sei se ele fez comunicação na USP, economia eu acho, o Issiaka, mas aí o Issiaka não funcionava e com isso conseguimos trocar e trazer o Boubacar Jon Bana, que hoje ainda está na embaixada. Eu vou te passar o contato e você vai poder falar com ele, ele vai te dar uma perspectiva do que é o projeto na visão do africano. Porque você tem uma visão do Brasil... E outra pessoa que eu não sei se você vai conseguir falar com ele, que é espetacular, que é o embaixador Jorge Ramos, esse é o coração do projeto, porque eu sou bom tecnicamente, eu sou da Embrapa, eu tenho formação antropológica...

P.: Jorge Ramos? Ele era o embaixador no Brasil lá...?

Jorge Ramos. Ele é espetacular, ele e a esposa, os dois saiam e batiam cabeça, cumprimentando a equipe de Sotuba, um respeito enorme pela cultura. E outra, nós somos negros, né? É isso que o Brasil, sei lá se entende ou não entende, para mim não faz diferença. A questão é, poxa... Foi um momento muito especial de pessoas, o C-4. Primeiro porque o Jorge entendia muito bem a política externa...

P.: O Jorge entendia muito bem política externa, né? Foi isso que o senhor disse?

É, ele era o embaixador. O que que houve, o pessoal em Sotuba, os diretores científicos, ministros, eles diziam que o projeto do Brasil era muito bom, primeiro porque eles vieram no Brasil ver o que nós fazemos, segundo que os técnicos da Embrapa não ficavam no escritório, iam para o campo e tinha um embaixador que ia ver o projeto no campo e dialogava praticamente com o senso comum, ele tanto fazia a ponte com a diplomacia e ele fazia a ponte com a parte técnica. Então eles diziam que principalmente foi a forma, o comportamento do embaixador nesse momento, da diplomacia brasileira... Até isso gerou muito ciúmes de outros embaixadores do Cotton-4, porque eles diziam assim: "É, o C-4 é do embaixador Ramos", me falavam nas viagens pelos países. Então, eu acho que o Dr. Ramadum... Essa é uma outra pessoa também que eu vou te passar o e-mail dele, para você conversar com ele, ele fala inglês e francês... Isso é uma outra coisa que na África é maravilhosa, então eu chego na África com um francês meia boca, um inglês mais ou menos, muito ruim e você se depara com bambara, 3 milhões de pessoas no Mali falam bambara e aí você se entrega com aquela gente...

P.: Bambara é o dialeto deles, né?

É, o C-4 é uma comunhão de espírito. É uma coisa que é inexplicável. Então a gente tinha uma proposta muito boa, antes de eu sair para o Mali, para África, o projeto começa em 2009 com o Dr. Geovando Pereira, que já é uma pessoa que é da Embrapa, tinha começado na Costa do Marfim em '78, um grande gestor de projeto, mas ele era aposentado, aí 2009 eu fiz uma missão para transferência de tecnologia, plantio direto, a base técnica do projeto e eles me convidaram em fevereiro para assumir o projeto lá, fevereiro de 2010 e aqui eu fiquei me preparando a minha entrada no projeto e aí nós tivemos reuniões aqui com os articuladores do projeto, porque o projeto foi desenhado junto com os africanos nos seus países, porque a origem do

dinheiro é o contencioso, então é da coragem do produtor brasileiro em processar os EUA na OMC. Então é muito legal isso, eu acho que a ABRAPA, que é a Associação Brasileira de Produtores de Algodão, nem aproveita tão bem o que eles proporcionaram e era muito legal, porque eu chegava lá em Genebra, depois da reunião, o... Ele saiu agora da direção da OMC... Roberto Azevedo, ele falava: “Enquanto você vem aqui, a gente fica enrolando esse povo por uns 3 meses com o C-4”, por quê? Porque a China aparecia, eu via, em algumas apresentações “ah, nós doamos 50 mil para país tal”, a gente chegava e mostrava prédio construindo, algodão no campo... É muito Ubuntu, né? Ver e ser visto, é um projeto em que você tem que entender o que que a cooperação internacional vinha fazendo e como é que a gente vai proceder, a gente não podia errar, quando você está oferecendo cooperação, pra isso a gente fez um estudo e um planejamento na Embrapa em como teria que ser essa atuação. É um dos motivos de eu ter ido, foi eu ter um mestrado em antropologia e entender muito bem o que é estranhamento e que ela é a naturalização, então eu preparava toda a equipe nossa que ia pra lá, eu começava a preparar 3 meses antes, culturalmente, até como é que procedia ou então como é que era as abordagens, então todo mundo chegava muito familiarizado com o ambiente que eles iam trabalhar, inclusive com as pessoas que eles iam trabalhar, porque quando você sai do Brasil, as pessoas às vezes por uma questão ou até da própria história de cada um, você é arrogante no Brasil, você vai ser arrogante na África também, então é muito legal, eu falava assim para os melhoristas: “Você estudou onde?”, “Ah, eu estudei em Viçosa... Estudei em Lavras”, aí eu falava: “Ah então você vai dar um curso de genética? Legal... O latara fez Montpellier e fez Moscou, fala inglês, francês, dois dialetos e fala espanhol, aí você vai com o Alexis do Benin”. Então a relação nossa era com o que existia de qualificado, mas também era com os extensionistas e também com os produtores, então nos trabalhávamos com o ser humano mesmo, do jeito que a gente entendia que tinha que ser, então vai todo mundo, você está na estrada e não tem chips, não tem batatinha.

P.: Sr. Di Stefano, qual era o seu papel efetivamente? O senhor falou que na prática era preparar, digamos assim, o campo e as pessoas que iriam trabalhar em campo para fazer essa conexão, era esse o seu papel?

Meu papel era de coordenador do projeto, meu papel era de quem preparava...

P.: Então o senhor era coordenador?

Coordenador científico, técnico, administrativo, então, as missões, as reuniões de comitê gestor, os comitês de pilotagem, enfim, eu fui o coordenador do projeto...em cinco países, então você construir em cinco países, você trazer as comissões de cinco países, você montar estratégia de transferência de tecnologia, precisa de uma pedagogia que não seja impositiva ou então que ela seja de composição horizontal, que é isso que o projeto sempre foi, então quando todo mundo diz assim: “mas por que que o C-4 deu certo?” Porque nós fomos simples, nós éramos técnicos, seres humanos, vamos trabalhar, não tinha nenhuma... A gente escutou muito nessas viagens que o Brasil tinha um dívida histórica com a África e a minha função era produzir o algodão que produzia alimento que poderia trazer independência do africano, realmente independência alimentar, com plantio direto e as tecnologias que nós levamos, o Brasil doou 10 variedades de algodão, 9 coloridas e uma... uma colorida, uma avermelhada, o safira, duas delas foram muito bem recebidas, porque a base genética da africana ela é amarela-fibra, muito egípcia e a 293 e a 286, além de ser muito bem produtivas, elas também eram brancas, bem claras. Então era trabalho, mas nós estudamos os projetos de cooperação, nós sabíamos que a gente não podia errar e que gente tinha que entender como é que as instituições funcionavam culturalmente e como elas sobreviviam, então elas sobrevivem de projetos e eu sabia que existiam projetos...

P.: A gente pode dizer que o Cotton-4 foi o grande primeiro projeto de cooperação com os países africanos na área técnica de desenvolvimento agrícola?

Eu acho que ele era um projeto estruturante, ele era um projeto que ele não ia pontualmente, ele entrou e trabalhou algumas colunas: recuperação de prédios, construção, plantio direto, manejo integrado de pragas e a genética do algodão. O algodão é uma cultura que ela é bastante complexa e ela possibilita que quem aprender a plantar algodão, aprende todo o sistema de produção. Então nós fizemos isso, nós plantávamos milho com braqueária e depois vinha com algodão em cima, como é que funciona isso, nós fomos entender, antes de ir para a África, nós entendemos como é que funcionava a relação política, a política da agricultura. Então tem as companhias de algodão, que compram esse algodão e financiam esse algodão e parte desses insumos que eles fornecem para os produtores, os produtores fazem

o quê? Tiram parte dele e vão fazer alimento, então é realmente uma situação muito difícil e como é que você leva a melhor informação para eles, já sabendo que eles tem informação, mas como é que você vai viabilizar essa composição de saber, então nós tínhamos que entender isso culturalmente e por coincidência quando nós chegamos lá em Samankaroba, tinha um projeto do Kofi Annan, o Kofi Annan até foi fazer uma visita lá, acho que chamava AGRA, era uma ONG com o Kofi Annan e eu conheci o Traoré, que era um produtor, ele era responsável por 600 pequenas vilas, então nós começamos a levar os produtores e as famílias, nós nunca fizemos nada que não fosse sem a visão da família, então os filhos ou aquele filho que estava mais próximo do pai...E aí tem a pedagogia da sala de aula e no campo, em que a gente colocava todas as informações da sala de aula no campo. Bom, aí tem uma coisa que você escreveu na sua mensagem, se isso aproximou o Brasil da África, esse projeto, bom, esse projeto levou uma nova forma de pensar, inclusive, por que que levou uma nova forma de pensar? Primeiro porque nós nunca enviamos dinheiro, o recurso para os países como normalmente se faz, e outra, não se gastou, uma das críticas aos projetos das Nações Unidas é que boa parte do dinheiro é gasto com viagens, com diárias e nós nos preocupamos muito com isso e eles entenderam, foi muito legal, nós tivemos momento em que existiam viagens para o Brasil e eles pediam para não viajar porque eles pediam para que as formações fossem lá e daí sobraria mais dinheiro...Então chega nesse nível de discussão, de conversa, de transparência... Hoje eu sempre ainda converso com algum deles, depois eu te passo o telefone do Boubacar, é que hoje ele trabalha na embaixada e também ajuda nos projetos do Brasil lá, acho que eles podem te dar uma visão deles, é que eu tenho uma visão muito minha, é muito difícil falar comigo às vezes porque eu me tornei...

P.: Sua visão é muito importante, porque o senhor é brasileiro, o senhor esteve lá. A minha grande pergunta para o senhor é, se a percepção local ali sobre o Brasil, se o senhor percebeu alguma mudança nessa percepção, conforme, por exemplo, de quando o senhor chegou para quando o senhor voltou? O senhor ficou lá 6 anos, o Brasil passou a ser mais conhecido? O algodão brasileiro passou a ser mais conhecido? Qual foi essa transformação, sabe?

A questão é que você trabalha com países que são tão pobres quanto o nosso. Quando eu recebia gente ou na embaixada ou no projeto, as pessoas diziam: “eu

nunca vi isso no Brasil”, eu dizia: “você nunca andou na periferia da sua cidade, você nunca viu realmente, você desconhece o que é Paraisópolis em São Paulo, do lado do Morumbi, você desconhece”. Como eu tenho uma visão muito clara de tudo isso, eu ia mostrando para as pessoas o que realmente acontece ali e porquê que nós estávamos ali. Primeiro: a gente não estava fazendo um favor, a gente estava dentro de um projeto de cooperação, a gente não estava dando recursos, como é que se faz isso? Você respeita, é respeitado, integra saberes e vamos definir um trabalho juntos, então nós escrevemos juntos as publicações do projeto, nós definimos as parcelas, como eles vieram no Brasil, eles entendiam muito bem o que a gente pensava. Então quando você fala do C-4, cada país, um é muçulmano, o outro é cristão, o choque cultural ele é constante e se você não souber administrar tudo isso... Porque é muito estranho, a esposa faz no Chade, o jantar, ela é chefe do PNUD, mas ela não se senta à mesa com o pesquisador, que é o marido dela. Então tudo isso faz parte, se você não tiver preparado para isso, para não tecer comentários que não são realmente da sua conta, que aquilo é uma cultura, como é que nós vamos trabalhar juntos? A gente tinha compreensão disso, a gente mapeou os países, sabia o que a gente ia encontrar, sabia o que a gente ia fazer, nós tínhamos um modelo pedagógico de transferência de tecnologia, que é “ver e ser visto”, a gente chamava isso, que é muito Ubuntu ali da África do Sul. E outra, a diplomacia, do mesmo jeito que a gente atuava a nível de campo, avaliando planta, a gente saía e ia para uma reunião da OMC ou outra reunião, a questão é você ter noção do que é que você tem que fazer lá, eu sou um técnico da Embrapa, eu sabia que em algum momento eu tinha que agir junto com a diplomacia, os papéis são muito bem definidos e você sabe muito bem entender. Por exemplo, na nossa primeira visita a OMC, eu pedi uma reunião com todos os embaixadores dos países da C-4 e eles conseguiram organizar essa reunião e com isso eu consegui explicar para eles na OMC o que é que nós pretendíamos com o projeto e os embaixadores pressionaram diretamente todos os diretores das instituições participantes e isso começou a ajudar, a melhorar o diálogo. Então a estratégia foi fazer algo muito bem feito em Sotuba, ir e vir e começar a sair de Sotuba para todos os países, a montar as unidades de demonstração, fazer as capacitações, porque mesmo no Brasil acontece isso, qualquer um dos nossos colegas, dos seus colegas, que saem do Brasil, ele volta e ele não restitui ninguém, ele não conta o que ele aprendeu, na África a mesma coisa, se aquilo foi muito bom, ele não vai saber falar,

então como é você planeja isso? Como é que você faz? Tudo isso vai aproximando, então o projeto brasileiro começou a ser comentado e começou a ser referência, pelo que eu entendi, de negociação para outros projetos, todo mundo falava assim: “ó, tem que ser um projeto parecido com o que é o do Brasil, com espontaneidade, eles não estão vindo aqui fazer negócio”. Porque você não pode ter um projeto com o C-4, você falando: “ah, vocês têm que comprar trator, vocês têm que comprar do Brasil”, isso vai acontecer naturalmente, a relação de negócio ela vem com a qualidade da relação e com a interpretação da realidade de comparação, então não existe mágica nisso, só existe sensibilidade em você trabalhar os problemas. E outra, como é que você desenvolve projetos em países que quando você se afasta vai vendo que as construções vão ficando piores, vão ficando sem telhado, as pessoas ficam desnudas, então como é que você vai manter a seriedade, evitar propina, eu dizia sempre assim, 1 dólar do projeto brasileiro aplicado vale 10 do americano, eu falava isso em algumas reuniões e isso criava, por que nós juntos usamos muito bem...O dinheiro do projeto brasileiro... Tudo isso, na forma de procedência...

P.: Você mora em Brasília?

Não, eu moro em Uberlândia.

P.: Ah, você mora em Uberlândia? Eu tenho uma amiga em Uberlândia, eu fui para Uberlândia tem alguns anos.

Você mora aonde?

P.: Eu sou de São Paulo. Eu sou de Osasco na Grande São Paulo. E eu tenho uma amiga, que ela trabalhou com a gente aqui em São Paulo...O senhor estava falando que... A dificuldade e a aproximação. Como vocês se aproximaram ali e das dificuldades de implementação por conta das características locais.

É, não tem muito segredo. Você respeita e é respeitado. Você compõe e deixa claro como é que as coisas vão ser conduzidas e aonde nós vamos poder chegar junto. E isso tudo aproximava as pessoas a cada reunião, aproximava em cada evento, os eventos nunca foram festas, os eventos sempre foram as capacitações, exigimos sempre de todo mundo e tudo isso foi aproximando, isso estava dentro do que, o Ministro de Relações Exteriores da época, acho que era o Celso Amorim, que lançou

a pedra fundamental lá no Mali em 2009, eu estava lá. Era uma política externa voltada para a boa relação, só que nós sempre fomos muito rígidos em relação a resultado do projeto, às entregas e levar informação, então realmente uma valorização de todo mundo, agora, existem momentos que são difíceis de você trabalhar, eu nunca mais esqueci a imagem de eu chegar na Estação e a pessoa que trabalha na Estação ajoelhar para cumprimentar um pesquisador, então isso tudo eu vivia, eu vivia num estranhamento pleno. Eu entendi porque alguns colegas não compreendiam isso, aí o nordeste brasileiro, nós moramos um tempo no Nordeste quando nós voltamos, é parecido. Então quando você vê a África como é... E outra, bom, isso não vem ao caso, mas o projeto realmente teve essa aproximação, as embaixadas eram procuradas para as pessoas virem estudar no Brasil, eu não sei se isso se consolidou...

P.: Como é que foi a implementação da estação experimental do Sotuba? Você participou da implementação, né?

Foi uma equipe técnica para ver as necessidades de lá, fez um diagnóstico, voltou, foi escolhido um coordenador, que era o Dr. Geovando, que era pesquisador aposentado da Embrapa, depois de seis meses que ele conduziu a primeira safra, eu cheguei em 22 de abril de 2010.

P.: E quando o senhor chegou, na verdade, ela estava em implementação, né? Porque depois ela passou por umas mudanças, eu sei que foi construído um laboratório de alta tecnologia...

Dentro do projeto tinha planejado a construção de um laboratório, de escritório e sala de reunião, uma câmara fria, gerador e tudo isso foi construído e foi feita a unidade demonstrativa de tecnologia com as 10 variedades de algodão que o Brasil enviou. Os objetivos do projeto era recuperar em Sotuba, nos outros países...Nos outros países não foi feito, mas as unidades demonstrativas foram instaladas, as capacitações foram feitas e nós tivemos capacitações nas Estações...Então o projeto foi implementado assim, o projeto foi escrito pelo Sebastião Barbosa, que foi presidente na Embrapa por um tempo, foi da FAO e ele visitou com a equipe do algodão todos os países para escrever o projeto, então ele com a equipe da ABC e da Embrapa viajaram os países escrevendo o projeto, então foi um projeto escrito

primeiramente à quatro mãos, cinco mãos, né? Que era o Cotton-4 mais o Brasil. E aí foi feito o diagnóstico científico técnico em Sotuba, eles fizeram viagens ao Brasil para entender como que era o projeto, então foi um projeto muito bem executado para começar.

P.: Essa estação de Sotuba, ela recebia técnicos de todos os países membros?

Exato.

P.: Então eles circulavam...? Como é que funcionava isso?

Toda estratégia foi o seguinte: Primeiro, no primeiro ano os países vinham ao Brasil, todas as disciplinas, vinha um entomologista, fitotecnista, os geneticistas, vinham fazer viagens ao Brasil. Em 2011 nós percebemos que não estava tendo a restituição que a gente gostaria que tivesse, aí nós mudamos a estratégia, nós conversamos com todo mundo, porque na [inaudível] principalmente foi o primeiro a aderir que achava que era interessante nós aplicarmos o dinheiro nas viagens e as capacitações serem transferidas para o Mali, para dar uma cor na estação de Sotuba. E com isso nós fomos capacitando todo mundo a fazer unidades demonstrativas semelhantes a que nós tínhamos em Sotuba. E aí, último ano de projeto nós tivemos já as unidades demonstrativas de plantio direto, plantas de cobertura, milho e algodão, com tudo isso, nesse lugar, nessa área que geralmente tinha em torno de três hectares em cada país, que era área de Sotuba... Então o que nós pudemos fazer foi construir um modelo mental, uma forma de pensar no Mali e ele ir expandindo para os outros países naturalmente, quando nós falávamos de determinado pilar do projeto, todo mundo já sabia e o plano operacional ficava mais fácil de ser implementado, sempre à cinco mãos e depois com a entrada do Togo, à seis mãos.

P.: E essa circulação de técnico, você sabe se tinha alguma facilitação, os países chegaram a pensar que essa circulação de pessoas precisava de alguma facilitação diplomática, de passaporte, de visto... Tinha isso?

Isso tudo sempre trazia problemas, porque você tinha que passar pela França, se você passasse por Portugal, o visto, você passava direto, por Lisboa, mas quando você tinha que passar pela França, você tinha que ter visto de trânsito, isso atrapalhava muito a gente, então às vezes a gente desviava pela África do Sul, porque no Chade

nunca teve embaixada brasileira, você usava a embaixada de Camarões, mas Burkina já tinha, Benin já tinha, o Togo tinha também depois no final do projeto, que era um embaixador espetacular, ele e a esposa. O Boubacar que intermediava tudo pra mim, a gente planejava, na hora que você falar com ele...

P.: O Boubacar é o que veio estudar aqui na USP, certo?

Não, esse é o Issiaka, esse já está fora do projeto, esquece isso. Pensa só no Boubacar, Boubacar entrou em 2012 no projeto, 12 de fevereiro e o Boubacar é o seu contato para informações, ele vai poder falar, pode conseguir uma entrevista com o embaixador nesse momento do Mali...

P.: Eu preciso porque está difícil. Eles não me respondem direito. O único país que sinalizou que pode ser que responda é o Benin, está bem difícil a minha relação com as embaixadas.

O Benin tem história do Souza Lima. Souza Lima são os escravos que vieram, eles contam também essa história, e depois retornaram para o Benin, então tem toda uma ligação muito forte com Salvador.

P.: Na verdade, na minha dissertação eu explico, eu faço essa ressalva que o único país com quem o Brasil tinha uma relação histórica é o Benin. Os outros, o Brasil não tinha uma relação histórica, pra dizer que “essa é uma aproximação histórica”, não é só isso...

Eu acho que esse romantismo dessa aproximação histórica, ela não é tão romântica, ela é muito real, é só para “temos e tal”, mas muitas vidas se perderam, muito triste, a forma como eles saíram do Benin, os dois irmãos brigam e os ingleses entram e fomentam um lado, criam um processo de dominação, é bom nem discutir muito essas coisas, tem que ir para o Benin para entender.

P.: O senhor sabe se alguns técnicos que vieram para o Brasil, trouxeram familiares? Quando o senhor foi para Sotuba, o senhor levou sua família, certo?

Não, ela ficou no Brasil. Eu até morava um tempo na embaixada, mas eu viajava muito, eu voltava ao Brasil, eu tinha tudo isso muito presente, a família, principalmente a família africana, é muito importante. Por isso que eu te falo, você viver em cinco

países em que uns são católicos e os outros são muçulmanos, quando alguém que você ajudou, colhe muito bem milho e algodão e o dinheiro que ele ganha, ele compra a terceira esposa, que é mais jovem, isso...é difícil de você entender, mas eles falam: "aqui nós temos isso claramente, vocês no Brasil fazem de uma forma escura", então nunca entrei muito nessa seara, porque eram viagens muito rápidas, 1 semana, 15 dias, não dava para trazer família, eram viagens, missões técnicas.

P.: Na sua avaliação, qual era a percepção que os técnicos tinham sobre o Brasil? Essa percepção mudou? Por quais aspectos ela teria mudado?

Nós mostramos pra eles desde o início da produção e evolução da agricultura no país, então quando nós vimos na Embrapa, nós... teve uma viagem que eu pedi para o Presidente explicar o PIB brasileiro, você vê o agronegócio brasileiro com 20% de participação, para eles isso eram números grandes, mas aí quando nós chegávamos no campo que nós visitávamos, as áreas produtivas, grandes propriedades, às vezes pequenas propriedades... Nas grandes propriedades a gente pedia para os produtores... Aí os produtores contavam que muitos morreram, os pioneiros, que foi muito difícil, então apesar deles verem aquelas fazenda, com aquele volume de máquinas, com aquela tecnologia toda, nós sempre fomos muito preocupados em mostrar que aquilo não caiu do céu, e aí uma das coisas que nós mostramos sempre foi a organização política da agricultura brasileira, então nós visitávamos cooperativas, associações produtoras, para eles entenderem, eles também são organizados lá, organização de produtores, organização de técnicos, então com isso nós mostrávamos para eles que a estrutura... nós pensamos, desenvolvemos nossa agricultura as tomadas de decisão, então como é que ele vê uma máquina enorme, como é que ele pensa isso para o país dele, nós tivemos todo tipo de referência... A questão toda é essa, eles entenderam como é que nós éramos organizados, então nós mostramos, abrimos, escancaramos a nossa forma de fazer agricultura, isso também depende, aproveita quem quiser... Eu judiei muito deles numa missão, nós fomos à Barreiras de ônibus e voltamos ao Mato Grosso e isso deu 2.200 km e eles não acreditavam, eu falei: "ó, tem que andar o meu país também, não é só eu andar o de vocês", nós conseguimos tirar um pouco a fantasia e trazer todo mundo para a realidade, o Brasil é resultado de muito trabalho.

P.: Quando o senhor fala em tirar a fantasia, que referência eles tinham sobre o Brasil? Que fantasia é essa? É o futebol, é a praia?

Todo mundo conhece Ronaldinho e Pelé, é por isso que eu optei pela estratégia de trazer-los ao Brasil, se você faz isso na África, eles tinham que conhecer, eles tinham que confiar que nós sabemos fazer algo, isso é uma estratégia, se nós vamos desenvolver um projeto, eu preciso que vocês entendam o nível tecnológico que eu posso transitar, desde 1 hectare até 1 milhão de hectares, nós plantamos algodão assim, nós usamos regulador, vocês não...Então foi bem assim, para que os pontos de concentração, até para que eles soubessem o que eles queriam aprender ou então queriam mostrar, queriam ensinar.

P.: Entendi, então o que o senhor está querendo dizer é que essas visitas técnicas quebraram esse paradigma de que o Brasil, essa ideia fixa de que o Brasil é praia, futebol, é Pelé e é Ronaldo?

Sim, imagina que a gente se deparava com perguntas assim, eles viam as mulheres na televisão no Carnaval e eles achavam que as mulheres iam assim no banco, que elas vão na festa assim...Então essa fantasia, essas coisas, nós explicávamos que não era assim e até eles entenderem e quando vem ao Brasil realmente dissipa qualquer confusão, as estratégias foram muito bem aplicadas, nós conduzimos tudo muito bem, nesse ponto.

P.: Você estava no Mali quando saiu o resultado da adaptação das espécies brasileiras de algodão em solo africano?

Eles têm um melhoramento muito forte com os franceses, eles usaram ou estão usando as nossas variedades nos cruzamentos deles e eles devem estar usando a "BRS293" que é uma variedade que tem um enchimento de maçã e te dá o capolho rapidamente e uma produção maior nesse caso. Eles devem estar usando esses materiais, hoje eu acho que alguém deveria perguntar para eles.

P.: Quando foi anunciado, lá atrás em algum momento, acho que em 2013, antes ainda da segunda fase do Cotton-4, houve um anúncio, chegou-se à conclusão de que a espécie brasileira que foi levada para lá teria se adaptado bem ao solo africano.

É difícil dar uma conotação jornalística para isso. O melhorista ele nunca vai falar que ele usou aquele cruzamento, existe uma coisa subjetiva, não foi assim “olha, nós estamos usando a variedade do Brasil”, as coisas vão acontecendo naturalmente, até porque quando eu coloco uma variedade do Brasil e ele está aceitando, é porque as deles não são boas. Então eu trago do Brasil, não aplico dinheiro em melhoramento no meu país, isso tudo tem uma confusão, por isso que eu falo “cooperação não é romantismo”, “ah, nossa eles estão usando”, é negócio, eles estão usando isso, mas também não vão falar. Agora se alguns deles estão anunciando que boa parte da área plantada pelo país é a 293, eu não tenho essa informação.

P.: Não, não é de agora. O que eu queria saber é como que foi a repercussão de que a pesquisa feita pelo Cotton-4, tinha sido bem-sucedida.

Ela aconteceu naturalmente. Quando você manda 10 variedades para um país, você está mandando 100 anos de pesquisa, cada variedade se você for começar do zero até ela estar terminada, você vai gastar de 8 a 10 anos, então os geneticistas sabiam que nós tínhamos colocados 10 variedades lá e ao mesmo que eles não queriam, eles queriam e isso foi sendo construído junto, toda a oferta tecnológica...Eles avaliavam as variedades deles comparada com as nossas nas unidades demonstrativas, então nós tínhamos as 10 brasileiras e tínhamos pelo menos duas de cada país e eles eram comparadas e esses dados eram demonstrados. Burkina Faso chegou à conclusão de que “essa não me serve, mas me serve para cruzamento porque ela vai deixar minha fibra mais branca”, as variedades do Mali elas tinham mais pilosidade, mais sensível ao pulgão, as lagartas não atacam muito, então foi acontecendo uma copulação natural, porque em cada país as variedades foram sendo avaliadas, que passaram são confiáveis, outras seguiram em cruzamentos deles, você não tem como acompanhar isso porque não existe relatório deles pra isso, as variedades foram entregues.

P.: É engraçado que a sua visão técnica é bem diferente da visão diplomática, porque das pesquisas que eu fiz, em algum momento houve uma comemoração diplomática de que a espécie que foi levada do Brasil para a África tinha se adaptado bem ao solo africano e houve uma comemoração diplomática em torno desse resultado da pesquisa...

Isso pode ter acontecido depois que eu saí do projeto em 2016.

P.: Não, foi antes.

Não, porque os resultados científicos foram finalizados e continuados em 2016. Essa é uma palavra muito importante que nós preparamos no projeto, a palavra “continuidade”, porque nas revisões bibliográficas, os projetos terminavam no dia em que a equipe técnica saía do país e o C-4 continuou, ele é comentando, ele é conversado.

P.: A Estação hoje ainda funciona, né?

A imagem é muito forte do projeto ainda.

P.: É por isso que eu queria inicialmente ter ido para a África.

As informações são boas, os resultados são bônus. Existe uma palavra que nós temos que prezar por ela, “continuidade”, porque acaba o dinheiro... Quando nós estávamos no Benin, eu estava pisando em cima de uma placa, olhei e era um projeto da OSIT americana igualzinho ao nosso, então qual é a estratégia para realmente fazer um bom projeto? Isso a diplomacia ajudou demais, acho que talvez o principal resultado do C-4 foi uma cooperação da inteligência diplomacia brasileira com a inteligência técnica, nós não fazíamos nada em nenhum país sem a presença do embaixador, cada embaixador tem um perfil, você tem um embaixador que é mais para saúde, um que é mais para tecnologia, é bem legal você também fazer essa composição junto com a inteligência diplomática. E na verdade se estabeleceu um processo ganha-ganha, em 92 a gente trabalhou muito o modelo da Toyota, Kaisen, com os japoneses e é um processo ganha-ganha o C-4, a principal estratégia do C-4 foi: algodão produzindo plantas alimentares, plantas alimentares e melhoradoras de solo produzindo algodão. Nós mostrávamos que nós temos algodão, mas nós temos alimento, esse discurso vai crescendo e você não consegue medir esse discurso, inclusive a nossa equipe do nordeste que ia pra lá, voltava com esse discurso para cá, que a gente produzia algodão, mas alimento também, que vamos gerar negócio, gerar tudo isso.

P.: O senhor percebeu algum impacto na economia local da pesquisa? Eu sei que tudo é muito a longo prazo em aspecto científico, não é que começa a produzir mais algodão agora que amanhã já vai ter uma melhoria econômica. Mas o senhor percebeu que durante o tempo que esteve lá, que foram 6 anos, o senhor viu algum indicativo, alguma diferença na economia local por influência do projeto?

Eu tenho esses levantamentos de quanto custava o alimento na época, se eu encontrar eu te mando. Nós estávamos com a pesquisa, mas nós somos do Brasil, nós temos índice de estratégia pedagógica de transferência, nós fomos muito bem nisso e o que a gente fazia, a gente usa a pesquisa, os extensionistas e os produtores, nós trabalhamos as três partes ao mesmo tempo, as capacitações era incomuns porque nós também nos capacitávamos com o conhecimento que eles tinham, principalmente com o ambiente que eles trabalhavam, depois com os extensionistas e depois com os produtores, então tinha visita dos produtores, em Sotuba a gente tinha condições de trazer família ou então receber missões de outros países que estavam visitando Sotuba, então o que que foi a inteligência? É que a transferência de tecnologia ou então o desenvolvimento tecnológico ou então a semente plantada que a gente espera que daqui 30 anos ela vá explodir, ela vá nascer, ela foi implantada num sistema de produção, ela não foi só na pesquisa. É por isso que eu falo que a diplomacia fala tanto sobre isso, porque nós conseguimos chegar na ponta em 4 anos, isso é muito difícil, é muito trabalho, se você errar na escolha de um multiplicador de inteligência, de tecnologia, então qual que era a estratégia? Nós montávamos... eles viam Sotuba e viam os banners, eu vou te mandar fotos disso e o que eu vou mandar para uma outra doutoranda, eu vou te enviar também, que são estratégias de transferência, tudo isso. Então a gente fazia o que? A gente abria as trincheiras, mostrava sistemas radiculares, fazia tudo isso no produtor, só que nós tornávamos ele o multiplicador, então era ele que iria ensinar. Teve a unidade de Samankoroba no Mali, que era bem perto de Bamako, 70 km, que recebeu 400 visitas espontâneas em 1 ano, então o efeito multiplicador é feito de acordo com as ações, agora isso exige muito trabalho, exige muita concentração, muita dedicação, não só do coordenador, mas o coordenador tem que convencer todo mundo de que aquilo é bom para todo mundo. E realmente era.

P.: Sobre a economia local, o senhor percebeu que já tinha algum impacto na produtividade de algodão dos países?

Eu acho muito ruim você não ter ido ao Mali...

P.: Eu também acho.

Quando você está falando da economia local, Bamako tem 2 milhões de habitantes, um mercado central onde o público e o privado se misturam nas calçadas, as mulheres trabalham muito, esse também foi um ponto que eu não saí falando sobre gênero. Toda mulher que você vê no campo colhendo algodão ela sempre tem dois pezinhos aqui, são de uma criança nas costas, eles dobram na cintura, as mães no Mali não pegam as crianças igual a sua mãe te pegou ou a minha mãe me pegou, em forma de cadeirinha, esse era o principal momento de estranhamento da equipe brasileira quando chegavam lá, “não é possível que eles estão com uma enxada curtinha dessa e agachados”, as mulheres trabalhavam muito, então o que é que nós fazíamos? Projetos que tinham tecnologia que tirassem as pessoas do solo, como é que nós vamos pensar tudo isso, que equipamento você vai levar... Então ao invés de falar de gênero, a gente falava de levar conhecimento pra mulher, é esse o ponto, se ela tem conhecimento, ela faz o que ela quiser, ela que vai ter dois esposos. Mas é cultural e você tem que respeitar, você pode pensar, você só não pode falar. Essas nuances do lugar, da cultura local você tem que entender, por exemplo, as mulheres no Mali...o batizado é de manhã com os homens, às 7 horas da manhã e às 6 da tarde é só as mulheres, eu acho as mulheres mais divertidas, elas cantam... existem os rituais, existe os simbólicos, e você não pode chegar e interferir nisso, como é que você desperta isso nos outros? Aí tem toda uma parte da transferência da psicologia Gestalt, que através de figuras você vai poder ver um pouco disso nas imagens que eu vou te enviar.

ANEXO K - Transcrição da entrevista realizada com Celso Amorim

R.: Eu acho que eu posso me considerar realmente, o pai da ideia, pai do projeto, pai da iniciativa, não sei se da ideia especificamente porque isso sempre é um trabalho coletivo nunca é uma coisa só de uma pessoa, mas eu posso contar um pouquinho.

P.: No campo da política externa, quais eram os acordos sul-sul, especialmente o Cotton-4, ele estava dentro de que contexto naquela época? O Brasil estava buscando esse novo eixo de negociações, já tinham começado a ir atrás, é o que eles chamam de “a segunda onda de negociações com a África” e o que eu tenho lido das pesquisas que eu fiz, mostra que o Cotton-4 foi concebido diante de um contexto de busca, de apoio dos países africanos, de estreitar laços, o senhor foi até lá durante a instauração da pedra fundamental da Estação de Sotuba, então a ideia é entender um pouco, politicamente, o que é que o projeto representava.

R.: Certo, deixa eu lhe dizer um pouco como é que eu vejo, é claro que você teria toda uma discussão sobre a concepção de cooperação e eu não fazia nem questão de chamar de sul-sul, eu sei o que é cooperação sul-sul, conheço a expressão, eu tive... Vou te falar algumas coisas, você aproveita o que quiser, mas eu acho bom dá uma visão assim... E eu sempre tive muita ligação com ela, muito interesse nesse tipo de projeto, desde que eu comecei a ter posições um pouco, de algum relevo no Itamaraty, por exemplo, eu fui chefe de divisão quando eu era conselheiro, organizei o 1º Festival de Cinema do Brasil em Guiné-Bissau, 1º Festival de Cinema, só dando como exemplo, em Moçambique, para dar um pouco a ideia desse passado, tive relação com a criação, primeiro do Instituto Internacional de Língua Portuguesa e depois da CPLP, na época era uma iniciativa do Ministro da Cultura, José Aparecido, mas eu tinha, digamos, uma vocação de procurar essa cooperação com outros países em desenvolvimento, de maneira muito especial com a África, por motivos diversos, não sei, culturais, eu me tornei adulto na época da descolonização vendo os processos, vários e quando começa também nos países de língua portuguesa em 1961, enfim, uma série de fatores que me condicionaram, isso ficou meio represado pelas próprias condições do Brasil e também pelas posições ainda muito júnior que eu tinha na carreira, mas a partir do momento que eu me tornei chefe de divisão eu comecei a desenvolver essa cooperação, a minha primeira viagem grande ao exterior,

incluiu justamente a Côte d'Ivoire, incluiu o Senegal, incluiu Guiné-Bissau, a primeira viagem como chefe de divisão e depois teve... Eu não quero contar toda uma longa história, isso é só para te botar num plano histórico... Quando eu fui embaixador em Genebra, já anos mais tarde... Tem muita coisa no meio que eu vou deixar de lado... O G-15... Se você quiser, você me pergunta... Mas, participei de várias reuniões do G-15, antes de ser ministro e aí já como embaixador em Genebra, da primeira vez, eu fui duas vezes embaixador em Genebra, eu também tive muita participação no centro-sul que era o *Nyerere* que levava, muita não, mas eu tinha, eu participava de todas as reuniões, aliás não era uma inovação minha, eu acho que o meu antecessor que era o embaixador Ricupero, também participava, eu continuei a participar e aprofundi a tal ponto, só para ilustrar, não quero demorar muito sobre a cooperação sul-sul, logo em seguida a ter sido embaixador em Genebra, por uma peripécia variada que não vem ao caso, eu me tornei ministro das relações exteriores do governo Itamar e assinei o primeiro acordo com o South Centre, entre o Brasil e o South Centre, no governo seguinte ao do Itamar, o governo Fernando Henrique, os meus sucessores não deram muita bola pra isso e esse acordo ficou 8 anos parado, nem sequer foi mandado ao Congresso, ou se foi mandado para o Congresso, não foi aprovado, não foi ratificado e quando eu voltei, me empenhei na concretização desse acordo, eu estou falando isso só para dar uma ideia de que eu tinha um grande interesse na cooperação sul-sul, nos mais variados campos, claro que inicialmente mais com os países de língua portuguesa, mas isso rapidamente também se expandiu, eu tive alguma participação também, um pouco por coincidência, mas apreciei e ajudei depois, por exemplo, a Cooperação Naval com a Namíbia que o Brasil tem, então eu ia nas áreas mais variadas, eu sempre achei que o Brasil não poderia limitar suas relações aos países desenvolvidos, a gente tinha todo interesse, na América Latina também, mas estou me metendo mais na África, que acho que é do seu interesse, é o foco... Então essa era, digamos a minha visão, na própria OMC antes como embaixador, na ONU, os assuntos africanos sempre me interessaram muito e a cooperação sempre me interessou muito em diversos aspectos, logo no início do governo Lula... No governo Itamar eu visitei a África pouco porque eu fiquei 1 ano e meio apenas, mas estive no Senegal, estive em Moçambique, mas no governo Lula logo isso se aprofundou muito, uma das primeiras viagens grandes que eu fiz foi um périplo africano que foi seguido 6 meses depois por um périplo do próprio Presidente

Lula, bom, não vou dizer que tudo nasceu conosco, por exemplo já haviam projetos, uma das coisas que eu encontrei nessa minha primeira viagem como ministro de relações exteriores do Lula, que era uma coisa já em andamento, era um SENAI em Angola, então abriram um SENAI, o nosso SENAI aqui em Angola, não estou dizendo que foi tudo comigo não, não quero dar essa impressão, mas eu pegava essas coisas, dei muita ênfase naturalmente com apoio do presidente, já que é imprescindível, por exemplo aquela fábrica de antirretrovirais em Moçambique, que depois acabou, atualmente infelizmente, parece que virou, quer dizer “infelizmente”, sempre é alguma coisa mas não é mais antirretrovirais porque eles não conseguiram continuar, eu acho também que o Brasil parou de apoiar o que deveria e virou uma fábrica de remédios, antitérmicos, mas tudo bem, pelo menos Moçambique tem uma fábrica de medicamentos ao invés de comprar tudo do exterior. Então, eu sempre cito esses dois projetos como os mais importantes, esse com Moçambique, da fábrica que era pra ser de antirretrovirais e acabou não sendo, mas de qualquer maneira era um projeto importante de cooperação e esse da Embrapa, por isso que vou me deter agora só para te dizer que isso segurava num contexto em que eu já achava a cooperação com países em desenvolvimento, mas muito especialmente nesse caso a cooperação com a África, muito importante para o Brasil, você sabe que nós abrimos 17 embaixadas na África, acho que eram 18 e viraram 35, praticamente dobramos o número de embaixadas e o Brasil se tornou um dos países com o maior número de embaixadas, 6 ou 7 países com o maior número, bem como fizemos com o Caribe também, agora tudo isso está retrocedendo, mas enfim...

P.: Exato, isso que eu ia falar, a embaixada do Benin fechou agora no ano passado.

R.: É, a gente fala disso no final se você quiser perguntar. Então dentro desse contexto, eu também... Nas duas vezes que eu fui embaixador em Genebra, para me deter mais na parte econômica, sempre procurei dar muita atenção às questões africanas e de outros países também, envolvendo o Caribe nesse caso, por exemplo, só para te ilustrar um pouco a psicologia, no que dizia a respeito à questão das vantagens, se são verdadeiras vantagens ou não, no tratamento diferenciado que eles recebiam da União Europeia dentro do contexto da CP, a tradição brasileira era brigar muito contra isso porque eles tiravam mercado da gente, mas eu achava “olha, não é muito bem por aí, a gente tem que compreender, esses países também, não é de uma

hora para outra que eles vão se tornar países industrializados, então essas coisas tem que ser ao coro...”, procurei fazer uma coisa dessa maneira e foi graças a, não só a mim, outras pessoas pensavam como eu, mas graças a essa atitude, o Brasil conseguiu, e eu vou chegar ao momento crucial de como nasce essa cooperação com... O Brasil conseguiu fazer uma ampla aliança, o Brasil conseguiu liderar, eu não estou exagerando isso, mas o Brasil conseguiu liderar, com a Índia, com a Alemanha, com a Argentina, com outros países, mas sobretudo, África do Sul, o Brasil conseguiu liderar uma ampla aliança na Organização Mundial do Comércio em torno da questão do subsídios da importação agrícola, existe uma... Eu não sei se você conhece o meu livro, eu tenho vários, mas o que interessa nesse caso é o “Conversa com Jovens Diplomatas”, você leu esse livro ou não?

P.: Qual? Desculpa.

R.: “Conversas com Jovens Diplomatas”.

P.: Não, já ouvi falar, mas nunca li.

R.: Eu aconselho que você... Não precisa ler tudo não, é muito chato, mas eu aconselho para você olhar umas fotografias, porque tem duas que vão te interessar dentro do que eu estou falando, você sabe que uma foto vale mais que mil palavras, como dizem os chineses, né?

P.: Sim, com certeza.

R.: Pois é, uma foto que eu estou falando mais imediatamente, nem sei se tem nenhum país, dessa... Que foi...Provavelmente nem tinha... Que foi membro do Cotton-4, mas é uma foto que fala dessa grande aliança de países... Que é uma foto... Eu estou no centro, porque... Marcante, é da aliança do G-20 com o chamado, na época, chamavam de G-90. O G-90 eram os países de menor desenvolvimento relativo, os países africanos, países membros do OCP, países do Caribe, enfim, eram usando... Você fala bem inglês?

P.: Falo, assim, eu tento.

R.: Mais ou menos? No livro do Frantz Fanon... Eu só quero fazer a minha entrevista um pouco mais divertida, no livro do Frantz Fanon, “The Wretched of the Earth”, “Les Damnés de la Terre”, quer dizer, “os realmente pobres”, junto conosco, junto com

Índia, junto com Brasil, junto com Argentina e tem uma foto que é o... justamente pedindo o fim... Acho que quem está na foto até é a Mary Robinson, se eu não me engano, foi ela que ajudou a organizar a reunião, ela foi presidente da Irlanda, ela tinha uma ONG, trabalhava para ela, dirigia uma ONG... Enfim, então naquele momento, qual era uma das questões que o Brasil tinha concreta para lutar contra subsídios agrícolas? Era no algodão, o Brasil tinha começado, uma ação contra o algodão com os Estados Unidos, na realidade, começou inclusive...

P.: No contencioso, né?

R.: O contencioso começou inclusive no governo do Fernando Henrique, eu me lembro... Bom, eu não vou dizer muito detalhes, vou deixar pra lá... Começa no governo do Fernando Henrique, mas a decisão de... As consultas começam no Fernando Henrique... Mas as decisões de começar um caso contra, de levantar o contencioso adiante, foi já no governo Lula e esse contencioso do algodão, obviamente nos aproximava de maneira natural de outros produtores de algodão do mundo em desenvolvimento, sobretudo os países africanos, sobretudo os Cotton-4... Os Cotton-4 que depois viraram 5, na realidade...

P.: Com o Togo. Com a entrada do Togo em 2013.

R.: É, com a entrada do Togo, pois é. Mas o fato é que iniciaram para o Brasil uma questão muito importante, era importante na prática porque o Brasil era um exportador de algodão e estava sendo prejudicado pelos Estados Unidos e era também simbolicamente, porque uma das concentrações do Brasil, era na questão dos subsídios agrícolas, eu não vou entrar na parte técnica porque não interessa, mas tem a questão dos subsídios, a exportação diretamente que foi o que se discutiu mais em Hong Kong e tem a questão dos subsídios internos mas que também tem um impacto na exportação de forma até bastante direta, no caso da agricultura, no caso do algodão, a maior parte dos subsídios, eram os subsídios internos nos Estados Unidos. Então nós queríamos fazer dessa causa, uma causa não apenas brasileira, mas uma causa... Não é que o Brasil estava querendo o apoio deles, assim, no sentido de “vota na gente”, não é bem isso... Era, digamos... Era fazer daquilo uma causa realmente coletiva, nós sabíamos dos problemas que tinham nos países do Cotton-4, tomei conhecimento disso, fui tomando, isso era meus assessores que me falavam, sabia do problema, um desses assessores da época era o Roberto Azevedo que depois foi

diretor-geral da OMC, era um dos assessores que eu tinha nessa época. O fato é que... Em Hong Kong mesmo, por iniciativa brasileira, eu acho que foi iniciativa brasileira, agora não me lembro se foram eles que pediram ou eu que fiz, mas eu tive uma reunião com os ministros do Cotton-4 que estavam lá e aí eu achei o seguinte “nós precisamos solidificar essa aliança”, porque eu achava... Primeiro que eles precisavam de nós e nós deles também, nós do ponto de vista político, não é que o voto deles fosse fazer diferença, mas dava uma legitimidade maior à nossa causa, não era só o Brasil que estava interessado nisso, são vários países em desenvolvimento, inclusive países muito pobres da África, provavelmente alguns deles, não sei se todos, de menor desenvolvimento relativo, então era importante nesse aspecto. Mas por outro lado, nós sentíamos também que havia uma ofensiva dos EUA em relação a esses países para, digamos... Eu vou usar uma palavra pesada, você não use igual na sua tese, melhora um pouquinho... Não, não, a palavra não é... Mas o termo, assim... A ideia... Comprar, eles não queriam mudar as políticas dos subsídios que era o que mais prejudicava esses países e compensar isso com ajuda orçamentária, com algum tipo de ajuda financeira a esses países do Cotton-4, era uma maneira de manter eles quietinhos, isso obviamente, não os impossibilitava de crescer com os seus próprios pés e avançar. Então eu achei que era importante, eu e os meus colegas na época, entre eles o Roberto Azevedo, que estava muito próximo a mim nessa época, achamos que era importante fazer um programa de cooperação técnica com os países do Cotton-4... E até uma coisa interessante, é uma anedota no meio, você usa se você quiser, o Roberto Azevedo que é um excelente diplomata, lamento muito que ele tenha saído da OMC antes do final, ele nunca tinha ido à África e eu falei: “Na sua primeira viagem agora quando você voltar, vai ser a África e você vai em um dos países do Cotton-4 para começar a desenvolver esse acordo” e aí digamos, ao mesmo tempo havia uma política do governo, que não era só voltado ao Cotton-4, era uma política do governo Lula de aumentar a cooperação com a África e como você já sabe, acho que quando você falou de pedra fundamental acho que você estava se referindo a isso, nós abrimos a agência da Embrapa em Gana, em Acra e o primeiro grande projeto que nós tivemos, provavelmente houve outros, eu não sei, porque, inclusive depois... Inicialmente foi tudo com o dinheiro da ABC e/ou da própria Embrapa, eu não sei os detalhes todos... Mas era um dinheiro, basicamente orçamentário, vamos dizer assim... Depois, até houve um mecanismo

muito interessante que uma parte da indenização... Não tem esse nome na OMC... Mas uma parte do que o Brasil recebe como compensação pela não implementação plena das medidas sobre as quais os Estados Unidos foi condenado, uma parte dessa compensação ia ou vai, não sei se ainda existe, para cooperação com os 4 países, depois 5 do Cotton-4, então, Benin, Guiné, Mali...

P.: O Cotton-4 é Benin, Burkina, Chade, Mali e depois Togo.

R.: Benin, Burkina, Mali... Não, mas falta um.

P.: Chade e o último foi Togo.

R.: Ah, Chade. Países muito pobres, em geral, muito pobres.

P.: No meu estudo, eu quero comprovar que o único país ali que a gente tinha laços históricos, para justificar um fluxo migratório, seria o Benin, os outros até então, nós não tínhamos laços, então esses laços foram “construídos” a partir do Cotton-4.

R.: Aliás, acho que não tinha embaixada em nenhum deles, acho que continua não tendo no Chade, talvez, mas nós que criamos... Benin, Burkina Faso... E não só no Cotton-4, foi criado... Eu não lembro muito bem agora a cronologia, mas foram criadas embaixadas em 3 ou 4... No Togo acho que nós tínhamos tido depois tinha fechado, não sei, é uma história também complicada, você tem que checar porque eu não tenho muita clareza e pode ser que eu esteja enganado, mas nós reforçamos as embaixadas, fizemos esse trabalho diplomático. Na realidade, digamos assim, o pano de fundo político para ele é esse, se juntamos o desejo de ter a cooperação com países em desenvolvimento, sobretudo com países da África, com a circunstância de que era importante juntá-los a nossa causa de combater os subsídios agrícolas que prejudicavam os países em desenvolvimento, prejudicava o Brasil e prejudicava eles também e com isso dificultar que houvesse uma ação diversionista por parte dos subsidiários, seja da União Europeia, seja dos Estados Unidos, era mais dos Estados Unidos na prática... Eu me lembro, inclusive... Não nessa reunião de Hong Kong, mas em uma reunião prévia que houve lá... Não lembro em que período... Em Genebra, do próprio Bob Zoellick, que era o principal negociador comercial dos Estados Unidos, em reuniões com esses africanos, justamente para dissuadi-los e entrar com esse tipo de ação e eles acabaram entrando, agora não me lembro exatamente de que forma, como parte interessada, enfim, tem uma cronologia lá que eu não me lembro

exatamente como é... Mas eles acabaram participando de alguma forma da nossa ação, do nosso contencioso com os Estados Unidos e se beneficiaram com esse mecanismo que foi criado da própria compensação... Foram dois tipos de decisão, os Estados Unidos mudaram algumas políticas, mas mudaram de maneira insuficiente, propuseram na época e os nossos produtores aceitaram, que por não mudarem algumas políticas, eles dariam uma compensação financeira e dessa compensação financeira, uma parte vai para a ABC para a cooperação técnica com os Cotton-4, especificamente, não sei se ainda vai, isso era o que existia. Então é isso que eu vejo basicamente. A segunda fotografia, só para mostrar um pouco o resultado... A primeira era reunião de Hong Kong, uma foto que mostra que todos os países estão juntos, não só... Porque nós tínhamos um G-20, não tem nada a ver com o G-20 dos chefes de Estado, nós tínhamos um G-20, que eram de países tipo o Brasil, Índia, Argentina, etc. e que fizeram depois a aliança do G-20 com o G-90, que tinham os países mais pobres, então foi nesse clima que nós conhecemos essa cooperação. A segunda foto eu estou com o presidente que foi derrubado depois, infelizmente, eu até achava ele muito simpático, eu esqueci o nome dele, mas você vai saber, é uma foto com ele, colhendo algodão, a primeira colheita de algodão plantado com o auxílio da Embrapa numa fazenda experimental, a fazenda já existia, não fomos nós que criamos, no Mali, a primeira colheita, eu participei dela. Eu até tenho ali, se você quiser, eu até olho o nome do presidente... Você pode esperar um pouquinho?

P.: Claro, por favor.

R.: Você tem razão, a pedra fundamental é realmente do instituto lá...

P.: Mas ministro, essas informações, esses detalhes mais técnicos, o senhor fica tranquilo, eu não vou...

R.: Depois você vê com calma, eu só queria ver o nome do presidente. Amadou Tourè.

P.: Amadou Tourè, sim. Ele passou pelo golpe depois, né?

R.: É, pois é, ele foi derrubado.

P.: E agora esses países todos, Ministro, estão todos com problemas novamente, o Mali teve outro ministro deposto, o Chade... está tudo bagunçado de novo.

R.: Bom, no Mali teve um grande problema lá no norte do Mali. Então é isso, o livro é esse aqui, pretenciosa a fotografia aí, mas não foi ideia minha, foi dos visitantes, “Conversas com Jovens Diplomatas”. E num outro livro que se chama “Breves Narrativas Diplomáticas” tem um *capitulozinho* sobre a África, que valeria a pena você dar uma olhada porque pode ter algum dado que você pode juntar.

P.: Eu estou citando um artigo do senhor, eu acho que para o Rio Branco, eu estou citando acho que uns 2 ou 3 textos do senhor...

R.: Não é que você precisa citar, eu só estou dizendo porque no “Breves Narrativas Diplomáticas” tem também... Porque o Lula visitou o Mali, quer dizer o Lula visitou... Eu não me lembro mais da cronologia. Mas o contexto era esse: o apreço pela cooperação sul-sul, a convicção de que nós tínhamos muito a trocar uns com os outros. Eu ia na África e eu ouvia dos próprios presidentes, primeiros-ministros, ministros de relações exteriores, expressões muito fortes do desejo de cooperação brasileira, eu me lembro da primeira viagem à Namíbia, a primeira que eu fiz à Namíbia, o Presidente foi lá e disse: “nós queremos cooperação, queremos na área agrícola, queremos na área de saúde” e eu até cheguei aqui e escrevi um artigo dizendo “a África tem sede de Brasil”, e anos mais tarde, eu ouvi de um africano, um professor queniano, que já faleceu, chamado Calestous Juma, não sei se você ouviu falar dele, interessante personalidade, mas o mais interessante pra mim era a frase que ele dizia, ele era um pesquisador de Harvard, mas ele tinha sido secretário-geral ou algo assim da Conferência de Biodiversidade, um pessoa com muito destaque internacional, na área acadêmica mas também pública e ele disse uma frase que eu dizia que se eu pudesse, eu punha essa frase, mas já não era mais ministro, como lema da ABC, que dizia assim “Para cada problema africano, há uma solução brasileira” é uma frase muito interessante que se dita por mim ou por outro brasileiro, seria pretenciosa, mas já que é dita por um africano, ela tem muito valor. A gente queria cooperação sul-sul, queria cooperar com a África, mais tarde nós ampliamos... Nós já tínhamos funcionando... Mas era uma coisa puramente burocrática, nós ampliamos a cooperação com o banco africano de desenvolvimento, muitas coisas ocorreram em volta desse projeto também, especificamente esse projeto teve essa origem: a necessidade de uma aliança maior com países africanos na Organização Mundial do Comércio e uma causa em comum.

P.: Você está querendo dizer que a partir do Cotton-4...O Cotton-4 teve um efeito propagador no continente africano? Ou as relações do Brasil com os países Cotton-4 influenciou nas relações com demais países, a partir do Cotton-4 outros projetos surgiram nessa mesma linha, o senhor falou agora que o Quênia tendo interesse, enfim... Mudou? Ajudou?

R.: Eu acho que o Cotton-4 na época em que eu estava lá, não sei falar sobre o resto, foi uma experiência bem-sucedida e certamente estimulou do nosso lado, a ABC a prosseguir a ir fazer outros programas da Embrapa, então certamente sobre esse aspecto, sim. Agora eu diria que a visão que nós tínhamos que cooperar com a África era uma coisa mais ampla, vou te dar um outro exemplo muito forte de cooperação com a África, você vai ter que pesquisar para encontrar os dados, nessa mesma conferência de Hong Kong que eu mencionei, que é da OMC, é uma conferência de dezembro de 2005, eu tive uma colaboração muito grande com a África do Sul, inclusive com a ministra da agricultura da África do Sul... Detalhes lá da conferência, houve um momento em que os países mais ricos, mais a União Europeia que queria impor as ideias e basicamente, quem resistiu mais foi o Brasil e a África do Sul, eu por acaso voltei no mesmo avião que ela, porque para vir para o Brasil de Hong Kong, a minha conexão era por Johannesburgo, então viemos uma parte da viagem juntos e nós combinamos uma cooperação... Ela já tinha sido convidada, por alguém que eu não sei, mas para alguma coisa no Rio Grande do Sul para ministros, mais ligado ao MDA, não tanto ao ministro da agricultura e de desenvolvimento agrário, mas isso foi sendo expandido e acabou havendo... Eu não sei te contar a evolução toda, porque alguma coisa já era... Mas a evolução toda e com grande participação nossa, do Itamaraty e do Presidente Lula... Uma conferência... O Brasil convidou todos os ministros africanos para virem ao Brasil, ministros da agricultura da África e vieram, acho que não todos, mas 35, 36 ministros, vice-ministros, alguns que não se conheciam, se conheceram no Brasil, eu só estou dizendo isso para clarificar, claro que o Cotton-4 foi muito importante, mas essas coisas estavam, acontecendo mais ou menos ao mesmo tempo

P.: Ministro, a gente estava falando do contencioso do algodão. O contencioso do algodão, ele foi fundamental para o financiamento financeiro do Cotton-4, né?

R.: Sim, ajudou muito. Mas quando nós começamos o programa, não tinha o resultado do contencioso, nós começamos com o dinheiro exclusivamente da ABC e da Embrapa talvez, com o recursos humanos, pelo menos da Embrapa, a Embrapa montou um escritório... Isso tudo não tinha ainda, o contencioso só deu resultado, não lembro mais quando, mas eu acho que o programa já estava implantado, o projeto já estava implantado, isso tudo levou tempo para gente ganhar o contencioso, depois os EUA apelaram [...] aí ganhamos, ganhamos o direito de fazer retaliação, até chegar o resultado levou muito tempo, eu não sei te dizer exatamente quando é que foi, foi em 2009, foi por aí, mais ou menos que houve a decisão final da ação pela OMC e depois ainda teve uma coisa que é como se fosse execução de sentença, mas tem um nome diferente, que era pra dizer quanto que poderíamos cobrar da retaliação e aí houve discussões para poder chegar a esse acordo e nesse acordo que veio o dinheiro que é destinado à ABC para o programa do Cotton-4, então é muito possível... Não, mais do que possível, provável até que grande parte do programa, depois disso, tenha passado a ser financiado com os nossos recursos, mas a decisão de ter o programa, antecede a certeza que a gente tinha...

P.: Mesmo sem os recursos do contencioso, o Cotton-4 teria existido?

R.: Ah, teria existido. Talvez ele tenha se expandido mais do que poderia ter se expandido, em função do contencioso, isso provavelmente é verdade, mas na prática ele existiu antes, começou antes, eu acho que, por exemplo, a gente não tinha ainda... Quando teve essa colheita do algodão, não tenho certeza... Mas se procurar contencioso do algodão, quando é o acordo dos americanos que permite que eles paguem em dinheiro uma parte do que eles deviam, isso foi bem mais para o final da minha gestão, eu acho. E a reunião de Hong Kong foi em 2005, logo em seguida de Hong Kong, o Roberto Azevedo foi ao Brasil, os ministros do Cotton-4 vieram ao Brasil, eu os recebi...

P.: Talvez não tivesse tido tanto essa expansão... Mas teria existido efetivamente.

R.: Isso certamente. Mas teria até acabado, com governos que deram menos atenção à cooperação, teria acabado.

P.: À época, vocês chegaram a cogitar a possibilidade ou chegou a ser discutido algo a respeito no fluxo de pessoas, de técnicos, de um aumento de imigração, nos

acordos que facilitassem a entrada e a saída, a vinda de estudantes, troca de estudantes entre os países, o intercâmbio, chegaram a pensar nisso efetivamente?

R.: Não sei te dizer. O Brasil sempre procurou ter, sobretudo no governo Lula, já tinha antes, mas procurou mais no governo Lula, a ter uma atitude aberta sobre receber os estudantes, a dificuldade era mais sobre financiar as bolsas, essa coisa toda, mas sempre teve e teve mais ainda... Agora é muito possível que como parte do próprio Cotton-4 ou de outros programas com a África, que tenham certamente, bolsas na Embrapa, certamente isso deveria fazer parte, eu não sei, não saberia te dizer, mas é claro que formação de técnicos devia estar prevista nessa coisa, não sei te dizer, você tem que procurar especificamente nesse e em outros acordos, porque o Brasil recebia muitos estudantes para muitas coisas e de muitos países africanos, principalmente os de língua portuguesa, mas não exclusivamente, então é muito provável, mas estou te dizendo provável que... Aí já ficava quase num nível técnico, isso aí era ABC que discutia com a Embrapa, “mas como é que vai ser a cooperação no Brasil, a gente manda um técnico pra lá...?” E tinham técnicos lá também, tinha porque eu vi, mas provavelmente em algum momento também recebíamos técnicos para formação aqui, isso é mais do que natural.

P.: Ao meu ver, isso ficaria mais a cargo do Itamaraty do que da Embrapa...

R.: Acho que é compartilhado, porque o Itamaraty não poderia trazer estudantes se não soubesse onde colocar, né? Mas pode ser que tenham até outros em outros locais, eu não sei, tem tanta gente que estudou em escola agrícola, Escola Luíz de Queiroz em São Paulo, tem uma escola em Minas também, muito famosa, aí não sei dizer, talvez você tem que olhar lá na ABC, é uma coisa que não envolve só a ABC, porque envolvia também as divisões do departamento cultural que cuidam de educação, então essas coisas se desenvolvem assim, de uma maneira... uma vai contaminado a outra, uma contaminação positiva...Então eu acho muito provável, porque eu encontro em várias situações até hoje, estudantes de várias áreas que estudaram no Brasil, agora se você me perguntar se eu lembro de alguém especificamente do Cotton-4, eu não lembro, mas encontra.

P.: Mas os senhores têm em mente que uma vez assinado esse acordo, aumenta o interesse desses países pelo Brasil...

R.: Isso é natural, não só pelo Brasil, mas aprender aquelas técnicas que o acordo trata, então acho que é mais do que natural que tenha vindo gente para a Embrapa, gente para outras universidades, mas não seria honesto da minha parte dizer: “sim, veio”, eu não sei, mas muito provavelmente sim.

P.: Uma das colocações que eu vou fazer na minha dissertação é que quando você prevê a vinda dessas pessoas, existe um direcionamento de políticas públicas para que elas venham pra cá ou que elas permaneçam aqui, estejam com acesso ao sistema de saúde e outra questões que estão embutidas nos fluxos migratórios.

R.: É natural que tenha sido assim e é provável que tenha sido assim, mas seria um pouco desonesto da minha parte, porque eu não chegava nesse nível de detalhe, compreendeu? “Qual vai ser o programa de cooperação? Vai ser mandar 3 técnicos para lá ou receber 10 técnicos aqui?”, isso eu não sei, isso aí a ABC discutia com a Embrapa ou a divisão do departamento cultural discutia com as universidades o que tinha que fazer, é natural que seja assim, eu acho que a sua tese, ela é muito plausível na realidade e eu não tenho elementos concretos para confirmá-la em relação a esses 4 países, mas isso acontece com todos os países que a gente coopera... Obviamente, o número de haitianos no Brasil, hoje em dia é enorme, o número de estudantes da Guiné-Bissau, de outros países de língua portuguesa, que ficam no Brasil é muito grande.

P.: Sim, Haiti até hoje, né? O fluxo de haitianos continua, especialmente agora com essa nova crise que está tendo no Haiti, o fluxo de haitianos é enorme.

R.: Muitos vieram e foram para a universidade, na UNILA... Eu encontrei haitianos na UNILA, eu encontro... Agora não, que eu não estou indo aos lugares, mas volta e meia tem... Outro dia eu... Não me lembro mais, muitas *lives* que eu faço, eu esqueço, não sei se era uma coisa com estudantes da periferia, não sei se era isso não... Era uma coisa da Fundação Perseu Abramo, agora que eu estou lembrando... Era concentrada em América Latina e 3 que fizeram perguntas, eram africanos, eu não fiquei perguntando para cada um de onde eram, pode ser que um deles fosse haitiano, mas os outros não eram porque não tinham nomes franceses ou que parecessem, pareciam nomes africanos mesmo. Então, quer dizer, isso que você está falando, ocorre, agora para encontrar uma comprovação empírica, eu não tenho como te dizer, não me recordo, até acho que é muito provável que tenha havido desde o início, nos

acordos, uma dimensão de cooperação desse tipo que você está falando, receber as pessoas aqui e aí tendo o lado que você falou, como é que é o apoio de saúde, enfim, todas as outras questões ligadas.

P.: Porque tem um efeito multiplicador, né Ministro? Às vezes vem um técnico e esse técnico tem uma família de 20 pessoas e aí naquele grupo tem dois sobrinhos que vem pra cá...

R.: Sem dúvida alguma isso acontece, eu não tenho a menor dúvida que isso acontece, eu só não tenho... "Ah, eu conheço um caso", não conheço.

P.: Outra coisa, Ministro. Eu gostaria que o senhor respondesse algumas críticas que são feitas na literatura até sobre a questão do Cotton-4 e dessa outra onda de interesses pela África. A primeira delas é que o Brasil tinha esse interesse na verdade, pela troca de votos pelo assento no Conselho de Segurança, FAO, OMC, busca de cargos nessas instituições, mas você já respondeu no início que isso fazia parte de um projeto maior, então eu gostaria que o senhor trabalhasse um pouco mais essa ideia. E a Segunda crítica que a literatura também faz é que outros projetos estão vindo aí e eu sei de algumas coisas que estão sendo feitas, que o Brasil teria replicado o modelo norte-sul de cooperação e aplicado no sul-sul. Eu gostaria que o senhor falasse um pouco sobre isso.

R.: Eu nunca fui de dizer que a nossa política externa é totalmente altruísta, ninguém vai dizer isso, na política externa, na diplomacia, melhor dizendo até, não se faz caridade, a questão é você manejar os seus interesses de forma tão compatível com os interesses de outros quanto possível, essa que é a questão, há um elemento de desprendimento? Há, eu vou lhe dizer, concretamente, por exemplo, nas negociações comerciais sobre acesso a mercado, os países da África que tinham acordo... não só da África, os países do Caribe e do Pacífico também, que tinham acordo com a União Europeia, eles tinham um tratamento mais favorável, se eu olhar o interesse estrito do Brasil, interesse estrito da agricultura brasileira, eu tenho que ser contra porque isso tira mercado, mercado das bananas brasileiras, uma parte é ocupada por países do Caribe, por exemplo o do café, ou sei lá do que mais, do etanol, do açúcar, certamente no caso do açúcar, talvez seja o caso mais notado, então o Brasil não deixou de defender o seu interesse, mas na OMC a gente aceitou que aquilo não era um objetivo imediato, a gente não tinha que tentar acabar com aquilo imediatamente... Aceitou,

you can say: "but you accepted because it was a little better? You accepted to have an alliance with it?", well, there is always an interest, but differently from a past policy, a policy that even other countries, for example, I can even name Uruguay, Paraguay, I am talking about the two because they are from Mercosul and they did not want to know, for them they had to eliminate all the advantages of the other Africans that were there... Clear that from the narrow point of view of the WTO, that was a discriminatory thing, but we preferred not to touch it, first to understand that they were countries that still needed this type of help, they had to look for a transition because it was not good for them to have forever a colonial model, but this is more complex, it is not done in an hour for another, so we preferred not to touch it and work with them as allies in the macro thing, I am giving an example to say the following: you cannot separate things completely, the vote of Togo for Brazil to be or not to be a permanent member of the Security Council is a very small thing, very intimate, let's say that, even if you said to Nigeria, no... In reality, it is a mixture of things, there is a desire to cooperate, now, if that also counted for us in the Security Council, that's good, but for example we were very close to having an agreement, the Africans were at that moment, the main instrument contrary to the reform of the council in 2005, 2006, more or less, later in a report by Kofi Annan and not for this we stopped with the cooperation and we are not going to stop, it was never used like that "ah, if you don't do this or if you don't vote for me", in my management there was never this and I think that in none of mine... At least that I know. So, these things come by accumulation, you don't know well, when you do not think of an immediate result. In the medium term did it benefit Brazil? Benefited, benefited the diplomatic objective of Brazil, but it was never done an accounting, it was never done like that: "ah, it is more important", right? Because I was cooperating with Togo, with Mali, with Chad... Chad of these countries is the only one that Brazil does not have an embassy there, I don't know if it still has, so for that...

P.: Não, não tem embaixada aqui também, a representação é em Camarões

R.: Então você veja, não era uma coisa desse tipo: "olha, eu faço, mas você tem que abrir uma embaixada no Brasil" não era assim, agora, claro que os países são movidos por interesse também, mas isso pesou? Especificamente nessa cooperação, eu não sei, pesou na atitude geral brasileira? Pode ter pesado, mas não sei se é fundamental,

aí é a história que vai julgar, muito difícil para eu próprio que fui o autor disso, dizer se isso influía ou não, talvez, mas eu não pensava que o Brasil ia ter candidato depois... Quer dizer, tinha tido o candidato a OMC, tinha candidato a FAO, não pensava em nada disso... Isso aí são coisas que vão acontecendo... Querer ter os jogos olímpicos aqui, em todas essas coisas eu acho que influiu positivamente, assim é que os países exercem influência, “ah, mas o Brasil queria aumentar sua influência internacional?” Provavelmente sim, mas isso é legítimo, não só do ponto de vista legal, mas do ponto de vista até ético, não tem nada errado, errado seria cooperar com uma pessoa ruim, para uma coisa ruim, só para isso, nunca foi o caso.

P.: Das premissas da cooperação, são as tais vantagens relativas, né?

R.: É, eu acho que as vantagens relativas eram muito mais para eles do que para nós. É muito diferente, o Brasil nunca comprou voto, sei que outros países que tinham interesse no Conselho de Segurança, efetivamente compravam voto, davam de ajuda financeira direta, não só para membro permanente, mas também para outras eleições, isso nós não fizemos, então aí era uma coisa boa para eles, estavam se desenvolvendo, desenvolvendo uma tecnologia que interessavam a eles, eu sei que há críticas, não estou dizendo que é isento de críticas, eu compreendo que haja críticas, por exemplo, no programa que eu mencionei, junto com o Japão e Moçambique, porque era um agronegócio e isso deslocou pequenos agricultores moçambicanos, mas nós não fizemos isso para forçar, para ter um ganho financeiro, o governo moçambicano queria, foi errado? Pode ter sido, não sei, essas coisas são muito difíceis de dizer, o Brasil desenvolveu hoje, o maior produtor basicamente, o maior exportador de soja do mundo, Estados Unidos, rivaliza com os Estados Unidos? Em função de programas que o Japão teve aqui no Cerrado, destruiu um pouco o bioma do Cerrado, é muito complexo, essas coisas na época não era uma consideração. Eu não vejo que nada é perfeito, acho que tudo está sujeito a uma [...] se eu soubesse que ia haver uma...Afetar agricultores...Quando eu digo “eu”, é o governo brasileiro, estou falando “eu” porque é mais fácil de falar...Afetar pequenos agricultores moçambicanos, provavelmente eu mesmo teria feito uma ponderação, “mas não é melhor ver um jeito que não afete e tal” ou fazer de outra forma, como por exemplo o projeto que a gente tinha de barragem no Haiti, que aliás acabou não se realizando por outras razões, não nossas, mudados de 2 a 3 vezes por questões

desse tipo, atendendo as próprias manifestações locais lá, não eram nem do governo central. Eu não estou dizendo que quem ministrou cada projeto individualmente seja isento de crítica, mas a atitude em geral, não era assim, eu não buscava premiar mais países que tinham... Por exemplo Gana, era um país que apoiava de maneira muito evidente o Brasil para o Conselho de Segurança, por acaso a Embrapa foi pra lá, porque foi uma decisão da Embrapa, [...] pensando que fosse na Embrapa, queria que fosse em um dos Cotton-4, mas a Embrapa achou que por questões de logística, para os funcionários dela seria melhor. Eu não iria privilegiar a cooperação com Gana porque eles nos apoiavam no Conselho de Segurança, isso nunca aconteceu, Moçambique que hesitou muito porque a China tinha uma posição contrária e fazia muito investimento lá e nem por isso a nossa atitude mudou em relação à Moçambique... Então essa crítica eu não compro. Sim, os países são movidos por interesses, sim, são movidos pelo desejo de ter mais influência nas relações internacionais, seja sendo membro do Conselho de Segurança, para ser eleito para presidente, diretor-geral da OMC, seja para participar do Conselho Econômico Social, seja de outra forma qualquer, isso é parte das relações internacionais, se for uma distorção brutal, “ah, mas o Brasil não cooperou com o Togo porque...” não, não aconteceu isso, contar A, B ou C, não, sinceramente não compro essa crítica. Por duas razões, primeiro porque eu acho que é legítimo que haja interesse, você tem que compatibilizar com necessidades reais dos países, que eles localizam, que eles tenham interesse e em todos esses projetos grandes que eu conheço, foi assim, grandes ou pequenos. A segunda crítica, qual era mesmo?

P.: Uma outra crítica que é feita, na verdade para o senhor enquanto aquele que concebeu o Cotton-4 é mais um elogio do que uma crítica, é que o Cotton-4 ou projetos como o Cotton-4 foram um projeto de governo e não um projeto de Estado.

R.: Por quê?

P.: Porque depois com a mudança do governo...

R.: Mas veja bem, eu também lamento que isso tenha ocorrido, mas aí você tem que entender que essa crítica não procede a mim, porque eu não podia adivinhar... Não existe projeto de cooperação que seja só do Estado, porque o governo é que vai... A gente diz e eu digo que a política externa deve ser uma política de Estado, no sentido de que ela respeita as normas da Constituição brasileira ou no sentido de que os

elementos básicos da ação, são de Estado, a solução pacífica de controvérsias, a não intervenção, a autodeterminação dos povos, a própria ideia de cooperação internacional, “você deve cooperar”, tudo isso é de Estado, eu acho que poderia dar até um passo a mais, isso não está na Constituição, mas cooperar com a África é uma visão de Estado, agora, como vai cooperar se você vai fazer uma coisa a mais num país ou outro, isso são governos, na hora que você decidir quanto dinheiro vai... Vou fazer uma coisa muito simplista que não é bem assim na realidade, mas se você vai colocar mais dinheiro na África ou colocar mais dinheiro para as nossas relações com a Coréia, isso é uma decisão de governo. Então eu não tomo isso como uma crítica, é um fato real, que infelizmente o governo brasileiro diminuiu a atenção a África, principalmente depois do impeachment da Dilma, algumas pessoas acham que até o próprio governo Dilma não teve tanta ênfase, mas não fez nada que impedisse, nem fechou embaixada e nem nada, até na parte de defesa que eu participei, nós aumentamos a cooperação com a África no governo Dilma, vários projetos, com vários países. Enfim, então eu não acho que isso, sinceramente... Não vejo como plausível, porque não há política de Estado que possa dizer que você vai ter esse projeto ou aquele projeto, você pode dizer que é política de Estado cooperar com a África, eu acho que é e quem está se afastando da política de Estado é o governo atual, o que eu posso fazer? Ele está se afastando na cultura, na saúde, na educação e na política externa... No meio ambiente, em tudo.

P.: É a negação total, né Ministro? Na verdade, um dos meus possíveis projetos para o doutorado, é estudar a inflexão, a mão reversa, o que aconteceu a partir de 2016 com o continente africano e o descaso total.

R.: A elite brasileira sempre resistiu muito, deixa eu te dizer, isso talvez interesse até para o seu raciocínio de o que é uma política de Estado e o que é que não é. A elite midiática, econômica, comercial, racial, brasileira ela sempre viu... De gênero também... Ela sempre viu o interesse do Estado identificado com os interesses das classes dominantes brasileiras e talvez não houvesse interesses das classes dominantes brasileiras nesses projetos, direto, eu ouvi depois, quando caiu a Dilma e o Temer estava discutindo aquele negócio de fechar a embaixada, que acabaram não fechando naquela ocasião, estão fechando agora, foi assim um comentário num jornal, acho que O Estado de São Paulo, era uma reportagem lá, não era um editorial,

dizendo o seguinte: que o Brasil tinha mais embaixadas na África do que a Alemanha, dizendo em tom de surpresa e de crítica, eu falei “gente, esse cara não olha o país no espelho”, a Alemanha não tem metade da sua população, um pouco mais da metade até [...] africana, então quer dizer, na realidade quando eles diziam que não é uma política de Estado, eles podem ter visão de uma política que interessa as classes dominantes do Brasil... Eu não quero falar uma coisa muito estrita, porque acho que é mais complexo do que isso, mas obviamente a diminuição de atenção com a África, tem a ver com essa posição racista... Eu estava lendo hoje até, que o Brasil vai criar mais consulados, muito bem, deve criar para proteger o brasileiro, não tenho nada contra, o governo Lula abriu muitas embaixadas na África e no Caribe, mas também abriu muitas na Europa, Estônia, por exemplo, eu me lembro, Croácia, nunca ninguém pensou em fechar essas embaixadas, nem eu estou defendendo que feche, agora fecharam na África algumas e no Caribe, várias, então eu acho que tem um elemento racista nisso e tem um elemento de muita ignorância quando você faz uma conta de saber se a embaixada paga o comércio, as importações, suas importações são mais importantes... Não é assim que se faz. Eu gosto até de citar uma frase de uma pessoa que era muito pragmática econômica, ele morreu num desastre de avião, que era o presidente da Vale, ele dizia assim: “Olha, petróleo não dá na Torre Eiffel, nem eu acho carvão na 5ª Avenida”, agora você sabe onde vai aparecer petróleo? Mesmo que eu vá olhar para esse lado, porque não é o lado que eu olho, eu olho de um lado mais complexo e mais amplo, mesmo que você olhe por esse lado, no dia que aparece petróleo e se você está lá, você vai se beneficiar disso, só estou dando um exemplo, assim como se beneficiou o Brasil até no governo militar, de contratos em Angola, porque o Brasil foi o primeiro país a reconhecer o governo do MPLA, o primeiro do mundo, o governo do governo militar do presidente Geisel, em termo de política africana era mais avançada do que é hoje, não tinha tantas embaixadas, mas a atitude era diferente, era abrir, não fechar. Então essas críticas não vejo como críticas, vejo como fatos, eu acho criticável o conceito de política de Estado da maneira como está definido.

P.: Alguma coisa o senhor teria feito de diferente? Dessa concepção de relação com os países africanos?

R.: Eu queria ter feito mais, mas isso não dependia só de mim, queria que o fluxo de estudantes...Uma vez uma estudante nigeriana que morava no Brasil, acho que eu dei uma entrevista e ela foi contratada pela TV nigeriana para fazer e ela falou: “você precisam expandir e não pode ser só com países de língua portuguesa” e eu concordava com ela, mas precisava de um esforço maior, por exemplo, quando fizeram uma UNILA na África...

P.: Que agora também está sofrendo com falta de recursos, está prestes a fechar a UNILA...

R.: Claro, aí você vai criticar porque não é política de Estado, vai fechar o CNPQ hoje, então não era política de Estado, não deveria ter o CNPQ? Não deveria ter a Cinemateca?

P.: Imagino como é para o senhor ver isso, se pra mim já é difícil, imagina para o senhor quanto é, parece que a gente está vivendo um pesadelo mesmo.

R.: É uma tristeza, eu fui presidente da Embrafilme, ajudei a restaurar vários filmes da Cinemateca brasileira, fico nem pensando porque se não... Só para concluir, queria ter feito mais, queria fazer mais, mas precisava de recurso, isso leva um tempo... Então, eu acho, dizer que foi uma coisa errada, se eu soubesse na época dessa questão, por exemplo, do programa lá com o Japão, em Moçambique, se me falassem, se alguém me chamasse atenção... Porque também o ministro não sabe de tudo, na época não parecia, o governo de Moçambique estava muito satisfeito, então tudo bem, eu sinceramente não vejo... Eu acho que sim, poderíamos ter feito mais, deveríamos ter feito mais, fizemos muito se comparar com governos anteriores, mas se você comparar com o que é possível e necessário, fizemos pouco, depende do seu padrão, do seu paradigma.

P.: É uma visão relativa, depende muito do que que a gente está...

R.: Hoje, a Turquia tem mais embaixadas na África do que o Brasil, isso é um absurdo, eu não tenho nada contra a Turquia, sempre tive boas relações, mas Brasil é o país...Eu não sei se você tem uma ideia gráfica, claro que você tem uma ideia cultural, das raízes, etc. Mas não sei se você tem a ideia gráfica de que Natal é mais perto de Dacar do que do Cruzeiro do Sul, no Brasil.

P.: Geograficamente, sim. Em quilômetros, né? Se não tivesse o oceano ali...

R.: É, eu já fiz essa viagem num aviãozinho que não tinha nem banheiro e nem podia fazer escala, então a minha autonomia era igual à do avião, 4 horas e ir para Cruzeiro do Sul, leva 5, claro que naquele dia podia ter tido uma coisa de vento, mas de qualquer maneira, a proximidade nossa é muito, muito grande e eu acho que, não sei... Não vejo não, nós tentamos fazer coisas com a América Latina, América do Sul, principalmente, por exemplo, hoje tem... Não é da sua pergunta, mas só para terminar, hoje me dá a impressão de que os programas América do Sul-África teria sido mais fácil fazer se fosse só Brasil-África, sem a menor dúvidas, aliás foi o que o Obasanjo, que era o presidente da Nigéria, nos propôs, mas nós como estávamos também muito interessados na integração da América do Sul, que também era um objetivo legítimo e positivo, falamos “não, vamos fazer América do Sul-África”, mas aí ficou muito mais complicado, cada vez tinha que fazer mais reunião, depender de outros países, se com o Brasil já era complicado, imagina com todos eles... Mas enfim, eu não me arrependo disso não, porque acho que foi um impulso para a integração da América do Sul também, então cada coisa tem o seu momento.

P.: Até o UNASUL acabaram, né Ministro? É uma desconstrução total.

R.: Mas vai voltar, agora já um ministro peruano está falando em voltar, América do Sul...É, é um absurdo do meu ponto de vista, inclusive legal, uma coisa que foi aprovada pelo Congresso não pode ser desfeita pelo executivo, eu sei que tem um parecer de 1920 que diz que pode, mas o mundo mudou, imagina o executivo sair sozinho da carta da ONU?

P.: E esse PROSUL que eles criaram, ninguém sabe o que que é na verdade, na minha leitura, eles só criaram o PROSUL para poder desconstruir o que foi feito na UNASUL e não deram continuidade.

R.: Claro, como disse um ex-chanceler argentino: “O PROSUL não é nada, o PROSUL é um grupo de WhatsApp e mais nada”

P.: E olhe lá, né?

R.: E olhe lá, e tudo era baseado num Grupo de Lima, agora Peru mudou e não tem mais Grupo de Lima, Grupo de Lima vai acabar porque até arrumar outro... Porque

era tudo contra a Venezuela, não estou defendendo a Venezuela, mas não era a melhor maneira de lidar com esse problema.

P.: Como eu mesma disse aqui, se a gente for pensar em vantagens relativas, vantagens absolutas, eu acho que no que é relativo todo mundo saiu ganhando, a gente saiu ganhando, eles saíram ganhando.

R.: Eles mais do que nós, para falar a verdade. Porque nós não entramos para o Conselho de Segurança, elegemos pessoas... Enfim, nunca os países num plano internacional poderão se despir do seu interesse, totalmente, isso é impossível, não pode, então você tem que procurar conciliar o seu interesse com objetivos legítimos dos outros países e a cooperação seguir esse rumo.

ANEXO L - Transcrição da entrevista realizada com Fabrice Taio

P.: Como você entrou aqui, em termos de documentação? Porque alguns vão mudando, às vezes entram como turistas, depois pedem solicitação de refúgio, aí depois conseguem RNE, então muda muito...

R.: Eu cheguei com visto de estudante aqui no Brasil.

P.: Que ano você chegou?

R.: Eu cheguei em 2015 aqui.

P.: Você é de onde no seu país? Você é da capital? Como foi sua vida lá? O que você fazia lá? Você era estudante?

R.: Lá os meus pais são professores e professores no meu país são nada, sabe? O salário não é algo muito legal para poder se manter lá e com certeza os meus pais queriam que eu com minhas irmãs - eu tenho 6 irmãs - queriam que eu fosse mais longe, assim, para estudar, para ter uma vida melhor, para crescer e lá no meu país tem essa oportunidade, só que em alguns países africanos você tem que ter laços, você tem que conhecer pessoas lá em cima para poder ter a chance de ter cargo que faz com que você se sinta bem, se manter bem e ficar normal. Aí passou um edital na embaixada do Brasil no meu país, que oferecia uma bolsa de estudo lá no Brasil, passei em alguns testes e também passou Enem no meu país, com os pontos que eu recebi no Enem, tudo isso... Porque vale ponto, porque quando os pontos chegam no Brasil - quando eu falo de pontos, é o ponto que você adquiriu durante o exame, no Enem - o Brasil recebe isso e faz um cálculo para ver qual é o custo será [inaudível]...

P.: Voltando um pouquinho, Fabrice. Lá no seu país, em 2015, você era estudante, veio de uma família de professores e quantos irmãos?

R.: Eu tenho 6 irmãs. Eu sou o único menino.

P.: E lá você era só estudante antes de vir?

R.: Lá eu era estudante de colégio. Estudei no colégio, fiz o Enem e tive uma oportunidade, um edital que o Brasil fazia uma parceria com a África de pessoas que

queriam estudar no Brasil, eu fiz o teste e passei, deu certo, aí eu comecei o curso de farmácia.

P.: Você queria ser o que lá no seu país?

R.: No meu país, na verdade, eu queria ser médico, mas a oportunidade surgiu de ir e eu coloquei farmácia, porque eu queria... Eu pensei muito, ser médico pega o seu tempo, o dia inteiro, você fica num consultório, eu não quero isso para a minha vida, sabe? Eu quero um negócio bem na área da saúde, mas voltada pelo menos ao comércio, indústria farmacêutica, essas coisas, então eu escolhi farmácia. Só que quando a gente chega no Brasil, nós precisamos passar por um teste da língua portuguesa, precisamos aprender a falar português e o tempo que foi dado para aprender, era pouco tempo, em 6 meses nós temos que aprender a língua portuguesa, tem que fazer de tudo para aprender e passar na proficiência em língua portuguesa, caso você reprova, você volta para o seu país, não tem segunda chance e é isso que é muito ruim.

P.: Vamos voltar um pouco. Quando você soube desse programa, você já tinha ouvido falar do Brasil? Na sua memória, qual é a primeira vez que você ouviu falar do Brasil? Como que você soube desse programa? Quando você era criança, você ouvia falar do Brasil? O que você ouvia falar do Brasil?

R.: Eu era um fã dos jogadores brasileiros, desde criança. Sempre quando tinha a Copa do Mundo quando eu era criança, o meu pai assistia e eu assistia com ele e eu sempre vi aquela camisa amarela, com shorts azul, Ronaldinho, Kaká, Cafú, pessoas daquela época e são pessoas que me incentivavam muito quando eu era criança, eu pegava a bola e ficava na frente da casa do meu pai e eu também tentava fazer o que o Ronaldinho fazia... Gaúcho, eu gosto... A equipe do Brasil antigamente era bem legal, diferente de hoje, não estou dizendo que está ruim agora, mas antes era outra coisa, era muito legal. Além disso, eu descobri que tinha o carnaval, porque lá fora, a gente vê o Brasil de outro jeito, é carnaval e futebol, é o que a gente pensa, mas quando cheguei aqui no Brasil, eu percebi que além do carnaval e futebol, tem coisas a mais, tem bastante coisas a saber, o Brasil tem uma riqueza grande, uma mistura grande, tem muita coisa no Brasil. Então foi desse jeito, desde que era criança que era fã do Brasil por causa dos jogadores e ao longo do tempo crescendo, eu descobri

que o Brasil fazia o festival que se chama "carnaval" e achei bastante legal também, eu via as pessoas dançando na rua, tudo isso, era bem bacana. E aí quando cheguei a uma certa idade, em 2015, eu vi a oportunidade, o edital chegou para estudar no Brasil e "olha, é uma oportunidade para mim, viu? Para eu conhecer esse país e ver como funciona lá, aproveitar para estudar também e realizar o meu sonho de ver como é que está essa fera aí".

P.: Você ouviu dizer quando a embaixada do Brasil foi criada no Benin? Por exemplo, eu soube que o Lula foi para o Benin, você se lembra de Lula no Benin? Porque a embaixada no Benin é recente, então eu queria que você me contasse um pouco dessa parte.

R.: Olha, a chegada do Lula no Benin, era uma esperança, quando eu falo de esperança, é o início de uma parceria entre Benin e o Brasil, eu percebi que essa parceria deveria nascer faz tempo, porque o Benin e o Brasil tem laços grandes, tem cultura aqui que eu percebi que não é de vocês, foi puxado de lá, principalmente do Benin, tem pessoas que se chamam "da Silva", tem pessoas que se chamam "de Souza", "de Oliveira", "de Almeida" essas pessoas não são brasileiras, a origem deles é da África, principalmente do Benin, porque lá tivemos uma história... Tem um bairro lá, numa cidade que se chama "Ouidah" no Benin e aquele bairro se chama "Brasil" e eu nunca soube o que foi escrito na entrada daquele bairro, está escrito "seja bem-vindo quem for do bem", quando eu estava lá eu não entendia português, quando cheguei aqui, eu fui ler de novo, "ah, era isso", então é um local para brasileiros, então a chegada do Lula nesse país abriu uma possibilidade...

P.: Que ano foi?

R.: Eu não me lembro, mas foi na época do ex-presidente do Benin, ele que estabeleceu o laço entre o Brasil e o Benin, o presidente Yayi Boni, ele fez 10 no poder, entrou no poder em 2006 e fez dois mandatos, porque um mandato é 5 anos, ele foi reeleito uma segunda vez, então foi no mandato dele, até hoje ele que estabelece laços, encaminhou todo o processo para que o Benin tenha embaixada no Brasil e para que a embaixada do Brasil seja também no Benin, foi ele também. E o novo que chegou [inaudível], isso é uma história longa, com o novo presidente que chegou, eu acho que, bom, ele... Não tem embaixada, nós não temos mais embaixada

no Brasil, todos nós temos que ir para Cuba, caso queremos resolver alguma coisa na América do Sul, então todos os beninenses que não se [inaudível] o atual presidente fez assim, mas a embaixada do Brasil no Benin aqui no Brasil não tem, então é isso. Eu estava falando que a chegada do Lula, ele foi recebido pelo ministro de cultura do Benin, que é filho de um antigo ex-presidente do Benin também, Galou Soglo era o ministro da cultura do Benin, ele que recebeu o Lula e Lula foi recebido no Benin como um rei, se você quiser, você pode entrar no Google e ver, ele foi vestido com um rei do Benin, como alguém que chegou em casa, sabe aquele vestido bem colorido com chapéu? Lula usou isso, nós vestimos estrangeiros desse jeito quando a gente sente que é um filho da nossa terra, era um símbolo de que qualquer brasileiro que chega no Benin é bem-vindo, era isso. Até hoje tem alguns brasileiros que estão fazendo pesquisa, eu conheci uma menina, especialmente de Bahia, ela se chamava... Esqueci o nome, mas termina com "da Silva" e eu falei para ela procurar um pouco sobre árvore genealógica dela, do avo, do tataravô e ver realmente que tem laço com o Benin, ela foi ver e realmente é verdade.

P.: Você aprendeu a falar português aqui ou lá no Benin?

R.: Não, eu aprendi a falar aqui, eu cheguei no aeroporto, Guarulhos, sem saber o que a gente ia falar, mas graças a Deus chegou alguns veteranos que estavam aqui para ajudar, mas quando eu cheguei em João Pessoa, a primeira cidade de contato, eu primeiramente...O calor, o calor me acolheu no aeroporto, eu vi que não tem diferença nenhuma com alguns países da África, no Nordeste. Aí tinha que começar o curso de língua portuguesa de 6 meses, então você tem 6 meses para se adaptar na língua portuguesa e depois de 6 meses vai passar uma prova de proficiência na língua portuguesa, que se chama "Celpe-Bras", é uma prova que todos os estrangeiros fazem para poder trabalhar no país, fazer qualquer coisa no país, tem que [inaudível] uma proficiência que comprove que realmente, pelo menos você fala o mínimo do português e na época que eu fui fazer o exame, deu ruim, porque era só uma vez e naquela época, não se acontecia alguma coisa, era um mistério que fez com que muitas pessoas não se saíram bem, então no Brasil, foi a única, foi na minha época, eu ouvi falar que eles estavam testando alguma coisa no ministério e pela primeira vez que eles testaram para ver se vai dar certo ou não e não deu certo. Aí você imagina, você chega aqui, você tem que passar por uma prova, passar para poder

entrar na federal e você percebe que você não conseguiu essa prova, a sua vida estava no chão, eu pensei assim, que acabou, aí que a luta começou, eu sofri bastante para contar, porque eu não disse para o meu pai, não disse nada para a minha mãe...

P.: E você veio para cá já para estudar no Rio Grande do Norte ou era para estudar aqui em outro Estado qualquer?

R.: Não, para estudar na UFPB, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, capital. Lá eu tinha que fazer 6 meses aprendendo a língua portuguesa, passar na prova de proficiência da língua portuguesa e depois quando for aprovado, usar aquele certificado para poder apresentar em Natal, no Estado do Rio Grande do Norte, eu cursei farmácia, é isso, é desse jeito que funciona. Países que não falam francês, eles necessitam passar por um processo de proficiência, mas antes eles precisam ter aula, ou a aula aqui é oferecida pelo ministério, pela universidade, aula de português todos os dias, até o dia da proficiência, do exame...

P.: Isso lá na Paraíba? Você estava na Paraíba?

R.: Isso, todos os Estados do Brasil fazem isso. Eu estava na Paraíba, eu fiz a prova lá e depois o ministério mandou mensagem dizendo que aqueles que foram fazer aquela prova de proficiência em língua portuguesa, tem que voltar e fazer... Eu pulei uma grande parte da história, porque depois que eu soube que deu ruim lá, a gente não sabia o que estava acontecendo lá, cada um começou a tentar fazer alguma coisa no Brasil, tentar entrar em alguma escola ou universidade privada, para estudar, para não ficar sem fazer nada e demorou, muitas coisas aconteceram nessa época, aí nos chamou de novo, dizendo que nós precisávamos fazer aquela prova, eu voltei a ir, eu fui logo de uma vez, deu certo, então eu fiquei muito feliz, mas eu nunca contei isso para os meus pais, porque minha mãe é muito preocupada, meu pai é o que "ah, meu filho foi, fez a língua portuguesa, terminou, passou, agora é farmacêutico, agora está mestrando", para eles eu estava andando de boa, mas não sabem o que passei ao longo do tempo. Ao longo do tempo quando eu conhecia outras pessoas que chegaram de outro jeito, não do mesmo jeito que eu e a gente se tornou amigos, pessoas que chegaram clandestinamente, chegaram de outra forma, vieram trabalhar e quando eles chegam aqui, a empresa já fez um documento, tudo pronto para eles trabalharem e depois de 6 meses foram descartados, tipo, pega o visto de trabalho,

chegavam aqui com o intuito de trabalhar por 1 ano, dois anos e a empresa acaba deixando eles e eles começavam a se virar no país, São Paul é bastante assim, aqui é luta, todos os dias, até hoje, é sempre luta.

P.: Você veio para cá com bolsa de estudo, certo? Você ganha ainda essa bolsa?

R.: Ah, não, não, não ganho mais essa bolsa de estudo. O governo do meu país não...

P.: Mas quando você veio, você tinha bolsa? Você ganhava algum dinheiro para se manter aqui?

R.: Não bolsa, um convenio. Sim, a universidade oferece bolsa.

P.: Você sabe se era PEC-G ou PEC-PG? Você sabe por qual programa você veio?

R.: PEC-G.

P.: Lá no seu país, você procurou a embaixada do Brasil lá, certo? Você fez os documentos todos lá, passou, foi aprovado e veio para cá. Quando você veio para cá, você conhecia alguém aqui? Você não conhecia ninguém? Você veio sozinho, sozinho?

R.: Ninguém, não conhecia ninguém. Na época tinha alguns outros selecionados também, vivemos juntos, mas a gente não conhecia ninguém aqui, a gente conversava com um veterano para acolher a gente.

P.: Outros africanos?

R.: Isso.

P.: E lá no seu país você conheceu alguém que já tinha vindo para o Brasil? Antes de vir para cá, por exemplo, algum professor, alguém que... Nunca você conheceu alguém que tivesse vindo para o Brasil?

R.: Não, nunca, eu não conheci ninguém, só assim, desse jeito.

P.: E as primeiras pessoas que você conheceu aqui, como foi? Como foram essas relações? Quem eram essas primeiras pessoas que você conheceu aqui?

R.: Pessoas do nosso país que estão no Brasil faz tempo e para acolher, trabalham aqui, estudam também, já tem família, são casados, para ajudar, né? E ajudar na língua, especialmente.

P.: Eles eram da escola ou não, você conheceu pela cidade?

R.: Não, nada, a gente não se conhecia não, de jeito nenhum, é só porque eu vou em João Pessoa, que a embaixada ajudou a gente a manter contato com alguns que moram em João Pessoa para receber a gente, a gente não tem nada de ligação, não conhecia nada deles, é só chegar e vão aparecer, ajudar a gente, é só isso.

P.: E você contou com ajuda de alguém? Alguém te ajudou? Ajudou assim, porque uma pessoa que vem de outro país para um país novo, é mais difícil a adaptação, eu já morei em outro país, eu sei como é, você sempre conta com ajuda de alguém que você conhece, mesmo na escola, algum amigo, te indica para algum lugar de moradia, te indicar para um trabalho, para alguma coisa, que ajuda ir ao médico que você precisa, coisas nesse tipo... Você teve alguém que te ajudou nesse sentido? Alguma instituição, por exemplo, Cáritas, nunca?

R.: Não, é o que estou falando, a embaixada ajudou a manter contato com alguns que moram onde a gente vai e essas pessoas ajudavam a gente, estavam lá a mais de 5 anos e ajudavam, dizendo: "vocês vão morar em tal lugar aqui, é barato, de acordo com o seu meio financeiro", na escola também, CPF, RG na polícia federal, a cidade, os custos, tudo ajudavam.

P.: E quando você sentiu a necessidade de mudar para outro país? Você achava que no Benin você não ia ter condição de estudar? Não ia ter chance de estudar? Ou por que aqui no Brasil as escolas são melhores? Por que você tomou essa decisão?

R.: Lá no meu país, eu ia iniciar o curso de medicina, eu ia fazer o ensino lá e eu quis sair, como eu falei para você, eu tinha uma vontade de conhecer o Brasil, desde quando eu era criança, era basicamente isso. No Benin também, as pessoas se formam, trabalham normal, tem universidade lá, normal, eu só quis sair, aprender coisas novas, viver outras coisas e eu gosto muito de viajar, por isso decidi enfrentar essa caminhada e ver no que vai dar.

P.: O que você lembra da abertura da embaixada do Benin? Como o Lula era visto? Foi ele que inaugurou a embaixada?

R.: Era um processo muito longo, porque antigamente, quando o Lula estava no poder, [inaudível] um veterano muito antigo aqui, que servia de ligação entre o nosso país e o Brasil, mas ele estava aqui. Na época não tinha embaixada do Brasil no Benin e nem do Benin no Brasil, ao longo do tempo, não sei como que aconteceu... Sabe às vezes quando os presidentes se encontram em algum lugar? Exemplo da COP, que acabou de acontecer, onde os presidentes irão se juntar e falar do problema climático, demográfico, desmatamento florestal... Então nesse momento que conheceu o Lula, ele quis estabelecer uma ligação com o Brasil, porque o Brasil e o Benin, nós temos um laço muito grande, quando você olha para o Brasil, como eu tinha falado, tem pessoas que têm o sobrenome parecido, eu acho que essas pessoas tem origem beninense, porque o Benin tem uma porta específica, que se chama "Porta do Não Retorno", por que se chama assim? Se chama assim porque era o caminho onde os escravos passavam e não voltavam nunca mais e é de lá que os escravos foram vendidos ao mundo inteiro, tem lá no Benin, lá numa cidade chamada Ouidah, esse portal hoje virou um ponto turístico, onde vários turistas vêm para passear, ficar lá, pessoas vão se inspirar nos escravos que moravam lá. Então, eu acho que esses escravos se misturaram, alguns vieram para o Brasil, se misturaram com índios, e aí foram se misturando, se casando e o Brasil formou uma mistura grande, onde tem "de Oliveira", "de Souza", "de Almeida", tem bastante nomes assim. Eu ouvi que realmente o Brasil, o Benin, alguns países da África necessitam de ter uma ligação, uma diplomacia, tem pessoas que estão no Brasil que necessitam viajar para alguns países da África para poder aprender, na África tem muita coisa para aprender, muita coisa que não dá um mês para aprender tudo, eu tenho certeza que vocês estudaram o básico na escola, sobre a história de tal pessoa, os escravos... Lá é completo, recentemente mesmo a França está devolvendo artes coloniais, o que a França roubou na época da colonização do Benin, estão devolvendo, daqui uma semana vão devolver tudo o que foi roubado, ainda o presidente está criando um museu muito grande que vai atrair mais gente para saber mais da história do Benin.

P.: Você acha que o Brasil recebe os africanos da mesma forma? Você acha que quando o Lula foi para lá, ele vendeu essa imagem e essa imagem era verdadeira? Você quando veio para o Brasil foi acolhido na mesma altura, digamos assim?

R.: Ele foi na época...Faz tempo, Lula foi lá quando era presidente, ele fez isso, eu não sei se passou no jornal do Brasil para que as pessoas vejam, mas quando a gente chegou no Brasil, eu fui bem recebido, principalmente quando cheguei no nordeste, o povo do nordeste é bem acolhedor, o povo quer conversar com você, quer saber de você, quer saber da sua cultura, são pessoas maravilhosas e eu fui bem recebido, eu gostei bastante, mas não totalmente também, às vezes acontecem coisas que nós não entendemos, quando falo que fomos recebidos, nós fomos recebidos da melhor forma, mas sempre existe a exceção, já aconteceu várias vezes comigo também, mas em termos de porcentagem, 80% são bem acolhedores, o resto, 20% é o que tem pensamento ruim ainda, mas falta muita coisa para renovar, falta muita coisa para demonstrar para que seja normal, para que tenham o pensamento normal, para que o preconceito seja [inaudível], enfim, eu acho que é algo que não vai acabar tão cedo, nem amanhã e nem daqui 10 anos, sempre vai permanecer, porque tem pessoas que sabem, mas não querem mesmo, é de vontade própria, não ser saber, é assim, é assim, entendeu? Eu já entendo isso, para poder viver melhor no Brasil, eu adotei o seguinte: conversar com pessoas que gostam de mim e que eu goste de volta, que conversa com você e eu converso de volta e quem tem pensamento ruim, acha coisas estranhas de você, conversa de boa, mas desconfia, porque essas pessoas em qualquer momento pode ter agressividade, já aconteceu em Curitiba, era da polícia federal, ele estava dizendo que ele não aguenta negro, que ele estava cansado de negro, que ele odeia negro, tudo era negro, negro, "eles se acham", uma pessoa dessas não quer aceitar, ele não quer entender, ele vê a realidade, mas não quer saber, eu não sei porque, é a visão dele e pronto, não quer mais saber de nada, então essas pessoas existem ainda, bastante no Brasil, eu já confrontei isso, mas sempre quando eu estou conversando com alguém e eu sinto que a pessoa está desse jeito, está sendo preconceituosa, eu limito as minhas perguntas, limito a minha amizade com a pessoas, mas tento refletir uma boa impressão e sair na frente dessa pessoas, para não...Tem alguns africanos que não entendem, que ficam bravos e continua a fazer perguntas que faz com que a pessoa saia do seu limite e a pessoa fica com agressividade, eu acho que essa parte nós temos que esconder para poder viver

melhor. Eu já vi tudo, já ouvi tudo, hoje eu vivo bem, eu sei escolher meus amigos, eu sei com quem conversar, com quem eu me sinto bem, com quem não me sinto bem, eu não me aproximo bastante e quando a pessoa se aproxima e começa a falar coisas preconceituosas, faço de tudo para que a conversa seja curta com a pessoa, não adianta discutir com as pessoas, eu já fiz isso, já sei até onde a gente chega, chega um momento em que a pessoa quer dar um soco em você, não adianta, acontece sempre, todos os dias, mas eu não ligo para isso. Eu consegui também trazer alguma coisa na vida dos meus amigos da sala de aula, porque nos juntamos todos para estudar o curso de farmácia e eles não estudaram somente o curso de farmácia, me estudaram também, eu acho que eles nunca tiveram essa experiência de estudar com uma pessoa de fora e ainda da África, convivendo comigo eles aprenderam muita coisa, porque eu contava e falava com eles, eu tenho certeza que alguns deles criaram um preconceito específico, mas pelo fato de eu fazer universidade federal já é um primeiro respeito, se a pessoa tem algum preconceito...

P.: Primeiro você entrou na federal da Paraíba, você fez a graduação lá e agora você está na pós-graduação da federal do Rio Grande do Norte, é isso? Tudo em farmácia?

R.: É, é o que eu faço, mestrado em ciências farmacêuticas.

P.: Você ouviu falar no seu país sobre o Cotton-4? Que é esse programa que o Brasil tem parceria com o Benin, Togo, Mali, Burkina Faso e Chade. Você ouviu falar desse programa?

R.: Eu não ouvi falar não, nunca ouvi falar disso, eu nunca ouvi falar mas é algo que o Benin faz parte, porque atualmente na África, o Benin é o primeiro no algodão, primeiro produtor de algodão no ranking, então eu acredito que ele faz parte disso porque a gente produz muito algodão lá no meu país, mas eu nunca ouvi falar disso.

P.: O algodão é muito importante para o seu país? Tem alguém na sua família que trabalhava com algodão? Alguém que você conhece que ou cultivava ou vendia algodão?

R.: Lá é muito importante. É como o Brasil, tudo que é agricultura, fica no Norte e é importada ao Sul, no Benin também é a mesma coisa, na cidade de Malanville, Karimama, [inaudível], é lá que tem agricultores, pessoas que produzem mais algodão no Benin, que faz com que o Benin hoje seja o primeiro na África. Se for uma pessoa

que trabalha, a pessoa mora bem no norte lá no Benin, eu morei sempre no centro-sul, mas fiquei um pouco no norte também e conheci uma pessoa que trabalhava lá, mas essa pessoa hoje, eu acho que já saiu, pela idade, ele envelheceu, trabalhou bastante nesse negócio aí e o atual presidente fez a riqueza dele por algodão, bem antes de ser presidente e quando ele subiu ao poder, ele colocou no programa do governo dele fazer com que o algodão seja uma referência no Benin, África, ele conseguiu fazer.

P.: Então você não tinha ouvido que essa parceria especificamente entre Brasil, para melhorar a produção de algodão nos países da África?

R.: Não, eu não tinha ouvido. Foi criado quando?

P.: Em 2009.

R.: 2009, eu não sabia disso.

P.: A embaixada do Brasil no Benin foi em que ano? Você lembra?

R.: Não, não me lembro, mas faz tempo, bem antes de 2011.

P.: Agora passando para a sua vida atual aqui no Brasil, Fabrice. Você só estuda hoje? Você é mestrando e tem uma bolsa, você se mantém com a bolsa?

R.: Não, eu não tenho bolsa. Eu não trabalho ainda, mas eu estou iniciando o mestrado agora, porque não saiu ainda o edital da seleção da bolsa, porque a seleção do mestrado e a seleção da bolsa é diferente, estou fazendo também a especialização. Eu estou procurando emprego até hoje em farmácia, mas eu percebi que lá no sul tem mais emprego do que no norte, todos os dias eu recebo mensagens de pessoas que diz "vem para o Sul, tem farmácias procurando farmacêuticos" e aqui é muito difícil. Eu quero continuar fazendo mestrado e fazendo minha especialização, mas se conseguir o mestrado aqui, é uma escolha para mim, se eu deixo o mestrado, eu vou trabalhar de deixar [inaudível] só trabalhando, ou seja, eu fico em Natal fazendo mestrado e por milagre achar um trabalho.

P.: A sua família manda dinheiro para você? Como é que você está conseguindo passar por esse período sem bolsa?

R.: Eu economizei na época que estava fazendo a graduação porque estava preparado para esse momento, esse momento ia acontecer e quando terminar a bolsa, usar para poder procurar outra coisa que vai dar certo para me manter aqui. Agora estou aí, né? Mas daqui há uns 2-3 meses vai esgotar, espero que daqui há 3 meses vai...

P.: Vai dar certo! E qual é o seu plano para o futuro, Fabrice? Você pretende continuar morando no Brasil? Você quer ir para outro país? Quer voltar para o seu país? Qual é o seu plano para o futuro? Você tem 20 e quantos anos?

R.: Eu tenho 27 anos. Meu maior sonho agora é ajudar a minha família, porque o meu pai já aposentou, minha mãe daqui a dois anos vai aposentar também e a primeira coisa é ajudar minha mãe, meu pai conseguiu viajar, pelo menos sair do país, eu quero ter a possibilidade de fazer a minha mãe viajar para fora do país, pelo menos na vida dela, porque ela nunca teve oportunidade, porque na família dela, ela não é tão considerada assim, porque minhas tias e meus tios de lado materno, estudaram bastante, sabe? Você estudou, mas sua irmã não estudou bastante e você quer pisar nela, eles são assim, é o que está acontecendo com ela, mas eu quero fazer ela crescer, mostrar que ela também está viajando, ela também pode fazer algumas coisas. Eu fazendo mestrado, agora eu quero ser professor, porque no meu país ainda, os professores vão se aposentar, com certeza, a maioria são pessoas de 60-70 já e temos que renovar também a educação, o ensino no país, porque essas pessoas trouxeram um ensino da época de não sei quando, hoje tudo mudou, tem novos artigos saindo todos os dias, nós somos a nova geração, nós temos o papel de adquirir conhecimentos com base nesses artigos e trazer coisa nova ao ensino, porque tudo muda do lado da saúde. Eu não sonho somente em ser professor no meu país não, ter uma oportunidade também de ser professor aqui, porque lá no meu país você não precisar estar lá para dar aula, o professor dá a sua aula em 1-2 semanas e é o que eu quero fazer, ir lá, visitar a família, aproveitar as duas semanas, dar aula e voltar para o Brasil, é isso... Ter um laboratório também, um laboratório de análises clínicas, faz uma diferença.

P.: Mas você quer ficar aqui no Brasil ou você quer ir para lá?

R.: Eu não sei ainda, essa pergunta sempre me faz um negócio assim, não sei...Porque se fosse uma pessoa que teve satisfação no Brasil, iria responder logo essa pergunta, "não, eu vou voltar", eu não consigo falar isso, porque o Brasil me fez eu realizar coisas aqui, então eu estou me vendo, por que não comprar um apartamento aqui ou um terreno e de vez em quando ficar aqui, por conta do meu trabalho aqui e às vezes voltar para o Benin para visitar a minha família? Eu estou vivendo a pessoa que viaja "Benin-Brasil", entendeu? É desse jeito que me vejo no futuro, porque o Brasil já entrou na minha vida, entrou na minha história acadêmica e é isso, mesmo se eu tiver outro plano de ir para outro país e fazer doutorado, eu vou voltar para o Brasil, porque tudo começou aqui.

P.: Então você ainda vê o Brasil no seu futuro, né?

R.: É, exatamente. Brasil...Vai dar certo.

ANEXO M - Transcrição da entrevista realizada com Idriss Ademi

P.: Idriss, eu gostaria que você me contasse um pouco sobre você. Quantos anos você tem? Qual é a sua trajetória no seu país? Em que momento da sua vida você decide vir para o Brasil?

R.: Eu sou Idriss Ademi, eu tenho 37 anos, minha trajetória no meu país é basicamente acadêmica, acho que a pergunta é trajetória acadêmica, não sei se é outra coisa...

P.: Não, eu preciso saber também um pouco sobre qual é o seu contexto familiar. Por exemplo, mais para frente eu vou perguntar se você conhecia algum familiar que veio para o Brasil ou como é que você descobriu sobre o Brasil, mas pode seguir o que você fazia lá... Você era estudante, você vem de uma família de trabalhadores do comércio? Trabalhadores rurais? Qual é o seu contexto familiar?

R.: Tá, contexto familiar, assim...Meu pai teve vários trabalhos, mas eu tenho um contexto familiar um pouco peculiar porque eles se separaram já eu muito criança e... Um pouco conflituoso, então eu acabei crescendo mais com os meus avós maternos, mas eu fazia ida e vinda, ou seja, por exemplo, os períodos de férias eu ia na casa da minha avó paterna, então eu vivi um pouco entre essas duas situações e por ter crescido com os meus avós que de certa forma, tinha um certo apego também para a questão da preservação cultural, da nossa história, então acho que cresci muito aprendendo um pouco sobre a minha história mesmo, história do meu povo, minha etnia, essas coisas... Assim, cresci bastante entre mergulho nas tradições e uma vivência também na realidade...Eu nasci em Ouagadougou que é a maior cidade do meu país, que é a capital também do país, então a criação dos meus avós, eu acho que consegui viver bastante esses dois aspectos. Meu avô materno, especificamente, ele tinha um certo nível de conhecimento da cultura ocidental, vou falar assim, não vou falar de educação, porque o pessoal muitas vezes reduz a educação a você aprender a língua do colonizador e isso não é bem verdade, ele chegou a trabalhar com um dos presidentes do país e depois quando esse presidente sofreu um golpe, infelizmente a vida dele meio que mudou de situação, então ele era uma pessoa rica, mas também com uma cultura internacional muito grande e isso me ajudou também a ter uma abertura desde criancinha sobre várias culturas do mundo, seja cultura do mundo árabe, por exemplo, eu gostava de música árabe, seja francesa bem antiga

também e também das línguas, das culturas africanas, ele era alguém que falava muitas línguas africanas e tinha viajado por vários lugares, ele era militar. Então aprendi muito com meu avô paterno sobre história, cultura, internacionalismo, vamos dizer assim e minha avó paterna era mais preocupada com a preservação da minha história, com minha etnia, [inaudível] de meu pai, que inclusive aqui no Brasil pessoas muitas vezes chamam de "mandinga", "mandinga" é o nome de uma etnia, então ela era "griot", que "griot" basicamente, tradicionalmente, os historiadores tradicionais... Bom, pessoas fazem muitas confusões, ela era uma "griot", vamos dizer mais tradicional mesmo, mais historiadora, porque muitas vezes as pessoas acham que o "griot" é....

P.: "Griot" é uma contadora de história?

R.: É, eu chamo de historiadora, porque tem [inaudível] daquele que conta a história em público precisa da autorização daquele que preserva [inaudível] é um pouco sutil, porque na chegada dos colonizadores, os primeiros personagens cuja imagem foi destruída foram os "griots", então é meio que uma questão nativamente importante para mim esclarecer, ela era mais historiadora mesmo do que uma contadora de história, uma contadora de história é meio superficial [inaudível] preservam a história mesmo dos povos, então ela fez questão de algumas questões tradicionais, culturais, eu tinha que conhecer, então isso é mais ou menos a minha criação. Claro que o contato com os meus pais sempre continuou, mas eu acho que na parte da criação foi mais com os meus avós mesmo. Minha parte educacional, bom, o meu país tem um sistema duplo de escolarização, a gente chamava de "sistema francês" e o "muçulmano", o "árabe-muçulmano", eu não gosto do termo "árabe-muçulmano" porque não é correto, são os franceses que cunharam porque era o sistema de escolarização que existia bem antes da chegada da colonização francesa, só que os franceses não vão querer esse sistema, então vão tentar destruir ele com o sistema francês. Eu acabei estudando no sistema francês a minha vida toda, a minha vida escolar, depois mais tarde eu fui fazer o sistema que eles chamam de árabe, aulas de noite, paralelamente, mas isso bem mais tarde. Então, oficialmente o que era conhecido como "diploma do sistema francês"... Isso traz até uma confusão em relação à Burkina Faso porque quando você vê os relatórios do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, PNUD, não sei como se chama em português, coloca

a taxa de escolarização em 30 e pouco por cento, não é bem verdade isso, essa geralmente é a taxa de escolarização do sistema francês, já tinha o sistema de escolarização que usava a língua árabe, que inclusive até pouco tempo atrás tinha mais alunos escolarizados nesse sistema do que no sistema francês, hoje a tendência mudou, só que quem é escolarizado no sistema francês, muitas vezes não é considerado escolarizado alfabetizado, são os efeitos da colonização. Mas eu acabei crescendo no sistema francês e tive um curso educacional normal, nada de espetacular, também nada de ruim...Fui fazer universidade, foi através da faculdade que eu conheci o...Assim, conhecer o Brasil não, porque a gente estuda também o Brasil na escola, tanto parte da história seja primário, seja no colégio, se estuda o Brasil, não só o Brasil, o continente América, América do Sul, então a gente tem isso mesmo que não seja de forma não tão profunda. Depois, já no colégio também, o militantismo sindical, assim, não foi o responsável, mas sempre me interessei pelas lutas dos estudantes, já no colégio, também me levou a conhecer um pouquinho mais dessas histórias, por exemplo conhecer os movimentos políticos, como a teoria da libertação, são temas que me interessavam já no colégio mesmo, bem novinho...Dom Hélder Câmara, por exemplo, são personagens assim que a gente admirava, claro, alguns personagens políticos importantes do Brasil, o que é mais famoso, né? Mas isso foi mais fora do meio escolar, isso foi mais interesse no meio sindicalista de, não é tão sindicalista, apesar de [inaudível] do colégio, não sei se é tão fundamental, tão profundo assim. Outro aspecto é que eu sempre gostei de ler muito, então sempre teve entorno de mim, seja alguns amigos e irmãos mais velhos, a gente chama "irmãos mais velhos"...Quando o africano fala isso é esquisito porque lá no bairro todos os caras que são mais velhos, são os seus irmãos mais velhos, então sempre teve gente, sempre me indicando livro, me dando textos para ler, me lembro já no primário já estava lendo livros que estavam no programa escolar só no segunda grau, isso foi uma vantagem pra mim porque são pessoas com que eu conseguia debater, discutir coisas...Gostava, assim, citar um exemplo, do que o famoso [inaudível] Paul Sartre, eu li ele no primário, sabe? Era bem...Eu gostava de ler também porque meus avós não tinham muita condição, então quando a gente ganhava um livro, era tipo uma festa, pelo menos no meu caso, ficava a noite lendo, na época usava aquelas lâmpadas... Que a gente chama de "lamptan plant", aquelas lâmpadas normais que as pessoas pegam assim, pegava e ficava na frente de cano...

P.: Aquelas lâmpadas que queimam, né? Lâmpada incandescente, aquela lâmpada antiga, que esquentava.

R.: Não, não é elétrica não. É aquela lâmpada que a gente colocava querosene e acendia.

P.: Ah, tipo candelária?

R.: É, tipo... Às vezes ficava tão feliz que ficava lendo a noite toda, então isso também me deu uma abertura cultural muito grande também. Então teve os meus avós, as leituras, as conversas que eu tinha, por exemplo tinha um no meu bairro que estudava filosofia, gostava de debater comigo, isso tem uma questão religiosa também envolvida porque o meu país, a maioria da população é muçulmana e desde criança, como eu andava muito com o meu avô e meu avô era muito... Assim, bastante religioso, digamos assim, se a gente olhar dentro do contexto da África, as pessoas diriam que ele era bastante religioso, mas ele era uma personagem normal, na verdade. Então alguns dos colegas lá, os pais falavam: "ah, vai rezar, vai para a mesquita", é que nem aqui falar: "ah, vai para a igreja", me usando como exemplo, então, muitos deles também faziam tudo para eu não ir, para que eles não...

P.: A sua família é muçulmana? Você é muçulmano?

R.: Sim, a minha família é muçulmana, mas tem que tomar cuidado, porque no meu país especificamente, a gente é bastante misturado, por exemplo, do lado do meu pai e da minha mãe, a maioria da família é muçulmana e realmente a maioria do país é muçulmana, mas por exemplo, a minha irmã mais velha, do lado do pai, ela é católica, porque a mãe dela era católica e ela meio que seguiu a educação da mãe dela, então a gente é bastante misturado dentro das nossas famílias, apesar de realmente, de forma clara, majoritariamente, a minha família é muçulmana, os meus avós, os dois...

P.: E tem alguma corrente dentro da religião islâmica? Alauíta? Sunita? Xiita? Alguma corrente específica ou não? É misturada também?

R.: Na verdade, essas divisões, assim, é uma visão que eu acho bastante ocidentalizada, vou assim dizer o termo, mesmo que tenhamos muçulmanos que usam, mas mesmo os muçulmanos que pensam com uma cabeça dentro de uma

lógica ocidentalizada, porque essas questões de sunitas, na verdade é uma questão de ciências islâmicas, então quando você fala de sunitas, são escolas de pensamentos, dentro do que a gente chama de uma ciência chamada 'Aqueda' (?) que a ciência que trata das questões de convicções, Burkina Faso, se a gente seguir essa lógica, vamos dizer que é sunita, mas não é bem uma corrente, mas se a gente for falar de corrente, eu diria que meus avós, com quem eu cresci, eles eram muçulmanos tradicionais, não tradicional...Cuidado com esse termo porque esse negócio de tradicionalismo hoje em dia [inaudível], mas esse outro tradicionalismo é dentro de um olhar europeu, de um conservatismo europeu, existe essa tendência dentro dos movimentos muçulmanos, que a gente chama de muçulmanos tradicionais, na África, pelo menos no meu país, aqueles que eram muçulmanos normalmente antes da vinda do colonizador, ou seja, depois da vinda do colonizador, vai aparecer novas correntes, como por exemplo o "Wahabismo", que vem da Arábia Saudita, que não tinha acesso nenhum lá e que vai vir depois dos anos 70, depois da era da colonização, mas o que era do muçulmano tradicional, da convivência tradicional e a harmonia, inclusive, com as religiões tradicionais africanas e também, bom, antes mesmo, para o caso específico de Burkina, antes do cristianismo, a gente chamava de muçulmanos tradicionais, [inaudível] é uma corrente tradicional no sentido que o que existia antes da vinda do colonizador e não dentro de tradição ocidental, talvez meus avós, vou dizer que eles eram mais ou menos isso, alguns dizem muçulmanos normais, mas dentro do olhar simplificado que os ocidentais colocam, eles vão dizer que eles eram sunitas, essas coisas, mas era uma [inaudível] eles praticavam o islã dentro da escola de jurisprudência, eles eram maniqueístas, que é uma ciência, uma jurisprudência, é tipo direito, que não tinha nada a ver com sharia, inclusive pessoas confundem, quando a pessoa está falando de "sharia", na verdade eles estão falando de direito, estão falando de [inaudível], "sharia" não quer dizer direito, "sharia" é só um conceito espiritual, então eu sou mais dessa corrente e aprendi mais o islã nesse sentido, claro que como todo jovem eu também fui influenciado pelos outros, pelo wahabismo, pelos movimentos modernos e tudo, mas no final acabei aprendendo muito mais o islã no formato tradicional.

P.: E você estudou o que na universidade, Idriss?...

R:....[continuação da resposta anterior] Então, em termos de família mesmo, no meu país geralmente tem essa mistura, é importante colocar essa mistura, convivo bastante com a minha irmã mais velha, a família dela é tudo, então...Hoje inclusive, talvez daqui a pouco vou ligar até para o esposo dela que é católico também, a gente convive, então...É importante para mim ressaltar isso porque tem muitas mentiras, inclusive recentemente aqui no Brasil, por interesses de algumas correntes religiosas, inventaram histórias, eu já vi aqui um texto que cita a Burkina Faso, falando que estão perseguindo cristãos, essas coisas...Assim, se alguém pudesse falar de perseguição em Burkina, seriam os muçulmanos que foram perseguidos, porque por muito tempo, inclusive o sistema de educação que usava a língua árabe não era reconhecido porque era muçulmano, meu bisavô foi exilado porque o pai dele, o meu tataravô, na época da colonização francesa, resistiu contra o colonizador, ele era um dos maiores sábios muçulmanos da região dele e eles foram exilados, tanto que durante as férias, a gente ia para o vilarejo, só que eu não ia para o meu vilarejo de verdade, eu ia para o sul do país que era de outra etnia, porque houve uma resistência, muitas vezes de alguns líderes muçulmanos contra a colonização francesa, então houve uma marginalização, por isso também acho que essa briga dos meus avós de preservar a minha história, de que eu conheça a minha história, tanto do lado da mãe, quanto do lado do pai. Agora na universidade, como você estava perguntando, eu estudei física, eu me formei em física, no último ano... Acho que isso vai se relacionar um pouco com a minha vinda ao Brasil, tinha uma especialização que a gente fazia junto com o final da graduação, então por exemplo, o último ano da graduação, [inaudível] em um ano, a gente meio que começava um programa de dois anos para a gente fazer em um ano e três meses mais ou menos, então era uma seleção e quem passava... Fazia isso com a gente era física... A gente chamava de física aplicada e energia e tecnologia, basicamente se eu for comparar, era tipo esses [inaudível] física, no finalzinho, você faz uma especialização, termina o último ano de física e faz especialização orientada para engenharia mecânica, era mais ou menos a ideia, era uma coisa meio "sanduíche" que foi feito, porque a universidade na época não tinha permitido a abertura de uma faculdade de engenharia, então, o professor que era responsável dessa parte meio que fez, então colocou boa parte do que faltava de disciplina de engenharia mecânica e associou com o último ano de física porque só tinha a graduação de física, então a gente tinha que fazer a disciplina da graduação e

completava com engenharia mecânica, eu chamo de "Física Aplicada e Energia e Tecnologia", essa foi a minha formação acadêmica. E foi mais ou menos nisso que acabou aparecendo na minha vida o Brasil, porque nesse ano no final... Quase no ano que a gente estava... Durante esse período então, que veio...

P.: Que ano que você precisava fazer a sua especialização?

R.: Foi de 2007 à 2008. Até final de 2008. É uma pós-graduação, eu falei que era uma especialização mas ainda faz parte da graduação.

P.: E você fez isso lá mesmo em Burkina?

R.: Sim.

P.: E como foi? Depois você continuou estudando, decidiu seguir uma vida acadêmica...

R.: Não foi, daí eu vim para o Brasil...

P.: Você veio para o Brasil já em 2008?

R.: Não, foi em 2009.

P.: Você veio para o Brasil em 2009?

R.: Sim, mas foi durante... Então, o que aconteceu foi que nesse período teve a visita do Presidente Lula no meu país e foi a primeira visita de um presidente brasileiro no meu país, houve algumas histórias, assim, não sei se são polêmicas, histórias interessantes durante essa viagem, mas isso não é a parte mais importante aqui... O mais importante é que ele viajou, acho que ele fez um tour por alguns países africanos e trazia também tanto empresários, quanto pesquisadores. Então durante essa pesquisa ele trouxe alguns pesquisadores, entre eles, professores da UFRJ e outros e teve um acordo de cooperação e não foi para frente, como você bem disse, Burkina Faso é... Os países da região tem costume de imigração muito forte, muitos países da região, mas meu país, aparentemente, está meio atrás dos outros, se comparar com países como o Senegal, Mali, até Benin, Togo, a gente não faz parte da PEC-G, por exemplo, da PEC do programa de... PEC-G, PEC-PG, Burkina não faz parte, enquanto os países vizinhos fazem parte, por exemplo, o meu não faz parte desse cooperação,

dele faz parte outros países da África Ocidental, mas Burkina não faz parte, então não tem muito essa... Tinha esse programa que faz...Aconteceu com um professor que foi responsável lá do Brasil e o professor que foi responsável lá de Burkina, se conheciam, chegaram a estudar juntos nos EUA e por uma coincidência tinha que ser selecionado acho que os...No início, eram os dois melhores notas, digamos assim... Se era... Se a gente comparar aqui...Só que a gente na verdade é por ano, não é por ano acadêmico, você é primeiro ano, você passa, se você é segundo ano, você passa, mais ou menos isso, por isso eu falei o último ano, porque no último ano a gente fez um ano, mas na verdade, oficialmente era o último ano da graduação, mas na verdade a gente fez uma formação que valeria por dois anos, que foi uma concentração de programa, por isso que se fazia uma seleção. Então, eu fazia parte dessas duas notas, mas no final estenderam para três, então a gente veio com uma bolsa da CNPq, que é diferente do pessoal que vem geralmente com PEC-G ou PEC-PG, [inaudível], mas o da gente foi da CNPq. E foi assim, o professor que era responsável, chamou a gente e conversou, falou da seleção e tudo, convenceu a gente... Assim, eu no início, para falar a verdade, não tinha nem ideia de sair do meu país, apareceu outras oportunidades, inclusive, antes da do Brasil, mas como eu decidi vir para o Brasil, duas coisas que me atraíram: primeiro o professor, pelo qual não só tinha muito respeito e também... Foi um professor muito importante para nós todos que estudaram com ele, na época também, o presidente que era presidente na época, a gente tudo no colégio era meio que muito contra o governo desse presidente e esse professor era meio rebelde também, então a gente tinha uma certa identificação com ele, assim, ele chamando para conversar, porque ele era responsável, ele era meio que...Não vou dizer que era perseguido, mas assim, não tinha facilidade, tanto que o programa que a gente fez, foi ele que conduzia e não facilitava o trabalho também para ele, a gente ia também uma coisa de reforçar, ele também [inaudível] exaltar ele mais, reforçar o nado dele, digamos assim, tanto que parece que o programa, o meu país que tinha que pagar a passagem e acabaram não pagando, então meio que deixaram jogado na mão para o pessoal.

P.: Como que foi? O programa ia pagar a sua passagem, aí por fim não pagou e aí o seu pai que pagou, é isso?

R.: Não, meu país que deveria pagar.

P.: Ah, o seu país não pagou a passagem?

R.: Não, o Brasil dava a bolsa, pelo que eu entendi e pelo menos o meu país ia me dar a passagem, mas não cuidaram dessa parte, a gente teve que pagar do próprio bolso.

P.: Você falou da visita do Lula em 2008... Essa foi a primeira vez que o Lula foi para Burkina e você se lembra dessa ida dele? Foi noticiada no seu país? O que você ouviu, o que você se lembra especificamente dessa visita?

R.: Agora que eu lembrei, a visita foi no final de 2007, como a gente ainda estava num processo acadêmico na época, no último ano, como eu falei para você, a gente concentrou nele, então a gente acabou fazendo um ano e meio. E isso tem a ver com a história do país, foi noticiado sim, teve umas confusões que provavelmente o Lula ou alguém que estava na comitiva que ouvir a história vai rir, mas teve uma pequena confusão porque ele chegou em outubro de 2007, o presidente do país na época, Blaise Compaoré, ele chegou no poder através de um golpe de Estado, onde foi assassinado um grande líder político e intelectual do país que era Thomas Sankara, que era o presidente de 83 à 87, que era o líder da revolução. Então, basicamente assim, muitos de nós que crescemos... O Blaise Compaoré demorou 27 anos no poder, mas apesar de... Fez tudo para apagar a memória de Thomas Sankara e infelizmente, tanto o bairro que eu cresci, tanto meus pais, cresceram [inaudível] e o bairro também, era mais ou menos um bairro mais "sankarista", a gente fala, então a imagem de Thomas Sankara, o trabalho que ele fez, o impacto que ele teve... Thomas Sankara é um personagem muito importante na história de Burkina, inclusive o nome "Burkina Faso" foi durante o governo dele que foi dado, então, a gente cresceu alimentado pelas ideias dele, querendo ou não, até mesmo vendo os movimentos sindicalistas, para a gente tinha, o movimento, por exemplo, anarquistas num país que não gostava de Thomas Sankara, isso é... Mas mesmo quem militava nesses movimentos, não podia deixar de reconhecer as qualidades do trabalho que esse personagem fez, ele lutava por uma independência real do país, porque nossos países são teoricamente independentes, mas na realidade não existe independência nenhuma, nem financeira, nem econômica... Eu acho até muito menos política, está mudando hoje em dia, mas essa é uma discussão ideológica que pode ser debatida, alguns vão falar que é verdade e que não é verdade, mas estou falando dentro da minha linha que eu sigo,

eu não acho, Thomas Sankara foi um personagem que lutou por uma independência real do país e foi assassinado e coincidentemente o cara que assassinou ele, digamos assim, mais tarde vai se aliar ao imperialismo, que é o Blaise Compaoré, ele acabou sendo considerado durante um tempo como um representante da França na África Ocidental, tanto que quando ele foi derrubado, foi um helicóptero francês que veio tirar ele da presidência para levar ele em Costa do Marfim, então esse Blaise Compaoré, que era o assassino de Thomas Sankara, ele tentava de qualquer jeito, tanto que ele leva a ver o processo do assassinato do Thomas Sankara, [inaudível] eu falei assassino [inaudível] Thomas Sankara, ele foi presidente, isso é um fato, agora, se ele assassinou ou não, ou se ele mandou assassinar ou não, ele está negando, mas para nós, ideologicamente, ele que tomou poder, ele que fez o golpe, então para nós ele que é o assassino, aí a justiça vai esclarecer, daqui a pouco o processo está sendo aberto, mas de fato para nós, ele que aproveitou, tanto que tentaram sujar a imagem de Thomas Sankara de todas as maneiras, mas não conseguiu porque a juventude que cresceu nessa época, cresceu com a memória de Thomas Sankara, então... Aí em outubro de 2007, Blaise Compaoré estava querendo comemorar, se não me engano, os 25 anos de, ele chamou de "Democracia com Blaise Compaoré", os 20 anos, na verdade, "20 anos de democracia com Blaise Compaoré", e a gente estava comemorando os 20 anos do assassinato de Thomas Sankara, só que ele vai aproveitar, porque querendo ou não, nessa época dos anos 2000, Lula era um personagem mundialmente respeitado, qualquer pessoa queria estar do lado de Lula, eu não sei se aqui... É uma coisa meio que me surpreende um pouco aqui no Brasil, quando eu cheguei aqui no Brasil, nesse quesito, mas Lula internacionalmente, não estou falando só da África não, a gente que tem muita influência da França, tudo o que é informação na França... Até na França, me lembro da visita de Lula na França, foi um fenômeno...Então qualquer pessoa internacionalmente queria estar ao lado do Lula, era tipo a referência de democracia, a referência de desenvolvimento, era o cara que estava conseguindo implementar os objetos do milênio no mundo... E olha que falando de personagem político do Brasil, o Lula é o personagem que eu mais aprecio, mas era uma realidade... Então, o Blaise Compaoré vai aproveitar desta imagem do Lula, para tentar se dar uma imagem de democrata, porque quando o Lula estava fazendo a visita dele na África, ele fez questão de... Eu não sei se foi Burkina que propôs isso, mas de programar a visita do Lula durante o... Porque foi tudo num

período, acho que mais de uma semana de comemoração da "Democracia com Blaise Compaoré", que na verdade para nós era "Ditadura com Blaise Compaoré", então Lula vai vir durante essa semana, durante esse período, tanto que organizaram um [inaudível] colóquio e não foi só o Lula, vários presidentes foram convidados, enquanto esse presidente está fazendo essa comemoração dele de limpar a imagem internacional dele, porque ele conseguiu com o tempo e eu vou dizer, para nós, mais diretamente com a França, se dar uma imagem de um cara que é negociador da paz, tanto que foi na ONU fazer discurso sobre como negociar a paz porque ele tinha muitos conflitos que ele era negociador, mas na verdade, muitos desses conflitos, ele participava atizando fogo também, trabalhou com muitos bandidos na África Ocidental, gente que era conhecida como traficante e outros... Hoje as pessoas chamam eles de "terroristas", mas eram traficantes desconhecidos, seja de ouro, de diamantes, de armas... Era conhecido, inclusive, o subúrbio de meu bairro, alguns desses personagens moraram nesses lugares, então a gente sabia o que era isso, mas internacionalmente conseguiu-se vender a imagem da paz porque tipo, raptaram o algum europeu, aí ele conseguiu negociar para liberar a pessoa, mas claro, porque ele tinha contatos, trabalhava com essas pessoas. Então ele tentou vender essa imagem, acho que foi isso talvez que não sei se conseguiu convencer a delegação brasileira, de como maneira ele conseguiu enganar a delegação brasileira para participar desse colóquio, que ele estava vendendo lá em Burkina como "20 anos de democracia", mas a gente que não concordava fazia manifestação na rua para comemorar os 20 anos do assassinato de Thomas Sankara e a mulher de Thomas Sankara inclusive, veio em Burkina, porque ela é exilada na França, se eu não me engano, então era um evento muito grande para nós, inclusive a gente teve muito mais mobilização porque assim... Estava do lado do governo, só que ele fazia tudo para esconder essa parte, eu não sei se é verdade ou não, isso é um mito que ficou, parece que a delegação brasileira teve um pequeno desentendimento diplomático, não sei o que aconteceu, o Lula teve que encurtar a viagem, o que aconteceu, o que foi que... Lula não ficou até o final do evento e estava voltando para o aeroporto e parece que os carros da delegação brasileira passaram num momento que a gente estava até na rua, pessoas estavam na rua também e o pessoal viu, meio que achou que o Lula saiu porque descobriu a mentira de Blaise Compaoré, mas acho que é mais um mito, mas aconteceu alguma coisa, as pessoas aplaudindo, eu me lembro ainda desse, assim,

aumentou a imagem do Lula no [inaudível] todo, provavelmente não foi isso que aconteceu, mas foi uma coincidência que fez com que a delegação brasileira teve que sair mais cedo e talvez descobriram... Mas eu acho que não, acho que foi mais uma coincidência, mas aconteceu que a gente também estava na rua manifestando contra o cara e aconteceu da delegação dele estar passando e o pessoal falou: "É, o Lula descobriu, recusou ficar nessa mascarada", mas é muito mais de propaganda...

P.: E você lembra dessa delegação? Era bastante gente? Você falou que o professor que é amigo do seu professor estava nessa delegação junto com o Lula?

R.: Sim, isso foi uma coincidência, ele também não sabia, acho que foi lá em Burkina que descobriram. Mas tinha desde professores e pesquisadores brasileiros da UFRJ, da COP e de outras instituições, mas realmente não lembro quem continha na delegação, mas ele veio com ministros, empresários brasileiros, era uma organização bastante grande, porque foi um tour que o Lula fez por vários países da África, não foi só em Burkina.

P.: E aí eles foram até a sua universidade? Como é que foi esse contato? O seu professor se apresentou para eles...

R.: Não, eles não foram até a minha universidade, acho que foi mais uma discussão num nível ministerial, mas não foi até a universidade. Porque a universidade é um antro que ia contra o governo, então era arriscado para o presidente levar alguém, imagina levar o Lula para a universidade de Burkina Faso para discursar? Meu Deus, aí que a gente ia aproveitar disso para uma propaganda anti governo extraordinária, em toda a história do governo de Blaise Compaoré, teve só um presidente que foi até a universidade, que foi o Kadafi e isso foi porque Kadafi insistiu, Kadafi quando quer, ninguém pode recusar, tanto que o presidente de Burkina não foi junto com o Kadafi, Kadafi foi sozinho, mas o Lula não, acho que o Lula nunca ia deixar, acho até difícil o Lula querer vir ao aniversário, porque essa é uma propaganda assim, ia dar de bandeja para gente, para o pessoal que ia contra o governo, então nunca que ele ia na universidade, ficou mais na parte de cooperação mesmo, diplomática mesmo, acho que foi aí que começou a se discutir questão de abrir embaixada, foi a partir daí que se abriu a primeira embaixada do Brasil no meu país e do meu país no Brasil também.

Tem pouco burkinense aqui, até hoje acho que a imigração de burkinenses para o Brasil é bem pouco.

P.: É bem baixa. Apesar de que aumentou muito a partir desse período, sabe? É bem baixa, mas proporcionalmente aumentou bastante. Ou isso é meio que um reflexo das relações mesmo entre os governos, né? Então essa aproximação resultou na vinda de mais pessoas para cá. E como é que foi, Idriss? Você fez contato com esse professor, você tinha as melhores notas e aí decidiu aplicar para vir para o Brasil?

R.: É, eu nem apliquei. A gente foi selecionado e colocou os nomes...Bom, sim, "melhores notas", porque tinha que se escrever, essas coisas todas. A gente foi selecionado, a pessoa chamou a gente, conversou, pediu a documentação, a gente tinha que preencher algumas coisas na internet, a gente não entendia português na época, a gente pegava o Google Tradutor que era bem no início e preencheu a documentação para a UFRJ, aí a gente foi aceito e veio.

P.: E para você entrar no Brasil eles pediram visto? Porque você falou que Burkina não faz parte do PEC-PG, PEC-G, como é que foi a sua entrada legal no Brasil? Foi difícil?

R.: Foi por visto.

P.: A universidade daqui do Brasil ajudou?

R.: É, a universidade ajudou com a documentação, porque precisava da documentação dizendo que a gente tinha bolsa, essas coisas, aí a gente foi aplicar. Só que na época, como a embaixada do Brasil em Burkina estava sendo aberta... Me lembro que a embaixada fica num hotel ainda...Então o embaixador fez um documento para nós levarmos para a embaixada lá em Gana e a gente pegou visto pela embaixada de Gana.

P.: Na verdade, assim, você decidiu vir para o Brasil por quê? Tudo bem, teve esse contato com os professores, mas você poderia ter ido, sei lá, para os EUA, para Londres, para França...

R.: É, ia falar dessa parte sim. Tinham essas opções também, mas primeiro eu não pretendia sair do meu país, eu tinha um lógica meio natural assim, fui na escola, fui

na faculdade, trabalhei... Tanto que apareceu uma oportunidade de ir para outros países de língua francesa, principalmente porque minha monografia do final da graduação, chama "graduação especializada", vou chamar assim, eu fiz com uma cooperação, com a Bélgica inclusive, mas eu não me interessei, teve um que apareceu de Kuwait também e teve uns que apareceram para a França mesmo e eu não queria mesmo. No Brasil foi tanto o convencimento do professor, mas uma coisa também que me destacou na época, primeiro... Lembra que eu falei que no colégio, a gente estava estudando os movimentos da América Latina, Teoria da Libertação, essas coisas? Eu, assim, sou muçulmano também e associo um pouco com coisas relacionadas ao [inaudível], então personagens como Dom Hélder Câmara, são pessoas que marcaram... Tem uma relação afetiva desde o colégio, então tem esse lado. Segundo lado também é que a gente tinha um imaginário sobre o Brasil que eu queria realmente desvendar, por quê? Porque eu gostava muito de pesquisar na escola, só que a gente tem um imaginário de achar que o Brasil é uma coisa que na verdade ela não é, e realmente [inaudível], eu me lembro que meio que por rebeldia, na Copa de 98, Copa do Mundo de 98, assim, eu torci pelo time da França, só por causa do time, eu não gostava do Zidane, que nem pessoas acham, mas gostava do time... Eu não podia comemorar os gols, por exemplo, porque se a gente assistia com a nossa grande família, aí a casa do irmão mais velho do meu avô, que é grande, que "toda a família" se reúne, então eu era o único que estava torcendo para a França e eu não podia nem comemorar, era todo mundo anti-França, né? Aí fazia os gols e eu tinha que ficar quietinho senão ia apanhar, sabe por que isso? Esse imaginário de que o Brasil são os nossos irmãos que estão na América Latina, então, tipo, eu não concordava com isso porque já via nas novelas, o que aparecia na TV, eu não assisto muito, mas teve uma novela brasileira que foi famosa lá, que é Mulheres de Areia, foi muito famosa, então você já via as personagens como que eram, era uma sociedade branca, que eram as mesmas que a gente lia na história do Brasil, só que muitos lá, mesmo vendo a novela, assim, com esse recorte, desculpe o termo, racial, clarividente, essas ainda continuavam pensando que somos irmãos, eu contestava essas ideias, então queria ir em sites para ver realmente se eu estava enganado, se era a realidade mesmo. E outro aspecto interessante, é que eu falava assim: "qual a graça de ir num país que fala francês se eu já falo francês?", então aqui, vindo no Brasil, eu já ia aprender português, essa era uma bobagem minha, era uma

idealização, porque a gente aprende na escola que o Brasil tinha 260 línguas, então para mim, eu ia aprender o português e mais outras línguas, tive que descobrir que essas línguas praticamente não se falam, talvez tinha que ir para a Amazônia, com os povos originários para aprender, mas eu não ia imaginar nunca, porque a gente na África... Não vou falar na África, vou falar de Burkina, mas isso é comum na África, da gente ser poliglota, de falar várias línguas, tanto que o colonizador chega, vê que a gente fala várias línguas e chamam as nossas línguas de dialetos, o que é uma mentira, ele na verdade não quer reconhecer a sua falta de inteligência, porque você invade uma terra e encontra povos mais inteligentes do que você, você tem que inventar alguma coisa para diminuir eles, mas a gente tem esse costume de naturalmente a gente aprender mais línguas, aí eu falava: "ah, vou aprender o português e mais outras mais línguas ainda, que coisa mais interessante" e na época um pesquisador que eu conhecia estava trabalhando sobre as populações originárias do Brasil e estava descobrindo ligações com algumas etnias de Burkina, tanto de práticas religiosas e até correspondências linguísticas, então assim, aumentou ainda mais a minha curiosidade e claro, não vou mentir também, tinha também essa ligação de ter um crescimento, vamos dizer assim, de movimento de esquerda, considerado de esquerda na América Latina, então eu tinha essa curiosidade de vivenciar isso de perto, você tinha Hugo Chávez na Venezuela, que inclusive, um dos conselheiros dele era um político burkinense, que a gente apreciava muito, que o pessoal chamada ele de "rouxinim burkinense", ele era conselheiro de Chávez e na época a gente ia às manifestações contra o governo de Blaise Compaoré, então é um conjunto de momentos, com o crescimento também do Lula e o sucesso internacional que estava tendo, então, isso tudo ajudou, porque realmente o Brasil não era visto como um país aonde a gente imigraria para fazer a vida e essas coisas, tanto que quando eu estava vindo, quando eu falava que eu ia para o Brasil, as pessoas falavam: "por que você não escolheu um país melhor?", então era por isso mesmo que eu queria conhecer. E teve um outro aspecto, um quarto ponto importante que eu tenho que destacar, é que o Brasil era um dos países que mais começava a investir em pesquisa, em ensino e pesquisa, hoje eu acho que o Brasil nessa parte de você querer estudar é atrelativamente mais fácil com vários países da África e até da Europa naquela época, em termos de um jovem que quer seguir carreira na pesquisa ou na pós-graduação, o Brasil era mais interessante até do que a Europa, por exemplo, na época era época

na França do Sarkozy, por exemplo, que foi quando o racismo mostrou a sua cara, claramente dentro de um governo, e também sendo muçulmano, um crescimento absoluto da islamofobia na França, tinha até reflexos no meu país, uma perseguição clara com as populações muçulmanas, mesmo que hoje as pessoas tentem justificar com cinquenta mil razões, era evidente claramente. Então não tinha interesse cultural na cultura francesa, fui obrigado a estudar isso a minha vida toda na escola, aí eu vou lá viver a minha vida dentro de um governo ainda racista e islamofóbico, então assim, eu não tinha interesse de aprender ainda mais coisas tanto na França, na Bélgica, porque [inaudível], esses países não tinham nenhum interesse, enquanto o Brasil tinha todo esse interesse, além de investimento em pesquisa e a França na época, estava reduzindo o investimento em pesquisa, a famosa crise já estava começando, a crise econômica já estava começando, a crise mais financeira do que econômica, mas bom, já estava atingindo vários países da Europa, então já estavam retirando o investimento em pesquisa, enquanto no Brasil, era ao contrário, então assim, o Brasil estava na ascensão, o Brasil estava meio que saindo de uma situação que parecia com os países africanos para subir para uma situação que parecia com os países ocidentais, então era interessante para mim como jovem para estudar, inclusive um dos argumentos que o professor usou para nós era isso. Então tem esses aspectos: tem a questão da ligação ideológica, digamos assim, a questão histórica, de querer saber realmente aquele ideal da sociedade brasileira, essa ligação histórica, a questão do investimento em pesquisa e claro, a ligação com o professor responsável da parte de Burkina que eu conhecia, então tudo isso serviu para me incentivar mais a vir aqui.

P.: Você está fazendo doutorado agora? Doutorado em física mesmo na UERJ ou na UFRJ?

R.: Na UERJ, eu comecei na UFRJ e não consegui terminar o mestrado lá, saí do Brasil, mas eu não desisti, eu voltei e falei: "eu não vou voltar sem", voltei, fiz uma especialização em mecatrônica, depois fiz um mestrado em metrologia e voltei a fazer o doutorado agora em física, depois que eu voltei, eu também fiz outras formações, fiz curso técnico, fiz outras especializações, mas o foco é o meu doutorado, é o meu objetivo. Agora outro ponto que me incentivou, que não tem a ver com conflito, nem nada parecido, mas teria a ver com a religião, de certa maneira, não é que [inaudível], é que como eu falei, no meu país, a gente tem o sistema francês, o problema é que

no meio francês, no meio das escolas francesas, o islã é meio que minoria, minoria era tratada como minoria, até com uma certa perseguição, mesmo que seja velada, mas sempre houve isso, porque na entrada do francês, em vários lugares da África Ocidental, principalmente Burkina, muitas vezes a gente enfrentou resistência de lideranças muçulmanas, a colonização francesa fez questão também de diminuir ao máximo a força, a expressão, por isso as escolas muçulmanas que usava língua árabe, nem foram reconhecidas, eles fazem todas as disciplinas também, mas os diplomas deles não são reconhecidos, então só o diploma francês é reconhecido e no meio francês, inclusive na época dos nossos pais, por exemplo, tinha uma certa pressão para incentivar a pessoa a ser católica... Tanto que tinha essa ideia de que você colocava o seu filho na escola muçulmana e ele saía cristão, essas coisas. Então vai haver também movimento, por isso eu falo muito de Thomas Sankara, porque ele foi importante também para essa mudança, porque muito tempo as escolas indiretamente eram controladas pela igreja, apesar de serem do Estado, eram indiretamente controladas pela igreja, a minha mãe fez catequese na escola, eu mesmo quando era criança, não era oficial da escola, mas tinha catequese na nossa escola e era a escola do governo, teoricamente, laica. Thomas Sankara... Bom, teve um presidente que tentou acabar com isso, ele sofreu golpe, foi o único presidente muçulmano do país, na história de Burkina Faso teve só um presidente muçulmano, com uma população de mais ou menos 60% muçulmana, só para entender... Então no meio francês, a prática do islã era meio que minoritária ou marginalizada involuntariamente, houve um movimento, uma associação inclusive, tanto que os caras que começaram esse movimento, foi excluído da escola, foi expulso... Então teve uma associação que foi criada "Associação dos Estudantes Muçulmanos de Burkina" que ao decorrer da minha vida, eu vou acabar sendo "militante" dessa associação, a gente dava aula inclusive... Assim, minha formação, o certificado de ensino em ciências islâmicas foi através de uma escola de formação que essa associação criou, então eu fui militante dessa associação e era raro jovens muçulmanos que são militantes dessa associação chegarem ao nível de doutorado, não era comum, porque na época que eu estava terminando e principalmente em ser selecionado por uma questão de ter uma nota boa, era bom por quê? Porque muitos pais não gostavam que os filhos deles militassem, considerava que isso atrapalhava a vida escolar dele, então eu acabei servindo também de exemplo e isso também me

incentivou de certa forma, de servir de exemplo para o outro, porque dá para ser militante sim da associação, trabalhar, ser muçulmano, praticando de forma coerente e isso é... E não ser ruim também na escola. Então, a minha vinda também meio que incentivou outros também a querer seguir a carreira também de doutorado e pós-doutorado, tanto que muitos até hoje são doutores, depois de mim, eu meio que servi de exemplo naquela época e isso também foi um incentivo... Esse ponto eu não queria tocar muito, mas um aspecto também que acabou se inspirando.

P.: Muito legal. E alguém veio para o Brasil? Do seu círculo, não só familiares, mas do seu círculo de amigos, alguém veio para o Brasil depois de você? Que você tenha conhecimento...

R.: Nós viemos a três, nós três, os dois já voltaram para Burkina, são professores da área, inclusive, eu também estou tentando, talvez eu consiga entrar na universidade que eles estão ensinando, não sei ainda como as coisas vão ficar. Mas eles já são professores lá, eu vim com esses dois, depois de nós, veio só mais uma pessoa, lembra que eu falei que era um programa que era para ser continuado a nossa vinda? Mas infelizmente não continuou, mas veio mais um estudante burkinense que também fez a mesma formação que a gente, depois parou, acho que não seguiu em frente. Aí a relação Brasil-Burkina-África, já era menos intensa que nem durante os governos Lula, porque no governo Dilma, acho que reduziu um pouco essa relação também, então acabou não indo muito a frente e esse professor que eu falei, lá em Burkina, também acabou tendo mais dificuldade até... Eu vou falar políticas, as começou coisas diretas, coisas acontecem de forma sutil, tem que entender um pouco a sutileza, então ele também não tinha mais aquela facilidade de ter essa expressão, de enviar estudantes, essas coisas, então a coisa acabou parando, ele não tinha incentivo, tipo, vontade do governo de ir em frente com isso também, meio que parou e veio só esse estudante que eu conheci. Agora, eu conheci outros burkinenses aqui, mas também estudantes... Tem um que eu conheço que é o Hadi, mas ele veio de Mali, que ele morava em Mali e eu acabei conhecendo ele justamente por causa de religião, porque o pai dele era uma referência tanto de ética, de comportamento religioso para nós, aí por causa do pai, pessoas indicaram ele, eu entrei em contato, ele morava em Natal, se não me engano e a gente está em contato, mas ele veio um pouco depois de mim, mas não pelo programa que a gente veio, ele veio de Mali, provavelmente ele veio

pelo PEC-G, mas acho que com o passaporte malinês, porque ele tinha dupla nacionalidade na época.

P.: Aí o PEC já cabe no Mali, né?

R.: Exatamente. Mas ele não veio com o mesmo programa. Agora fora isso, não estou me recordando, fora esses dois casos que vieram depois de mim, que eu conheço.

P.: Idriss, depois que você chega no Brasil, como é que se estabelece as suas relações aqui o Brasil? Hoje você vive sozinho no Brasil? Você tem amigos? Você tem uma família no Brasil? Como é a sua vida aqui no Brasil e como foi especificamente no começo e o que mudou longo desses mais de 10 anos que você está aqui, né?

R.: É, na verdade, mudou sim. Tem dois aspectos que a gente tem que ver melhor, o aspecto da sociedade e o aspecto linear. Eu tenho amigos, eu moro sozinho aqui, não estou casado aqui... Ninguém está sozinho em lugar nenhum, mas eu não tenho família nuclear aqui... Mas eu tenho amigos, eu tenho amigos de dois aspectos, tanto das pessoas que conheci na mesquita e pessoas que conheci no meio acadêmico também, então convivo mais com essas pessoas... Agora, na minha vinda para o Brasil, umas coisas que me chocou... Falando de mudança, quando a gente chegou aqui no início, me lembro que na faculdade, eu não encontrava negros, alguém que já vê com uma certa carga ideológica que já tem essa visão, claro que vai meio que questionar, era na UFRJ na época e eu acho que tinha só, um negro que estudava com a gente, fora nós três que éramos estrangeiros, o cara era brasileiro, mas ele era meio mestiço, a gente assim... Chamava ele nem de negro... Eu sei que hoje no Brasil é diferente de Burkina Faso, mas assim... Ele era ainda da Bahia, então ele não era nem do Rio... Eu cheguei a perguntar para um amigo se não tinha negro no Brasil e o cara riu da minha cara, "você nunca foi na favela"... Isso são coisas que eu posso perceber que mudou, porque hoje você vai lá e tem brasileiros negros fazendo mestrado em engenharia mecânica, então isso são mudanças que a gente viu. Mudanças evidentes, por exemplo, na época também, coisas que a gente achava [inaudível], que eu achava que eu só ia encontrar também, só na Europa... Tipo, a gente sabia que a gente ia encontrar racismo no Brasil, mas eu não sabia que era tão pouco inteligente assim, tem coisas que eu achava que eu ia encontrar só na Europa e no início estando aqui, eu vi, de falar que pessoas encontrava você negro na rua e

fazia sinal de cruz, tipo, aconteceu conosco... Comigo pelo menos, não posso falar pelos outros... Quando a gente chegou, no início, a universidade tinha conseguido um negócio para a gente lá em Copacabana e a gente saía, passeava, encontrava essas senhoras que fazia isso mesmo... Isso bem no início, hoje em dia isso mudou, isso não é mais uma coisa comum... É que eu usava roupas africanas também, era meio uma característica, eu gostava tanto que houve uma pequena divergência, eu tive que mudar o meu estilo, até para a gente ter que conviver, porque eles também meio que não gostavam também de usar esses... Mas a gente foi se adaptando.

P.: Você parou de usar as roupas africanas? Tem que usar!

R.: Eu uso de vez em quando. Na época sim, porque... No início era meio complicado, a gente ia na faculdade e todo mundo parava, me olhando... Eu até às vezes fazia...

P.: Era um fenômeno, né? Você chegava e era um acontecimento.

R.: É, era esquisito. Aí os outros, alguns iam zoar com os meus amigos, então eles se sentiam meio constrangidos, então aí eu tive... Porque eu colocava tanto a roupa, quanto a calça, eu comecei a meio que mistura na época, eu colocava calça jeans com uma roupa às vezes, fazia isso para ter menos choque... Bom, faz anos, isso mudou, hoje você usar essas roupas, não vai ter mais zoeira, mas na época, por exemplo, era visto como uma coisa meio que ridícula, mas hoje não teria isso, pelo contrário, pessoas correm atrás disso agora, então são mudanças que eu posso mostrar de forma clara... Hoje quando eu visto, as pessoas falam: "ah, que bonito!", na época era mais zoadado, não a universidade que eu estou falando, a gente estudava na COP, né?, então... Essa é uma mudança drástica, por causa que a gente percebe que até o olhar mudou... Outra coisa, é que a gente entrava no ônibus e isso era nítido, mas eu gostava disso, sinceramente, isso não me incomodava em nada, meus amigos, por exemplo, incomodavam, porque ninguém sentava do lado nos ônibus, o ônibus podia estar cheio de gente, ninguém sentava do nosso lado, para mim era bom porque na época, eu era meio maluco... Tanto que eu parei, porque eu gostava muito de ler o Alcorão, então, eu ficava no meu canto, abria o meu alcorão e ficava lendo, então ninguém estava lá do meu lado para ver o que eu estava lendo, eu estava com medo de ser perseguido, de ser agredido... Então, parei isso também porque um desses dias, eu vi um maluco aí, me ameaçando, eu não entendi direito o porquê, mas

pare de abrir no meio da rua, depois apareceu o celular, então eu comecei a ler de forma discreta, mas isso mudou hoje em dia, não tem mais esse negócio de você sentar e ninguém sentar do seu lado. É uma coisa engraçada, que eu acho interessante, justamente por aquele negócio que eu falei, a questão de olhar para o que a gente pensa sobre o Brasil, quando a gente chegou, um dos colegas nossos, ele era muçulmano também como eu, eu levantei de manhã e falei: "levanta para a gente rezar" e ele falou: "não, não vou rezar", brincando comigo, falou: "eu já estou no paraíso, como que eu vou rezar? estou em hotel em Copacabana", só porque ele estava em Copacabana... Ele gostava muito de sair e um dia ele foi sair com um amigo e lá na volta, eles pegaram uma van e o cara da van pegou eles e entregou eles para a polícia, aí colocaram arma em cima dele, tocaram nele de jeitos... Tipo, não gostaria... Tiraram as roupas dele... Tudo bem, até no governo de Blaise Compaoré, que a gente não gostava, não chegava nesse nível de absurdo, né? Aí você vem num país que é teoricamente democrático... Ele chegou em casa todo chateado, nervoso, até foi no dia seguinte para o professor, tipo "vou tomar medidas, que absurdo" e o professor ficou olhando para ele assim... É tipo, uma coisa normal, até o professor começou a alertar a gente a tomar cuidado, acho que ele quis dizer para mim, diretamente, "porque quando vê vocês, já sabem que vocês são estrangeiros, são da África, tomem cuidado", essas coisas... Então, hoje em dia se ele sofresse essa situação, ele ia até a [inaudível]... Então, essas mudanças sutis, a gente percebeu. Outras coisas que eu vi que tiveram mudanças drásticas também, é sobre o olhar sobre a África, porque quando eu cheguei aqui, eu encontrei estudantes que faziam doutorados e até professores que achavam que a África era um país... Isso era um choque muito grande para mim. Eu já sabia da história de Dick Cheney, aquele vice-presidente americano que achava que a África era um país, mas para mim, americano nunca foi inteligente, é um preconceito que eu tenho, mas não acho americano inteligente, então para mim não me chocava americano não saber disso, americano é só arrogante, mas inteligente não é muito... Assim, não falo de todos os americanos, claro que tem gente inteligente, mas convenhamos que geralmente, em termos de formação intelectual, não são muito inteligentes. Mas o meu relacionamento com o Brasil também tinha isso, o Brasil teve Dom Hélder Câmara, entendeu? Brasil teve Gilberto Gil, teve a Tropicália... A gente lá no meu país já sabia disso... Brasil teve Caetano Veloso, bom, um que eu não conhecia muito e fui conhecer aqui no Brasil,

foi Roberto Carlos, que ele realmente não era bem conhecido... Mas Gilberto Gil, Caetano Veloso, são personagens... Sabe? Eu não sei falar, teve grandes... Aí você chega do Brasil e vê professor universitário, gente doutorando, doutores, achando que a África era um país, para mim foi um choque muito grande. Lembro que tinha a Copa do Mundo na África do Sul em 2010, tinha gente que me perguntava se eu não ia lá assistir a Copa no meu país, só que aí eu falava: "olha só, a África do Sul é mais longe do meu país do que o Brasil" e realmente, para ir para África do Sul, demora mais e eu pago mais caro, inclusive, porque o meu país não tem [inaudível], do que para o Brasil. Uma coisa que mudou é que realmente as pessoas começaram a entender que a África é mais sutil, porque na África era tipo... A África existia só dois países, a África e a Angola, ou você é africano ou você é angolano, só isso, acabou, parece que a Angola também não é África. Então isso começou a mudar um pouco, eu acho que esse problema de trazer estudantes africanos para o Brasil, essa imigração de africanos para o Brasil, foi bom desse lado para o Brasil, de pelo menos em alguns meios de começar a mudar um pouco o olhar sobre a África e para errar, você meramente já ouviu falar de Burkina Faso, você já ouviu falar meramente... Aqui mesmo nos meios que a gente... Isso também foi um choque... até nos meios que a gente achava, os movimentos de esquerda, essas coisas, não conhece nada também da África, até para você ver alguém que conheça a África, de repente alguém que já ouviu falar por cima de Thomas Sankara... Engraçado isso, uma coisa absurda mesmo, pessoas que eu ouvi falar que conheciam a Burkina Faso, eram tipo anarquistas e achavam que Thomas Sankara era um anarquista, tipo, ideologicamente, só que os anarquistas combateram Thomas Sankara em Burkina, inclusive ajudaram, de certa maneira, no golpe contra ele, tipo, para você ver o nível que estava... Mas hoje em dia, isso mudou, já vejo, por exemplo, pela internet, gente escrevendo textos, traduzindo livros sobre a vida de Thomas Sankara, então... Isso são mudanças que eu consegui perceber, de forma relativamente nítida. Agora minha adaptação aqui, teve um aspecto que eu sofri, que foi a parte religiosa, porque eu gostava muito de ir à mesquita, eu sofri muito, porque pela primeira vez na minha vida, fiquei um mês sem entrar numa mesquita, sem ver uma mesquita, então esse problema foi uma coisa que foi muito sofrimento interno para mim, pessoalmente, mas acho que não sei se isso tem muito a ver com a pesquisa.

P.: É, a população muçulmana aqui é menor, né? É menor e vive como as religiões de matriz africana, são meio na margem da sociedade, é uma coisa meio que as pessoas não gostam muito de falar publicamente porque sabe que vai ser preconceito, tem outras questões culturais envolvidas.

R.: Sim, é. Só que desse lado eu fiquei chocado também porque, por exemplo, quando eu cheguei... Que a gente já tem um pouco da história das revoltas aqui e dos escravizados que chegavam aqui, tinham muçulmanos entre eles, eu cheguei aqui no Brasil e não tem essa história, islã é só associado à árabe. Inclusive quando eu fui na mesquita, isso também foi uma mudança perceptível ao longo do tempo, no início, quando eu cheguei aqui em 2008, pelo menos na mesquita que eu ia, era difícil você encontrar negro, tanto que eu fui perguntar para aquele meu amigo se tinha negro... Hoje mudou, hoje você até vê pessoas que vão na mesquita e são negras, porque tem a imigração senegalesa, essas coisas... Então são coisas que mudaram também. Essa associação de islã à árabe é uma coisa que eu não espera muito no Brasil, na Europa você vê, mas no Brasil não, porque tem a história de muçulmanos escravizados que estavam aqui no Brasil e essa história não é contada, até entre os muçulmanos, parece que tem uma vontade de esconder isso, tanto entre os movimentos negros e entre os muçulmanos, quem tem o poder político muçulmano no Brasil, parece que não tem um interesse de esclarecer isso, então se conta a história do islã no Brasil a partir da vinda de imigração árabe, que não é verdade e também foi um choque para mim que...

P.: Sim, porque mesmo os malês já trouxeram a religião islâmica para o Brasil, né? Então é muito anterior.

R.: [inaudível] era da minha etnia, então eu tinha esse orgulho também, aí eu chego aqui e vejo que a coisa é completamente diferente, então você fica chocado, né?

P.: Idriss, uma coisa, o algodão, o projeto de cooperação que é o meu estudo de caso é exatamente sobre o algodão, o Brasil depois dessa visita do Lula decidiu firmar um acordo para desenvolver pesquisa para melhorar a produtividade de algodão nesses países considerados países [inaudível] e isso inclui Burkina. O que é o algodão para a sociedade de Burkina? Para a economia de Burkina? Você que é uma pessoa

inteligente, esclarecida, deve ter informação sobre isso, sobre essa importância do algodão para o seu país e para a cultura do seu país.

R.: Eu vou falar primeiro do aspecto cultural, vou chamar de tradicional e depois da questão econômica. Na questão cultural, o algodão perpassa por quase todas as etnias de Burkina, por isso que acabou sendo fácil quando foi desenvolvida a cultura do algodão, perpassa por quase todas as etnias, a filatura do algodão, as roupas tradicionais de várias etnias são feitas com o algodão, tanto é que durante a revolução, a gente teve a "mataca" que foi recriada, vamos dizer... Não que foi criada, o "faso dan fani", o Thomas Sankara, que foi promovida... Porque quem fazia escola francesa, não gostava de usar roupa africana, essas coisas, então Thomas Sankara vai colocar isso como... Não como uma regra, mas tinha dia da semana que você tinha que usar uma roupa tradicional filada por nossos... Pelos filadores, não estou achando o termo... Tradicionais, então, fabricado tradicionalmente, artesanalmente... Eu nunca usei o termo artesão, mas de forma tradicional... Ele mesmo usava essas roupas, inclusive tem o famoso discurso dele na conferência da União Africana, onde ele fala: "eu estou aqui, a delegação de Burkina Faso está aqui com uma roupa usada por burkinês, fabricada por burkinês e para burkineses, que relata nossa história", ele conta essa história, então durante a época da revolução, ela vai começar a pegar o meio de educação francesa, vamos dizer assim, então ela vai perpassar esse meio, mas tradicionalmente, era algo que era usado naturalmente pela população, o algodão. É claro que não tinha uma produção que era tornada para a exportação, era uma produção que era tornada para necessidades da população, locais, era para isso. Claro, tinham aspecto também... Aí a gente entra em questões tradicionais, questões relacionadas à religiões tradicionais, mas era mais uma coisa de uso interno, até na época de Thomas Sankara, ele vai pegar essa ideia de tipo "nós vamos vestir nossa população com o que a nossa população produz para se vestir", então era mais uma reivindicação que tinha um aspecto econômico, porque na época da colonização teve aquele lançamento daquelas roupas "wax", daquela companhia holandesa, que até hoje as pessoas acham que é coisa africana, só que é coisa africana da colonização, então Thomas Sankara vai começar a fazer essa luta para trazer isso, mas ele parte da tradição. Inclusive, eu voltei em Burkina em 2019 e a sogra da minha irmã, por exemplo, ela faz de forma tradicional até hoje, agora vende mais, né? Mas ela faz de forma tradicional... Então era comum, nunca foi... Foi uma coisa que perpassa as

tradições, por exemplo, [inaudível] maioritária de Burkina, que é etnia "mossi". Agora, no final dos anos '90, o algodão vai começar a ter um papel econômico mais importante, já na época da revolução, ela vai ter um papel econômico mais importante, mas interno, uma questão de proteção interna da economia, da gente consumir Burkina Faso, a ideia da revolução mesmo, mas ela vai começar a ter papel econômico dentro da loja capitalista no final dos anos 90, por quê? Porque um dos maiores meios que tinha o maior peso, produto de exportação que tinha o maior peso na economia era o ouro e vai ter a maior mina de ouro do país, ela vai começar a ter problemas e a produção vai parar, aí vai corresponder com o período do boom do algodão, então o presidente da época, aquele mesmo, vai começar a ter um processo de incentivo da produção de algodão, eu não sei se é incentivo ou se teve um aspecto meio de destratar, porque teve regiões onde tem relato de agricultores que falavam que eles eram obrigados a plantar algodão, um programa de Estado que obrigava porque o governo meio que perdeu o ouro, não tinha mais [inaudível] tanto... Bom, depois foram descobertas outras minas que foram reativadas, mas aquela mina teve que ser fechada, então precisava urgentemente de outro produto de exportação para suprir as perdas que foram dadas pela mina, pelo ouro. Então vai ter um programa de incentivo muito grande do governo para a produção de algodão, o algodão vai começar a ter uma produção em escala industrial destinada à exportação, já tinha produção em escala industrial desde a época da revolução, mas era tipo uma pequena empresa nacional, que era a SOFITEC, Sociedade Filadora de Algodão do país que gerenciava isso há muito tempo, mas agora essa sociedade vai começar a crescer, voltada mais principalmente para a exportação do que para a transformação local, então não tinha mais esse negócio de querer transformar, era tudo só pela exportação, os agricultores vão ser incentivados, muitas terras, por exemplo, que eram destinadas à produção de alimentos vão ser destinadas ao algodão, que era justamente o contrário do programa de Thomas Sankara, que era um programa de alimentar a população, tanto que em dois anos, a gente tinha chegado à insuficiência alimentar, então isso vai mudar muito a estrutura. O algodão chegou a ser sim, o primeiro produto de exportação mais importante no PIB do país, eu acho que do final dos anos 90, que foi quando na época... Acho que o Brasil também tinha época que tinha que privatizar tudo, o problema de ajustamento estrutural, essas coisas... Então, vai tratar também de capital privado e vão incentivar a produção, aqui o transgênico

também vai começar a entrar no início dos anos 2000, que por sinal, coincidiu para destruir muitas terras e isso não é por militantismo que eu estou falando não, é por realidade do país mesmo, a gente que vivia no país, ia no interior e via o quanto os agricultores sofriam... E trouxe insegurança alimentar em várias regiões, esse é um fato que tem que ser contado... De fora é interessante, a Burkina chegou a ter, acho que em 2002 chegou a ser... A gente fazia rivalidade com o Mali, numa época e chegou um tempo que a gente chegou a ser dois anos seguidos o maior exportador de algodão do mundo, o maior produtor de algodão do mundo e depois Mali passou a gente, depois tinha o Chade, tinha essa rivalidade entre esses países, eu não sei se foi uma briga boa para o país economicamente, mas realmente teve esse boom do algodão, alguns ficaram ricos, sem que a confederação... Aí começou a se criar uma elite ruralista, vamos dizer assim, aí começou a se falar agora em "agro business", "agro negócio", que não é uma coisa que era meio estranha... Não era uma coisa direta da nossa maneira de ver a agricultor, mas começou a se ter isso, muitos às vezes associados à pessoas relacionadas ao governo ou incentivadas pelo governo. Então houve-se essa corrida pelo algodão, do final dos anos 90 até o final dos anos 2010, mais ou menos assim, até que depois da segunda fase dessa corrida vai ser a introdução dos transgênicos, que começou a destruir terras, então acabou fazendo recuar, o campo do... Vou falar "filiar", a gente chama "filiarme", a parte do algodão está em recuperação hoje em dia, está voltando de novo, mas caiu, depois dos anos 2010 começou a cair, inclusive o [inaudível] veio em Burkina, naquela época o algodão ocupava o primeiro lugar na contribuição do PIB do país, então talvez por isso, também teve essa questão das pesquisas, a Burkina era naquela época, segundo ou terceiro maior produtor do mundo de algodão. Mas depois dos anos 2010 para cá, acho que foi mais na queda... Porque até no anos 2005, que começou a introdução do transgênico e muito agricultores... Tudo bem, a pessoa falar "ah, começou a crescer", mas nunca cresceu assim também, teve um programa do governo e algumas situações meio que é uma força dos agricultores, de mudar mesmo a produção deles, o governo também via esse... Tem uma coisa que eu não concordo, por exemplo, a maneira como essas organizações internacionais avaliam a questão do desenvolvimento, "ah, o PIB cresceu 6%, o país está avançando", eu não sei se isso é verdade, realmente graças ao algodão, se você olhar pelas exportações do país, o PIB crescia, a gente estava com o PIB crescendo 6, 6 e pouco por cento por ano, dava

uma impressão que o país estava avançando, mas o país estava recuando, quem morava no país.... Eu cresci naquela época, então a gente via se criando uma falsa elite que era uma coisa meio costumeira nos nossos países, eu me lembro quando criança, no meu bairro tinha ministros, não tinha problema nenhum eles morarem em bairros pobres, a gente vivia junto, e começou a se criar uma elite, até elite ruralista, elite social, começou até a se criar bairros de elite...

P.: Você acha que foi aumentando a desigualdade no seu país?

R.: Serviu sim, serviu para aumentar a desigualdade. Porque realmente boa parte da população começou a empobrecer mais e algumas poucas pessoas começaram a tirar proveito desse boom do algodão, como está acontecendo hoje com o novo boom do ouro, porque voltou de novo a produção de ouro agora, o ouro de novo está na frente do algodão. Então assim, isso correspondeu muito com aquelas políticas de ajustamento estrutural do FMI, aquela época das privatárias... Então começou a criar isso, não que não tinha elite, mas não era uma coisa tão distante que nem aqueles "booms" criaram, é como eu falei, tinham ministros que moravam com a gente no bairro, não tinham essa... Não que não tinha gente rica, tinha gente rica, tinham bairros semi-elite, que eram bairros deixados pelos franceses, mas aquela diferenciação muito grande, a gente não tinha e começou a aparecer nessa época.

P.: É, isso está acontecendo aqui no Brasil. A agricultura gera dinheiro, mas ela gera dinheiro para um grupo muito específico, porque não emprega muita gente e as pessoas que eles empregam, ou está lá em cima, ou está na base, não está no meio e a agricultura tem um processo de propiciar a desigualdade que está acontecendo agora no Brasil, enfim... Você tinha ouvido falar do Cotton-4 especificamente ou não?

R.: Não, esse Cotton-4 aqui com o Brasil, eu não tinha ouvido falar, na verdade eu acho que a primeira vez que eu ouvi falar, eu já estava no Brasil, que era uma menina marfinesa que... Inclusive ajudou a gente a achar uma casa aqui, ela fazia mestrado em engenharia de produção, que quando a gente chegou, a gente não conhecia ninguém, né? Então foi a única pessoa que acharam para nos apresentar, ela trabalhava sobre o UEMOA, o UEMOA é tipo "União Econômica e Monetária da África Ocidental"... Eu não quero comparar com o Mercosul, porque a gente tem a mesma moeda, mas seria tipo o Mercosul com a mesma moeda, tipo uma União Europeia,

mas com a ideia de Mercosul, porque não é bem União Europeia também porque as fronteiras não são livres assim, mas ela estudava sobre isso, como ela estudava sobre essa união, muitos países eram produtores de algodão, ela queria estudar relação com o Brasil, ela chegou a comentar desse "fórum" com a gente, mas eu confesso que eu não entrei muito a fundo, não pesquisei muito e depois que ela começou a falar, aí que eu me recordei que... Mas eu já estava no Brasil, de Burkina mesmo, não me recordo, o que me recordo que tinha de cooperação direta com o Brasil, já justamente com essas coisas do governo latino, uma cooperação na parte da agropecuária, mas era uma questão de melhorias de vacas, que tinha uma pesquisa no Brasil sobre alguns tipos de vacas que importaram em Burkina para ver dava certo e importaram algumas vacas de Burkina aqui, era uma pesquisa mesmo e estava dando certo em algumas regiões, no Norte de Burkina... Aí não sei se foi para frente, e outro aspecto que tinha uma coisa forte no Brasil, que o Brasil acabou perdendo, que eu acho que era uma vantagem, tinha aquele sentimento positivo para o Brasil, que o Brasil poderia tirar muito proveito economicamente na África e abandonou um campo muito grande para a China, para a Índia, assim... Infelizmente, se o Brasil continuasse com aquela política, nem América, nem Estados Unidos, França, nem Inglaterra ia ter para o Brasil, para os africanos da UEMOA, Brasil tinha aquele sentimento positivo que era muito forte, eles meio que queimaram esse negócio nesse últimos anos. Tinha o medicamento genérico, Burkina importava e eu me lembro que na época, Burkina parou de importa da Índia para priorizar o Brasil, bom, Brasil perdeu de novo porque não teve o interesse de continuar. Então me lembro que medicamento genérico, no negócio das vacas e claro, na parte da cultura de cinema, começou-se a incluir o Brasil no maior festival de cinema da África, que tinha até as próprias [inaudível], teve até uma vez que teve festival de cinema brasileiro, não era um festival grande, mas mostrava filme brasileiro, foi ali que eu conheci filmes tipo Cidade de Deus, o famoso Cidade de Deus, mas fora isso, o Cotton-4 de Burkina, eu realmente não conheço, a primeira vez que ouvi falar foi dessa menina e foi de forma superficial, vou ser sincero com você.

P.: Qual é o seu projeto daqui para frente? Você pretende continuar no Brasil? O que você pensa para o seu futuro?

R.: Eu, especificamente, quero vim fazer o mestrado, conseguir o doutorado e voltar. As coisas não foram do jeito que eu pensava, infelizmente o mestrado não deu muito certo lá no início e alguns problemas, eu não tenho a casa aqui, então acabei tendo que deixar o mestrado, saí até um tempo do Brasil, fiquei quase um ano fora daqui, depois eu voltei, fiz especialização, mas sempre com aquele mesmo incentivo, mas se aparecer oportunidade no meu país, eu vou voltar, entendeu? Tanto que a universidade onde meus amigos estão ensinando, eu pretendo aplicar, agora, eu também meio que... Assim, eu não pensava que iria chegar nessa idade, ainda não tendo doutorado, do jeito que está a minha vida acadêmica, tipo, com 29, no máximo 30 anos, eu já tinha o doutorado, já estava tranquilo, é meio, estou considerando, eu estou muito velho, eu estou na fase que eu não estou escolhendo muito, mas se é para escolher mesmo, eu prefiro voltar, voltar e ensinar lá, ser professor pesquisador, agora, senão der certo e tiver outras oportunidades melhores em outros lugares, não necessariamente no Brasil, eu vou, é uma coisa que eu não... Com a idade, com o tempo você acaba meio que desistindo de algumas coisas, mas a minha ideia inicial era voltar para o meu país, ensinar e trabalhar com ensino e pesquisa e assim, não desisti 100% disso ainda, apareceu uma oportunidade interessante, senão der certo lá e eu conseguir boa oportunidade em outros lugares, vou onde conseguir oportunidade, tenho que pensar em construir minha vida também, não posso ficar perseguindo sonhos a vida toda, mas não necessariamente ficar aqui no Brasil. Assim, uma última coisa que eu queria fazer aqui no Brasil, antes de eu ir embora, era mais uma questão religiosa mesmo, porque eu percebi que o islã é ensinado de uma forma um pouco "árabe centrista" aqui e esse olhar do islã mais da experiência africana é pouco conhecido aqui, então eu tenho esse desafio, acabei descobrindo essa necessidade aqui no Brasil, então se eu for ficar aqui por mais alguns anos, seria mais por formar pelo menos algumas pessoas dentro dessa... Trazer esse outro discurso, esse outro islã, eu sou o olhar da África também, eu sou o olhar do Brasil, que é também desconhecido... Eu estou na fase de onde eu conseguir melhor oportunidade, eu vou, mas se acontecer no meu país, eu prefiro.

P.: Terminar o doutorado, de repente e poder dar aula lá, né? Voltar para a sua família...

R.: É, ser professor em uma universidade, fazer ensino especi... Aquilo que os meus amigos estão lá ensinando, até eu estava conversando com um amigo meu, vão lançar um concurso de professor universitário que para concorrer tem que ter doutorado, infelizmente com mestrado não pode. Tem esse problema também, que como a gente tem uma cultura muito de colonização francesa, tipo, diplomas que a gente consegue aqui no Brasil... Não que a formação aqui é ruim não, a formação que a gente tem aqui, está no mesmo nível da Europa, da América, não tem nada a desejar não, até melhor, pelo menos na época que a gente chegou no Brasil, mas...

P.: Dependendo da área de pesquisa, né?

R.: Exatamente, mas como tem aquela ideia preconceituosa de tudo que vem do ocidente, é melhor, essas coisas... Com diplomas brasileiros, meus amigos tiveram dificuldades por causa disso, mas como eles conseguiram entrar, é uma abertura para mim também. Então eu vou tentar aplicar para o concurso de professor esse ano, se não der, vou tentar ano que vem, aí assim, se for outras oportunidades, se conseguir, se der certo...

Não desiste não, continua, não desiste. E nesse seu projeto...

R.: Agora, o link com o Brasil, acho que eu nunca vou perder, porque aqui está boa parte da minha vida, então mesmo se eu mudar de vez ou quando visitar amigos, mesmo até dar aulas religiosas, sobre islã, essas coisas, isso vai sempre continuar... Mas o meu sonho continua voltar mesmo, se não voltar para Burkina, pelo menos voltar para a África, para algum país que seja perto do meu país.

P.: Ah, você vai conseguir. E a Francirose pode te ajudar muito nesse projeto aí da religião, né? Ela pode te ajudar muito.

R.: É, eu tenho dado aulas até aos domingos aqui de religião, mas isso é uma questão pessoal minha, não é uma questão fundamental, mas tem alguns aspectos do islã que não são ensinados aqui, pessoas não conhecem, nunca ouviram falar, ninguém sabe que existem esse islã, porque só tem o islã ensinado a partir do arabismo, que não tem nada a ver com o islã também, porque na verdade, árabes combateram o profeta Muhammad na vida dele, então muita gente não sabe dessa realidade. Ele mesmo não era árabe de fato, ele era [inaudível], então são aspectos que eu acho importante

destacar também e relação com a história do Brasil, né? Que tem muçulmanos escravizados aqui no Brasil que ninguém quase nem fala, mas é isso que é o meu foco, meu foco é ensinar o islã de forma tradicional, eu falo tradição dentro da visão islâmica, não dentro do tradicionalismo europeu, porque tem esse movimento no Brasil hoje, de muçulmanos aqui no Brasil que seguem o islã tradicional e na verdade não segue nada de tradicional, é só tradicionalismo europeu, tem que esclarecer isso, eles usam o termo "tradicional" meio que para se dar uma legitimidade, mas é o tradicionalismo europeu, aí tem alguns que basta entrar num grupo sufi [inaudível], isso não tem nada a ver, o sufismo é uma ciência, não tem nenhum movimento, não é uma vertente, então entender o sufismo como uma vertente já é um olhar europeu e para mim é um desafio trazer esse olhar tradicional de islã, as ciências islâmicas, mas isso já está sendo feito.

ANEXO N - Transcrição da entrevista realizada com Jean Paule Mendy

P.: Jean, eu preciso saber, você nasceu em qual ano? Qual é a sua idade?

R.: Eu nasci em 01/02/80.

P.: Em '80?

R.: Isso, '80.

P.: Então você tem 42, certo?

R.: Isso, 41.

P.: 41, 11/02 você falou?

R.: 01/02.

P.: Ah, você vai fazer aniversário semana que vem!

R.: Aham, 1º de fevereiro.

P.: Ah, tá. Aquariano. Jean, o que você fazia no seu país? Qual era o seu trabalho, a sua profissão?

R.: Eu trabalhei na mesma função. Eu trabalhava como carpinteiro, eu trabalhava de montador, eu fazia comércio também, misturei tudo. Aí se um mudava, o outro já cobre o outro, vou fazendo bico e aí não para não.

P.: E você estudou até que série lá? Aqui a gente fala ensino básico, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior, que já é a faculdade. Até qual nível que você estudou lá? Até que idade?

R.: Eu estudei até, eu acho, eu tenho o 2º grau incompleto.

P.: 2º grau completo, entendi. E você chegou a pensar em fazer faculdade...?

R.: Não, incompleto.

P.: Incompleto. 2º grau incompleto.

R.: Isso, mas eu não consegui fazer... Eu não consegui fazer faculdade não.

P.: Por quê?

R.: Porque a gente enfrentava muita coisa, muita dificuldade, por isso a gente não... Eu estava bom aluno, mas depois que você enfrenta muita coisa, você vê que a mãe está sofrendo, você tem que ficar do lado para ajudar. É por isso que o meu estudo ficou tudo estragado, aí depois eu entrei na obra mesmo, desde que eu entrei na obra, eu trabalhei na oficina de um amigo que estava de lado lá, a gente era do mesmo bairro, então fiquei aprendendo lá até eu conseguir trabalhar.

P.: E quantos anos você tinha nessa época?

R.: Nessa época eu tinha, que acho que 20 anos.

P.: Você começou a trabalhar com 20 ou você começou antes?

R.: Não, eu comecei antes. Eu comecei a trabalhar lá para os 18 anos, 17.

P.: O seu primeiro trabalho foi com o quê com essa idade, 18 anos?

R.: É com um amigo que ficava de... A gente era da mesma rua, ele tinha uma oficina lá e eu não pegava coisa sério, eu ia lá frequenta ele e falei: "ah, eu vou aprender, até gostei já" e já comecei a trabalhar lá, só que é amigo, meu tio que estava lá, dentro da oficina lá, vai lá todo dia ali, "ah, eu quero aprender, quero aprender", eu já gostei e já fui embora trabalhando.

P.: Entendi, aí você foi aprendendo e continuou lá... Até você vir para o Brasil você sempre trabalhou com comércio e com carpintaria?

R.: Carpintaria... Eu já trabalhei marceneiro, só que eu gostava mais de carpinteiro do que marcenaria, porque marcenaria é uma coisa que tudo tem que ter certo, medida tem que ter certo, a porta que você for fazer tem que ter... As coisas têm que ter certo, acabamento, tudo tem que ter certo, então fica chato para mim, tem que alisar, tem que fazer as coisas, tem que passar as coisas, envernizar, então carpinteiro na obra não tem isso, você corta e já prega, já corta e já prega, já corta e já prega, e vai embora. Por isso eu não estava muito interessado na marcenaria, só que eu tenho pouco [inaudível] para trabalhar na marcenaria, mas eu gostei muito da obra, da

carpintaria, porque lá não tem as coisas "tem que cortar justo", "tem que medir", "essas coisas tem que encaixar", "tem que alisar", "tem que envernizar", então as coisas tem que ser 100% em marcenaria, então por isso eu acabei pulando para o lado mais fácil, que é carpinteiro, que você já corta, já tapa buraco, já cola com concreto, já vai embora, então é isso.

P.: E você começou a trabalhar com isso até você vir para o Brasil?

R.: Isso.

P.: E como é a sua família? Quantas pessoas são? Era você, seu pai, sua mãe... Você tem irmãos?

R.: Eu sou filho único. Eu perdi minha mãe, eu perdi o meu pai, tudo faleceu. Eu não tenho irmão e não tenho irmã não, eu sou filho único.

P.: O seu pai e sua mãe faleceram quando você tinha quantos anos? E o que eles faziam quando eles eram vivos?

R.: Meu pai trabalhava na resenharia de serviço. O meu pai é do Senegal, minha mãe é de Chade, só que meu pai já trabalhou como resenhario em empresa que mandava para tudo quanto é mundo, ele chegou no Chade já com o serviço, já trabalhou lá, já casou com a minha mãe e eu nasci lá.

P.: No Chade?

R.: No Chade, isso.

P.: E seu pai trabalhava numa resenharia e sua mãe?

R.: Aham, em uma empresa que está no Senegal e manda ele para o Chade. A minha mãe fazia comércio, só que minha... Como eu vou falar? Mãe que nasci dentro da barriga dela? Entendeu? Ela fazia comércio, vendendo as coisas, aí vai para frente.

P.: E quantos anos você tinha quando seu pai faleceu e quantos anos você tinha quando sua mãe faleceu?

R.: Acho que eu já teve... Porque ali eu acho que vai ser 2007 e 2006 e eu acho que eu já tinha 20 e poucos anos, né?

P.: Os dois faleceram no mesmo ano?

R.: Não, não, não, meu pai que faleceu primeiro, na hora que eu tinha 26 anos, ele já faleceu, 26.

P.: E sua mãe faleceu em 2007?

R.: Isso, em 2007 ou em 2006, eu acho.

P.: Foi nessa época mais ou menos que você, um pouco depois disso, decidiu vir para o Brasil, né?

R.: Isso.

P.: Mas você tem filho lá? Primos?

R.: Depois que minha mãe faleceu, eu abandonei tudo, falei "oh, eu vou viver, eu vou sair daqui e vou procurar onde que eu vou viver melhor", aí que eu pego meu [inaudível] e já vou me embora.

P.: E a sua mãe morreu, quantos anos ela tinha?

R.: Minha mãe, eu acho que quando ela morreu, ela já tinha 52 anos, 52, 53.

P.: E o seu pai também? Ele tinha mais ou menos essa idade ou era mais novo quando morreu?

R.: Meu pai? Meu pai já estava velho já, ela tinha pelo menos 65, 67 anos, por aí.

P.: A sua mãe era bem mais jovem que o seu pai?

R.: É.

P.: E o seu pai morreu do quê? O que ele teve? Problema de saúde?

R.: É, o meu pai morreu estava doente mesmo.

P.: E sua mãe?

R.: Minha mãe, ela morreu nessas coisas de atentado, bandido entrou na cidade e aí começa a ameaçar, começa a fazer alguma coisa, começa a pegar as coisas que a gente tem, então ela já foi embora, porque uma pessoa que tem pressão alta, ela morre de susto.

P.: Ela morreu num atentado? É isso?

R.: Isso, porque a gente morou na rural, os bandidos entraram lá para fazer arrastão, aí ficou um susto e infartou. Eu quase morri lá também, a hora que eu vi ela desmaiada ali, eu comecei a xingar, os caras me bateram, fizeram muita coisa ali, eu escapei e falei: "ó, tchau daqui, eu vou ver o que tenho mais que juntar, porque minha mãe sempre trabalhava e juntava dinheiro, grana, um pouco, eu peguei isso e aí eu já tenho uns primos lá do Senegal, porque o meu pai é de lá, tenho contato com eles, aí eles me ajudaram e eu já vim para o Brasil.

P.: Mas sobre a sua mãe. Você viu a sua mãe ser assassinada? Você estava junto com ela?

R.: É, não era assassinada, mas eu mesmo, eu trato como assassinada, porque ele assustou e ela infartou, porque a hora que você vê que um bandido está atacando, a primeira coisa que você reagiu, você fica susto, a hora que você fica susto e você tem pressão alta, aí você pode infartar, entendeu?

P.: Entendi, ela infartou durante uma invasão... Era grupo rival, o que era? Era de etnia ou era religioso?

R.: Não, ali tem tudo parte da África, chamam de rebelião, entendeu? Eles são pessoas armadas, a hora que eles precisam de alguma coisa, eles invadem um bairro, uma coisa ali, eles pegam o que eles querem, comida, essas coisas, vão embora e voltam de novo, para o lugar deles. Então é uma coisa que é bem chata.

P.: E aí você estava no seu bairro, eles invadiram o bairro e a sua mãe vendo aquilo tudo, infartou? Eles mataram outras pessoas na sua região?

R.: Isso, mataram, porque quem que tem cabeça dura, eles matam.

P.: Eles eram rebeldes, é isso? Contra o governo?

R.: Isso.

P.: Quem era o presidente lá na época?

R.: O presidente lá era o Abdulai Conteh (?).

P.: Naquela época? E esses rebeldes eram contra ele?

R.: Isso.

P.: Quando sua mãe morreu, você falou: "vou embora daqui". Como é que foi?

R.: É, eu falei: "eu vou embora", eu tenho alguns primos que moram no Senegal, de lá do meu pai, aí eu contei para eles, eu falei: "ó, eu estou vivendo um inferno aqui, porque meu pai já foi embora, mãe já foi e agora eu fico ali...eu vou fazer uma coisa ali, ou eu saio daqui ou eu vou fazer besteira, porque eu não estou com cabeça não", aí um primo meu falou para mim: "não faz isso não, você tem muita coisa para frente, se você não conseguir coisa ali, vai para Senegal, vem para Senegal, eu te ajudo, você vai conseguir viver, mas não faz besteira não, para com isso". Aí todo dia eu conversei com ele, conversei com ele, conversei com ele e ele mandou o dinheiro para mim e falou para mim: "você escolha o seu caminho ali, que você [inaudível] você vai viver onde que você quiser, se você quer ir para o Senegal, então você pode vir para cá, tudo pode mudar, mas você não pode ficar aí fazendo besteira, não pode, você é um cara jovem", aí eu escutei ele também, já tinha guardado um pouco de dinheiro também, eu pegava ele, juntava ele e saí daí, eu saí raspando.

P.: Você pensava em virar rebelde? É isso?

R.: Não, eu não tentava virar isso, mas eu estava querendo vingar.

P.: Ah, se vingar.

R.: É, estava querendo vingar, se eu morrer é uma coisa... Porque eu vi a minha mãe morrer por causa disso e fiquei chateado, então aí ele falou para mim: "você é um cara novo, sai daí, não faz besteira não, se vai embora já vai, mas você está aí vivo, aí eu escutei ele também, ele era um cara bacana e eu consegui fazer o que ele quer também, ele me mandou dinheiro e eu saí raspando.

P.: Aí você saiu do Chade?

R.: É.

P.: Mas como que aparece o Brasil assim? Como é que você soube do Brasil? Por que o Brasil? Tão distante, tão diferente, do outro lado do oceano, sendo que você tem parentes em outros países da África. Como que o Brasil surge na sua vida?

R.: É do jeito que eu falei para você, eu nunca pensei em vir para o Brasil. Eu falei para você, eu estava escutando o Brasil só para futebol, mas a hora que eu estava raspando, saindo, eu passei para Cabo Verde, lá que eu peguei barco e vim para o Brasil.

P.: Mas assim, que informação você teve do Brasil? Por exemplo, nessa época... Isso foi em que ano e em que mês, que você veio, que você saiu do Chade?

R.: Eu saí do Chade, logo em que minha mãe morreu, em 2007. 2007 que eu saí de lá, mês de abril, abril de 2007. Eu fiquei raspando, raspando, raspando, eu fiquei um ano de caminho para vir para cá.

P.: E isso em Cabo Verde ou Senegal? Você não chegou a ir para o Senegal?

R.: Não, Senegal eu não fui nessa época.

P.: Você saiu do Chade e foi para o Cabo Verde?

R.: É.

P.: Foi de avião, de ônibus, como é que foi?

R.: Não, tudo fica raspando, porque vai ter... Eu peguei ônibus, peguei ônibus, peguei ônibus, até Mali.

P.: Até o Mali, entendi.

R.: É. Aí o Mali ali, eu peguei avião para Cabo Verde. Mas eu não fui para Senegal.

P.: Mas quando você foi para Cabo Verde, você não tinha pretensão de vir para o Brasil ainda?

R.: Não, porque Cabo Verde, eu tive um amigo, não é cabo-verdiano, é um amigo de Ceará... Não, não é Ceará ali... De Gâmbia, a gente sempre já teve amizade, ele que chamou para mim, falou: "ó, vem aqui, aqui tem um lugar para a gente ficar", aí ele cantou e eu falei: "ah, eu estou indo", porque Senegal, eu já tenho ideia se for para lá, só que, eu falei: "o cara está me ajudando em muita coisa, eu recebi dinheiro dele e agora vou para o colo dele? Não vai dar, ele já está me ajudando. Você pega dinheiro da pessoa, depois você vai para a pessoa de novo? Não era certo. Então eu vou ir aí, vou fazer outra coisa ali até dar certo e eu vou visitar ele". Aí que aconteceu, eu fui para Cabo Verde, aí Cabo Verde que eu peguei barco lá, qualquer jeito, eu escutei: "barco vai para a Europa ou para a coisa ali", eu nem sei aonde vai o barco, só que eu sei que vai para a Europa ou para o outro lado, eu pensei para a Europa, era barco clandestino...

P.: Você queria ir para a Europa?

R.: Não, não, eu pensei: "barco vai para a Europa", eu não queria ir para a Europa, só que eles falaram barco vai sair daqui e vai ir para a Europa, aí eu falei: "eu vou embora, eu vou embora também do Cabo Verde, se vai para a Europa ali, é até melhor, não é o meu destino, mas fica melhor para viver, porque eu estou sozinho". Aí eu entrei no barco, barco não foi para a Europa, barco foi para o Brasil.

P.: Mentira! Sério? Então você não tinha a intenção de vir para o Brasil? Você ia para a Europa e o barco veio para o Brasil, é isso?

R.: É, isso. Porque eles já cobraram 500 ouros. Eles falaram: "você vai escondido aí, a gente vai levar você na Europa", mas era mentira, eles me deixaram no Porto de Santos.

P.: Você veio escondido em um navio?

R.: Isso, escondido.

P.: E essa viagem durou um montão de dias... Quantos dias?

R.: Eu nem sei quantos dias, mas parecia que o mundo estava acabando. Eu nem sei quantos dias, mas demora um tempo.

P.: Era um navio de passageiro ou era navio de carga? Que navio era essa?

R.: Não, não era navio de passageiro não. Ele estava com muita coisa lá dentro, não sei de mercadoria, não sei o que tinha lá. Mas de onde que eu estou, eu não sei se dia ou de manhã, sabe?

P.: Aí você pagou 500 euros para entrar nesse navio e ir para a Europa, a sua ideia era ir ilegalmente para a Europa, entrar lá informalmente e aí o navio veio para o Brasil.

R.: Isso.

P.: E quando você descobriu que você estava vindo para o Brasil? Você descobriu quando você chegou aqui? Como é que foi isso?

R.: Na hora que eu cheguei aqui. A gente saiu do navio e eles falaram... Eu nem entendi o que o pessoal fala.

P.: Eles eram africanos ou eles eram brancos, de outros países? Essa pessoa para quem você pagou os 500 euros...

R.: É misturado, o que pagou é cabo-verdiano, é pessoa de lá que eu paguei.

P.: Pessoa do Cabo Verde?

R.: Isso.

P.: E aí a pessoa falou: "vou te levar para a Europa"?

R.: É, não era só eu, né? Mais de 10 pessoas.

P.: Aí você foi escondido?

R.: É, fomos escondidos, num quarto lá, com coisa que você sabe se dia ou de noite, você vai comer, hora que você precisa comer, banheiro, hora que você for, você já dorme ali, você não sabe se dia ou de noite.

P.: Por que é escuro, né? É fechado.

R.: É, lugar fechado. Mas não é bagunçado também, já tem televisão, já tem muita coisa lá.

P.: Era um lugar confortável?

R.: Isso, mas você não sabe se dia ou de noite. Por isso você não sabe quantos dias você passou. Mas parece o fim de mundo.

P.: E como é que foi quando o navio parou e estava no Brasil. Aí ele falou para você o quê? Como é que foi isso?

R.: É pular. Ele falou: "ó, você vai sair daí, você se vira aí"

P.: Mas você não falou para ele: "eu paguei para ir para a Europa e você me trouxe para o Brasil?".

R.: Não, eu nem sabia que estava no Brasil, eu não sabia ainda. Eu vi as lâmpadas tudo e falei: "eu estou na Europa", eu pensei isso, na hora que eu andei até outro dia...

P.: E o que você fez? Tá, você está no Brasil, e aí?

R.: Hora que eu pensei: "eu estou no Brasil", eu não fiquei decepcionado não, eu mesmo falei: "eu estava querendo sair mesmo, onde que eu chegar, para mim está bom, para viver". Eles falaram para mim outro lado, aí me levam outro lado, então isso é bom para mim, porque o que Deus manda para você, você não fica rejeitado não, é bom. Por isso eu peguei esperança, aqui é o melhor lugar para eu viver, por isso Deus me trouxe até aqui, aí eu estou indo embora, eu não tenho problema com isso não, eu não fiquei chateado não, o contrário, eu fiquei feliz.

P.: Isso foi em São Paulo?

R.: É, eu cheguei lá, eu tenho um casal brasileiro lá, ele até pagou um dia de hotel para nós.

P.: Lá aonde?

R.: Em Santos.

P.: Em Santos?

R.: Isso. Aí no outro dia, eu estava procurando [não entendi, 29:56], eu andei na beira de rua e eu vi um casal, mas esse casal vive na França, então conversei com eles, comecei a falar com eles, falei verdade também, de como eu consegui chegar...

P.: De onde era esse casal?

R.: Era brasileiro.

P.: Um casal brasileiro lá em Santos?

R.: Lá em Santos, mas eles casaram e viveram lá na França.

P.: Então eles falavam francês?

R.: Isso, eles falavam francês. Então eu falei com eles, eles falaram para mim na hora: "eu acho que tem uma organização de refugiado, você vai descobrir lá em São Paulo", aí eu falei para eles: "ó, eu não sei nada aqui não, eu cheguei ontem", ele falou para mim: "você é africano? A Europa é mais perto para você, você vem para cá, por que você não escolheu a Europa?" e eu falei: "eu não tenho escolha", eles me falaram que iam me levar para lá e trouxe para cá, então, meu destino não é só para mim, é Deus que está fazendo isso.

P.: E você sozinho com as suas coisas? Sozinho, sozinho.

R.: É, eu sou sozinho.

P.: E esse casal dessa organização. Que organização é essa de refugiados que eles falaram?

R.: É Cáritas.

P.: Aí você saiu de lá de Santos...

R.: Eles me deram dinheiro, eles me deram R\$100 nessa época. Aí eles me levaram até onde eu pegava o ônibus, no Jabaquara e eles escreveram num papel: Praça da Sé e falou para mim: "a hora que você descer no Jabaquara, você vai mostrar esse papel para as pessoas, que você quer ir para a Praça da Sé", aí falaram para mim: "a gente não sabe onde exatamente fica a organização, mas assim que você chegar lá

você vai ter mais chance desse povo orientar você, porque Praça da Sé é um lugar famoso no Brasil, ali é o ponto que muita gente encontra", eles escreveram tudo isso num papel e me dá, me levaram até o ônibus, me colocaram lá com R\$100 e disseram: "com esse aqui, na hora que você chegar e precisar de alguma coisa, você já compra para comer, aí eu falei: "tá bom". Eu peguei o ônibus e cheguei do mesmo jeito que eles falaram para mim, só que eu gosto de perguntar para o policial, eu sei que o policial, quando você pergunta, é mais seguro, eu cheguei no policial, eu não entendi o que ia falar também, eu não falo português, eu dava o papel, eu estou com mochila bem grande que eu nem conseguia andar, aí ele falou: "ah, ali", me orienta, nem fala comigo, porque se fala, eu não entendo, aí me orienta, me orienta, me orienta, me orienta... Até eu chegar na Cáritas.

P.: Então foi a polícia que te encaminhou para a Cáritas?

R.: É, eles que me levaram, porque eu não entendia nada.

P.: Eles te levaram até a Cáritas?

R.: É, porque o cara já escreve tudo.

P.: Aí você chegou lá...?

R.: Eu cheguei lá, conversei com eles, contei toda minha história lá, Maria estava lá. Maria é gente bacana, trabalha no social, assistente social, Maria, eu nunca vi uma pessoa tão bem igual Maria, Maria já fez muita coisa boa com muita gente, tempo que você chega aí, ele dá [inaudível], porque você um pessoal que está passando por um momento difícil, é bom que pessoa que já chega, ele dá uma força para ele, para ele ficar em esperança, né? Maria, esse pessoal bacana ali. Eu cheguei ali e eles já me mandaram para um hotel, falaram: "olha, a gente vai pagar um hotel para você ficar lá", a gente conseguiu um lugar lá para ficar na Casa do Migrante, eu fiquei três ou dois dias lá no hotel lá, dormindo perto de Caritas e depois me arrumaram um lugar na Casa do Migrante que está na Sé.

P.: Ah, você morou lá com o Padre Paulo?

R.: Isso, eu morei lá até conseguir o meu emprego.

P.: Quanto tempo?

R.: Eu cheguei lá, eu acho, no final de junho, julho, né? Eu morei lá em julho... Eu morei lá, eu acho pelo menos, talvez nem chega a dois meses, porque na hora que eu morei lá, eu arranjei um trabalho.

P.: Isso foi julho de 2008?

R.: É. Eu estava morando lá, eu fui trabalhar, final de semana eu tenho que voltar para São Paulo, eu consegui...

P.: Mas como é que você encontrou esse trabalho? Como é que foi esse trabalho? Você não falava português, falava?

R.: Não, a hora que eu morei na Casa de Imigrantes, a gente arruma um curso para aprender português, aquele curso lá, eu estava estudando, só que de manhã, a hora que você toma café, você tem que sair de casa, até às 5 horas da tarde que você volta para dormir. Nesse espaço ali, esse tempo ali, eu fiquei no centro de São Paulo, fiquei voltando ali, voltando e voltando, eu já comecei a [inaudível], você não entende, você não fala português, mas você já começa a [inaudível] porque você está com 1 mês e pouco, já conhece os caminhos para ir para a casa, volta, então eu vi um rapaz que chama Benedito, eu acho que é coisa de Deus, não é eu queria, não é ele que queria, é coisa de Deus, até que um dia eu falei com...A gente teve um colega também que, não sei se era congolês ou o que, a gente era tudo muito misturado na Casa de Imigrante...Até que falaram: "tem uma agência lá, que pega só trabalhador", aí eu fiquei louco, "pega carpinteiro", eu fiquei louco, "é carpinteiro? É isso que eu estou procurando", eu fui lá, num cara que... Eu cheguei em 2008, mas em 2009 eu já consegui serviço.

P.: Mas assim... Qual foi o seu amigo do Congo que falou dessa empresa? O amigo do Congo que estava com você na Casa do Imigrante, que falou da empresa e te encaminhou para essa empresa que você foi procurar?

R.: Isso, no centro de São Paulo, Largo do Paissandu, teve uma agência que estava lá, o nome dela eu acho que era "Salon Recurso", acho que é o nome dela ali... "Salon Recurso"... É... Um cara que chama Benedito, até agora eu tenho contato com ele, a

gente conversa. Ele é um sócio da empresa, aí eu cheguei ali, eu nem consegui falar português, eu não falava nada, só que eu cheguei e falaram para mim: "você é o quê?", "carpinteiro", eu sei palavra de carpinteiro, o mês que eu falei ali, era o mês de setembro, eu estava falando algumas coisas: "bom dia", "boa tarde", até aprendi "carpinteiro", aí falaram para mim: "você é carpinteiro?", "eu carpinteiro" e ele falou alguma coisa que eu não sei, eu fiquei parado, porque eu não entendi, "carpinteiro?", "carpinteiro", aí ele falou: "tá bom... Você tem martelo?" e eu não o que é que é martelo, falei: "hã? Não sei", "serrote?", "hã? Não sei", "trena?", "não sei", eu não sei o que ele estava dizendo, aí ele falou: "amanhã, vem", aí eu falei: "escreve o que você fala [41:40]", ele escreveu: martelo, serrote, tudo lá, aí ele falou para mim: "amanhã você vem aqui". Eu fui embora, dei o papel para esse cara lá, porque na Casa do Imigrante tem pessoa que é mais antiga lá, já fala português e dá o papel para eles e eles me explicaram: "ó, está falando que carpinteiro tem que ter martelo, serrote, treina, você tem?", eu falei: "eu não tenho não", eu voltei lá no outro dia e falei: "eu não tenho não, eu não tenho nada, eu não tenho dinheiro", aí ele falou para mim: "eu vou comprar tudo... Mas você é carpinteiro?", eu falei: "carpinteiro", ele falou: "eu vou te comprar tudo e vou te levar na empresa".

P.: Onde era esse lugar? Que bairro era?

R.: Esse lugar era no centro de São Paulo, Largo do Paissandu. A agência é ali, mas a obra é Raposo Tavares, km 41, Vargem Grande Paulista, então ele falou para mim: "eu vou te levar na obra, eu vou comprar tudo, mas você é carpinteiro?" e eu falei: "carpinteiro". Ele comprou tudo para mim, aí na quinta-feira eu acho, ele falou para mim... Não, deixa até segunda-feira, porque se eu levar você sexta-feira, você tem que voltar, aí eu deixo ali, eu te levo na segunda-feira, lá tem pousada, alojamento, você vai ficar até sexta-feira, aí você volta para São Paulo, você fala com o seu pessoal que você mora. Cheguei na Casa do Migrante de falei com Carla, aí Carla falou para mim: "não tem problema não, você está trabalhando, okay, final de semana você pode voltar para a Casa do Migrante". Segunda-feira ele me levou, eu cheguei lá e foram uns caras lá, "ah, eu trouxe um rapaz ali de África" e eu falei "carpinteiro", "agora eu quero ver ele trabalhar aqui", ele, a empresa dele é empreiteira, ele pega serviço com Cunha Braga, outra empresa, aí eu fui lá, estranho porque você está em

um ambiente em que você não fala, eles não entendem e você também não entende. Difícil.

P.: E tinham outros africanos lá? Ou você era o único?

R.: Não, eu sou o único. Eles não me entendem, eu também não entendo, aí tem um senhor lá que eu acho que já faleceu, ele era o responsável por todo o serviço lá, ele falou para mim...Eu não entendi, mas do jeito que eu falei, você não entende, mas vai saber do jeito que ele queria dizer, ele chegou para mim e falou: "você é carpinteiro?", eu falei "carpinteiro", ele falou: "eu te dou uma semana", eu não entendia, mas depois que ele me explicou isso, mas no momento que ele estava me dizendo ali, eu não entendia nada do que eles estava me dizendo ali, entendeu? Mas depois que eu fiquei na empresa muito tempo, ele mesmo que me contou, falou isso que eu estava dizendo para você, "eu te dou uma chance de uma semana, se você não é carpinteiro eu vou te mandar embora", mas na hora que ele falou isso para mim, eu falei "eu carpinteiro". Aí ele chegou, já peguei as coisas, os painéis, ele me mostrou e disse: "é esse aqui que eu quero que você faça para mim", "me dá trena", ele me dá trena, me dá papel, falou: "é essa daqui que eu quero que você fazer para mim, você vai medir, cortar com a serra na bancada, prega, faz tudo certinho e depois eu vou conferir com toda a medida certa", o que ele fala, eu não entendo, mas tudo no papel, eu já sei, aí eu pego e corto a madeira, pega prego, prega tudo, faz tudo bonitinho, deixa de lado, ele chegou e falou: "mais uma pessoa para você trabalhar", tem que ter paciência, porque ele tem paciência, o senhor de idade mesmo, a hora que eu cheguei lá, ele estava com 70 e poucos anos, aí ele pegou trena, tem uma coisa que faz na boca dele, que ele fica mordendo dentro, mas é mania dele também. Eu conferi tudo certinho e ele falou para mim: "tá bom, okay", aí pegou outra coisa, sempre pega pesado também, mas o que eu estou fazendo ali, eu sei, esse serviço que ele está me dando, é moleza para mim, [inaudível], estava fazendo o serviço mais difícil que ele me deu. Um dia subiu lá e falou: "pode carimbar, esse aqui é o carpinteiro, não sabe falar nossa língua, mas trabalha bem", ele falou para o administrativo, "esse gringo aqui, pode assinar a carteira dele, eu estava falando com um essa semana e mandei embora, mas esse aqui é o peça bom", eu não entendia, aí ele olhou para mim e falou: "você carpinteiro, você carpinteiro". Aí começou a soltar, me dar coisa, então ele chegava de manhã, já me dá papel, medida tudo e foi embora, até meio dia ele voltou, ele chegava e tudo já

estava pronto, arrumadinho, bem organizado, era isso que eu estava querendo, aí fui embora. Eu trabalhei nessa empresa, de empreiteiro, eu trabalhei por 1 ano e pouco, depois me passaram no Cunha Braga, para ser da empresa direto, eu trabalhei na Cunha Braga por 5 anos, depois que meu filho nasceu, minha filha, eu não tenho condição...

P.: Cunha Braga é outra empreiteira?

R.: Não, Cunha Braga é uma empresa.

P.: Duas perguntas, depois a gente volta para Cunha Braga. Você foi perseguido no seu país pelos rebeldes?

R.: É, isso por isso eu saí. O tanto que você está no meio de uma coisa rebelde, você vai escolher, ficar, morrer ou sair para viver, porque a hora que eles chegam ali, eles vão tomar tudo o que você tem e se você não quiser, eles te matam e não estão nem aí. Então você vai preferir sair fora ou ficar morto lá.

P.: Aí você foi perseguido e saiu de lá, logo depois que a sua mãe morreu, você estava sozinho, né?

R.: É.

P.: E esse casal lá de Santos, o casal que te falou da Caritas, você conheceu no hotel?

R.: É, só que eu estava descendo do hotel e fiquei caminhando na beira de estrada, eu vi eles sentados lá, cheguei e já comecei a falar. Aí nessa época ali, não tem muito [inaudível] igual agora, agora você já vê uma pessoa e a pessoa vai correr.

P.: É verdade, ainda mais alguém que é preto, né?

R.: Isso.

P.: Agora vamos voltar para Cunha Braga. Você trabalhou com esse senhor por 1 ano e pouco, ele te pagava direitinho? Você foi registrado ou não, morava sempre na obra?

R.: A hora que ele me levou lá na Cunha Braga, eu estava na empreiteira, Salon Recurso, eu acho que o nome dele é isso e o responsável é o Benedito, um cara

bacana também, um cara maravilhoso, porque ele comprou tudo as ferramentas, ele que me levou lá com o carro dele, ele me deu apoio para esse cara me bancar no alojamento de segunda à sexta, aí depois me dá uma passagem para São Paulo, então isso não tem preço, um cara que faz isso para você. Depois que Cunha Braga... Porque esse cara que eu trabalhei lá, ele Cunha Braga, depois que eu trabalhei lá um tempo, 1 ano e pouco, eles gostaram do meu serviço, falaram com o dono e ele vai me fechar na empresa mesmo.

P.: E você sempre morando no alojamento da obra?

R.: É, sempre eu morava lá na Cunha Braga. A hora que a gente tem um serviço, uma obra no outro estado, Rio Grande do Sul, Recife, Paraná, eles me levam no alojamento lá, na hora que a gente volta, eu fico no depósito de Vargem Grande Paulista da Cunha Braga. Eu trabalhei lá de 2011 até 2016, 2015, 2010 eu já fui para o Senegal, eu trabalhei quantos anos na Cunha Braga, mas eu não fui fechado na Cunha Braga, trabalhei na empreiteira, depois eu peguei uma autorização na Caritas, com a Polícia Federal e eu fui visitar o meu primo, lá que encontrei o amor de minha vida, uma menina senegalesa que está lá, eu namorei com ela, a hora que eu voltei, eu falei: "eu vou casar com ela", eu casei com ela, aí eu mandei ela para vir para cá em 2015. E em 2015 que ela está comigo ali, minha filha nasceu, meu primeiro filho.

P.: Ela é do Senegal?

R.: É, é do Senegal. Ela é parente de meu pai. Então minha filha nasceu em 2016 e eu não tenho condição mais de viajar...

P.: Como é que foi a sua documentação? Porque você chegou, ficou na Casa do Migrante e você fez a solicitação de refúgio? Você está como refugiado?

R.: Isso, eu fiquei como refugiado, depois me acertaram.

P.: Mas quem te ajudou no processo? A Casa do Migrante ou a Caritas?

R.: Caritas que me ajudou.

P.: Aí você conseguiu a solicitação de refúgio?

R.: Isso, depois me acertaram. Na hora que eu estava viajando... Porque se você foi acertado, onde você viaja te dão passaporte amarelo. Aí a hora que eu viajava para o Senegal, eu fui lá e pedi autorização na Caritas, eles pediram para Brasília, depois é Brasília que vai mandar para eles, eles me dão, eu fui [inaudível] para fazer passaporte, mas você tem que ter o tempo que vai colocar na autorização. Aí você respeita o tempo certo. Aí eu fui lá visitei, vi o meu primo, fiquei apaixonado por menina lá, aí eu já rolei alguma coisa ali e falei: "ó, eu quero casar com você. Eu vou voltar para o Brasil, mas eu quero casar com você", depois que meu filho nasceu, eu não consegui trabalhar, porque a gente estava pegando só fora de São Paulo.

P.: Mas ela veio para você. Ela voltou com você para o Brasil? Você ficou quanto tempo no Senegal?

R.: Eu fiquei lá dois meses.

P.: Dois meses? Aí se apaixonou e voltou para o Brasil?

R.: 2010. Isso, sempre conversando com ela.

P.: Entendi. Veio sozinho?

R.: Sozinho. 2014 já faz quantos anos? Já faz 4 anos, eu fui lá de novo, casei com ela.

P.: Casou lá no Senegal?

R.: Isso, eu voltei sozinho, deixei ela lá. Em julho de 2015, ela volta, eu consegui o documento dela tudo, Cunha Braga me ajudou também, aí eu já trouxe ela para cá.

P.: E ela veio como refugiada?

R.: Não, ela vem e eu levei ela na Cáritas, só que ela solicitou... Ela não era refugiada, ela solicitou o visto, só que ela não era refugiada, eu levei ela na Cáritas, apresenta eles, minha esposa, né? Com os meus documentos, ela pode ter documento, só que ela não teve, não é o mesmo processo. A hora que ela ganhou o bebê em 2016... Chegou julho de 2015, lá para outubro de 2016, ela ganhou o bebê e conseguiu o documento dela. Aí eu não consegui viajar mais, porque ela não fala português e está com criança, eu cheguei na empresa para conversar com eles e eles disseram: "não

tem problema não, você é um cara que já fez muita coisa para nós, a gente entende o seu lado, sua esposa acaba de chegar, já ganhou bebê, então é difícil você viajar e na hora que o bebê precisar de consulta, ela não sabe falar você tem que ser presente". Eles me liberaram, pagaram tudo, aí eu fico fazendo bico de manhã, de tarde eu já volto para casa.

P.: Isso no comércio, como informal, vendendo coisas?

R.: É, começa a minha esposa fazendo um bolo, coisas aqui, a gente já vendeu na rua, o café, o bolo com o café, aí sempre vai no Brás, na comunidade de senegalês de lá, eles vendem as [inaudível], eu ajudava ela, ela já ganhou outro bebê, está fazendo dois anos mês de maio do mês que vem, eu também já peguei minha naturalização, agora sou brasileiro, tenho meu passaporte, então aqui é minha casa, aqui é minha vida.

P.: Então você não pretende voltar nunca para o seu país?

R.: Não, de jeito nenhum. Voltar para onde? Se minha mãe já faleceu, meu pai já faleceu e você passou muita coisa ruim ali? Onde que você vai ficar lá? Quem você vai procurar lá? O quê? Eu vou ficar lá e fazer o quê? Por que eu vou voltar para lá para sofrer? Porque quando você passa uma coisa ruim, você chega lá e pensa só nisso. Eu, único país que eu posso ir e ficar é o Senegal, que eu sei que minha esposa é de lá, meus filhos, metade brasileiro, metade de Senegal, metade de Chade, entendeu? Então lá que eu posso ir lá, porque eu já tenho os primos em Senegal, então é uma coisa que é... Minha segunda família é de lá, mas do outro lado eu não vou nunca mais.

P.: E lá no Chade, você falou que morava na zona rural, né?

R.: Aham.

P.: E lá, era assim, a sua família ou alguém produzia algodão?

R.: Não.

P.: E você chegou a ouvir falar quando você estava lá de visita de Lula ou do projeto que se chama Cotton-4?

R.: Aqui no Brasil?

P.: Lá no Chade ainda.

R.: Não, não.

P.: Nunca ouviu falar?

R.: Não.

P.: O Brasil tem uma parceria com o Chade, você nunca ouviu falar?

R.: Não sabia não.

P.: Você conheceu outras pessoas do Chade no Brasil?

R.: Não, porque eu frequento essa comunidade de senegalês. Eu me dou bem com eles e eu sou muçulmano, né? Aí eu frequento eles, porque eles já têm uma comunidade grande aqui em São Paulo.

P.: Você é muçulmano?

R.: Sou.

P.: Sua esposa também?

R.: É.

P.: Lá no Chade você já era muçulmano?

R.: É, porque meu pai era muçulmano.

P.: E aqui você frequenta qual mesquita?

R.: Ali eu não frequento nenhuma mesquita. Eu frequento só a comunidade de senegalês. Eu não estava [inaudível], eu estava católico. Mas se você já fica no ambiente que você já fica toda hora, você vai saber outra coisa diferente que você vai sentir, eu estava no meio deles, vi o que eles estavam fazendo, vi quem estava falando, eu falei...

P.: Você era muçulmano no Chade?

R.: Sim, mas não pratico.

P.: E aqui você ficou católico por quê? Por causa da Caritas e da Missão Paz?

R.: Não, minha mãe é católica.

P.: Sua mãe é católica, pai muçulmano. Entendi.

R.: Eu não estava para cá do nada, só que na hora que eles perguntaram para mim, eu falei: "ah, eu sou católico", porque eu gostava de minha mãe, mas eu não pratico nenhuma. Eu chego num lugar, "ah, você é o quê?", "eu sou católico", "você é o quê?", "eu sou muçulmano", eu fiquei dividido, mas na hora que eu cheguei na comunidade de senegalês, isso que eu escolhi, muçulmano, porque você vê o que os caras fazem aqui, você vai chorar, porque eu passei um momento difícil, se você vê pessoa passando ao seu lado e você passou o pior, o bem pior, você vai ajudar ele, porque você já passou isso, você já sabe. As comunidades de senegaleses daqui, a hora que uma pessoa do Senegal morre aqui, não sei onde fica, pode ser Rio Grande do Sul, pode ser Paraná, pode ser o que for, eles, comunidade de Senegal, onde estiver, eles fazem R\$50 cada um, juntaram essa grana e mandaram esse corpo para Senegal, para os parentes dele, isso é uma coisa que eu nunca vi, porque o pessoal que morreu talvez, se não tem parente ou família rica, o corpo dele vai ser enterrado aqui, mas esse povo de Senegal, eles juntam cada um, aonde estiver que tenha colocado R\$50 na conta, eles juntaram essa grana de tudo, preparam o corpo e mandam para o Senegal, eles dão para a família da pessoa que está morta. Isso é uma comunidade que você entra lá dentro e descobre muita coisa. O cara está passando fome, doente, está com necessidade e está querendo trabalhar, eles juntam grana e ajudam ele. Isso que é coração.

P.: Quando você estava na empresa você morou em quais cidades além de São Paulo? Rio Grande do Sul? Paraná?

R.: Recife, Pernambuco, acho que é isso, o resto é interior de São Paulo.

P.: E você gosta de São Paulo? Como é a sua relação com São Paulo? Você escolheu ficar em São Paulo? Você poderia ir para outro estado ou você prefere São Paulo? Por que São Paulo?

R.: Eu prefiro São Paulo, porque minha história é toda São Paulo, então eu prefiro São Paulo, porque eu resolvo tudo em São Paulo, meus documentos são todos de São Paulo.

P.: Mas por que São Paulo? O que tem aqui?

R.: Primeira coisa é serviço, se não tem obra, tem comércio, qualquer coisa vai no Brás, 25 e você vende. Então é uma capital de economia.

P.: De oportunidade, né?

R.: É.

P.: E você chegou a sofrer? Você acha que foi difícil tirar documento? Você acha que a legislação foi mais branda? Ou você acha que foi tudo certo, não teve problema para conseguir legalizar a sua situação?

R.: É difícil, não é fácil não. Não é rápido, é o tempo também, porque é uma coisa que analisa, procura saber, então é o tempo, não é fácil, você não vai chegar e tirar documento, não, tudo é caminho certo.

P.: No seu caso demorou quanto tempo?

R.: Eu acho que demora 2 anos, eu acho, para um documento.

P.: Você já sofreu preconceito aqui no Brasil?

R.: Ah, sempre. O preconceito é parte de todo mundo no mundo, você não vive sem preconceito, porque até na obra que eu trabalhava, tem alguns que não te quer, fala até algumas coisas que você não gosta, mas a gente leva, né?

P.: Mas aí você ignorava?

R.: Não, eu não ignorava não.

P.: Mas preconceito racistas ou preconceito por causa da sua nacionalidade?

R.: Talvez você confunde o racista com... Às vezes a palavra que sai da boca da pessoa, você não sabe o que quer dizer, entendeu? Mas eu não ligo, eu não ligo não,

eu não bato boca, eu vou embora, se eu escuto o que eu não gosto, eu prefiro ir embora.

P.: Seus filhos nasceram aqui no Brasil, são brasileiros, você teve dificuldade para acessar o sistema público de saúde? Para ser atendido no hospital, para marcar uma consulta, tirar os documentos dele?

R.: Não, eu não tenho isso não. Quando eles têm consulta, eles vão lá, se entendem bem. Em termos de documento também, não tem dificuldade, você vai no Poupatempo e tira RG, passaporte também já tiraram.

P.: Mesmo quando você está doente e precisa ir ao médico, você vai sem dificuldade? Sua esposa.

R.: Não, eu não tenho dificuldade.

P.: Durante a pandemia você conseguiu ter o Auxílio Emergencial?

R.: Eu tinha e minha esposa também tinha.

P.: Ah, que bom. E agora acabou, né?

R.: Agora acabou, agora está difícil, agora parece que está começando de novo, né? Em casa, desempregado, fica difícil.

P.: Você mora no centro, né? Que lugar do centro?

R.: Eu moro ali na Avenida Rio Branco.

P.: Sei, tem bastante nigeriano, né?

R.: Aham, Campos Elíseos.

P.: E bastante boliviano também, verdade. E agora você pretende ficar aqui no Brasil e tocar sua vida, né?

R.: É, único país que eu quero ir é Canadá.

P.: Senegal, é bonito lá?

R.: Senegal é bonito, o povo é bacana, você entra lá e é família, é um povo educado, um povo trabalhador.

P.: Você se sente mais em casa no Senegal ou no Brasil?

R.: No Brasil, foi aqui que eu consegui tudo. Só que eu falei que eu quero ir para o Canadá.

P.: Você quer ir para o Canadá?

R.: Isso, eu sou curioso.

P.: Mas parar morar ou para passear?

R.: Passear.

ANEXO O - Transcrição da entrevista realizada com Tanko Oro Adei

R.: Meu nome é Tanko Oro Adei.

P.: Você veio para cá em que ano, Tanko?

R.: Eu vim aqui no Brasil em 2014, dia 10 de maio de 2014 que estou aqui no Brasil. Então eu vim aqui no Brasil pra procurar vida melhor, porque lá é muito complicado para trabalhar, para a família pobre, porque no meu país é ditadura. Eu nasci e só vi uma presidente só, eu nunca vi... Sempre na eleição dava problema, briga, você não pode falar mal da política, ele te mata ou ele te bate, alguma coisa assim, sofremos muito porque o pai morreu com 36 anos, presidente e agora filho tomava conta, filho também não quer sair até hoje. Então o país liberou... Por nada de... População para fazer, para você ter que ganhar alguma coisa assim, você tem que ficar na parte política, ao lado de presidente, você tem que ficar lá depois e conseguir ganhar alguma coisa, então por isso eu saí para procurar uma vida melhor para a minha família. Então eu vim aqui para o Brasil em 2014, é uma luta passar aqui para cá, eu não conhecia ninguém aqui...

P.: E como que foi? Lá no Togo, na época o que que você fazia?

R.: Eu sou carpinteiro, trabalhava com madeira maciça.

P.: Aconteceu alguma coisa pontualmente que fez você decidir vir para cá?

R.: Sim, por exemplo, lá não tem trabalho, dificuldade para comer, entendeu? Você trabalha, mas não vai ganhar dinheiro, nada para... Então é todo mundo sofrendo lá e aí eu pensei: "eu vou procurar vida melhor", por isso eu vim para cá, para ver como que é, graças à Deus hoje estou bem, melhor, Brasil me deu oportunidades, aqui eu tenho minha própria empresa de marcenaria que estou trabalhando hoje em dia.

P.: E lá no Togo, quem tem da sua família? Você tem mãe lá, pai?

R.: Não, minha mãe morreu quando eu tinha 5 anos, meu pai morreu em 2011, então eu só tenho irmão, irmãs e os meus filhos também. Eu tenho duas filhas, que estão lá ainda, é só isso.

P.: E como que você ouviu falar do Brasil? Como que você soube Brasil? Em que momento da sua vida você conheceu o Brasil?

R.: Na verdade, o Brasil me deu uma chance para vir aqui, porque ele...Para ir para outro país é muito diversidade, tipo Europa, não é fácil, aí ganhei a chance de fazer visto do Brasil e falei: ah, eu vou vir aqui para ver o que que tem aqui também, para mim tentar a minha vida aqui"

P.: Entendi, mas quando você soube sobre o Brasil? Quando você era criança você ouvia falar sobre o Brasil, depois de jovem, na escola...? Porque o Brasil é um país distante, né?

R.: Na verdade, eu não estudei muito para saber a história do país assim, eu sou corajoso, eu sou a pessoa mais corajosa para..."vai ou não? Eu vou lá, o que é que tem lá? Quero ver", é assim que eu funciona. O Brasil a gente o futebol, país que tem o futebol...Eu já fui jogador, já joguei futebol...Então é isso que a gente conhece do Brasil.

P.: Lula foi até o seu país alguma época? Algum presidente do Brasil? Você se lembra disso?

R.: Lula já foi presidente, né?

P.: Já, ele foi lá no seu país?

R.: Não, acho que não. Não vou lembrar porque eu não sei nada sobre política, se ele foi eu não sei, não me lembro.

P.: No teu imaginário de quando você era criança, jovem, o Brasil era só uma referência no futebol?

R.: Futebol, sim. A gente só via o futebol do Brasil e no diferencial que o Brasil tem, Brasil tem a vida melhor, eu não sabia disso.

P.: O que você ouvia falar sobre o Brasil quando você estava lá? Além do futebol.

R.: Depois do futebol, é o samba, Carnaval, ouvi falar de Carnaval e alguma coisa assim.

P.: A sua vontade ir para outro país apareceu em que ano? O que você estava fazendo da sua vida na época? Em que ano foi "eu vou sair do Togo"?

R.: Ah, muito tempo, né? Desde criança a gente já começou uma coisa que eu vi que não está dando certo, porque para sair do país não é de graça, você tem que ter dinheiro para conseguir sair, tem que comprar passagem, porque passagem para vir aqui não é fácil, para pegar visto também não é de graça, você tem que lutar por tudo isso, deixar tudo bem, tem que ter lugar para dormir depois, eu vim aqui graças à Deus com dinheiro, pouco dinheiro, eu fiquei num hotel até um mês e depois eu conheci pessoa do meu país e fui morar com ele no Brás, eu saí do Brás e fui morar no São Mateus, depois do São Mateus fui morar no Pacaembu também, depois do Pacaembu, São Mateus, [inaudível].

P.: Mas quando apareceu o seu desejo na verdade de "agora eu vou embora"?

R.: Foi em 2013, eu estava decidindo porque estava muito pior mesmo, muito pior, nada, nada, falei: "ah, eu vou lutar", lá que começou e eu consegui sair em 2014.

P.: Entendi. E quando você decidiu, aí você teve que juntar dinheiro para comprar passagem...

R.: Não, eu vendi alguma coisa que eu tinha, tipo terreno, para juntar dinheiro para viajar. Eu tinha carro, vendi meu carro para poder sair do país. É muito complicado, é muita ditadura.

P.: E como que foi para você entrar no país legalmente? Você pagou a passagem, veio de avião para cá...

R.: Eu peguei o Ethiopian e desci no Rio de Janeiro, lá peguei ônibus para São Paulo.

P.: E você conhecia alguém em São Paulo?

R.: Não.

P.: Por que você decidiu vir para São Paulo?

R.: Porque São Paulo é tudo [inaudível] falar de São Paulo, São Paulo, o Rio de Janeiro também, todo mundo conhece, né? Então, eu vim do Rio de Janeiro porque

eu vi na televisão que São Paulo era melhor do que o Rio, porque...O salto, alguma coisa assim.

P.: Para trabalho?

R.: Para trabalho, sim. Trabalho também. Então eu "ah, vou em São Paulo, vou tentar lá, se não der certo, eu vou para [inaudível], então eu vim para São Paulo e só fiquei aqui mesmo.

P.: Aí você ficou no Rio algum tempo ou não, você ficou direto?

R.: Não, eu vim direto.

P.: Veio direto e quando você veio, você já conhecia alguém aqui ou não?

R.: Não, ninguém.

P.: E você foi para onde?

R.: Eu fui para hotel, fiquei no Hotel Canadense, aqui no centro, fiquei até mais ou menos um mês mesmo, já que o dinheiro que eu tinha estava acabando mesmo no hotel, lá que eu vim no centro aqui e conheci pessoa de Togo também, que a gente está conversando e falou: "vem aqui, vamos morar junto no Brás".

P.: Você conheceu lá no Brás?

R.: Não, no centro, na República, lá que eu conheci eles.

P.: Você é muçulmano?

R.: Sim.

P.: Você conheceu o pessoal da mesquita?

R.: Não, mesquita não, foi lá que eu conheci eles.

P.: Porque tem a mesquita lá, né? A mesquita dos africanos lá na República.

R.: Sim, sim.

P.: Você conheceu na rua?

R.: É, rua. Eu vi que eles estavam conversando nossa língua, língua de Togo, eu vi que eles estavam falando e falei: "ah, vocês são de Togo, eu também sou do Togo".

P.: E aí você saiu para morar com eles?

R.: Eu morei com ele um mês.

P.: Isso no Brás?

R.: Ele alugou casa no Brás, um mês depois a polícia veio e tirou todo mundo, fechou a casa, porque era uma casa que o pessoal estava alugando, só que não é dele, uma casa assim, tipo... Por isso veio e tirou nós, aí eu fui morar no Pacaembu, eu estava trabalhando em uma obra, casa eles ajeitam para trabalhar, então a gente dormindo lá, dormia na obra. Lá que eu arrumei outro serviço numa padaria, porque lá não para direto, arrumei um serviço numa padaria lá perto de São Mateus, então um amigo me arrumou casa no São Mateus.

P.: Entendi. Então você estava trabalhando aqui no Pacaembu, aí acabou a obra e você foi para São Mateus?

R.: É, eu arrumei um trabalho perto de São Mateus numa padaria. Lá eu fazia pão, embalagem, pão de estoque, tudo no estoque, então eu comecei a trabalhar e o trabalho era três meses. No Pacaembu eu conheci uma mulher, a gente conversa e eu não sabia falar direto português, então eu fui morar em São Mateus, a gente se conheceu, então conversou de novo e ela fala assim: "onde você mora é muito longe, você não quer morar junto comigo aqui? [inaudível] Lapa, então a gente morou junto por 4 anos, depois separou.

P.: Ela era sua namorada?

R.: Sim, a gente separou em 2018.

P.: Ela era brasileira?

R.: É brasileira. Ela me ajudou muito. Ela me ajudou com trabalho, eu estava trabalhando em uma marcenaria na frente da minha casa só que o cara xinga, né? Um dia ele falou que tem um amigo que chegou nele e falou: "onde você arrumou..." Porque eu sempre trazia meus amigos africanos para trabalhar lá também,

então..."onde você arrumou um negão assim?" e eu vi na boca dele, sabe? "Comprei na [inaudível]", foi lá que eu falei: "não, não vou trabalhar com ele mais não". Então, no trabalho, ele não queria me pagar, um dia eu fui lá porque queria receber meu dinheiro também, mas ele não quis me pagar, ele entrou no carro dele e eu falei: "não, eu tenho que receber o meu dinheiro depois que sair daqui, eu não tenho medo de ninguém, eu não roubei ninguém não, eu falei: "você não vai sair daqui não, eu vou receber o meu dinheiro". Chegou o policial, muita viatura, "eu quero matar ele", o polícia chegou e eu não fugi, fiquei lá porque eu tinha a minha razão, polícia me perguntou o que eu estava fazendo lá e eu falei assim: "eu trabalho mas ele não quer me pagar" e ele: "só que aqui no Brasil tem que ir na justiça, não pode fazer assim" e eu falei: "aqui é [inaudível], eu não sabia o que era justiça", no momento em que nós começamos o trabalho...

P.: Mas isso foi na obra ou foi depois da padaria?

R.: Não, isso foi depois da padaria.

P.: Mas foi trabalho de quê? Era trabalho de marceneiro?

R.: De Marceneiro. A polícia conversou com ele e eu perguntei o que estava acontecendo, que eu queria receber o meu dinheiro, porque eu não tinha dinheiro e a polícia dizia: "aqui no Brasil tem que ir na justiça" e eu: "eu não conheço nada disso, porque eu vou começar a trabalhar com ele, não tem justiça, como eu vou receber meu dinheiro, vou na justiça?" e eu falei então depois: "onde que eu vou na justiça?" e ele me mandou depois, polícia convenceu ele e ele me pagou, ele não pagou tudo, então eu deixei para lá e fui para outra marcenaria.

P.: Você tem visto de refugiado? De imigrante? Como foi essa parte de documentação? Você chegou com visto de turista?

R.: Eu fui no Caritas, eu peguei protocolo, então ele fez a minha entrevista, meu caso não era refugiado.

P.: Isso lá na Polícia Federal?

R.: Não, na entrevista com o Conare, fiz a entrevista para o Conare.

P.: Conta desde o começo. Você chegou e aí você entrou com visto de turista, foi na Polícia Federal...

R.: Fui na Polícia Federal e peguei o protocolo e então fiz o meu cadastro no Caritas.

P.: Você foi na Caritas?

R.: É.

P.: Como você soube da Caritas?

R.: Meus amigos que estavam aqui que me indicaram.

P.: Aqueles que você conheceu na República?

R.: Sim, foram eles. Eu estava aqui em 2014, 2015, só com o meu protocolo, eu estava sem o RNE, trabalhando só com o protocolo. Em 2018, eu tive uma filha, então lá que eu ganhei o meu documento legal.

P.: Você tem uma filha no Brasil? Com essa moça?

R.: Não, essa moça não. Outra moça. No momento em que a gente se separou, eu conheci outra, lá que ela engravidou, a gente já se separou, hoje em dia a minha filha é da minha guarda, eu peguei a minha filha com a guarda na justiça.

P.: Quando você chegou, você foi na Polícia Federal, fazer o visto de turista...

R.: Sim.

P.: Aí depois você foi na Caritas, pelos seus amigos, para saber sobre refúgio...

R.: Solicitar refúgio, isso.

P.: E aí a Caritas...

R.: A Caritas me entrevistou com o advogado do Conare. Então a Conare falou que no meu caso não é refugiado, eu não sou refugiado, porque eu não vou conseguir [não entendi] o documento de permanência.

P.: Isso quem falou foi a Caritas? Que você não era refugiado?

R.: Caritas. Eu não era refugiado. Então eu estava não entendi] um protocolo lá e eu conheci uma moça também.

P.: Mas você tinha feito o pedido de refugiado, o protocolo era de refugiado?

R.: Sim, sim, eu pedi refugiado.

P.: E aí a Caritas falou: “não, não dá para ser de refugiado, tem que ser outro”. E como é que foi? Qual que você conseguiu?

R.: Eu consegui com essa moça que nasceu a minha filha, que teve neném.

P.: Ah, depois disso nasceu a sua filha?

R.: Isso, minha filha nasceu em 2019. É 2019 porque eu tenho os documentos, mas eu estou aqui desde 2014. Eu fiz os documentos porque eu tenho empresa, eu fiz a documentação, então saiu o meu nome para ter, aqueles 2 anos de documentos, saiu meu nome e eu falei assim: “não precisa mais, já tenho filho, não preciso pegar”.

P.: Não precisa mais pedir nem como refugiado e nem outro tipo de documento porque você já tinha filha?

R.: Sim. O documento que saiu por causa que eu tenho empresa, tenho uma marcenaria, eu levo todo o documento lá para eu conseguir, saiu meu nome para eu pedir, eu falei: “não, eu não vou fazer esse cadastro mais não, eu vou ter filha”.

P.: Entendi. E ficou mais fácil para você depois da documentação?

R.: Sim, sim, é.

P.: Quantos anos tem sua filha?

R.: Tem 2 anos e 6 meses.

P.: Você soube da carta pelos seus amigos e os seus amigos têm como refúgio?

R.: É, meus amigos foram como refúgio também. Tudo eles também, eles não ganham documento de refúgio, eles ganham documento sobre o [inaudível].

P.: Alguém te ajudou nesse processo, fora a indicação dos seus amigos? Por exemplo, você alou que para chegar tem que fazer um documento que tem um preço, alguém te ajudou? Como é que foi?

R.: Aqui?

P.: É.

R.: Na verdade, para eu levar documento, no caso de minha filha, foi uma agência, funciona igual a Caritas, onde ficava a Caritas antes, na Liberdade.

P.: Uma ONG também? Foram eles que te ajudaram?

R.: É, eles que juntaram meus documentos, "esse aqui pode levar, leva esse aqui".

P.: Conhece Padre Paulo?

R.: Sim, sim.

P.: Ah, como você conheceu a Missão Paz? Você falou que já veio aqui...

R.: Missão Paz vem aqui todo final do mês, mas desde a pandemia ele não vem mais. Eu sou o organizador de comunidade do Togo, eu que organizo a reunião, faço tudo aqui.

P.: E que reunião vocês fazem aqui?

R.: A gente faz reunião para juntar, para nós que vem do Togo e está aqui no Brasil, junta para conversar, para se aconteceu alguma coisa, por exemplo, morreu nosso pessoal aqui, como que pode mandar, tem que liderar "tem que mandar para o Togo", entendeu? Por isso nós juntamos para fazer isso.

P.: É tipo uma associação do Togo?

R.: Associação, isso.

P.: Vocês se ajudam? Tem ajuda financeira, doação?

R.: A gente quer conversar sobre isso, para ganhar uma ajuda, alguma coisa para financiar, porque ajuntar alguma coisa para levar, a pessoa está com fome lá também,

ajuntar dinheiro, mas hoje em dia nós não estamos conseguindo nem ir direto. Agora ontem marcaram uma reunião, reunião só na minha casa.

P.: Em São Mateus ou na Lapa?

R.: Na Lapa, eu saí de São Mateus em 2014.

P.: Mas você conhece gente ainda que mora lá?

R.: Sim. Eu moro no meu trabalho, durmo na minha marcenaria mesmo.

P.: Então você faz a reunião aqui, mas no começo como você veio parar aqui, como você conheceu a Missão Paz?

R.: Missão Paz fez um evento aqui... Você conhece o Jean?

P.: Jean Catunda?

R.: Jean Catunda, sim. A gente jogava futebol...

P.: O Jean Catunda de onde é?

Ele é de Congo, África, alguma coisa é a associação dele.

R.: África de Coração?

P.: África de Coração, isso.

R.: Junto com Abidu?

P.: Abidu também é meu amigo.

R.: Então, lá que a gente jogava futebol, só que a gente pode fazer a reunião aqui, lá que eu conheci o Fernando, esqueci o nome dele, aquele que o pai dele liberou tudo, o segundo domingo de mês a gente faz uma reunião aqui, então começou a pandemia e parou.

P.: Mas era só do Togo a reunião? Tinha congoleses...?

R.: Só do Togo mesmo.

P.: Quando você veio para cá, você acha que a legislação brasileira facilita a sua vinda? Você acha que foi fácil ou foi difícil?

R.: Começa a ficar difícil, porque se você não conhecer ninguém, depois você vai ficar adaptando. Então eu acho que o Brasil tem uma oportunidade, a oportunidade que o Brasil me deu hoje [inaudível] sem documento, eu tenho minha empresa, abri minha empresa, eu agradeço muito.

P.: Então você quer dizer que mesmo sendo difícil essa parte de documento, para você foi bom porque você conseguiu abrir a sua empresa?

R.: Foi bom para mim, porque não sei se em outro país vai ter essa oportunidade.

P.: E você acha que isso compensa a dificuldade da legislação.

R.: Isso.

P.: Você acha que demorou muito para sair o documento?

R.: Demorou muito porque se a gente vem aqui, por exemplo, o haitiano vem aqui e consegue o documento na hora, por que nós não conseguimos na hora? Por que não somos iguais?

P.: É, porque o Brasil tem um acordo militar que agora fez com a Venezuela também e com o Afeganistão, se não me engano. É diferente a política.

R.: Bom, se você dá oportunidade por que não dá para todo mundo, entendeu? Porque, primeira coisa, ele acha que africano é mais trabalhador, nós somos trabalhadores, todos os meus amigos são trabalhadores. É isso que vou pedir, na próxima vez tem que pensar em nós também, para não sofrermos com documento, porque você vai chegar em um lugar e vão falar: "você não tem documento original, então você não pode fazer isso" acontece muito para nós, por exemplo abrir conta no banco, você tem que ter documento RNE, depois abre. Eu fui trabalhar como lixeiro e lá que eu consegui abrir a primeira conta para mim.

P.: Então você teve dificuldade para ter acesso à saúde?

R.: Não, saúde não, saúde está legal, não tem muita dificuldade. Com protocolo tudo vai.

P.: Você ia no médico, eles faziam um protocolo e eles te atendiam? Nunca teve nenhum problema?

R.: Não, não teve nenhum problema. Eles atendem mesmo sem.

P.: Era só mais nessa parte burocrática-financeira, né? Os outros atendimentos você conseguia.

R.: É, porque a gente chegou aqui e um monte no Brasil não sabe o que é protocolo, ele acha que o protocolo não é um documento legal, então agora que ele está sabendo que o protocolo é um documento legal.

P.: E quando você chegou no Brasil, você sofreu algum tipo de preconceito? Seja pela sua nacionalidade ou seja pela sua raça?

R.: Não, na verdade, só aquele marceneiro que falava que ele “manda”, né? Que ele comprou.

P.: Mas ele te contratava, ele fazia registro, fazia contrato?

R.: Ele contratava, mas não assinou carteira não.

P.: Nem a sua e nem a dos seus amigos? Você ficou lá por quanto tempo?

R.: Eu trabalhei com ele uns 6 meses.

P.: E aí você saiu de lá por conta disso que ele falou que tinha comprado vocês?

R.: Sim, sim.

P.: E os seus amigos continuaram?

R.: Até teve um amigo que falou: “vamos esquecer, porque se a gente sair agora, não tem lugar para trabalhar, nem tem documento, vamos ficar lá fazendo devagar” e eu falei: “não, eu tenho coragem, ele pode arranjar outra pessoa”, só um amigo que ficou lá e depois foi para Santa Catarina.

P.: E você abriu a sua marcenaria em que ano?

R.: Eu abri em 2018.

P.: Antes da sua filhinha nascer?

R.: Sim, eu tive a marcenaria e depois conheci a mãe da minha filha. A gente se conhecia há pouco tempo e ela engravidou, tudo bem, então ela também não tinha onde morar e eu estava ajudando ela.

P.: Brasileira?

R.: Brasileira. Ela estava morando em uma pensão, uma casa pequena, então, é minha filha, né? Eu fui lá e arrumei uma casa, eu paguei 1 ano. Então chegou a pandemia e eu fui falar para ela que não tinha mais condições de pagar aluguel, porque ela tem o pai dela aqui, ela recebe dinheiro do pai dela também, mas ela me levou na justiça, porque eu não fazia nada, eu não dava comida para ela, no momento em que ela engravidou, a gente já separou, então eu só fiquei com ela até a neném nascer, a gente nunca morou junto.

P.: Você morou com a outra, né? Com ela não.

R.: Com ela não, com a outra eu morei junto por 4 anos, depois que a gente separou também. Então, a gente não tinha morado junto, até que ela me levou na justiça, ela levou tudo o documento que provou que eu alugava casa, falou assim “está faltando o alimento”, mas como que eu estou pagando seu aluguel e está faltando alimentação? Eu não quero ir preso, então trabalhei por um advogado e fui contar para o advogado, o advogado pegou os documentos e foi atrás, ela estava namorando um outro cara e eu liguei para visitar a minha filha, o cara me mandou mensagem, para eu visitar a minha filha eu teria que avisar com 24 horas de antecedência e eu falei assim: “eu não tenho nada a ver com a sua mulher, é só a minha filha que eu quero visitar”, então lá que a gente marcou que ele estava namorando com brasileira, eu fui lá, vi a minha filha, estava no [inaudível], sem condições, entendeu? Ele tirou foto, ele fumou maconha no chão, eu tirei foto e mandei para o meu advogado, para ver o que estava acontecendo com a minha filha.

P.: E você conseguiu a guarda dela?

R.: Sim.

P.: Só mora você e sua filha agora? Só vocês dois?

R.: Não, eu moro no meu trabalho, eu tenho uma parente que mora comigo e está cuidando da minha filha.

P.: Que é do Togo?

R.: É, é minha irmã. É como se fosse irmã. Ela que está tomando conta da minha filha.

P.: E quando você chegou aqui você só falava francês e...?

R.: Eu falava francês e o meu dialeto com o inglês.

P.: E como foi com essa questão da língua?

R.: Português?

P.: É.

R.: Eu estudei 3 meses e um pouquinho numa escola aqui perto de Liberdade, no Anhangabaú, uma escola que você ia vestindo azul, estudei à noite 3 meses e pouquinho e aprendi alguma coisa

P.: Mas você teve dificuldade? Como é que foi? Porque você conta que no hotel não falavam português, falavam só inglês e dialeto.

R.: É muito complicado, porque você vai em outro lugar, não tem ninguém, você vai falar inglês e é só português, só “oi, oi, bom dia, oi”.

P.: E você conseguiu seu primeiro emprego mesmo sem conseguir falar? Que era o de pedreiro, né?

R.: De pedreiro, é. Sem falar português.

P.: Não falava com ninguém? Só com os seus amigos do Togo?

R.: O pessoal que você trabalhava no Brasil, era “oi, oi, tudo bem? Pega ali o [inaudível], ele vai mostrar a você que ele precisa saber o que ele está falando, então é muito complicado mesmo.

P.: E você foi aprendendo aos poucos?

R.: Sim, sim.

P.: E agora você sabe ler e escrever?

R.: É, eu sei ler, um pouquinho, não é tudo, eu sei escrever também, porque hoje em dia por causa de tecnologia, você clica no teclado e ele já está mostrando qual letra.

P.: Então foi difícil, mas não chegou a ser um impedimento para você?

R.: Sim, é. Não me incomodou.

P.: E agora o que você pretende fazer, Tanko? Vai continuar aqui, vai voltar, está mandando dinheiro para a sua família lá?

R.: É melhor ficar aqui, por que se eu for, eu vou fazer o que lá? Eu continuo aqui, a maioria dos meus amigos já saiu daqui e foram para outro país.